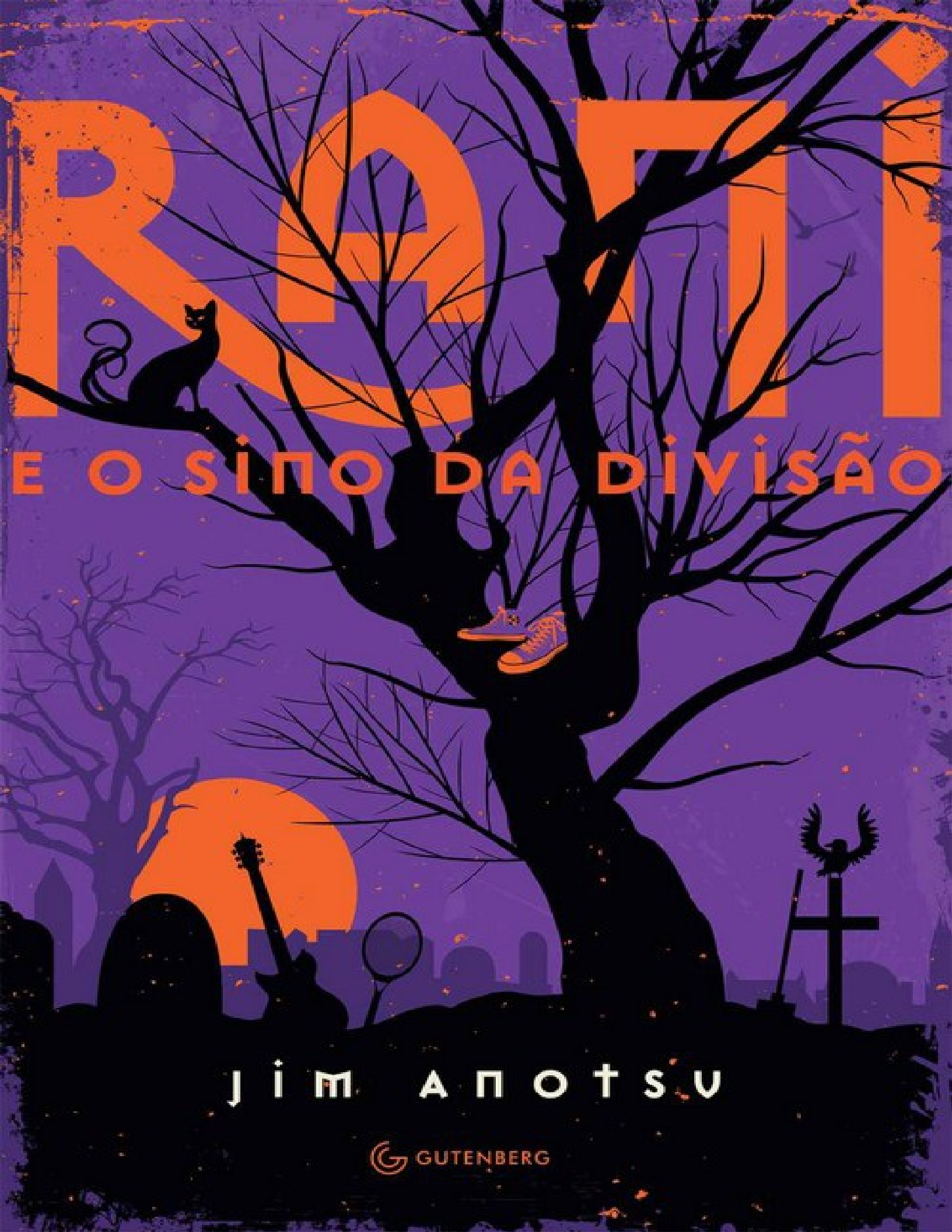




# ROTI

## E O SINO DA DIVISÃO

JIM APOTSU

 GUTENBERG



J Í M A Π O † S V

# RAΠÍ

E O SÍPO DA DÍVISO



GUTENBERG



Copyright © 2014 Jim Anotsu  
Copyright © 2014 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

*Alessandra J. Gelman Ruiz*

EDITOR ASSISTENTE

*Denis Araki*

ASSISTENTES EDITORIAIS

*Carol Christo*

*Felipe Castilho*

REVISÃO

*Renata Sangeon*

*Eduardo Soares*

CAPA

**Rafael Nobre – Babilônia Editorial**

DIAGRAMAÇÃO

*Christiane Moraes de Oliveira*

PRODUÇÃO DO E-BOOK

*Schaffer Editorial*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

---

Anotsu, Jim

Rani e O Sino da Divisão / Jim Anotsu. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014

ISBN 978-85-8235-188-8

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

14-06245

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

**EDITORA GUTENBERG LTDA.**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

*Para Mary,*

*Outra vez.*

*Porque*

*Ela sempre*

*Está lá.*

*E aqui.*

*Siamese Dreams*

# Sumário

## Parte 1: Wenona

- Capítulo 1: O adolescente fluorescente
- Capítulo 2: Animais perigosos
- Capítulo 3: Um estranho na casa
- Capítulo 4: O povo dos gatos
- Capítulo 5: A plantação de tomates
- Capítulo 6: A casa de Pietro
- Capítulo 7: Os Animais de Festa
- Capítulo 8: A biblioteca
- Capítulo 9: O dia que não termina
- Capítulo 10: A companhia indiscreta
- Capítulo 11: A vida moderna é lixo
- Capítulo 12: No more!
- Capítulo 13: Poemas tristes e festas
- Capítulo 14: Uma visita
- Capítulo 15: Reconstrução total
- Capítulo 16: A festa
- Capítulo 17: Teto não familiar
- Capítulo 18: Tudo em seu devido lugar
- Capítulo 19: As horas
- Capítulo 20: A visita
- Capítulo 21: Máquina mortífera
- Capítulo 22: O corredor da desolação
- Capítulo 23: Espírito
- Capítulo 24: O outro lado do mundo
- Capítulo 25: O Sino da Divisão
- Capítulo 26: Lá e de volta outra vez

## Parte 2: Ratamahatta

- Capítulo 27: Ritual
- Capítulo 28: Um estranho na casa, parte II
- Capítulo 29: Quanto mais irritante, melhor
- Capítulo 30: Kung Fu Hitler
- Capítulo 31: Um dia comum
- Capítulo 32: Caderno de perguntas do 1o ano A
- Capítulo 33: Proximidade de eventos
- Capítulo 34: Problemas familiares
- Capítulo 35: Muddystock
- Capítulo 36: Na estrada
- Capítulo 37: Tio Bell

Capítulo 38: Apocalipse ameaçado  
Capítulo 39: A chave oca  
Capítulo 40: A fogueira  
Capítulo 41: Uma espécie de plano  
Capítulo 42: Um dia comum  
Capítulo 43: Pantheon  
Capítulo 44: Tragédia grega  
Capítulo 45: Lugares aleatórios  
Capítulo 46: O hospital  
Capítulo 47: A praia  
Capítulo 48: O confronto  
Capítulo 49: Viagens  
Capítulo 50: Calafia  
Capítulo 51: O Homem da Pólvora  
Capítulo 52: Um show na minha cabeça  
Capítulo 53: Despedidas  
Capítulo 54: Voa no céu, pousa na areia

## **Parte 3: Ritual**

Capítulo 55: Eu seguirei você no escuro  
Capítulo 56: Contatos imediatos de nenhum grau  
Capítulo 57: Mortos para o mundo  
Capítulo 58: A Cidade Conversa  
Capítulo 59: Gertrudes contra-ataca  
Capítulo 60: Panfletagem  
Capítulo 61: O egípcio enterrado na areia  
Capítulo 62: Este terá sido outro dia feliz  
Capítulo 63: As vinhas do heavy metal  
Capítulo 64: Monster magnitude 9  
Capítulo 65: A estrada aberta  
Capítulo 66: Aiba  
Capítulo 67: Tudo é violento, tudo é brilhante  
Capítulo 68: Eu sou a maré viva  
Capítulo 69: Sacramentos do lugar selvagem  
Capítulo 70: Ventos ancestrais  
Algumas coisas depois da história  
Agradecimentos



*Essas garotas, diziam as pessoas, pensam que podem fazer qualquer coisa e ficar impunes.*

Zelda Fitzgerald, *Save me The Waltz*

*O problema com muitos de nós é que, nos primeiros estágios da vida, nós pensamos que sabemos tudo ou, colocando de forma mais útil, estamos frequentemente desavisados do escopo e da estrutura da nossa ignorância.*

Thomas Pynchon, *Slow Learner*

*Há muitos anos, fizemos um encontro com o destino, e agora vem o momento em que devemos resgatar nosso compromisso, não no todo ou em plena medida, mas muito substancialmente.*

Jawaharlal Nehru, *A Tryst with Destiny*

PARTE 1  
**WENONA**

# CAPÍTULO 1

## O adolescente fluorescente

*Ela cospe em verões e sorri para a noite  
Ela coleciona coroas de espinhos negros  
Mas o coração dela é feito de chiclete  
Garota do cemitério.  
M83, "Graveyard Girl"*

Todas as cidades são um pouco esquisitas. Algumas são cheias de luzes e cores, como a Tóquio dos filmes, outras são quietas e silenciosas, poços de silêncio, como, por exemplo, Heerde, na Holanda. Eu nunca pisei naquele país para confirmar se a cidade é realmente assim, mas vi uma fotografia de lá em uma revista de viagem e isso ficou na minha mente: a impressão de uma cidade em que um fantasma xingaria o outro por fazer barulho demais. Esses são alguns tipos de cidade... Até que você cai na minha: Graúna.

É um ponto minúsculo e irrelevante no universo que ninguém visita, exceto quando algum parente morre e não se tem muita escolha. Eu morava ali desde que escorreguei para a existência e já vislumbrava o décimo sexto ano de martírio vindo em minha direção.

Você pode procurar mais informações sobre o lugar, mas eu posso resumir da seguinte maneira: ele é pequeno. Tem um centro com uma banca de revistas, alguns prédios, um coreto e uma fonte luminosa. A fonte *raramente* é luminosa. Foi considerada cidade educativa no passado, hoje as pessoas jogam lixo no chão. Não tem cinema e ainda existem locadoras de vídeos, onde qualquer um sem rumo na vida pode conseguir um

Uma nota importante sobre a cidade é o seu prato típico: O TORRESBURGER – que, embora tenha "burger" em seu nome, não contém a tal carne moída de bovino ou ave. Sua composição é: pão, alface, tomate, queijo, ovo, batata, torresmo, milho, catchup e maionese.

emprego. A informação mais importante sobre o município pode ser colocada da seguinte maneira: você não gostaria de ir lá visitar, e a última pessoa a fazer isso chegou lá por engano.

Aquele dia começou feito qualquer outro. Acordei às 6 da manhã, tomei um banho quente e arrumei meus cabelos da forma mais improvisada possível. Eu sabia que as outras meninas da escola gastavam horas e horas e horas deixando tudo no lugar, mas eu só precisava me sentir levemente confortável para que tudo ficasse na paz. Peguei os livros e cadernos e enfiei tudo na mochila sem nem olhar direito. Coloquei meus óculos estilo Buddy Holly, a camisa branca e azul do uniforme escolar, o jeans que parecia ter fugido do Dia D para meu corpo e um par de All Stars que, de acordo com uma nota de rodapé na Bíblia, já foi branco um dia.

Saltei milhares de coisas espalhadas pelo chão, instrumentos musicais e uma bateria que às vezes servia de cabideiro, e disparei para escovar os dentes. Desci as escadas saltando dois degraus de cada vez e fui encontrar meu pai preparando o café da manhã na cozinha. Ele sempre foi bom na cozinha, o que definitivamente influenciou minha escolha quando precisei escolher com quem moraria. Levando em consideração os níveis de neurose da minha mãe e sua inabilidade em fritar um ovo, até que não foi difícil. Ele olhou para mim no momento em que me sentei à mesa e engoli biscoitos recheados sem me preocupar em mastigar a maior parte deles.

– Eu acho que você deveria acordar mais cedo, Rani. Pelo menos eu teria tempo para ensinar você a mastigar – disse ele.

Se a palavra alemã *Schadenfreude* – que significa aquele sentimento de felicidade com a desgraça alheia – tivesse uma voz, definitivamente seria a do meu pai. Ele era o tipo de pessoa que assistia South Park comigo só para ver o Kenny morrer no final de cada episódio.

– Não, obrigada – respondi com um sorriso forçado. – A propósito, eu preciso de dinheiro para comprar horas de estúdio. É a sua chance de apoiar uma artista em ascensão que por coincidência é a sua filha mais legal. Não que haja outra por aí, mas você entendeu o apelo.

A única coisa que fazia com que minha vida fosse mais ou menos suportável era a música, uma paixão que começou quando eu era muito pequena e prosseguia até os dias de hoje, com os milhares de CDs e discos no meu quarto, além dos livros. Eu tinha uma *quase* banda com minha melhor amiga, e nós duas éramos uma versão

**Sim, é meu nome verdadeiro. Rani Albuquerque Paleta. Minha mãe já foi hippie e tirou a ideia de um poema indiano. Hoje ela é uma médica certinha e tão chata que tem mestrado e doutorado. O nome do poema é "Rani" e foi escrito por um tal de Thirunalloor Karunakaran. Agora tente falar isso rapidamente três vezes seguidas.**

punk death metal do conceito The White Stripes – Marina talvez fosse a melhor baterista com seus bumbos duplos –, tocando e gravando coisas no quarto, mas agora estava na hora de finalmente colocar algumas coisas para fora antes que algo muito ruim acontecesse comigo, tipo arrumar um emprego com um chefe idiota. Também era boa em futebol e até tinha uma vaga de titular, mas não me via com um futuro naquela área.

Olhei mais uma vez para meu pai. Até que éramos parecidos. Tínhamos a mesma pele de chocolate, os mesmíssimos olhos escuros e sobancelhas, já o resto eu tinha herdado da minha mãe, altura inexistente, os longos cabelos encaracolados e a mania de roer as unhas. É, e talvez houvesse um pouquinho da neurose materna em mim. Não muita, apenas o suficiente para causar uma debandada de leões famintos e a queda da civilização ocidental nos dias ruins.

Ele me olhou e respondeu:

– Horas de estúdio? Isso é um exagero. Por que você não faz como as outras pessoas e grava alguma coisa no seu computador? Você tem mil instrumentos no quarto.

– Eu já gravei no computador, agora eu preciso polir as músicas e não posso fazer isso em casa – e enquanto caminhava em direção à porta, acrescentei: – Muito obrigada pelo presente, o senhor é muito gentil e o Deus Metal não irá se esquecer da oferta.

Peguei a mochila e saí correndo de casa enquanto enfiava os fones no ouvido de qualquer jeito. Nightwish cantava “Storytime”. Tuomas Holopainen era meu compositor favorito e inspiração para a maior parte das coisas que eu compunha, embora tivesse consciência de que nunca conseguiria escrever algo tão bom quanto *Imaginaerum* ou *Century Child*. Eu morava na Avenida Prefeito Milton Penido, o que significava que havia um prédio do governo quase na frente da minha casa, um asilo, um quartel militar, um velório e o cemitério municipal poucos metros abaixo. Era um bairro em que a maioria das pessoas tinha algum dinheiro e as casas eram parecidíssimas umas com as outras.

Uma coisa que me interessava naquela época do ano era o fato de o céu ainda estar escuro quando eu saía de casa e um ventinho frio bater no rosto. A maioria das pessoas não gostava muito do horário de verão, mas sempre achei uma das melhores épocas. Eu chegava na escola sem estar suando e o dia durava mais, dando a sensação de que seria possível fazer algo. Coisa que eu nunca fazia, mas tudo bem. Fui andando com passos ligeiros e conferindo o relógio de minuto em minuto. Atravessei a rua e segui para dentro do cemitério, um ótimo atalho. O lugar estava silencioso, exceto pelo som de pequenos animais. Olhei as árvores por um momento,

lembrando-me de quando era criança e roubava frutas com um grupo de amigos. Alguns moradores se recusavam a comer qualquer coisa dali, mas eu não ligava muito, afinal, a cidade inteira já era um grande cemitério para mim.

Continuei meu caminho quando algo chamou minha atenção mais adiante, do lado esquerdo. Havia um garoto sentado sobre um dos túmulos e parecia estar comendo alguma espécie de sanduíche. Eu não conseguia ver o rosto dele direito, mas enxergava os cabelos pretos bagunçados e as roupas coloridas que pareciam ter saído de um show de rock para crianças, com sua camisa amarela e tênis verde fluorescente (porque certamente uma coisa daquelas *tinha* de brilhar no escuro). Não era estranho ver adolescentes por ali, era bem comum que pulassem o muro durante a noite, uma espécie de prova de coragem de cidade pequena.

De repente ele parou de comer e olhou diretamente para mim, como se soubesse que eu o observava. Nos filmes e livros de amor, sempre acontece de pessoas trocarem um único olhar e já saberem que do outro lado está sua alma gêmea iluminada ou coisa que o valha, mas o que aconteceu ali foi justamente o contrário. Senti uma onda de frio passar varrendo os meus pés e a sensação de que os minutos se esticaram como a corda de um violino antes de arrebentar. Era o mesmo sentimento que eu tinha quando alguém caminhava atrás de mim em uma rua escura. A impressão de que tudo ao redor gritava para que eu me afastasse.

O garoto fluorescente olhou para mim e deu um aceno. Me senti incomodada por estar no cemitério e saí caminho abaixo o mais rápido que pude. Eu não saberia dizer por que uma coisa tão comum me chocou daquela maneira, mas todo meu corpo gritava que havia alguma coisa muito errada com aquele garoto e que eu deveria sair dali. Tentei desviar meus pensamentos para outras coisas: a fórmula de Bhaskara da minha prova, o olho caído do Thom Yorke ou o riff de uma música.

Passei ao lado da capela que fica no meio do caminho e vi as caveiras no topo da construção que emolduravam a frase que eu já havia lido um bilhão de vezes: *Eu já fui o que tu és e tu serás o que eu sou*.

Aquela frase ficou na minha cabeça enquanto eu saía do cemitério e continuava a longa descida até a avenida principal. Aquele breve encontro foi o gatilho de tudo aquilo que viria a acontecer, embora eu não soubesse disso ainda. O ano em que as coisas ficaram realmente interessantes. O ano em que tudo deu errado. O ano em que conversei com um imperador. O ano em que entrei em um buraco negro. O ano em que tudo tremeu e cambaleou.

Sim.

No cemitério da cidade menos interessante do mundo.

Foi ali que começou a festa.

## CAPÍTULO 2

# Animais perigosos

*Não há razão em perguntar,  
Você não terá resposta alguma  
Oh, apenas se lembre, eu não decido.  
Sex Pistols, “Pretty Vacant”*

O trajeto da minha casa até a escola não era dos mais longos e eu gastava em média uns quinze minutos para chegar até lá. Bastava descer a rua do cemitério e cair na Avenida Jove Soares, uma linha muito longa que um dia já teve um rio correndo no meio. Meu avô contava que as crianças costumavam nadar ali, mas, com o passar dos anos, aquilo virou um esgoto e foi coberto com a enorme passarela de concreto, onde as pessoas faziam suas caminhadas. Por algum motivo que não entendo até hoje, a avenida tinha o apelido de *prainha* e, acredite em mim, não existe uma gota de água salgada no meu estado. Algumas ruas acima ficava o lugar que alegava ser responsável pela minha educação: Escola Estadual de Graúna – *Construindo horizontes, formando cidadãos livres e conscientes*. Acho que quem criou esse lema nunca estudou ali.

Minha escola era grande e pintada de um amarelo que já descascava, já que o prédio era muito antigo. Uma sacada e muitas janelas podiam ser vistas da rua. Os dois portões de entrada – o dos alunos e o dos professores – eram abertos pontualmente às 7 da manhã por um velho de cara amarrotada e sem um pingo de sorriso.

**Na verdade ele se permitia um sorriso por dia, mas isso era quando algum aluno era expulso ou suspenso.**

Nem preciso dizer que cheguei lá com a respiração ofegante e com o acontecimento do cemitério na minha cabeça. O pior de tudo é que eu nem sabia o motivo daquilo, afinal, apenas havia trocado olhares com um garoto. Tentei colocar

meus pensamentos em outras coisas, certa de que aquilo havia sido apenas uma bobagem. Eu tinha essa mania de ficar pensando demais em tudo, como se a ponta de um barbante me fizesse investigar o novelo inteiro. Quando era mais nova, isso fazia com que eu desenhasse na escola – nas paredes dela, eu quis dizer – e tivesse despreço por regras. Uma das professoras chamou isso de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e sugeriu que eu tomasse doses cavalares de Ritalina, mas meu pai se recusou e eu mudei de escola. E isso foi antes de eu vir para a Estadual. As circunstâncias que me levaram até ali foram bem diferentes e eu nem gostava de pensar naquilo.

Sentei na calçada estreita debaixo de uma das árvores, ao lado das centenas de alunos que esperavam a abertura do portão. Eu ainda estava perdida no emaranhado de ideias quando alguém mexeu no meu cabelo.

– Me empresta o seu dever de matemática?

Olhei para a figura atrás de mim e ergui os ombros. Marina era uma garota baixinha de longos cabelos pretos e mechas roxas. Ela usava maquiagem forte nos olhos e tinha um piercing no nariz, o que em uma cidade feito a nossa era o cúmulo da rebeldia. Usava uma bota de couro preto e até mesmo sua camisa de uniforme não havia saído incólume ao que ela chamava de “Esquadrão da Moda Marina”, com mangas devidamente cortadas e nomes de bandas nas costas. Ela era o tipo de pessoa que ia às festas da minha família e sentia-se mais confortável lá que eu. A relação de amigas inseparáveis contra o mundo veio rapidamente para nós, aquele clique que existe entre duas pessoas esquisitas, a ligação que diz: eu montaria um rinoceronte com você, cara. Ela não ligava muito para nada e tinha uma daquelas personalidades que não piscavam diante de algo inimaginável. Uma pessoa que assim como eu odiava o tédio. Me levantei e começamos a caminhar em direção ao portão prestes a ser aberto.

– Você não acha que pedir um exercício de matemática para mim é... Sei lá, esquisito? – respondi, com um falso olhar de desapontamento. – Eu sou a pior aluna da escola inteira nessa matéria.

– É justamente por saber disso que você foi a última esperança – disse ela, e acrescentou após uma pausa: – Se nossas notas continuarem em queda livre, eu não acho que vamos continuar na turma A no ano que vem. Vai ser uma queda longa e pontuada com riscos vermelhos de pura depressão.

O colégio tinha um sistema que dividia as turmas do Ensino Médio em três níveis: A, B e C. Os alunos com as melhores notas ficavam na turma A e isso entrava no seu histórico escolar, sem contar o fato de que os melhores professores estavam ali. O grupo B era da turma dos medianos, que se alegravam igualmente com uma nota 6



ou 10 nas provas, pessoas tranquilas, que não incomodavam. A turma C era, nas palavras de um membro do corpo docente, a filial do inferno. Por motivo de livre e espontânea opressão paterna e materna, consegui manter minhas notas boas o bastante para estar no 1º ano A, mas estava certa de que no final do período letivo meu destino estaria selado para o grupo dos demônios e das crianças.

Contei à Marina o que havia acontecido no caminho e ela simplesmente disse que eu estava ficando maluca.

– Várias pessoas andam pelo cemitério em horários esquisitos – disse. – Acho que você não precisa esquentar com isso.

Simplesmente assenti com a cabeça e fiquei ao lado dela enquanto o portão era aberto pelo Homem Sem Sorriso. A sirene tocou alto em seu impiedoso aviso de que os alunos seriam engolidos naquele exato minuto.

– Hora do show – disse Marina, ajeitando o cabelo e indo a passos rápidos.

A entrada se dava pela quadra de Educação Física e eu precisava subir os dois lances de escada que levavam até minha sala. O interior da escola era tão antigo quanto o lado de fora, o piso e os corrimões de granito estavam ali desde o início dos tempos, e as gigantescas janelas de madeira deixavam entrar uma quantidade absurda de luz no saguão principal, contrastando com os corredores escuros e silenciosos do segundo andar.

Marina e eu fizemos o trajeto habitual e fomos as primeiras a entrar na sala. Outros alunos chegaram aos poucos e logo trinta deles estavam espalhados e conversando sobre o fim de semana.

Olhei de relance para as pessoas que estavam ali: as gêmeas populares, a neta de japoneses que havia se transferido para a nossa escola porque seria reprovada no colégio mais caro, o garoto bonito cuja falta de inteligência me ofendia, o grupo de meninas com nomes que eu nunca havia me preocupado em aprender e a turma do fundão que passava mais tempo na diretoria que na sala de aula.

Eu ainda estava com meus olhos por ali quando a professora de História entrou, uma senhora de uns 40 anos, baixinha, rechonchuda e de cabelos pretos com um corte chanel. Bernadete era uma das minhas favoritas, embora a maior parte da escola considerasse seu jeito calmo um pouco sonífero. A professora começou o ritual diário de colocar seus materiais sobre a mesa e conseguir a atenção estalando os dedos, o que não era de muita utilidade. Quando os alunos finalmente voltaram sua atenção a ela, a professora foi para o quadro negro e escreveu: GUERRA FRIA. Farelos de giz caíam a cada letra escrita.

– O que vocês sabem sobre a Guerra Fria? – perguntou Bernadete. — Quem não estuda não

**É interessante dizer que cada professor da Estadual tinha**

passa.

– Os russos estavam no meio, professora – respondeu um garoto lá no fundo, e algumas risadas foram ouvidas. – Foi um negócio tipo a gente e o 1º B, uma briga fora do ringue.

A professora assentiu com a cabeça e respondeu:

– Você está parcialmente certo, só precisa de mais noventa e oito por cento de informação no argumento. A Guerra Fria foi uma disputa...

Ela não teve a oportunidade de continuar porque alguém bateu à porta nesse momento. Bernadete apenas observou enquanto a diretora se deixava entrar sem nenhuma cerimônia. Consuelo era magérrima e de pescoço longo, com uma cabeleira pintada de vermelho de farmácia. Andava como se estivesse em um desfile de moda, mas tinha uma expressão facial que fazia com que até mesmo o pior dos alunos ficasse quieto na sua presença.

– Me desculpe por interromper sua aula, Bernadete, mas temos um aluno novo. O nome dele é Pietro e ainda não comprou o uniforme da escola, mas por hoje a gente deixa isso passar – voltando-se para a porta, fez um sinal dizendo: – Pode entrar, filho, seja bem-vindo.

Sempre fui o tipo de pessoa que acreditava em uma explicação para tudo. Tendo pais e avós que se recusavam a acreditar em qualquer coisa sobre a qual não houvesse uma teoria científica, era natural para mim considerar besteira qualquer coincidência. Mas não naquele momento. Não quando o ilustre estranho entrou com suas roupas coloridas e os tênis que talvez fossem fluorescentes. Ele tinha um sorriso pendurado no canto dos lábios e as mãos nos bolsos, como se a linguagem corporal dissesse que achava muito divertido se mostrar para todo mundo. Seus cabelos pretos estavam caídos no rosto, que era bonito e pálido. Eu conhecia meus colegas de classe o suficiente para esperar alguma piada com as roupas dele, mas isso não veio. Ficaram todos calados enquanto a professora apontava uma mesa vazia.

Uma mesa logo atrás de mim.

O garoto caminhou por entre as mesas e sentou-se. Eu podia escutar os pés da cadeira arranhando o chão e o zíper de sua mochila, canetas sobre a mesa e um suspiro. Foi então que senti uma brisa fria na minha nuca e palavras que a acompanhavam:

– É um prazer vê-la novamente, menina do cemitério.

Eu não respondi. Seria o mesmo que dirigir a palavra a um bolo de chocolate que começasse a

seu bordão. Fátima: "Ai, ai, ai". Samuel: "É tudo muito pós-moderno". Marilda: "Ah, pobres crianças". Pâmela: "Eu tenho mestrado!".

Certo, isso não faz muito sentido, mas eu ainda acredito que um bolo de chocolate falante é mais lógico que o

falar russo do nada.

surgimento do garoto  
fluorescente na minha sala.

## CAPÍTULO 3

# Um estranho na casa

*O mundo de repente está cheio de estranhos,  
Eu posso sentir uma neblina ao meu redor.*  
Camera Obscura, “*The World is Full of Strangers*”

A aula de História passou em um ritmo tão torturante quanto uma corrida de lesmas em câmera lenta. As lições de Física vieram logo depois, com a professora mais cínica e perigosa do lugar, uma serpente chamada Marilda. Quando o pior passou, nós fomos submetidos a uma aula de Química, com Fátima, loira estilo filme *noir*, que sorria ao mesmo tempo que dava zeros por *caligrafia sem capricho*. Meu cérebro fez um péssimo serviço tentando segurar um fiapo sobre as ligações covalentes. Pelo que ficou retido na minha cabeça, aquilo era meio que o compartilhamento de elétrons entre os átomos, provocando algum tipo de atração mútua.

Durante aquelas aulas, Pietro não voltou a dirigir nenhuma palavra a mim, simplesmente ficou na sua mesa e respondeu às perguntas dos professores e alunos sobre sua origem: ele veio de São Paulo e morava com uma irmã e outras pessoas.

A hora do recreio chegou. Marina e eu observamos o garoto sentado em um banco do pátio externo. Ele estava com um livro fino nas mãos e não se preocupava em desviar o olhar daquilo. Eu consegui ver o título rapidamente: *Querido Diário Otário*. Ele parecia estar se divertindo bastante com aquilo e ria em voz alta ocasionalmente. Eu não sabia o que pensar daquela cena. Os vinte minutos de recreio não serviram para nada além de comprar algo na lanchonete, onde um homem nos atendia com uma tremenda cara de prisão de ventre.

– Eu acho que você deveria deixar isso de lado – falou Marina, dando de ombros.  
– Foi só uma combinação de coincidência com sono matinal. Eu acharia muito

estranho morar perto de um cemitério e nunca ter tido, sei lá... Uma impressão estranha.

Fiquei em dúvida se ela realmente pensava isso ou se estava apenas querendo encerrar aquela conversa.

– Pode ser... – respondi sem convicção. – Ou você acabou de ganhar uma amiga esquizofrênica de presente.

Quando o sinal tocou outra vez, eu já seguia em direção ao banheiro para me trocar e enfrentar a última aula do dia: Educação Física. Minha escola estava em vias de participar dos Jogos Estudantis Intermunicipais e eu era parte do time feminino de futebol, por isso os treinos estavam ficando mais puxados, o que roubava bastante do meu tempo de tocar guitarra e praticar o ócio.

Eu e Marina pegamos nossos materiais e levamos para a quadra. Ela ficava incumbida de cuidar deles, já que odiava qualquer atividade física. Ajeitei meu short e comecei a fazer os exercícios de alongamento enquanto aguardava a professora. O resto do pessoal já estava começando a se espalhar, alguns foram para os fundos, onde havia espaço para vôlei, outros pegaram alguns tabuleiros de xadrez e os sem rumo jogavam conversa fora nas arquibancadas.

Vi Sabrina, a professora, caminhando em nossa direção. Era uma mulher muito alta, cujos cabelos eram negros e tão arrumados que sua dona devia cuidar de cada fio individualmente. Ela andava sempre de óculos escuros e tênis de corrida e estava grávida, com uma grande barriga, fazendo com que imaginássemos quanto tempo ela ainda teria conosco.

Ela nos dividiu em dois times de seis pessoas e entregou uma bola surrada. Uma coisa que eu gostava nas aulas dela era que meninas e meninos jogavam juntos e eu não era obrigada a *brincar* de vôlei na outra quadra. Os jogadores tomaram seus devidos lugares e eu fui para o centro dar o primeiro chute. Foi apenas então que notei uma camiseta amarela no mar de uniformes. Pietro estava no gol e me encarava com uma expressão de divertido atrevimento. Sacudi a cabeça e suspirei, voltando toda minha atenção para o que havia ao meu redor.

Sabrina apitou e eu chutei a bola.

Corri para um espaço aberto e esperei até que alguém do meu time conseguisse a posse. Observei onde cada um dos adversários estava e fiz o possível para ficar longe de qualquer marcação. Marcela, a capitã do nosso time, conseguiu driblar dois garotos ao mesmo tempo. Eu podia ouvir nossos colegas na arquibancada gritando algo, mas ignorei e me esgueirei para o meio, onde finalmente recebi o passe. Eu não era a mais criativa do time, feito Marcela ou Carol, mas havia treinado os dribles e finalizações, sempre no mesmíssimo lado esquerdo. Havia três pessoas ao meu redor, dois garotos

franzinos e uma menina de braços largos; mantive a cabeça erguida e observei o movimento dos corpos.

O truque era não olhar para a bola, mas calcular o que acontecia. Chutei de leve por entre as pernas de um deles e me espremi pelo meio, bem a tempo de recuperar a sobra. Marcela pedia para que eu devolvesse o toque para ela, mas isso não estava em meus planos. Puxei uma arrancada e esquadrinhei o gol de Pietro para ver onde eu poderia encaixar um chute, já que ele estava adiantado. *Espero que isso seja um prazer também*, pensei antes do maior chute de trivela que já dei na vida.

A bola ganhou velocidade e seguiu o caminho que eu esperava, fazendo uma leve curva rumo ao canto superior direito do gol. Alguém da arquibancada gritou “GOL!” e uma parte de mim estava certa de que esse era o único cenário possível.

Não foi o que aconteceu.

Pietro se moveu em uma velocidade surpreendente. Ele recuou de costas e esticou as mãos para capturar a bola sem maiores dificuldades; então, olhou para mim e moveu os lábios formando uma palavra: *desculpa*.

Aquilo me deixou completamente sem resposta. Murmurei uma palavra feia e recuei para minha posição, onde Marcela colocou o indicador no meu peito e esbravejou:

– Isso é um time, sua *esfomeada*! Nem pense em fazer uma idiotice dessas no campeonato.

Assenti com a cabeça e voltei ao jogo. Nosso time usava todas as estratégias que havíamos treinado com Sabrina; contudo, Pietro não mostrava o menor sinal de preocupação. O time foi sendo revezado à medida que as pessoas se cansavam e, quando chegou minha vez, eu já nem sentia minhas pernas. Me joguei ao lado de Marina e observei a partida. Pietro ainda jogava e não havia um pinga de suor em sua face ou camisa, era como se ele houvesse acabado de entrar na brincadeira.

– Você jogou bem! – disse minha amiga, em tom paternalista. – O que acha de comprarmos um sorvete depois da aula e deixar isso de lado?

Eu nem respondi. Estava mal-humorada demais. Peguei minha mochila e pendurei no ombro, e ouvi algo pular dela até o chão. Olhei e encontrei o bolso da frente aberto.

Não era meu dia de sorte.

Definitivamente não.

Qual seria o próximo acontecimento? Imaginei uma manada de rinocerontes zumbis correndo atrás de mim com metralhadoras. Do jeito que as coisas andavam, isso não seria nenhuma surpresa. Abaixei-me para apanhar o possível lápis ou estojo caído e deparei-me com algo inesperado. O celofane rosa fez seu barulho

característico ao entrar em contato com meus dedos e eu permiti que ele ficasse ali na palma da minha mão: um bombom Sonho de Valsa que eu não havia comprado.

– O que foi? – indagou Marina.

Guardei o chocolate na mochila e respondi:

– Nada... Apenas minha lapiseira.

## CAPÍTULO 4

# O povo dos gatos

*Há muito, muito tempo,  
Na terra dos garotos idiotas,  
Vivia um gato, um gato fenomenal,  
Que amava chafurdar o dia todo.  
The Kinks, “Phenomenal Cat”*

Cheguei em casa mais rápido que o habitual, ainda irritada por não ter conseguido marcar nenhum gol e intrigada com o chocolate misterioso na minha mochila. Minha cabeça dava mil e uma voltas fazendo suposições, sem acreditar realmente que Pietro poderia ser o autor. Durante todo o trajeto de volta, mal prestei atenção em Marina e nem me recordo de haver me despedido. Os acontecimentos daquele dia ainda martelavam na minha cabeça e racionalizei cada situação com uma longa nota de possibilidades:

- 1) Pietro era um garoto normal e vê-lo no cemitério foi algo comum.
- 2) O que senti não foi sobrenatural ou parecido, apenas meu cérebro hiperativo.
- 3) Ele era um bom goleiro e eu estava distraída, foi por isso que não marquei nenhum gol.
- 4) Pessoas vivem recebendo bombons de pessoas desconhecidas durante o Ensino Médio.

Fui até a cozinha e li um bilhete que meu pai havia deixado na geladeira: *Eu não vou almoçar em casa hoje, coma algo saudável.*

Ótimo.

Nunca entendi como ele esperava que eu cozinhasse alguma coisa quando minhas aptidões culinárias eram tão boas quanto as de uma lontra cega e sem braços. Fiz uma careta consternada e abri os armários em busca de macarrão instantâneo e mostarda.



Ainda havia um longo dia de tarefas à minha frente e eu não perderia tempo cozinhando. Encarei a tabela de atividades no quadro e dei um longo suspiro, com um milhão de padecimentos e dores antes de fazer qualquer coisa do meu agrado.

Minha mãe adorava que eu tivesse um monte de atividades e costumava argumentar que uma pessoa da minha idade *precisava* de obrigações. Aos olhos dela, eu poderia acabar me tornando o novo Pablo Escobar se cada segundo do meu dia não estivesse tomado. Certa vez, ela me perguntou se eu estava fumando, porque cheguei em casa com um chiclete de hortelã na boca, e somente uma pessoa que tenta esconder o uso de nicotina masca chicletes de hortelã. Sim, ela era exagerada a esse ponto.

Bem, isso tudo para dizer que ela só concedeu minha guarda quando meu pai garantiu que eu teria muitas, muitas obrigações e atividades extracurriculares.

Comi apressadamente o parco macarrão e fui cuidar das louças acumuladas. Liguei o aparelho de som que ficava na cozinha e coloquei um CD da Tarja Turunen para tocar. Nada melhor que algo barulhento para aliviar a tensão das tarefas domésticas. Empilhei tudo na lava-louças e passei o aspirador de pó no tapete da sala e no sofá. O escritório do meu pai veio logo depois, e eu tive o cuidado de não mexer em nenhuma das maquetes dele. Arquitetos são meio obcecados com essas coisas.

Aquilo roubou um tempão da minha vida. Eu costumo medir a duração das coisas usando discos como parâmetros. Por exemplo, a limpeza durou um álbum inteiro da Tarja e metade do álbum novo do Helloween. Eu já subia os degraus para tomar banho quando me lembrei que ainda precisava varrer as folhas do quintal. Murmurei o segundo palavrão do dia e fiz o caminho inverso.

– Eu realmente espero ser recompensada por isso – disse para mim mesma. – Horas de estúdio, aí vou eu.

Era um espaço aberto com uma piscina, uma horta de legumes, uma parreira que começava a brotar e um pé de tangerina no centro. O senhor meu pai adorava essas coisas de comida natural, um resquício da fase hippie da sua vida. Peguei a vassoura e comecei a varrer as folhas caídas. Demoraria pelo menos alguns meses antes que houvesse qualquer fruto ali, mas o trabalho era constante. Eu ainda conseguia ouvir o rádio tocando e tentava identificar a música quando algo chamou minha atenção lá no muro. Um gato branco de pelos longos e brilhantes estava por ali a me observar.

Fiquei imaginando se nossos vizinhos tinham algum felino em casa. Eu estava pensando nessas coisas quando algo ainda mais esquisito aconteceu: um segundo gato escalou o muro e ficou ao lado do primeiro. Ele tinha uma mancha branca no focinho e o corpo bem escuro. As criaturas simplesmente ficaram ali paradas, sem nenhum miado ou movimento, me seguindo com seus olhos enormes e atenciosos.

Decidi que seria bem mais prudente voltar para dentro de casa, já que eu e os animais nunca havíamos sido melhores amigos. Dei um passo para trás e senti meu pé roçar em algo que não estava ali há um minuto. Respirei bem fundo e deixei que meu olhar pescasse um terceiro gato imóvel. Já havia outros no muro do quintal, dez ou mais. *DE ONDE SAIU TUDO ISSO?*, pensei, pronta para usar a vassoura caso algum deles tentasse perfurar minha jugular.

Os gatos desceram do muro e caminharam na minha direção. Ergui minha arma e imitei um rosnado para ver se os assustava, mas simplesmente formaram um círculo ao meu redor. Aquilo pareceu durar quase um minuto inteiro, até que o maior deles miou repetidas vezes. Ele foi o que chegou mais perto de mim e esfregou sua cabeça na minha perna. Tudo pareceu se tornar mais lento e só então notei que os olhos daquele gato eram vermelhos como brasa. Por algum motivo, eu não sentia mais medo. Era como se eu estivesse com amigos com os quais não conversava havia muito tempo. Contudo, o mais surpreendente veio dali a pouco, quando o gato moveu seus lábios e palavras escapuliram.

– Eu venho em nome de Tama, o Deu – sua voz era forte, porém calma e paciente. – Nós a reconhecemos, jovem xamã.

Fiquei absurdamente sem reação. Ali estava eu, confusa e deslumbrada, incapaz de formular um pensamento coerente. Várias possibilidades cruzaram minha cabeça, sendo que esquizofrenia piscava em letras brilhantes na lista de opções. Era impossível acreditar que vários gatos houvessem invadido meu quintal e um deles estivesse conversando comigo. Olhei ao meu redor e observei enquanto os felinos miavam em concordância com o mensageiro.

Eu havia passado minha vida inteira com os pés bem firmes no chão, com os meus All Stars que nunca se detiveram para o impossível; mas o impossível gentilmente se detinha para mim agora. Em um breve e estranho momento, o mundo se tornou diferente, como se de repente eu me descobrisse vivendo em um planeta em forma de disco e vagando pelo espaço nas costas de elefantes sobre uma tartaruga gigante. Um sentimento novo brotava em mim, uma mistura de curiosidade com algo sem nome ou forma.

Os gatos começaram a se mexer, todos em uma longa fila em direção ao muro, silenciosos e elegantes, austeros e fleumáticos. Sumiram um após o outro, até que nenhum sobrou. Houve um prolongado silêncio, daquele tipo que só acontece quando estamos muito perto de notar algo importante. Eu quis que aquilo durasse, assim como aquele sentimento e aquela paz, mas aquilo também passou e eu me vi sozinha no quintal, mais sozinha que antes. Enxuguei a lágrima solitária que escorreu pelo meu rosto e fui para meu quarto.

Que o treino de futebol fosse para o inferno!

O que resultou em uma série de flexões e voltas ao redor da quadra como castigo. Esse é o nível de desespero da professora pela taça do J.E.I.

## CAPÍTULO 5

# A plantação de tomates

*Mais perto, chegue mais perto  
Perto do núcleo  
Nós queimamos, nós queimamos.  
Halloween, “We Burn”*

| Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira | Quinta-feira | Sexta-feira |
|---------------|-------------|--------------|--------------|-------------|
| História      | Matemática  | Geografia    | Literatura   | Matemática  |
| Física        | Literatura  | Matemática   | Geografia    | Inglês      |
| Química       | Biologia    | Gramática    | História     | Química     |
| Educação F.   | Gramática   | Física       | Matemática   | Matemática  |
| Educação F.   | Artes       | Redação      | Inglês       | Biologia    |

Fiquei olhando a tabela do horário durante um longo tempo. Eu andava tão desnorteada depois dos acontecimentos do dia anterior que não havia trazido nenhum dos livros e cadernos certos para as aulas de terça-feira. Fui com um tênis de cada cor para a escola, no pé esquerdo um amarelo de cano médio e no pé direito um vermelho. Minha esperança era que as pessoas considerassem como estilo o que era, na verdade, falta de noção.

O professor falava alguma coisa sobre Bhaskara e um livro chamado *Lilavati*, obra que, dizia o professor Gabriel, recebeu esse nome para dizer que a aritmética era tão graciosa quanto a mulher de quem o indiano havia roubado o nome. Acho que nunca

vou entender como alguém pode gostar de matemática como esses estudiosos que falam horas e horas sobre números; eu mal conseguia resolver uma equação sem morrer de tédio. Nosso professor, por exemplo, um homem baixinho e de cabelos brancos, era um famoso economista do município que, após a aposentadoria, resolveu ser professor porque não aguentava ficar sem mexer nos malditos números.

Olhei para o resto da turma que, por algum motivo, estava em silêncio, talvez pelo fato de que as provas dele fossem as mais difíceis do mundo. Gatos passeavam pelas minhas ideias, ronronando alguma coisa medonha. Eu havia pensado em contar a Marina o que havia acontecido, mas não é fácil dizer para sua melhor amiga: “Gatos invadiram minha casa e um deles falou que eu era uma xamã”.

A porta se abriu e Pietro entrou na sala dez minutos atrasado. Ele estava com uma calça vermelha e seu tênis verde quase fluorescente, mas pelo menos usava o uniforme da escola. O professor o seguiu com o olhar até que estivesse em seu lugar, logo atrás de mim. O garoto sentou-se e jogou o material sobre a mesa. Ele sentou-se com aquele tipo de postura que mães elogiariam e cruzou os braços.

– Bom dia, menina do cemitério! – disse ele em voz baixa. – Eu ouvi dizer que os felinos reconheceram você, não é?

Aquilo fez um relâmpago cruzar minha coluna e deixou que meus lábios formassem uma grande vogal muda. Como ele poderia saber? Eu me virei de uma vez e o encarei da forma mais séria possível. Ali estava a prova de que Pietro era diferente do que todo mundo imaginava, e essa era minha certeza de que o nosso encontro no cemitério não havia sido coincidência.

– Fale agora ou eu juro que sua mãe vai precisar de ajuda para reconhecer seu corpo! – ameacei por entre os dentes. – O que você tem a ver com tudo isso?

Ele sorriu igual das outras vezes e, por um breve momento, seus olhos ganharam um estranho brilho avermelhado. Eu continuei a sustentar o olhar nos olhos do garoto, que não se dava ao trabalho de responder. Aquilo me irritou e eu segurei seu punho com força, para largar apenas um segundo depois. Sua pele era fria, tão fria quanto um cubo de gelo. Ele sacudiu a cabeça negativamente e fez uma cara de falsa tristeza.

– O casal poderia prestar atenção à minha aula, por favor? – disse o professor Gabriel, e todos os colegas de classe começaram a rir. – Ah, pequenas crianças!

Eu me virei na posição correta e deixei que a raiva cozinhasse em mim... *Uma solução é obtida pela soma e a outra, por meio da diferença...* Ainda faltavam vinte minutos para que a aula de Matemática chegasse ao fim e eu pudesse interrogar Pietro... *Fórmula geral para resolução da equação polinomial do segundo grau...* A

possibilidade de tudo ter sido um sonho havia passado, e o garoto me confirmava isso agora. Tudo o que eu precisava era descobrir o que estava acontecendo.

Minha avó costumava dizer que o mundo tem uma maneira muito estranha de girar, mas que as engrenagens do universo têm um propósito em sua falta de propósito. Sempre considerei que era uma dessas frases de gente velha ou de pessoas que escrevem aqueles livros de *melhore a sua vida em cinco passos* ou *como ser uma pessoa de sucesso*. Porém, aquelas palavras ficavam ali na beira da mente, me fazendo acreditar que talvez houvesse uma resposta.

Apesar da minha vontade de levantar e sacudir Pietro pelo pescoço, eu me mantive calma, olhando para o relógio de segundo em segundo. Ainda estava nessa frequência quando um pedaço de papel caiu sobre minha mesa. Escondi aquilo e esperei até que nosso professor estivesse ocupado em rabiscar alguma equação no quadro. Li atentamente a caligrafia delicada e cheia de voltas:

Olá, menina do cemitério.  
Acho que te devo algumas explicações, não é?  
Fois muito bem, quando o sinal tocar a gente se encontra  
lá perto do repetitório.  
Um quase beijo para você, pessoa.

Amassei o papel e guardei no bolso para não precisar me levantar e jogar na lixeira. Como eu já havia perdido a maior parte das anotações da lousa, decidi trabalhar na letra de uma das minhas músicas, rabiscando aqui e ali os versos e tentando conter tudo dentro de no máximo três minutos. Acho que gosto de música porque ela é uma coisa simples com início, meio e fim bem definidos, algo que posso controlar e delimitar enquanto as coisas de verdade rodopiam e batem por aí. A simplicidade dos acordes e do verso-refrão-verso.

O nome da música era "Nuke The Boys" porque jogar bombas nucleares em garotos parecia uma ideia deliciosa naquele momento. O primeiro verso era: Garotos são inúteis, mate todos eles. Obs.: Foi a música mais poética que já escrevi.

Depois de uma eternidade, o sinal soou pela escola inteira. Me levantei em um salto, antes mesmo de o professor terminar de reunir suas coisas. Saí pelo corredor e

desci as escadas, tomando cuidado de observar se o Homem Sem Sorriso ou Stella, a vice-diretora fascista, estavam patrulhando os corredores. Precisava descobrir o mais rápido possível quem era aquele garoto de roupas coloridas e sorriso bonito, e como ele se encaixava no festival de coisas estranhas que havia brotado na minha vida.

Andei pelo pátio externo e continuei até a cantina recém-pintada pelo nosso professor de Artes, uma pintura abstrata cheia de cores e riscos. Nos fundos do principal ponto de encontro da nossa escola e subindo um lance de escadas, ficava o antigo refeitório, onde a pior comida do Sudeste era servida. Nós apelidávamos o cardápio daquele lugar de Morte Lenta.

Subi os degraus de dois em dois até o topo. Pietro estava encostado no muro e olhando diretamente para mim. Aquilo não podia ser possível. Eu estava certa de que havia saído da sala *antes* dele.

– Diga o que está acontecendo! Eu sei que você é parte disso. Sem piadas, sem voltas. A verdade, simples, direta e em três acordes.

Vi Pietro de modo completamente diferente pela primeira vez. Não havia a sugestão de um sorriso ou palavra engraçada. Eu podia ver seu rosto tornar-se rígido, e o pomo de adão subir e descer. Seus olhos se tornaram completamente vermelhos e suas presas cresceram de forma assustadora. Precisei segurar o impulso de gritar e sair correndo ou procurar uma pedra para jogar em sua cabeça. Na falta de coragem para aquelas opções dei um passo para trás.

– Sou um vampiro, Rani – disse ele, e voltou ao seu normal imediatamente. – Acredite ou não, estou aqui para ajudar você.

Aquilo me deixou de boca aberta e as palavras que saíram dela nos minutos seguintes não poderiam ser impressas em um jornal respeitável. Meu peito subia e descia, se movendo incessantemente sob o efeito de uma respiração irregular, e quando as palavras ousaram sair dos meus lábios, foram em tom disforme.

– Você é um *vampiro*...? Sério, do tipo que bebe sangue e tudo mais? – Todos os movimentos do meu corpo haviam sido interceptados. Eu queria não acreditar, mas isso já era impossível. – E, a propósito, você não deveria entrar em combustão ao sair no sol?

Ele deu de ombros e respondeu:

– O sol apenas me deixa mais preguiçoso que o normal e eu só bebo sangue em pó industrializado e importado da Coreia. Eu queria ficar de olho em você, mesmo que isso me custasse aguentar o Ensino Médio outra vez, um sofrimento ocasionalmente divertido, para ser sincero. Não posso explicar agora, mas apareça na minha casa hoje à noite e as coisas farão sentido. Rua Adalgisa Lima, 459. Esteja lá.

Ele passou por mim e foi em direção às escadas, navegando por entre o canteiro de tomate e as batatas que brotavam. Pietro não olhou para trás e também não disse mais nada. Ele sumiu dos meus olhos em um átimo de segundo, como se nunca houvesse pisado ali. Fiquei para trás. Eu e a convicção de que o mundo estava diferente, de que tudo havia mudado e eu estava perdida no meio de um oceano de vagas tão bravias, de que meu naufrágio era só uma questão de tempo. O cheiro do perfume dele ainda ficou algum tempo depois de sua partida.



## CAPÍTULO 6

# A casa de Pietro

*Bem, existe uma casa em Nova Orleans.  
Eles a chamam de Casa do Sol Nascente  
E tem sido a ruína de muitos pobres garotos.  
The Animals, “House of The Rising Sun”*

Convidei Marina para ir comigo. Não havia a menor chance de que eu fosse à casa de um desconhecido sem alguém ao meu lado, principalmente quando esse desconhecido era um vampiro. Ela ainda me olhava de forma estranha depois de ouvir tudo o que contei, andava ao meu lado, mas acho que na esperança de me socorrer caso eu explodisse em um surto psicótico. Tudo já havia sido exposto, o encontro no cemitério, o bombom misterioso e os gatos que se reuniram no meu quintal. Marina escutou e disse que eu provavelmente estava estressada ou algo do tipo, mas minha expressão fez com que me desse ao menos o benefício da dúvida.

Já eram quase 8 da noite e várias pessoas ainda caminhavam pelas ruas a pé ou em seus carros, os pequenos bares da região atraíam uma parcela dos jovens desocupados no meio da semana e o restaurante de pizza em cone estava vazio com suas mesas limpas e bem organizadas na Praça João Ferreira. Algumas garotas brincavam na frente da Graúna Videolocadora, vários clientes entravam e saíam do estabelecimento, e eu costumava conversar com os dois atendentes de lá, um garoto de óculos chamado David e outro que tinha o apelido de Toupeira. A panificadora Pão Realeza estava na esquina de baixo e tinha coisas gostosas, mas o preço era salgado para meu bolso de estudante. Aquela região era tão calma que eu imaginava os prédios, casas e lojas sob o efeito de tranquilizantes.

– Vampiros, garota xamã e gatos... Eu não delirei, certo? – perguntou ela pela sétima vez. – Eu te amo, Rani, mas você precisa me dar um desconto. E se for

realmente verdade... POR QUE iríamos à casa de uma criatura da noite que bebe sangue?

Olhei para ela pacientemente, ao menos era isso o que eu gostaria de aparentar, ainda que longe da realidade, e respondi.

– Mari, pensei que fosse veterana no lado negro da força, não era pra você ficar animada com isso tudo?

Ela estreitou os olhos.

– Ainda tenho um pingô de juízo dentro de mim. Por exemplo, amo Marilyn Manson, mas isso não quer dizer que eu não correria se o encontrasse em um beco escuro à noite.

Marina balançou a cabeça e continuamos naquela noite quente que piorava tudo. A casa de Pietro não era longe da minha, uns dez ou quinze minutos, na verdade. O problema é que precisávamos subir um morro enorme e muito íngreme, do tipo que você já está sem fôlego na metade do caminho. Eu pensava em como aquela situação parecia com os movimentos de uma obra musical, com suas ações rápidas e lentas se intercalando, uma suíte que construía as seções de forma a chegar ao último acorde com uma grande explosão. Eu tinha consciência de que caminhava para dentro do caos e que uma parte de mim estava excitada perante a possibilidade de algo tão fora do normal, tão deslocado da vida comum.

Fui procurando o número indicado pelo garoto. Era a rua com algumas das casas mais bonitas e caras da cidade, com jardins enormes, estátuas e fontes; outras tinham muros altos e protegidos por cercas elétricas e câmeras de segurança. Passamos por outra pracinha, aquela que sempre estava ocupada por garotos com skate que usavam os bancos e degraus para manobras. Eles estavam por lá quando passamos, com suas vozes altas, tombos e rádio que tocava uma música do Blink-182.

Um menino da minha sala estava por ali e trocamos um aceno antes que continuasse meu caminho. Quando mais nova, eu costumava subir aquela rua quase todo fim de semana, o Tropical Tênis Clube ficava perto e era o lugar onde eu e minhas amigas nos encontrávamos. Depois do divórcio, meu pai nunca mais me levou ali e o grupo mudou... Ou eu mudei. Naquela época em que eu ouvia +44, NX Zero e SUM 41, acho que o critério para que eu gostasse de uma banda era a presença de números no nome. Sacudi a cabeça para afastar as memórias e continuei a caminhada.

A casa 459 ficava na metade da subida infinita e era diferente do que eu esperava: uma construção pintada em tom pastel, enorme, com um jardim bem cuidado e uma estradinha que levava até a porta verde. Muitas janelas de vidros escuros nos observavam e um jipe amarelo estava estacionado ao lado de uma velha moto Honda. Era um lugar comum e cercado por grades coloridas que não cobravam um segundo

olhar dos transeuntes e que não aparentavam ser especiais de forma alguma. Mas eu sabia que este não era o caso e meu coração batia duas vezes mais rápido diante da perspectiva de atravessar aqueles portões. O que Pietro estaria guardando ali?

Toquei o interfone e esperei, até que uma voz rouca, que reconheci como a do garoto fluorescente, respondeu:

– Espero que você tenha ou seja comida, pessoa. Entra aí.

O portão se abriu. Marina e eu nos entreolhamos, estava certa de que ela também se perguntava se não deveríamos sair correndo. Havia um medo primitivo trabalhando nos olhos dela, a espécie de coisa que fazia nossos ancestrais evitarem o perigo. Havia um pouco disso em mim também, aquela parte que me falava para ser sensata e me reunir com a vida normal. Era uma pena que eu fosse tão ruim em seguir bons conselhos, até mesmo os meus.

Reuni a última gota de coragem no meu corpo e puxei Marina pela mão através do caminho de pedras. Eu olhava ao redor e o mesmo sentimento de quando encontrei Pietro pela primeira vez se apossou de mim, aquela criatura que morava entre o pânico e o deslumbramento. A porta se abriu e o vampiro surgiu para nos inspecionar. Estava metido em jeans surrados, tênis vermelhos e uma camisa amarela com gola em V do All Time Low. Era um garoto decentemente bonito, ainda que fã de pop punk. Seus olhos brilhavam e o sorriso usual estava à mostra, mas as coisas pareciam diferentes, como que vistas em um caleidoscópio.

– Você trouxe uma amiga, menina do cemitério. Conheço uns caras que a matariam por causa da quebra de sigilo do mundo sobrenatural, mas não a gente – e olhando para minha companheira, acrescentou: – Olá, Marina, espero que goste da minha humilde casa. O nome dela é Gertrudes e tem um temperamento horroroso.

– Ela é confiável e está aqui para garantir que você não vai nos matar ou algo do gênero – respondi com sarcasmo.

Pietro deixou que suas feições de vampiro surgissem, as presas enormes e os olhos ensanguentados que tanto me surpreenderam na escola. Marina segurou meu punho e deixou que um soluço escapasse. Dei um tapinha em suas costas e a induzi a me acompanhar, pensando em quão feliz estava por ter outra pessoa sofrendo ao meu lado. Ela tentou articular uma frase que saiu boiando para longe antes que os lábios pudessem registrá-la. O garoto fez um gesto com as mãos e abriu espaço.

Nós entramos na casa e um pequeno incêndio tóxico aconteceu na minha cabeça.

## CAPÍTULO 7 Os Animais de Festa

*Mortos até o anoitecer,  
Mas isso é outra coisa,  
Nada realmente importa,  
Por trás dos tons de azul.*  
The 69 Eyes, “Lost Boys”

A primeira coisa que notei foi a pichação na parede: *Bem-vindo ao zoológico dos Animais de Festa*. A casa era ainda mais diferente do que eu esperava. Isso, aqui, significa que o lugar era *gigantesco* do lado de dentro e pintado de roxo na sua maior parte. Marina foi até o lado de fora e voltou correndo, e sua expressão confirmava o que Pietro disse a seguir: “Ela é maior do lado de dentro”. Eu me senti como se estivesse em um episódio de Doctor Who. Deixei que meus olhos seguissem pelo enorme saguão; as dezenas de corredores e escadas, tudo estava desorganizado: copos descartáveis espalhados pelo chão, garrafas de refrigerante de uva, balões, máscaras de gás, braceletes de néon, penas, uma cama elástica, pizzas, poças de catchup, sapatos pendurados nos lustres, latas de spray que aparentemente haviam sido esvaziadas nas paredes, balões e um quadro com o retrato de um porquinho-da-índia. Olhei para minha amiga sorridente e observamos nosso entorno, aquela casa inconstante.

– Isso é a coisa mais absurda do mundo – disse Marina. – Acho que vou precisar de um calmante ou de uma pancada na cabeça.

Pietro sorriu e falou casualmente:

– Fizemos um sarau de poesia vietnamita ontem e a casa ainda não limpou a sujeira, de vez em quando isso demora um bocado. É uma criatura velha e preguiçosa.

As luzes piscaram e os quadros balançaram nas paredes, seguidos por um rosnado do encanamento. Pietro fez uma careta e continuou a dizer:

– Além de preguiçosa é mal-humorada, vocês vão aprender que Gertrudes odeia quando alguém fala verdades sobre ela. Bem, vou chamar o resto do pessoal, todos estão curiosos para conhecer você, garota xamã.

Olhei para a construção sem acreditar que estava ali. Nem mesmo toda minha bagagem de leitura de quadrinhos, fantasia e ficção científica tinham me preparado para aquele lugar.

Ele bateu palmas três vezes e não fez mais nada, apenas enfiou as mãos nos bolsos e ficou ali. Não fingi compreender o que estava acontecendo, mas estava certa de que dali em diante nada mais faria muito sentido.

Ouvimos barulhos se aproximando e vimos uma figura descendo as escadas. Era um garoto em um pijama listrado e pantufas de elefante, mas o mais surpreendente era o fato de sua pele ser vermelha e coberta de escamas, com um pequeno par de chifres na testa e uma cauda fina que se arrastava pelo chão. Ele olhava para nós com curiosidade e bocejava.

– Senhoritas... – disse Pietro. – Este é o nosso estagiário mágico, cinéfilo e responsável pela compra de sorvete nesta semana.

A criatura balançou a cabeça negativamente e respondeu:

– Eu não sabia que *ela* já estava aqui. Que rude da minha parte, acho que é melhor eu me trocar então.

O demônio sacudiu a cabeça e toda a sua aparência mudou, apresentando-se como um garoto da nossa idade, de pele rosada e cabelos loiros encaracolados, o tipo de ser humano que você encontraria nas embalagens de fraldas descartáveis.

– Meu nome é Tales – disse o garoto. – Fico contente de não ser mais o novato da casa.

Fiquei atenta para acompanhar a chegada dos outros moradores: um garoto negro de cabeça raspada e jaleco, que descobri ser um lobisomem e se chamar Frederico (“Por favor, me chamem de Fred”), um garoto engraçado. Ele surgiu de um dos corredores e tinha um cinto repleto de ferramentas de todos os tipos e tamanhos. Seu jaleco branco se arrastava no chão e estava coberto de gosma verde.

– Pietro, você não vai acreditar, acabei de descobrir uma nova utilidade para fezes de dragão. O que é o Bóson de Higgs perto disso? – E, dirigindo-se a nós, falou – Senhoritas, é um prazer conhecê-las! O que acham de participar de um grande experimento que pode mudar o rumo das ciências mágicas?

Ele apertou nossas mãos antes que tivéssemos tempo para escapar do toque repleto daquilo que eu torcia para *não* serem fezes de dragão, embora o cheiro

tornasse minhas esperanças inúteis. Tranquei a respiração e respondi:

– Acho que não, mas obrigada por perguntar... Acho...

O vampiro andou de um lado para o outro e bateu palmas três vezes. Fred explicou que o som de palmas era ampliado por Gertrudes e chegava aos aposentos com a intensidade de um trovão, mais fácil que usar uma campainha ou bater à porta.

– Onde está Valentina? – Pietro indagou com certa impaciência na voz.

Tales disse que aquela era a irmã de Pietro, o único ser quase responsável da casa. Eu e Marina trocamos um olhar e ficamos esperando pela última moradora daquela estranha, estranha residência. Era como se eu tivesse caído dentro de um livro empoeirado de contos de fadas. E lá estava eu ao lado de pessoas que não existiam para mim dias atrás. A casa inteira era algo que eu não era capaz de dimensionar ou encaixar nas minhas ideias, com suas várias escadas, portas e moradores impossíveis. Devo ter feito uma expressão muito esquisita naquela hora, porque Fred me olhou e disse:

– Eu sei... Bem estranho quando a gente vê esse tipo de coisa pela primeira vez, não é? Vampiros, demônios e todas as bobagens do mundo. Espera só eu te apresentar para o pessoal do Departamento de Magia Aplicada. A coisa vai começar a te surpreender de verdade.

– Eu não posso acreditar que tenha sobrado algo no mundo para me surpreender – disse Marina.

Ela se prendeu a uma conversa com Fred e Tales sobre verdades e mitos do mundo sobrenatural.

Minha mente achou que seria bom guardar os fatos principais em mente dali em diante: lobisomens não ligam para a lua cheia e vampiros não têm medo de crucifixos ou igrejas; os dois povos são muito amigáveis entre si e costumam comemorar o Ano Novo juntos. Nem todos os demônios são maus e um deles era, inclusive, dono da maior confeitaria de Graúna. Fadas são as criaturas mais chatas do universo e brilham no sol. Existe um grupo de apoio aos recém-desmorts e eles se ocupam em promover O Programa dos Doze Passos Zumbis: *Só por hoje eu não vou mastigar humanos*. Existem jacarés nos esgotos e todos os golfinhos do mundo fazem parte de uma conspiração milenar que visa dominar o universo. Aquele era o tipo de conhecimento prático que as escolas deveriam adotar em vez de dar matérias inúteis como Educação Física.

– Aí vem ela – disse Fred. – Não liguem se Valentina tentar matar alguém, ela faz isso o tempo todo.

– É a forma dela de demonstrar carinho – completou Tales, fazendo o possível para soar verdadeiro. – Ela terminou com o namorado uns cem anos atrás e as coisas

ainda estão muito recentes. Lembre-se, sem movimentos bruscos.

A última moradora apareceu no topo de uma escadaria e desceu lentamente, tão pálida quanto Pietro e com o mesmo semblante, embora o dela explicitasse que não se preocupava com simpatia. Usava um vestido vermelho, um colete preto, calçava tênis parecidos com os meus, óculos de armação escura e tinha uma boina sobre os longos cabelos loiros. Era uma garota bonita e elegante, que nos olhou e não disse uma palavra.

– Você demorou! Chamei você há séculos! – reclamou Pietro.

Valentina deu de ombros e respondeu:

– Não sou um cachorro para correr quando você chama, querido irmão. Alguns minutos a mais ou a menos são de pouca diferença, até mesmo na vida delas.

Pietro olhou para mim visivelmente consternado e disse:

– Conheça nossa diretora de Relações Públicas. Ela é um saco noventa por cento do tempo, mas deve ter alguma coisa de bom dentro dela; afinal, gosta de dinossauros.

Eu a observei ficar em pé no canto da sala, com o olhar tão afiado quanto um bisturi. Pietro se levantou e andou até uma das janelas. Os moradores se entreolhavam à espera de que alguém dissesse alguma coisa. Pietro pigarreou e disse:

– Rani, você queria uma explicação e acho que está na hora de eu entregá-la. Você é uma xamã urbana e é seu trabalho cooperar com o equilíbrio do mundo sobrenatural. Nenhuma das três facções poderia se aproximar de você antes dos 19 anos, mas a situação ficou um pouco mais complicada do que esperávamos e a tradição precisou ser ignorada...

– Não que alguém nesta casa ligue para tradições... – comentou Valentina.

– Facções? – perguntei. – Quer dizer que existem outros como vocês?

Foi Tales quem respondeu:

– Ah, sim. Nós somos os Animais de Festa, os perdedores do mundo sobrenatural, por assim dizer. Também existe a *Corte das Linhas*, um bando de esnobes, e os *Invisíveis*, uns burocratas empertigados.

– O que meu irmão e os outros idiotas estão querendo dizer é que precisamos de você agora. Existe um xamã inimigo matando seus iguais e ninguém sabe por que isso está acontecendo. Sua espécie está em extinção e nós precisamos que você aprenda o ofício se quisermos ter alguma chance. Isso é guerra, quer que eu desenhe?

Ouvi tudo aquilo em silêncio, nenhum pio de interrupção. Como duvidar de algo depois do que eu havia visto e como ousar manter a crença? Porque acreditar exige muito da gente, uma força monstruosa e terrível que nos força a abrir os olhos mesmo quando o certo seria fazer o contrário. É um salto no rio mais longo,

caudaloso e escuro do mundo, um salto de fé. Eu ponderei sobre cada uma das palavras envolvidas: magia, guerra, sobrenatural, espíritos, xamã. Material das lendas e do folclore, que existiam longe das cidades.

– O que você quer dizer com *guerra*?

Pietro segurou minha mão e respondeu:

– Você não é a única xamã, menina do cemitério. Alguns são bons, outros são maus e alguns, terríveis. Um deles se ocupa em comer o coração de outros xamãs, o que a coloca no radar dele. Ele é o feiticeiro mais poderoso de que já tivemos notícia em muitos anos. É por isso que estamos aqui, para ajudar você até que possa enfrentá-lo...

Meu coração batia mais veloz e cada uma daquelas palavras me fazia sentir um aperto na garganta. Eu não queria mais escutar aquilo, tudo o que eu desejava era ser uma estudante comum e sem inimigos. Marina deixou que um mundo de exasperação subisse em sua voz:

– Um segundo! Você diz que existe um cara aí fora que toma o coração de pessoas e... sei lá, do nada, Rani vai precisar *lutar* contra ele?

– Basicamente – respondeu Fred. – Ninguém gosta de pedir isso, mas é o que temos. Um xamã é muito mais poderoso que qualquer um de nós; caso contrário, já estaríamos na linha de frente. Os outros xamãs urbanos estão sendo mortos e os sucessores são novos demais. Rani é uma das únicas na faixa de idade para se alistar. Ela só precisa de um pouco de treinamento...

Acho que Fred ainda estava falando sobre o assunto quando me levantei e saí correndo. Minha cabeça estava cheia demais para aguentar um segundo a mais daquilo tudo. O fato é que eu estava com medo, mais medo do que jamais senti em toda minha vida, por saber que havia alguém lá fora esperando uma oportunidade para devorar meu coração. Mais que isso, era a situação que me assustava, aquele mundo aberto e desconhecido.

Corri.

Para fora da casa, além do jardim e rua abaixo. Não pensei em nada, somente no asfalto duro sob meus pés e no passo seguinte.

Bem longe dos animais e das festas.



## CAPÍTULO 8

# A biblioteca

*Sinais escuros de maldade  
Flutuam no horizonte,  
Parece que uma tempestade  
Se aproxima.  
Shaman, “Distant Thunder”*

Fiz questão de me sentar tão longe de Pietro quanto possível. Marina sentou-se ao meu lado na classe por solidariedade, mas ela não cansava de repetir que eu deveria ter ficado na casa deles ontem e escutado o que tinham a dizer. Ela ainda tentou me passar uns quatro bilhetinhos, mas eu amassei todos eles e joguei no lixo, sem me dar ao trabalho de responder. Tudo o que desejava era me esquecer da noite anterior e do que havia escutado por lá.

Pietro me olhava durante o tempo todo, mas ignorei e fingi prestar atenção na aula de Geografia. Nosso professor, Rodrigo, era um homem alto e bem gordo, com a pança redonda, careca no topo e com cabelo ao redor, o tipo de imagem que vem à cabeça quando se pensa em um frade ou em Santo Antônio após a ceia de Natal. Ele tinha a voz suave e gesticulava bastante enquanto lecionava sobre tundra.

Rabisquei algumas anotações só para não me esquecer dos tópicos principais e pedi autorização para sair da sala (“Eu preciso pegar um livro da sua matéria para estudar”, foi a desculpa usada). Rodrigo fez um aceno positivo com a cabeça e

**“Você deveria conversar com Pietro, os Animais de Festa ficaram preocupados com você ontem à noite, exceto a irmã dele, ela não parecia dar a mínima. Tente pensar de forma lógica, senhorita Paleto: se existe um cara matando pessoas como você, a melhor saída é aprender a se defender. Agora pare de agir como fã de Simple Plan e não desonre nosso Tuomas Holopainen com esse pseudo teen angst. Seres sobrenaturais existem!”**

continuou a falar sobre a tundra e Vladimir Putin, que, segundo o professor, um era metáfora para o outro: ambos eram frios e tinham pouco respeito pela vida humana.

– Você não pode fugir para sempre – sussurrou Pietro, quando passei na frente dele.

Ignorei todas as sílabas e palavras. Desci a escadaria do segundo andar e fui pelo corredor, tendo o cuidado de me esgueirar tanto da diretora quanto da inspetora. Ambas costumavam interpelar alunos fora de sala e eu não gostaria de chamar nenhuma atenção. Aquele amontoado de rigidez me fazia imaginar se era um resquício de quando a Estadual era dirigida por freiras. Eu definitivamente não gostaria de ter vivido naquela época em que as mulheres de preto mandavam nos alunos e imaginei o que elas pensariam dos alunos atuais.

A biblioteca ficava no fim daquele corredor e era subterrânea e, para chegar lá era preciso descer uma escada em espiral. Muitas lendas se formaram acerca daquele lugar com o passar dos anos. De acordo com a mais famosa delas, na época em que a Estadual era um internato para freiras, o espaço da biblioteca era um calabouço de punição para noviças que desrespeitavam a Madre Superiora, uma pessoa de personalidade horrível e fama pior.

O teto da biblioteca era baixo e os alunos maiores precisavam se curvar um pouco para não acertar suas cabeças. Havia várias estantes abarrotadas de livros, a maior parte deles com suas páginas amareladas e capas amassadas ou rasgadas, e o cheiro era típico de lugares antigos demais, que viram pessoas demais. Abigail, a mulher que cuidava do lugar, usava óculos grandes, roupas beges e não interrompeu a leitura de um romance adocicado quando entrei.

Aquele lugar me fazia sentir como se estivesse em casa, cercada por amigos que me dariam mais apoio emocional do que qualquer um na minha sala. Eu me considerava uma straight edge desde que me entendia como ser humano; assim sendo, não costumava achar graça no que a maioria das pessoas curti, de modo que livros, filmes, quadrinhos e música me eram mais familiares do que gente de carne e osso. Eu e meu pai tínhamos o hábito de ler muitos livros, uma coisa que vinha do meu avô, embora tivéssemos interesses completamente diferentes. Ele gostava daqueles livros cheios de parágrafos caudalosos e pessoas comuns, especialmente os franceses; era Proust pra

Muita gente não sabe o que é straight edge. aí eu costumo explicar da seguinte forma: É um estilo de vida que nasceu do punk e com o Minor Threat, basicamente é sobre curtir o rock sem precisar de drogas ou álcool ou o que as outras pessoas fazem só para se exibir. O povo do movimento acredita que você não consegue viver o lema punk Do It Yourself se estiver com as veias entupidadas de idiotice. Foi a partir daí que criei a Tank Gurls com a Marina, uma banda punk de garotas se tocando death metal. Alguns membros

cá e Flaubert pra lá, uma chatice. Também lia um bocado a respeito de arquitetura, mas esses eram os livros sobre os quais não comentávamos na mesa de jantar. Meu negócio era o das pessoas espertas: A Ilha do Tesouro, Sherlock Holmes e os livros do Mochileiro das Galáxias ou de Terry Pratchett.

famosos da tribo: Max Cavallera, Alissa White-Gluz e Ray Cappa.

Passei por entre as mesas de estudo perto da entrada e avancei pelo labirinto de estantes. Eu havia ido até ali para fugir do vampiro inconveniente, mas me vi distraída na leitura de um dos livros, *Duna*, de Frank Herbert, uma história de ficção científica sobre um enorme planeta de areia com vermes gigantes e uma família, os Atreides, que se mudava para lá. Parecia ser um lugar horrível de se viver e onde as pessoas nunca tomavam banho, mas, no momento, parecia ser mais atraente que a minha realidade, onde tudo era caótico. Fiquei ali, pensando no jovem Paul Atreides sendo levado para o planeta Arrakis, aquele lugar desconhecido feito e plasmado em estranheza... afinal de contas, nem éramos tão diferentes assim, eu e ele. Estávamos ambos perdidos em um mundo novo que não conhecíamos e que não fazia sentido algum. Foi com esse pensamento que decidi levar o calhamaço para casa e fui atrás de Abigail.

Procurei em todos os cantos e não vi a bibliotecária em nenhum. Imaginando que ela havia saído para um café ou algo do tipo, puxei uma cadeira para esperá-la. Já estava absorta mais uma vez em Arrakis quando ouvi um barulho vindo dos fundos. Era o som de algo pontiagudo batendo no chão, e lentamente a sensação que tive ao encontrar Pietro pela primeira vez me assaltou mais uma vez. Aquele zumbido de perigo imediato.

Levantei-me da cadeira e fui naquela direção; estava certa de que não havia ninguém ali quando entrei. Meu coração bateu mais forte e um pânico agudo tomou conta de mim. O barulho se tornou mais identificável. Era uma tosse forte, incessante. A sensação contundente de medo voltou no segundo em que as lâmpadas começaram a piscar. Meus sentidos gritavam para que eu desse a volta e saísse correndo, mas obriguei meus pés a caminharem.

Fui por entre as prateleiras, cada vez mais perto. Peguei um dicionário enorme para usar caso precisasse me defender, a única coisa que poderia servir de arma. Meus olhos pescaram lá adiante uma criatura abaixada, e uma segunda inspeção revelou que eu não estava enganada ao usar a palavra criatura; aquilo não podia ser uma pessoa, embora vestisse as roupas de Abigail. Sua pele era coberta de feridas, com ossos protuberantes, fiapos de cabelo, olhos amarelos, unhas enormes e sujas que despontavam como agulhas.

Ela me encarou e eu pude ver que deveria ter confiado nos primeiros instintos. A criatura correu em minha direção e usei toda minha força para atirar o dicionário contra ela, gesto que não surtiu muito efeito. Segui pelo espaço estreito e derrubei livros à medida que passava, e a criatura vinha tossindo e engasgando atrás de mim. Minha intenção era a porta de saída, esperando sair e não voltar para a escola até a próxima encarnação.

Estendi a mão para a fechadura, quando um vento vindo de lugar nenhum fechou a porta, que permaneceu assim apesar dos meus esforços. Olhei para trás e vi o monstro de coluna arqueada e algo na boca, que supostamente era um sorriso para seus iguais. Não havia para onde fugir ou atitude para tomar.

– Droga! – murmurei.

Foi aí, em um piscar de olhos, que o monstro Abigail saltou e me levou ao chão. Senti todo meu ar se esvair enquanto sua mão apalpava minha barriga, como se estivesse à procura de algum elemento específico. Me debati como pude, desferi socos e chutes, mas ela era forte demais e minhas forças já cediam. As unhas pontiagudas fizeram um corte na lateral do meu estômago e os dentes daquilo batiam com excitação. Ela segurou meu pescoço e apertou com toda a força em seu corpo.

Minha visão já começava a escurecer quando ouvi alguém chamando pelo meu nome. Parecia distante, como se me chamasse de um barco no meio do mar. As palavras vinham fracas e quebradas, mas eu as capturava assim mesmo. *Você precisa enxergar no escuro, jovem xamã... Você precisa enxergar o fogo ancestral.* A voz desapareceu e eu estava de volta ao piso frio da biblioteca, com a bibliotecária em cima de mim. Estendi a mão sobre o rosto do que havia sido Abigail e deixei que meus lábios formassem aquela palavra que se repetia em minha mente:

– Fogo!

## CAPÍTULO 9

# O dia que não termina

*Diga adeus para o mundo  
No qual você pensava viver  
Faça uma reverência  
Interprete o seu papel.  
Mika, “Any Other World”*

Eu não estava preparada e creio que nenhuma pessoa anteciparia o que veio então. Aquele último estilhaço de normalidade ao qual eu me prendia feito unha na carne soltou-se no segundo em que a bibliotecária foi engolfada por chamas azuis. As chamas a devoraram impiedosamente e, em um piscar de olhos, ela desapareceu, deixando somente uma pilha de cinzas e um cheiro horrível. Olhei para o montinho enquanto procurava extrair algum sentido dos acontecimentos, um sentido que explicasse o fogo que não tocou em nada além da bibliotecária, ou de onde surgiu tal criatura.

Meus pensamentos me levaram ao que Pietro e os outros haviam dito na noite anterior, sendo obrigada a admitir que aquelas coisas não desapareceriam, ainda que negadas com cada fibra do coração. Olhei para o teto branco da biblioteca e deixei que a maré de pensamentos negativos fizesse seu trabalho, e teria permanecido assim por horas não fosse o som de alguém se aproximando. Levantei-me e fiz o possível para recuperar minha compostura antes que a porta fosse aberta, não antes de empurrar as cinzas para debaixo da mesa com um livro.

Eu ainda estava terminando de limpar o cabelo quando a porta se abriu e um visitante surgiu.

– O que aconteceu? – indagou Pietro. – Senti uma pancada tão forte que minha cabeça quase explodiu.

– Nada, apenas uma bibliotecária tentou me matar. Sério, isso acontece comigo todo dia. Ah, aí eu a transformei em churrasco e os restos dela estão no meu tênis, na minha boca e até na porcaria do meu nariz.

Pietro chegou perto e colocou a mão no meu ombro, gesto que evitei com um tapa. O garoto simplesmente ficou parado na minha frente e forçou um sorriso idiota.

– Rani, você é uma xamã, querendo ou não. Sua alma está queimando em magia e um contato com o mundo espiritual foi estabelecido. Criaturas que não enxergavam agora podem sentir seu rastro e tentarão se alimentar dos seus poderes. Isso era parte do que explicaríamos a você ontem à noite, mas você saiu correndo.

Ele voltou a segurar minha mão, mas dessa vez eu não repeli o toque; talvez segurar na mão de alguém fosse exatamente do que eu precisava. Permaneci em silêncio, pensando na minha coleção de discos, por algum motivo que eu não saberia explicar. Nos álbuns devidamente organizados na prateleira do meu quarto em ordem alfabética e por gêneros, em que você nunca encontraria Skinned Teen ao lado de Angra; eles precisavam de ordem, existir em seus respectivos lugares. Desejei que a sincronia das minhas estantes descobrisse seu caminho até minha vida. Sentei-me na mesa da bibliotecária e olhei para o garoto.

– Digamos que eu aceite seu treinamento vodu...

– Xamã. São coisas bem diferentes.

– Tanto faz. Se eu realmente entrar nisso, o que acontece?

– Você aprenderia o ABC do trabalho e faria parte da nossa facção, assim como Marina, porque senão teríamos de matá-la. Ah, você também ganha desconto em dentistas e farmácias credenciadas para Animais de Festa – acrescentou com um semblante mais sério. – E faríamos de tudo para ajudar você, porque, bem, é isso o que fazemos. Agora me conte exatamente o que aconteceu.

Deixei que minha língua reproduzisse os acontecimentos de minutos antes, a perseguição por entre os livros, os sons e o rosto deformado de Abigail. Nem mesmo o cheiro escapou das minhas descrições. Acho que somente alguém na mesma situação que eu poderia compreender o que eu sentia enquanto as palavras iam em uma fila indiana para fora de mim. Pietro continuou ali, compenetrado em me ouvir.

Ele ficou de braços cruzados e só respondeu quando terminei minha narrativa completamente:

– Você foi atacada por um Devorador. Alimentam-se do sangue e dos órgãos de jovens. O estranho é que não costumam atacar durante o dia, são bem cautelosos. Acho que você está *brilhando* mais do que eu imaginava.

– O que isso quer dizer? – perguntei já temendo a resposta.

– Significa que seu treinamento precisa começar antes que Aiba venha procurar você. Guarde esse nome, ele quer acabar com a sua vida. O lado bom disso é que já sabemos qual é seu elemento principal. Alegre-se, xamãs do fogo são raros, nasce um a cada três milhões, de vez em quando.

Eu já ia abrir a boca para responder quando o sinal tocou. Foi só aí que percebi o quanto havia me atrasado e como meu professor provavelmente já havia zerado todos os meus pontos de participação do ano inteiro. Rodrigo costumava ser uma pessoa razoável, exceto quando alguma pessoa fugia para andar nos corredores. E não importava a quantidade de verdade nos fatos, eu não poderia simplesmente dizer: “Nossa bibliotecária era um monstro canibal e eu a transformei em um punhado de cinzas”.

Peguei o exemplar de Duna que havia começado a ler e me coloquei em retirada. Fiz uma promessa mental de que devolveria o livro quando terminasse de ler.

Pietro caminhou ao meu lado. Ao contrário de mim – água e óleo –, ele parecia estar sempre meio desligado, com o sorriso tipo James Dean, uma mistura de impulsividade reprimida arduamente e um desejo de abraçar, tudo ao mesmo tempo. Eu podia entender por que as outras garotas ficavam olhando para ele de minuto em minuto; era o único adolescente em toda a escola sem uma espinha ou algo desabonador no rosto.

Subimos a escada da biblioteca e tomamos uma rota alternativa para evitar o professor de Geografia. Pietro tinha as mãos nos bolsos e encarava seus All Stars. Olhei para o alto e aceitei que não havia escapatória: *eu era uma xamã*, o que quer que aquilo quisesse dizer de agora em diante. Havia um sentimento novo dentro de mim, como se a proximidade com a morte houvesse disparado todos os alarmes inesperados. Minha única certeza era a de que eu me sentia levemente satisfeita por ter o vampiro ao meu lado, ainda que com todo o caos em volta dele. Quando ele esbarrou por acaso no meu braço direito, nem bati nele; foi o primeiro passo rumo à maratona da trégua.

## MEUS DISCOS FAVORITOS

**1** – *Imaginaerum* – Nightwish: minha banda favorita. Ponto. Se Tuomas Holopainen desenhasse um boneco de palitinhos em um guardanapo, eu provavelmente compraria. Gosto de todos os discos da banda, mas se precisar escolher um, com certeza será *Imaginaerum*. Ele é bem diferente de tudo o que o Nightwish fez até então e era a trilha sonora de um filme. A voz da Anette (vocalista da banda antes da Floor Jansen) é MUITO legal. Música favorita do disco: “Storytime”.

**2** – *Doomsday Machine* – Arch Enemy: Existe uma lista de motivos para que este disco entre na minha lista de favoritos. O primeiro deles é que a Angela Gossow tem a voz mais poderosa do que todos os homens do mundo juntos. E ela foi a inspiração para que eu montasse uma banda. Ao contrário do que todo mundo pensava, ela mostrou que garotas podem ser vocalistas de death metal. Música favorita do disco: “Taking Back My Soul”.

**3** – *Nevermind* – Nirvana: Certa vez Marina me disse que as pessoas se iniciam no rock por Nirvana ou Iron Maiden. Eu fui novica do trio Kurt Cobain, Dave Grohl e Krist Novoselic. Minha cabeça explodiu quando ouvi “Smells Like Teen Spirit” pela primeira vez. Era diferente de tudo aquilo que meus pais escutavam e do que as pessoas na minha escola ouviam. Eu estava vagando pela MTV um dia de madrugada – que parece ser o único momento em que o M de MTV faz sentido naquele canal – e essa música começou a tocar. Música favorita do disco: “In Bloom”.

**4** – *The Agonist* – Prisoners: minha terceira vocalista favorita, ao lado de Floor Jansen e Angela Gossow, saiu dessa banda. Alissa White-Gluz é a garota mais legal no mundo do rock, ela consegue rosnar como uma verdadeira cantora de metal e fazer um vocal limpo. Acima de tudo ela é straight edge, talentosa e simpática. Ah, ela é tão legal que se tornou a nova vocalista do Arch Enemy quando Angela decidiu se aposentar. Eu e Marina chegamos a pintar nossos cabelos de azul por causa dela. Será que ela se casaria comigo? Música favorita do disco: “Panophobia”.

**5** – *Nevermind The Bollocks* – Sex Pistols: Esse é o melhor disco punk da história e não gostar dele é um erro. E essa foi a banda que me fez querer ter uma banda barulhenta. Sid Vicious foi a pessoa mais legal do rock, embora não soubesse tocar baixo e fosse basicamente um cara esquisito com estilo – mas punk rock não precisa de muito mais que isso. Música favorita do disco: “Anarchy in U.K.”.



6 – *Favourite Worst Nightmare* – Arctic Monkeys: Os Arctic Monkeys tocam na velocidade da luz nesse disco e nenhuma outra banda representa minha geração melhor do que esses ingleses – melhor do que The Strokes, mais espertos que The Libertines e mais sinceros do que Franz Ferdinand. Alex Turner consegue deixar qualquer música melhor com o sotaque dele. Música favorita do disco: “Brainstorm”.

7 – *Reign in Blood* – Slayer – Se existisse algo como Pais Unidos Contra o Metal, esse disco seria a primeira coisa que tentariam banir. Foi Marina quem me passou esse no segundo dia em que nos conhecemos, ela fez uma cópia e levou para mim com um bilhete que dizia: *Ouça até sangrar*. Kerry King e Jeff Hanemann se tornaram meus guitarristas favoritos, é tudo perfeito por aqui. Minha mãe odeia esse disco por causa das letras que falam sobre médicos açougueiros, pessoas sendo retalhadas e impérios do mal. Música favorita do disco: “Angel of Death”.

8 – *Roots* – Sepultura: O melhor disco da melhor banda que o país já produziu. Eu acho que isso é melhor do que qualquer coisa que Metallica, Pantera e outros tenham produzido na mesma época. Max Cavalera grita como se o mundo estivesse acabando enquanto Igor destrói a bateria e Andreas Kisser derruba o universo com uma guitarra. Música favorita do disco: “Roots Bloody Roots”.

9 – *Iowa* – Slipknot: Nove caras mascarados criando caos com tambores, guitarras e um vocalista que consegue ir do puro ódio ao tom mais calmo. Meu sonho era ir a um show deles, mas nenhum dos meus pais se dignou a me levar no Rock in Rio – onde eles se apresentaram em um dia em que eu perderia aulas na escola. Música favorita do disco: “Left Behind”.

10 – *Coral Fang* – The Distillers: Brody Dale chega bem perto da minha Santíssima Trindade das vocalistas. Esse disco é daqueles que continua sendo bom em qualquer momento da vida, quando se está triste ou alegre. Meu jeito de cantar é mais parecido com o dela e ela acaba sendo minha inspiração quando estou na frente de um microfone. Música favorita do disco: “Dismantle Me”.

## CAPÍTULO 10

# A companhia indiscreta

*Abaixe o volume, você diz  
Tudo o que eu tenho pra falar  
De novo e de novo, eu digo não  
Não, não, não, não.  
Twisted Sister, "I Wanna Rock"*

Uma das vantagens perenes de se possuir uma guitarra é usá-la para exorcizar aquilo que nos incomoda, assim como o microfone, no qual eu berrava a letra de "Angel of Death". O fato é que nada alivia tanto a mente de uma adolescente quanto uma canção, à velocidade da luz, sobre um médico nazista do mal, tortura e desmembramentos. Espero que o Monstro do Espaguete Voador abençoe o Slayer e proteja os ouvidos do meu pai, que trabalha em um projeto no escritório.

**O Monstro do Espaguete Voador é o mais próximo de religião que ateus possuem. Começou como forma de protesto com um cara chamado Bob Henderson e hoje o pastafarianismo está em todos os lugares do mundo. Nós gostamos de almôndegas e piratas igualmente e temos um dia do ano em que falamos como piratas.**

Usei o efeito dos pedais para distorcer o som e deixei que minha mente se deitasse nas ondas produzidas, uma maneira de afastar o garoto vampiro dos meus pensamentos, ao menos por um minuto. O rosto de Pietro surgia na minha cabeça de forma intermitente, sempre com o mesmo sorriso idiota no canto dos lábios. Aquela imagem era eliminada para me focar em rosnar *butcher, Angel of death!*

A música sempre foi constante na minha vida, uma das únicas coisas que mantiveram minha cabeça no lugar quando meus pais se separaram, e durante os anos na Outra Escola. Minha mãe sempre achou que eu poderia ter me dedicado a outro estilo. Ela chegou a me pagar algumas aulas de violino e piano, mas aquelas

regras, variações e responsabilidades não funcionavam para mim. Precisava da excitação que a música barulhenta e cheia de ruídos proporcionava, do sentimento de que durante quatro minutos e cinquenta segundos eu poderia chutar e gritar livremente.

Meu plano para aquele dia era tocar *Reign in Blood* do início ao fim, uma tarefa complicada de se fazer sem Marina tocando bateria, mas, como ela tinha uma consulta no dentista, eu tinha de me virar sozinha. Eu estava tocando “Piece by Piece” quando lembrei do que aconteceu na escola anterior. Naquela época, eu devia ser a garota mais esquisita da escola particular e certamente a única garota de cor, com óculos esquisitos e sempre pelos cantos relendo a mesma *Roadie Crew* com o Nightwish na capa. Como não possuía nenhum amigo e nem fazia questão de possuir, as outras pessoas sempre me perseguiram nos corredores, até o dia em que os alunos populares roubaram minha revista e saíram correndo.

Havia essa garota, Sabrina, de cara rosada e cabelos amarelos que mandava nas outras, uma gorda de cabelos pretos que se chamava Camila, um skatista de cabelos lisos sujos cujo nome esqueci e um menino forte chamado Wesley. Eram as pessoas de quem você não gostaria de chamar atenção, mas criaturas como eu fazem justamente isso: se destacam por suas qualidades, defeitos e diferenças. Eles jogavam a *Roadie Crew* de um lado para o outro, e páginas eram rasgadas a cada mão. Lá estava uma coisa minha sendo destruída por pessoas que não davam a mínima se eu vivesse ou morresse. O que veio a seguir foi que os acompanhei até a entrada do pátio e saltei em uma tentativa idiota de arrancar das mãos de Wesley o que sobrou da revista; foi o salto mais alto que já dei e o mais dolorido também. Caí na escada que dava acesso ao pátio e rolei pelos degraus. Eu me lembro de pensar *droga* e sentir uma pancada no ombro antes de tudo escurecer. Acordei algum tempo depois no hospital, com um braço quebrado e um dente partido.

E Zeus disse: Que haja dor!

Esse acontecimento foi a gota d’água para que eu desistisse daquela escola, cansada da classe média alta de Graúna e do jogo de símios que praticavam. Isso me enviou para a Estadual, onde encontrei Marina, outra foragida de uma escola particular com valentões de pouco cérebro.

Na escola Estadual de Graúna, decidi que as coisas seriam diferentes e fiz o possível para não chamar atenção da maneira errada; entrei para o time de futebol, não levantei a mão dentro de sala e fui simpática com o pessoal do fundo. Não que eu gostasse de todos eles, mas precisava sobreviver. Marina não ligava para o jogo político, mas ninguém perdia tempo nos incomodando. Talvez porque todo mundo naquela escola tivesse dentro de si um pouco de perdedor inveterado. Vivíamos como

algum personagem de The Inbetweeners, entre os dois polos da hierarquia estudantil, nem populares e nem perdedores, no meio.

Eu estava perdida nas lembranças involuntárias quando minha atenção foi partida e parei de tocar, deixando que o quarto absorvesse o silêncio que a situação merecia. Um gato de enorme comprimento me olhava cheio de curiosidade, a prova de que eu precisava para incluir felinos na lista de criaturas mais assustadoras do mundo, ao lado de bibliotecárias canibais. Ele deitou-se na janela e me encarou.

– Olá, jovem xamã.

Reconheci aquela voz imediatamente e o sotaque levemente disfarçado. Ali estava a criatura que me ajudou quando enfrentei o Devorador na biblioteca.

– Você... – foi a única coisa que consegui murmurar.

– Meu nome é Tama e sou o último dos gatos-demônios, o Deva desta cidade.

– Deva?

– Responsável pelas vidas que não podem se defender. As plantas, os animais e os espíritos elementais que moram na região. Meu povo trabalha para evitar que os humanos destruam tudo, é por isso que apenas um quórum de gatos pode reconhecer ou não um xamã, aquele que enxerga no escuro e lida com os espíritos. Alguém como você. Um xamã está mais perto de nós do que deles, somos aqueles próximos do Grande Espírito.

Eu me encontrava dentro de uma lata de sopa de dúvida com tempero de orégano do estranhamento. O gato levantou-se e esticou o corpo com um longo bocejo. Suas duas caudas balançavam em direções diferentes e eu não conseguia parar de olhar aquilo com o pensamento de que precisava ligar para Pietro imediatamente e contar o que estava acontecendo. Tentei controlar o que se passava dentro de mim e perguntei:

– Por que você está aqui?

Tama fez a versão felina de dar de ombros, que consiste em olhar fixamente para um humano e fazê-lo sentir aversão por si mesmo por fazer coisas idiotas, como adotar um cachorro ou perguntar coisas que ele supõe ser de conhecimento público. Com a voz de quem se sente profundamente entediado, respondeu:

– Eu trago um aviso de Wenona, amiga em comum do mundo espiritual. Um espírito foi enviado para fazer contato com você, mas está cercado por inimigos. É seu dever encontrá-lo e lidar com a situação.

– Como vou fazer isso?

– Não é muito da minha conta, você é a xamã, aprenda alguma coisa. Já a ajudei na biblioteca.

O gato-demônio virou as costas e pulou da janela em um piscar de olhos. Fiquei tentando compreender o que havia acontecido e enxugando as palavras do gato para dentro da mente. *Um espírito perdido na cidade*, pensei com um suspiro; isso seria divertido ao contrário. Esse era o problema com o povo sobrenatural, do qual eu fazia parte sem opção de escolha; eles surgem no meio da sua vida e parecem incapazes de agir de forma simples e direta, só com enigmas dentro de enigmas. Sacudi a cabeça e coloquei a guitarra sobre a cama. Afinal, se meu objetivo ao tocar *Reign in Blood* do início ao fim era esquecer o mundo dos Animais de Festa por um tempo, eu havia falhado miseravelmente.

No momento em que desliguei a caixa de som, um grito veio lá de baixo, do escritório:

– Aleluia!

## CAPÍTULO 11

# A vida moderna é lixo

*Nós somos os anjos mutantes  
As ruas são sedutoras pra nós  
Nossa causa injusta e ancestral  
Nessa invasão nascida de filme B.  
Misfits, “Teenagers from Mars”*

Antigamente, os pintores possuíam um espelho de Claude, um vidro escuro e convexo utilizado para retratar paisagens. Esse espelho abstraía, aumentava ou diminuía as cores e tons vistos nele, em busca de um ideal pitoresco que existia bem longe do mundo real, em camadas e pedaços alternativos. Nos dias que sucederam meu encontro com o gato-demônio, era como se eu vivesse em um espelho de Claude.

Naquela noite, eu estava na sala dos Animais de Festa para minha seção de treinamento com Tales, e ficamos em um velho tapete no canto. Valentina assistia Meu Gato Endiabrado no Animal Planet e não se preocupava em olhar para nossa direção. O resto do pessoal também estava lá e Marina jogava tênis de mesa com Fred na sala que havia brotado ao lado. Eu começava a não me surpreender mais com a dinâmica de Gertrudes. A construção havia mudado suas cores e exibia um tema de noite estrelada, com direito a planetas fluorescentes pendurados no teto. De acordo com o lobisomem, a casa estava se sentindo feliz, o que era bom, porque em momentos de tristeza ela fazia chover por dias ininterruptos. Falácia Patética Imobiliária era o nome do evento em casas assim.

Tales colocou cinco velas na minha frente e pediu que eu me sentasse de pernas cruzadas no chão. Ele estava em sua forma original, com pele vermelha, chifres e pijama azul com bolinhas vermelhas. O jovem meio- demônio parecia estar sempre com sono, suas palavras vinham lentamente e ele me lembrava alguns daqueles

personagens interpretados por Seth Rogen e James Franco. Ele cruzou as pernas e prosseguiu na sua explicação.

– Rani, quero que você se concentre e use seus poderes para acender as velas. Não precisa de muito esforço, mantenha o objetivo em mente e verbalize sua intenção.

Assenti com a cabeça e fechei os olhos, tentando buscar o estado mental com o qual usei magia na biblioteca. Havia a diferença de que meus instintos gritavam para sobreviver quando Abigail decidiu que meu prazo de validade estava vencido, mas eu precisava aprender a usar meus poderes *antes* de uma surra. Estendi os dedos e permiti apenas minha intenção na borda da mente antes de murmurar:

– Fogo.

Houve um formigamento leve na ponta dos meus dedos e a sensação gostosa de calor no estômago, diferente e mais fraco do que o experimentado na biblioteca, mas suficiente para que eu sentisse um fluir de energia pelo meu corpo. Tales explicou que eu possuía uma espécie de radar xamã, que me avisaria sempre que alguma criatura sobrenatural estivesse perto, o que explicava o que senti ao encontrar Pietro no cemitério pela primeira vez. Abri os olhos e vi que três velas estavam acesas, assim como uma mecha de cabelo do meio-demônio, que apagou o incêndio com uma mão.

– Desleixado, mas funcional – disse ele. – Preciso que aprenda a focalizar o que deseja e isso depende de muito treino e esforço, okay? Não sei muito sobre os xamãs, por isso só poderei ajudá-la com os níveis básicos de magia. O resto você precisa desvendar sozinha ou com alguém que possa ensinar você.

– O que pode ser bem difícil, levando em consideração que xamãs não brotam em árvores – respondi.

– Tecnicamente falando, alguns realmente brotam em árvores, menina do cemitério – comentou Pietro, que ouvia nossa conversa da outra sala. – Mas não costumam ser bonitos.

Marina deixou Fred e Pietro jogarem e sentou-se perto de mim. Ela vestia uma camiseta do Stratovarius, saia preta e All Stars. Por um segundo, me questionei se já a tinha visto com alguma coisa colorida, e minha memória não encontrou referências. Ainda me lembrava de como as pessoas da escola diziam que eu era a esquisita e ela, a bruxa Elvira. Ri do pensamento e voltei minha atenção para Tales, que havia se levantado para pegar uma revista perto de Valentina. O garoto demônio voltou com um sorriso no rosto e jogou a publicação na minha frente.

Era uma revista grande, feito a *Rolling Stone*, e a capa tinha uma velha coberta de peles no meio da neve siberiana. *Sobrenatural em Dia* era o nome do periódico, número 3545 e com as manchetes em fontes enormes e vermelhas. *Xamãs: decifrados*.

*O que você sabe sobre eles? Uma entrevista com a mulher que orquestrou a revolta das orcas em 1985. Amazônia: O que eles pretendem fazer? A nova esposa de Haruki Watsuki, o xamã mais famoso do Japão. Faça um teste e descubra se você é um xamã.* Li as chamadas com um misto de surpresa e incredulidade. Eu já devia ter parado de me surpreender, mas uma revista de fofocas sobrenaturais era como assistir minha avó dançando tango no banho. Não deveria acontecer.

– Essa é a publicação mensal das três facções, o pessoal dos Invisíveis fica responsável por isso.

– Que é uma porcaria tendenciosa, diga-se de passagem – gritou Valentina, sem desviar os olhos da TV. – Eles disseram em uma edição que os Animais de Festa eram um circo e que eu sou antipática.

– Só ouvi verdades – disse Pietro.

Valentina olhou para o irmão e eu tinha certeza de que seus olhos transmitiam uma ameaça capaz de assustar até mesmo um dragão de Komodo. Tales estalou os dedos para chamar minha atenção e disse:

– Independentemente do seu valor jornalístico, acho que seria uma boa que conhecesse o panorama atual dos xamãs no mundo. Isso pode lhe dar uma ideia de como as coisas funcionam.

Folhee a revista e dei de ombros.

– Mais alguma coisa?

– Sim – respondeu Tales sem jeito. – Você precisa se tornar vegetariana, pra ontem. Se não fizer isso, seus poderes vão sumir.

Aquela última informação me atingiu de tal forma que não pude controlar o volume das minhas palavras seguintes.

– O QUÊ? Eu nem gosto de legumes! Isso é absurdo, Tales, você não manda uma pessoa abandonar sua pizza, lasanha e hambúrguer dessa maneira!

O garoto uniu as mãos em súplica e respondeu:

– Eu sei que é difícil, mas xamãs estão ligados a todos os seres vivos, e carne morta polui seus poderes. Pense dessa maneira: ao comer um bife você está colocando um cadáver na sua boca. Você até poderia comer, mas precisaria abater o bicho e fazer um ritual de desculpas e purificação que dura quatro dias.

Soltei um riso nervoso. Não havia muitas opções para que saísse daquilo com a esperança de comer um bife com batata frita no almoço. Batatas, talvez; bifês, nunca mais. Estiquei as pernas e suspirei resignada.

– Prepare-se para o verde – disse Marina. – Verde em dobro. Para proteger os bichinhos do nosso açafão, para unir os vegetarianos em alimentação. Para denunciar



os males do churrasco com amor. Para engolir soja até ver estrelas. Equipe Rani decolando na velocidade da luz! Renda-se agora ou prepare-se para mastigar!

Dei um soco no braço dela e me pus de pé, consciente de que estava com as duas pernas enfiadas naquele negócio de xamanismo e precisaria de muita força de vontade para sobreviver até o fim sem beliscar todos os quitutes que amava comer. Talvez isso fosse ainda mais complicado do que enfrentar um inimigo e ser atacada por Devoradores em uma biblioteca. Como se os céus já não soubessem que eu estava péssima, Pietro começou a cantar “Meat is Murder” o mais alto que podia.

**Esse é o hino vegetariano e a música que eu aprenderia a odiar por um longo período de tempo.**

## CAPÍTULO 12

### No more!

*Eu só escuto músicas tristes, tristes  
Eu só estou feliz quando chove  
Eu apenas sorrio no escuro.  
Garbage, "Only Happy When It Rains"*

Demos uma pausa no treinamento e decidi ficar no jardim aceitando minha nova condição alimentar. Não seria uma coisa fácil de levar, mas era como minha avó dizia: *Rani, faça isso de uma vez e não me incomode com reclamações.* O único ponto favorável era que eu havia acabado de me tornar uma sXe exemplar, e com mais um degrau estaria bem perto do krishna punk. Levei o exemplar de *Sobrenatural em Dia* e sentei-me no banco de madeira, observando a rua vazia além das grades da casa. O vizinho da frente tinha as luzes acesas e eu podia ver sua família reunida no sofá. Pais e mães felizes e alheios ao fato de que seus filhos poderiam ser devorados caso um equilíbrio muito tênue não fosse mantido.

**Ninguém acredita em mim quando digo que existe uma versão hare krishna do punk. A banda mais famosa do gênero é o Shelter, que, curiosamente, foi fundada por Ray Capps, o vocalista do Youth of Today, uma das bandas mais importantes do straight edge.**

Folheei a revista e parei em uma matéria sobre como um grupo de xamãs do gelo destruiu um baleeiro japonês, deixando que a tripulação ficasse à deriva no polo sul. Uma atitude extrema, mas que parecia justificada diante do fato de que aquele navio em particular havia matado mais de 550 baleias, metade do número que pretendiam. Os xamãs destruíram todos os motores, equipamentos de comunicação e construíram uma muralha de gelo ao redor dos baleeiros para que nunca mais saíssem dali. Eu não

desejaria aquele tipo de morte para ninguém, mas não sei se caçadores de baleias podem ser considerados humanos.

– Eu li essa matéria – disse uma voz atrás de mim. – Gosto de baleias, são mais inteligentes que pessoas. Uma boa parte se deve a Free Willy, eu amo aquele filme.

– Quem não ama?

Pietro sentou-se ao meu lado e cruzou as pernas, e o cheiro de xampu dos cabelos dele me atingiu no mesmo instante, uma mistura de sabonete de bebê com alguma coisa que não consegui distinguir. Pietro poderia ser um vampiro e todo o resto, mas aquele era um dos detalhes que me faziam orbitar sua presença sem o pânico de correr para longe.

– Você não se preocupa com nada? – perguntei. – Esse outro xamã e as coisas ao seu redor não parecem preocupar você de forma nenhuma.

Ele sorriu. O sorriso que faz as pessoas imaginarem que você está escondendo alguma coisa, que fazia covinhas surgirem em suas bochechas e que servia mais como uma forma de desviar do assunto do que um sinal de proximidade. Pietro sempre parecia surgir para mim com uma curiosidade, uma boneca russa sobre quem eu nunca saberia demais. Ele coçou a cabeça e respondeu:

– Me preocupar com o quê? Nunca quis ser o modelo de pessoa com quem sua mãe a compararia em um almoço de família. Não quero ser um idiota em uma carreira que paga bem e não quero um plano de saúde ou uma TV enorme para assistir a programas de auditório. Os Animais de Festa existem por esse motivo, um grito de *não dou a mínima* para todas as regras e facções do mundo humano ou não. Eu só quero curtir minha vida sem dar satisfações. Porque posso e porque ainda estarei aqui quando todos os homens de negócios estiverem apodrecendo e usando fraldas.

– Você não acha que as coisas deveriam ter algum sentido? Que deveríamos deixar alguma marca ou servir para alguma coisa?

– Nada faz sentido, nem os prédios, governos ou ideias. Tudo o que existe já aconteceu e irá acontecer outra vez. Não existe finalidade ou objetivo, o que podemos fazer é aproveitar agora, porque eventualmente tudo se repetirá em um tédio infinito.

Pietro se levantou e me estendeu a mão.

– Confie em mim, Rani. Quero mostrar a você uma coisa e acho que vai fazê-la entender um pouco de como enxergo o mundo.

Levantei-me segurando a mão fria dele. Meu coração batia um pouco mais depressa e saltava batidas pelo caminho, correndo desesperado feito um coelho perseguido. Meu cérebro repetia que aquilo era apenas meu sentido de xamã

respondendo à proximidade de outra criatura sobrenatural, uma explicação na qual eu *quis* acreditar.

– Feche os olhos, por favor – ele pediu.

Obedeci relutante enquanto a mão dele afagava meus cabelos até chegar à testa. Eu nunca havia ficado tão perto de um garoto antes. Respirei fundo e permaneci de olhos fechados. Nada aconteceu de imediato, mas uma pequena imagem começou a se formar em minha mente: uma praia ensolarada e várias pessoas em roupas de banho muito antigas; a maresia vinha forte, empurrada por um vento leve e preguiçoso que vinha de algum ponto daquele mar de azul dentro de azul. Vozes em francês discutiam e um cachorro não parava de latir. Minha visão focou-se na mulher sentada debaixo de um enorme guarda-sol vermelho. Os longos cabelos pretos dela esvoaçavam e ela sorria para a garotinha loira em seus braços. A mulher parecia contente e falava para que alguém entrasse na água, aproveitasse o dia; eram as palavras dela, “porque o sol vai embora daqui a pouco”.

– Hora de voltar para casa, menina do cemitério.

Tudo se tornou escuro e meus olhos se abriram para encontrar um Pietro de sorriso forçado no rosto.

– O que eu acabei de ver?

– As memórias mais antigas que eu tenho. Férias na Riviera Francesa, minha mãe, e a criança nos braços dela é minha irmã.

– Por que você me mostrou isso?

Pietro ficou de costas e respondeu:

– Não dá pra notar? Os Animais de Festa representam exatamente isso, um dia na praia. Sem preocupações ou deveres. Não sou tão velho quanto você pensa, noventa por cento do meu coração ainda precisa amadurecer direito. Sou apenas um adolescente, por mais tempo que tenha vivido em relação aos outros.

Foi minha vez de colocar a mão sobre o ombro dele e responder:

– Lamento informar, mas não acho que o coração seja uma coisa que amadureça. Na verdade, acho que ele é pickles em conserva.

O garoto riu, e aquilo parecia a primeira risada de um bebê.

– Corações de pepino no supermercado mais próximo. A propósito, você está convidada a ir comigo à praia da próxima vez. Poderia usar outro par de mãos na coleta de conchas.

– Isso é um convite para um encontro, senhor Pietro?

– É um convite estritamente profissional, madame.

– Avise com dois meses de antecedência e eu talvez pense no assunto.

Ele fez uma mesura antes de responder em um tom de mordomo.

– Sim, senhora.

Pietro enfiou as mãos no bolso e saiu na direção da casa. Andava como um garoto que veste um paletó duas vezes maior. Não voltou o olhar nenhuma vez e, em um piscar de olhos, suas calças verdes já haviam sumido da minha frente. Balancei a cabeça de um lado para o outro e admiti que havia algo no garoto que capturava um cubinho de minha curiosidade. Soltei um suspiro e voltei a me sentar no banco, e foi somente após alguns minutos que notei o bombom rosa ao meu lado, do mesmo tipo que surgiu misteriosamente na minha mochila. Segurei a bolinha de celofane brilhante entre os dedos e, com um pequeno sorriso, murmurei:

– Pelo menos isso eu posso comer.

## REGRAS PARA SER UM ANIMAL DE FESTA

- 1 - Seja bacana, não seja banana.
- 2 - Humanos são amigos, não comida.
- 3 - Tenha um dinossauro favorito.
- 4 - Seja incrível uma vez por semana.
- 5 - Não engula sapos. Sério!
- 6 - Não ligue para o que os outros pensam.
- 7 - Coma frutas e legumes.
- 8 - Seja inusitado quando tudo for normal.
- 9 - Use pijamas com mais frequência.
- 10 - Nunca respeite uma regra idiota.

Li e concordo com os termos

X \_\_\_\_\_

## CAPÍTULO 13

# Poemas tristes e festas

*Vamos dançar Joy Division  
E celebrar a ironia,  
Tudo está dando errado,  
Mas estamos tão felizes.*

The Wombats, “Let’s Dance To Joy Division”

Estávamos lá reunidos, como estavam em Jerusalém. A aula de Literatura era uma das minhas favoritas, não só pelo fato de eu gostar de livros, mas porque aprendia coisas úteis ao estudar poesia, truques e combinações que eu podia levar até para as minhas músicas, uma rima toante aqui ou uma aliteração ali. Sílvia, nossa professora, já era uma mulher de idade, roliça e de pele rosada, com curtos cabelos loiros. Ela falava tão devagar que eu tinha certeza de que era o tipo de pessoa que preencheria formulários em cinco vias antes de morrer.

A aula falava sobre Romantismo.

Olhei para Marina, que estava escondida nos fundos para cochilar, e fiz as últimas anotações em meu caderno. A professora sempre nos passava um bocado de coisa para lermos em casa e exigia que escrevêssemos ao menos um parágrafo sobre a leitura. O único problema era que aquele dia seria diferente; deveríamos ter elaborado um texto e apresentado para toda a sala. Eu tinha o poema “Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo.

Tratei de cuidar rapidamente da minha parte, dizendo que o eu lírico ficaria muito feliz se morresse no dia seguinte, um pouco triste por causa da mãe e da irmã, mas que morrer seria legal e todo o sofrimento de sua vida acabaria. Eu não falei exatamente assim, mas do jeito que professores gostam, com um monte de palavras enormes e associações.

Sempre achei interessante que as pessoas de antigamente, com poucos anos a mais que eu, já haviam feito muito mais. Como Rimbaud! Eu gostava de Rimbaud, criando as melhores poesias de sua época aos 15 anos de idade. Mozart já havia composto mais aos 14 anos do que eu iria conseguir aos 30. Não acho que fui excelente, mas Sílvia pareceu gostar e se absteve de fazer comentários demais.

– Eu conheci o cara, sabia? – disse Pietro quando me sentei. – Um dos mais legais que já vi, deprimido e falando de morte, mas fazia parte do nosso grupo. Eu sinto falta dele, acho. Devo sentir falta de quase todo mundo.

Ouvi Pietro terminar aquilo com uma pequena risada e me virei para conversar com ele. Seus olhos estavam fundos e com olheiras; também notei que estava com a camisa do uniforme, embora usasse uma calça verde limão e seus cabelos estivessem uma bagunça. Esperei até que outro aluno começasse sua apresentação para que eu conversasse sem perder ponto de participação.

– Quantos anos você tem de verdade, Pietro?

– Alguns, menina do cemitério. E poucos ao mesmo tempo. Esse é o problema de ter sido transformado com minha idade: sempre jovem, nunca maduro. Sou como Peter Pan adolescente. – Fez uma pausa. – Acho que estou devaneando. Vamos ao que é importante: Fred sabe onde está o espírito que seu amigo gato mencionou, escondido no topo do Bonfim. Ele e Tales descobriram níveis de partículas mágicas concentradas.

Uma onda ruim navegou pelo meu estômago. A primeira missão como xamã batia à minha porta e eu não sabia como atender.

Olhei para o aluno que apresentava sua interpretação do poema, um sortudo que não tinha noção de sua felicidade. Todas as pessoas daquela sala, desde o estudioso em silêncio na minha frente até o pessoal dos fundos, nenhuma delas poderia imaginar que estavam rodeadas de companhias inesperadas.

Eu conhecia o lugar que Pietro mencionou. Ficava na saída da cidade e era um dos pontos mais altos da região. Todo ano, as pessoas costumavam subir aquilo de madrugada perto da Páscoa, em algum tipo de tradição religiosa municipal. Fui levada pelo meu avô até lá em uma dessas procissões, embora fôssemos uma família de ateus praticantes. Ele dizia que era importante conhecer a cultura das outras pessoas e da cidade. A memória que permaneceu foi a de uma trilha cheia de barro, galhos espinhentos e aranhas peludas.

– Certo – respondi. – E quando eu vou até lá?

Pietro sorriu.

– Amanhã, porque hoje é sua festa de debutante na sociedade mágica. Pessoas importantes das facções estarão aqui para te conhecer. Os velhos estão curiosos com



uma nova xamã aparecendo no meio dos acontecimentos.

Então havia algo pior que capturar espíritos no meio do mato. Eu odiava festas; na verdade, odiava qualquer tipo de evento social em que eu precisasse conversar à toa. Tanto odiava isso que preferi que todo o dinheiro da minha festa de 15 anos fosse revertido em instrumentos musicais e em uma viagem à Inglaterra. Não. A pouca felicidade da minha vida provia em parte da filiação no PMN (Partido Misantrópico Nacional). Tirar isso de mim seria como cortar o Eddie fora do Iron Maiden.

– Não passou pela sua cabeça me avisar isso com antecedência? – perguntei com o humor de uma hiena mortalmente ferida.

– Estava ocupado e acabei me esquecendo. Não se preocupe, pedi pra Valentina te ajudar com os detalhes à tarde. Conseguimos até uma roupa pra você.

Nenhuma palavra saiu da minha boca. Como se uma reunião surpresa não fosse o bastante, ficar ao lado de Valentina durante uma tarde inteira era como ser mordida no umbigo por uma cascavel. Eu me preparei para verbalizar aquilo, mas aplausos nos indicaram que outra pessoa havia terminado de se apresentar e nós precisávamos ficar em silêncio antes que a professora nos pegasse. Israel, um garoto baixinho e de cabelos espetados cor de palha, foi quem se apresentou logo em seguida. Ele falava sobre um poema chamado “Adeus, meus sonhos!”, e eu tinha certeza de que os versos haviam sido inspirados em minha vida:

*Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!  
Não levo da existência uma saudade!  
E tanta vida que meu peito enchia  
Morreu na minha triste mocidade.*

Quando eu tinha certeza de que a professora estava distraída avaliando outro sofredor, falei com Pietro:

– Isso não poderia esperar um pouco mais? Sei lá, não é como se uma festa estivesse na minha lista de prioridades.

O garoto vampiro repuxou o canto dos lábios e seu semblante tornou-se escuro. Era o tipo de expressão que eu via em meu pai quando ele tinha que me dar notícias ruins, como quando ele e minha mãe se divorciaram ou quando nosso cachorro de estimação foi atropelado. Pietro alisou o cabelo com as mãos e respondeu:

– Pessoas estão morrendo, Rani. Os Animais de Festa odeiam as outras facções e o desprezo é mútuo – ele fez uma pausa e olhou para o alto antes de continuar. – Mas vamos nos tolerar por algumas horas para descobrir o que fazer a seu respeito e como

protegê-la se Aiba chegar aqui. Pense da seguinte maneira: um ingresso grátis para a reunião familiar disfuncional.

Aquelas palavras me fizeram avaliar a situação sob uma nova perspectiva. Além de Graúna havia um mundo em que coisas grandes aconteciam, onde pessoas tentavam sobreviver no que era novidade para mim. Eu não sabia por que Aiba se empenhava tanto em nos expulsar da existência, mas estava certa de que uma hora ou outra aquilo desabaria no meu quintal, sobre a cabeça dos meus pais, da minha melhor amiga e de pessoas que eu não conhecia.

Fiquei estarecida com a certeza de que havia uma pessoa lá fora disposta a destruir tudo o que era importante para mim.

## CAPÍTULO 14

### Uma visita

*Nas profundezas da hora escura*

*Seu brilho em mim*

*Mostra o caminho para o alto*

*Fazer o que é certo.*

Anette Olzon, “*Watching Me From Afar*”

Liguei para meu pai avisando que não almoçaria em casa. Tinha decidido passar na casa dos meus avós e estaria de volta antes das 2 da tarde.

A última aula daquela quinta-feira foi de Inglês com a pior professora da escola, uma mulher que ensinava as mesmas coisas desde sempre e pronunciava as palavras da forma mais errada possível. Me despedi de Marina e Pietro pouco antes da saída e segui o caminho oposto. A casa dos meus avós era bem perto, bastava seguir a rua da escola por uns cinco minutos e a Praça João Pessoa a encararia de volta. Era um dos lugares mais quietos da cidade, embora fosse rente ao centro. Havia árvores, grama, bancos, uma velha locomotiva sempre em exibição e atrás dela estava o Museu Municipal Francisco Manoel Franco. Um nome gigantesco para um lugar pequeno e com poucas coisas.

Meus avós moravam em um prediozinho azul de seis andares na frente daquilo tudo. Minha avó odiava a região e sempre comentava sobre o desejo de se mudar para o litoral, mas o velho era irredutível. Eu cheguei lá às 11h40 da manhã, toquei o interfone e a voz da empregada atendeu perguntando quem era. Respondi bem rápido e a porta de metal se abriu com um barulho. Segui até o elevador e entrei junto com um casal do terceiro andar.

Quando o elevador finalmente parou no último andar, minha avó já esperava na porta. Vovó Serena era bem diferente do meu avô. Neta de alemães, tinha a pele branca igual leite e a cabeça muito grisalha, e seus óculos eram redondinhos e

dourados. Toda a sua aparência gritava **SOU UMA AVÓ QUE FAZ BOLINHOS**, mas a verdade era bem diferente disso. Ela foi jornalista na capital durante muitos anos e trabalhou para vários jornais importantes. Meu pai contou que ela chegou a ser presa durante a ditadura e que viveu na França por uns dois anos por causa daquilo. Meus avós viviam discutindo coisas de política e Karl Marx e Simone de Beauvoir. Sério, a maioria das crianças ganha doces e cafunés de seus avós, mas eu ganhei *A vida de Marie Curie para crianças de todas as idades*, *Entendendo o Big Bang e os dinossauros* e *Shakespeare para crianças*.

Ela me deu um abraço bem apertado e disse o quanto estava surpresa por eu aparecer assim tão de repente.

– Resolvi aproveitar a folga. Os Jogos Estudantis estão chegando e depois tem a semana de provas, vou ficar meio sem tempo pra visitar vocês – menti ao entrar.

A casa dos meus avós era o lugar mais limpo e organizado do mundo; meu pai puxou sua mania dali. E a gente precisava tirar os sapatos quando entrasse para não atrapalhar o Feng Shui. Estantes, pinturas, discos, fotografias e artesanato estavam em todos os cantos. Cumprimentei Margarida, a empregada que trabalhava ali desde que eu era criança, ocupada em fazer o almoço e ouvindo rádio.

– Onde está o vovô? – perguntei enquanto mexia em uma escultura de pedra-sabão.

– Pescando no quartinho, você sabe como ele é.

– O pior é que eu sei. Eu li sua coluna no jornal, papai disse que você deveria criar juízo em vez de fazer loucuras.

Minha avó riu bem alto e balançou a cabeça. Acho que ela nunca aceitou o fato de meu pai ter se assumido uma pessoa normal. Ela tinha uma coluna em um jornal estadual e iria participar de uma manifestação contra a crueldade animal em Berlim. Da última vez em que ela fez algo do tipo, meu avô precisou tirá-la da cadeia por ter pichado algo obsceno na Prefeitura de Graúna.

– O Marcel sempre foi muito careta. Poderia ter saído pior, você sabe, mas era sem gracinha desde criança, responsável, com a camisa abotoada até o pescoço.

Quando minha avó dizia *ter saído pior*, isso se referia à minha tia Cláudia, a ovelha negra do rebanho Paleta. Era a única que cresceu para se tornar uma pessoa absurdamente inconveniente e que sempre falava que as bandas que eu ouvia eram do demônio e que eu deveria me casar com um homem rico. Deixei minha avó na sala e fui até o quartinho dos fundos, onde encontrei meu avô na sacada com uma vara de pescar em sua cadeira de balanço.

– Você chegou bem na hora, Rani, bem na hora.

– Pegou alguma coisa?

– Um pouco de Shakespeare e outro tanto de Drummond. Guimarães Rosa continua fugindo.

Por algum motivo que ninguém entendia, meu avô gostava de ficar por ali pescando ideias para seus artigos acadêmicos. Sentava e permitia que as horas caíssem umas sobre as outras sem a menor dificuldade. A vara e a linha sem anzol. Aquele quarto com sacada pertenceu ao meu pai, e minha avó deixou que os netos fizessem de tudo com ele; era por esse motivo que as paredes estavam completamente cobertas com desenhos feitos por mim e por minhas primas com giz de cera, além de livros infantis e jogos de tabuleiro.

Meu avô se levantou e veio me abraçar. Era um homem enorme com uma barriga enorme, pele escura, que não tinha um fio de cabelo e usava uma boina que definitivamente não combinava com os suspensórios e a calça xadrez. O epítome daquilo que não era estilo.

– O que traz minha neta favorita até aqui? – perguntou, voltando à sua cadeira.

– Sei que você diz isso pra todas – respondi, enquanto me jogava em cima das almofadas que ficavam por ali. – Estou com alguns problemas, vovô. Um monte de coisas acontecendo e não sei direito o que fazer, sabe? Se eu fugir, os problemas irão envolver mais pessoas que o necessário, e se eu brigar pode ser que nem chegue inteira ao final.

Ele me olhou pensativo e voltou a segurar a vara de pescar. O bom de conversar com meu avô é que ele era como um monge budista, sempre devagar e nunca perdia a paciência; ao contrário do meu pai, sempre ocupado e correndo.

– Sofrer pedradas e flechadas ou se insurgir contra um mar de problemas? Eis a questão, Rani. Shakespeare tem uma resposta para tudo, não é? Tentei explicar isso para seu pai durante a vida inteira e ele me sai um leitor de franceses. Querida, lembra quando eu te contei a história de Hamlet? Sabe qual é a diferença principal entre o príncipe da Dinamarca e Fortimbrás?

– Um deles não cai morto no fim da peça?

– Podemos dizer que essa é uma das vias – respondeu ele. – A diferença é que Hamlet passa tempo demais pensando no que fazer e não faz porcaria nenhuma. Fortimbrás é recompensado por fazer as coisas acontecerem em vez de questionar se deveria sofrer ou lutar. O mundo não é bom pra alguém estacionado, Rani. Então, se existe algo para ser feito, por mais difícil que seja, faça-o... mesmo que seja algo impossível, como ensinar sua avó a cozinhar.

– Ele deveria escrever um livro de autoajuda, esse Shakespeare venderia horrores.

– Meu melhor amigo desde sempre, Rani. Acredito que você irá tomar a decisão correta. Tudo o que precisa é acreditar na razão e no discernimento dentro de você.

Nós temos um cérebro gigantesco que serve para solucionar problemas e interpretar o mundo. Se não fosse isso, e se fôssemos incapazes de questionar, ainda estaríamos na Idade Média.

Não respondi e fui até a borda, deixando que meus olhos buscassem a copa das árvores. Não compreendia a razão de meu avô passar horas com vara e anzol em uma janela, mas acho que tudo fez sentido naquele segundo. Nunca conseguiria novas soluções se fizesse as coisas do jeito comum, assim como ele nunca conseguiria analisar textos antiquíssimos usando os métodos convencionais. Eu não poderia fugir do mundo sobrenatural que me rodeava e das questões que apenas eu poderia resolver. Estava na hora de ser um pouco mais como Fortimbrás, pensei, e lutar de verdade, sem reclamar pelos cantos feito Hamlet. Era como aquela regra dos Animais de Festa: *Seja inusitado quando tudo for normal*.

– É, acho que você está certo, vovô – disse sem tirar os olhos lá de baixo.

– Claro que estou certo, minha neta. Rani, só para eu entender, a gente estava falando de um namoradinho, não é? Sempre fui um ótimo conselheiro amoroso.

***Você não sabe de nada, Jon Snow.***

Eu dei de ombros e saí bem rápido de perto dele, torcendo para que minha avó precisasse de ajuda para colocar os pratos na mesa.

## CAPÍTULO 15

# Reconstrução total

*Vão dar um trato no seu visual,  
Com todas as mentiras dos livros,  
Para transformá-lo em um cidadão.*  
My Chemical Romance, “Teenagers”

O tempo parecia ter voado desde que conversei com Pietro na escola. A campainha de casa tocou exatamente às 3 da tarde e eu sabia que o inferno estava na minha porta. Larguei a guitarra sobre a cama e saí arrastando os pés descalços pelo chão. Desci as escadas e fiquei triplamente triste ao ver meu pai com um milhão de plantas e projetos na mesa da cozinha, um sinal de que trabalharia em casa pelo resto do dia, o que não era bom. Ele estava ouvindo Velvet Underground no rádio e nem reparou quando cruzei a sala de estar.

Respirei bem fundo e abri a porta para encontrar Mari e Valentina paradas ali. A vampira carregava duas sacolas grandes e tinha o ânimo de uma lontra morta. Agradei ao Monstro do Espaguete Voador pela presença de Marina. Fui obrigada a implorar que ela estivesse junto comigo, afinal, aguentar a irmã de Pietro sem ninguém ao meu lado seria um dos momentos mais constrangedores da minha vida.

– Vamos acabar com isso de uma vez e nos separar o mais rápido possível – disse a vampira.

Valentina já entrava quando coloquei meu braço no batente da porta e barrei o caminho. Ela me olhou com uma dose cavalgar de desprezo, mas não me importei e disse:

– Meu pai está aqui e ele não pode desconfiar de nada. Sem coisas sobrenaturais ou caninos afiados nesta casa. É isso ou você vai precisar de próteses dentárias.

– Prometi ao meu irmão que não mataria ninguém esta semana. Entretanto, o acordo não mencionava nada sobre aleijamento, por isso, tire esse braço da minha

frente e deixe-me fazer meu serviço, bruxinha.

Pensei em rebater, mas não podia correr o risco de ter meu pai ouvindo. Segurei toda a antipatia que eu sentia pela outra e abri caminho. Mari veio logo depois e trocamos um olhar que significava: *Boa sorte para nós*. Fechei a porta e caminhamos em silêncio, mas meu pai tirou a cabeça dos seus papéis naquele exato momento e nos avistou.

– Olá, meninas! Mari, já faz muito tempo que não te vejo aqui. Não conheço sua outra amiga, qual o nome dela?

Existe uma coisa que é impossível não odiar no meu pai: seu talento para a vergonha e o constrangimento alheio. Ele sempre fazia questão de ficar conversando com minhas amigas e falando mil coisas que ninguém fazia a mínima questão de ouvir. Fiz um sinal para que Marina empurrasse a outra para longe dali e falei:

– O nome dela é Valentina, pai. Ela e o irmão são novatos e ela se ofereceu para me ajudar com as roupas de uma festinha da sala hoje. Não se preocupe, vou estar em casa antes das nove da noite.

Ele se virou imediatamente, mas corri dali o mais rápido possível e fechei a porta do quarto. Meus pais eram chatos com esse negócio de escola, por isso era quase impossível sair de casa nos dias úteis. Marina jogou-se na minha cama como de costume e a outra garota ficou perto da janela com as sacolas aos seus pés, observando as paredes repletas de pôsteres: Nightwish, Toxic Holocaust, The Agonist, Helloween, Angra e Plumtree coexistindo em paz sobre o branco. Também minha surrada Gibson Les Paul Jr no suporte, as duas caixas de som, os mais de duzentos CDs e livros, pilhas das revistas Rolling Stones e Roadie Crew, a bateria escondida sob um edredom sujo e centenas de cabos. Valentina possuía o mesmo olhar que minha tia empregava quando aparecia.

– Bruxinha, está na hora de parecer gente – disse ela. – Quanto mais cedo começarmos, mais cedo eu saio daqui. Não acho que meu irmão te contou exatamente o que eu faço, não é?

– Você faz alguma outra coisa além de ser chata? – disse Marina fingindo surpresa.

Fui obrigada a rir daquilo, mas a vampira simplesmente nos olhou com uma cara muito feia e murmurou algum xingamento. Uma parte de mim ficava bem feliz ao ver que a pose da outra garota havia se desmanchado por um breve segundo deixando-a com a expressão de um rosto constipado.

– Não, Valentina. Seu irmão não disse o que você faz – respondi ainda me segurando para não continuar a rir dela. – Tales também não falou nada quando fui à sua casa.



A vampira sentou-se em uma das caixas de som e pude ouvir pedaços do meu coração se partindo. Embora meu quarto fosse uma bagunça generalizada, meus equipamentos e discos e livros eram tratados como filhos. Minha mãe dizia que eu precisava aprender a ser mais organizada e feminina, que as filhas de amigas mantinham tudo em seu devido lugar, mas eu nunca dei bola para isso.

– Eu sou a Mediadora de Castas. Faço relações públicas e negócios dos Animais de Festa com outras facções – começou ela. – Os velhos não gostam de você e a noite de hoje é apenas uma desculpa para intimidá-la.

– Eles nem me conhecem!

Valentina olhou para Mari e perguntou se eu era idiota assim o tempo todo. Foi preciso todo o esforço do mundo para que eu não incendiasse aquela sanguessuga do inferno. Fiquei imaginando por que Pietro não podia me ajudar com aquilo; estava na cara que a outra odiava cada uma das minhas células. Um sentimento recíproco.

– Vocês não sabem muita coisa. Nosso mundo existe em um equilíbrio fino e ameaçado por inimigos externos e guerras internas. Graúna é uma cidade sem importância, que se tornou o centro das atenções por sua causa – disse ela, apontando para mim. – Ter um xamã em suas fileiras é uma posse importante, principalmente quando vocês estão morrendo feito moscas por aí. É isso que tentarão fazer, te recrutar.

Marina, que estava brincando de tocar “Angel of Death” na minha bateria, levantou-se em um pulo e perguntou:

– Quer dizer que a Rani é só uma *posse*? Feito cartinhas em um jogo de Banco Imobiliário?

Valentina inclinou levemente a cabeça para o lado e respondeu em um tom simplista:

– Todos somos peças em um jogo de interesses. A diferença é que pessoas morrem se errarmos. Cada facção segue uma linha ideológica. A Corte das Linhas acredita que somos melhores que os humanos e temos o dever de reinar sobre eles. A palavra genocídio aparece de vez em quando. Os Invisíveis são exatamente isso, só que infiltrados em todas as fileiras de poder e cheios de anos nas costas.

Eu cruzei os braços e imaginei quantos políticos e homens de negócios eram ilustres membros daquela facção; alguns nomes bem conhecidos surgiram na minha mente.

**Ou seja, é um nome bonito para o departamento de marketing do mundo sobrenatural. Gostaria de saber se os estagiários do outro lado costumam sofrer tanto quanto os nossos.**

– Os Animais de Festa são, de acordo com os outros, tudo o que há de errado. Jovens transformados cedo demais, como eu e Pietro, ou que manifestaram suas habilidades antes do tempo certo, feito você. Somos imprevisíveis e não respeitamos autoridades. Perdedores adeptos da desobediência civil.

Aquilo deu uma volta na minha cabeça e precisei me sentar para colocar a situação em perspectiva. Era difícil imaginar quão grande o mundo sobrenatural ficava a cada momento. Pietro havia comentado sobre outros grupos, mas nunca imaginei que o mundo sobrenatural estivesse tão entremeado no meu. Pensei na Graúna que eu conhecia antes dos Animais de Festa, na prainha apinhada de pessoas comuns, na escola que nunca mais seria a mesma e no cheiro das ruas. Nada seria como antes.

– E eles não gostam dela porque ela está com vocês – concluiu Marina. – Logo, os velhos desejam fazer com que Rani se junte ao grupo deles, não é?

– Bom saber que alguém entendeu. Ela não foi sondada por nenhum deles antes porque esse território é nosso e eles precisavam esperar até que o mundo espiritual reconhecesse Rani como aliada. Mas isso já aconteceu, não é? E hoje você conhecerá o *jet set* do mal; é por isso que estou aqui, para me assegurar que se vista adequadamente para a pior noite da sua vida, bruxinha.

Troquei um olhar demorado com Marina e fiquei imaginando o que estaria à minha espera naquela reunião. Era ainda pior não poder levar minha melhor amiga junto; afinal, os outros membros não seriam indiferentes aos costumes, feito Pietro e o resto da turma. Fiquei ali com minha surpresa e choque enquanto Valentina abria as sacolas que havia trazido. Eu mal podia acreditar nas coisas que começavam a brotar dali: roupas e mais roupas e mais cosméticos do que eu jamais tinha visto em toda minha vida.

Deixei que meu maxilar despencasse duzentos metros e torci para que um Devorador levasse meu fígado naquele instante. Seria bem menos dolorido que os prospectos futuros.

– Agora é a pior parte, Rani – disse Mari com um sorriso. – Ela vai te transformar em uma debutante espiritual.

## CAPÍTULO 16

# A festa

*Você não pondera às vezes?*

*Acerca do som e da visão.*

David Bowie, “*Sound and Vision*”

Gertrudes havia se decorado com luzes brilhantes. Alguns carros ocupavam nosso lado da rua e dois seguranças enormes cuidavam da entrada. Eu e Valentina descemos do táxi e fomos naquela direção, cada passo mais desconfortável que o outro. Odiava a roupa na qual a vampira me enfiara e cada centímetro de pele reclamava sem parar. Um vestido roxo curto demais para meu gosto, uma jaqueta jeans, uma boina preta estilo francesa e um par de saltos pretos. Sempre odiei saltos! A outra garota disse que aquelas eram as cores dos Animais de Festa e que eu precisaria exibi-las naquela noite. Também é preciso admitir que Valentina estava muito mais bonita que qualquer outra pessoa da cidade. Seus cabelos estavam soltos e voavam como um daqueles comerciais de xampu; seu vestido roxo era bem longo e tinha um rasgo na lateral que exibia sua perna, e a bolsa preta ia discreta no seu ombro. Até meu pai ficou surpreso com o quanto estávamos bem arrumadas e disse que eu precisava estar em casa antes das 9 horas.

Passei pelos seguranças e fui até a entrada. Valentina dava as últimas dicas sobre como me portar ou responder perguntas. Outros vampiros me olharam da cabeça aos pés, assim como um garoto com chifres na cabeça, cujos pés não tocavam o chão. Era Rômulo Vargas, um torturador espiritual que trabalhava para a Corte das Linhas, explicou a vampira. Fiquei imaginando quanto tempo Tales gastou criando o feitiço que impedia as pessoas comuns de enxergarem o que acontecia de verdade nos jardins; se alguém pudesse ver tais convidados, o mundo entraria em pânico.

– Aconteça o que acontecer, não deixe que Iago descubra muito sobre você – disse ela enquanto entrávamos.

– Quem é o cara?

– O líder dos Invisíveis e Cardeal da Guerra. É ele quem vai presidir a reunião esta noite. O governador não costuma sair do palácio.

**A parte mais surpreendente foi descobrir que havia um governador no topo de tudo.**

Valentina foi me puxando para dentro. O interior da casa abrigava uns poucos convidados. A geografia do lugar havia sido modificada para acomodar todos: paredes estavam esticadas, novas salas haviam brotado, novos grafites surgiram e as escadas formavam duas espirais que subiam para espaços inexistentes até o dia anterior. Havia música baixa e um grupo de mortos-vivos reclamava da falta de verossimilhança em filmes de zumbi. Prestei bastante atenção naquilo porque Marina certamente perguntaria sobre os detalhes.

Já estávamos subindo as escadas quando vimos Fred correndo até nós. Ele saltava degraus e tinha uma expressão de pânico no rosto. Assim como parte dos convidados, ele estava de roxo e preto, mas tinha um gorro vermelho de lã que realmente chamava a atenção. O rosto estava coberto de suor e carregava uma enorme garrafa de refrigerante de uva.

O cientista se colocou ao meu lado e disse:

– Vocês estão atrasadas, os velhos já estão na sala de conferência e Pietro não sabe mais o que fazer para enrolá-los. E a propósito, Valentina...

– O quê?

– Giovani me disse que *aquela* pessoa está aqui – a voz dele tremia como se temesse uma represália infinita. – Achei que você precisava saber, mas existe a possibilidade de ele ter se confundido. É um gato de Schrödinger, tanto pode ser quanto não ser. E se você pensar pelo lado positivo, já consegui cinco amostras de DNA, isso é um avanço para a ciência mágica.

Valentina estreitou os olhos e continuou o caminho sem responder ao garoto, que ficou para trás. Ela apenas segurou no meu punho e deu passos mais longos do que eu podia acompanhar. A vampira usava mais força que o necessário e eu estava certa de que mais um minuto daquilo e meus ossos poderiam ser reunidos com uma pá.

– Eles tentarão te intimidar, aqueles bolos de naftalina – rosnou ela. – Se um garoto chamado Jefferson disser alguma bobagem, sintá-se à vontade para incinerá-lo.

– Quem é ele? – perguntei.

– Meu ex-namorado.

Assenti com a cabeça e continuei. Eu sentia uma onda de frio incontrollável sobre meu corpo e um aperto no peito. A casa recheada de atividade paranormal fritava meu termômetro xamã, e era como a sensação que tive ao ver Pietro pela primeira

vez, só que multiplicada por mil. Subimos mais degraus até o quarto andar, onde tudo estava na mais absoluta paz e nem um fiapo de som penetrava.

– Nenhuma estupidez, bruxinha – alertou Valentina em sua delicadeza característica. – Espero que se lembre das...

– Não abrir a boca até que alguém me dirija a palavra e não revelar nenhum detalhe que possa ser usado contra nós.

O corredor era diferente do resto da casa e havia sido construído especificamente para aquele momento. Um tapete vermelho se esticava até a única porta branca no fundo, as lâmpadas eram fracas e não havia nenhuma pichação ou rabisco nas paredes. Apenas guardas em roupas vermelhas e pretas que me faziam pensar em soldados nazistas da Segunda Guerra Mundial, com máscaras de gás e rifles em suas mãos.

– Legisladores. São a guarda real da Corte das Linhas – murmurou Valentina, enquanto passávamos no meio deles. – Não encare, simplesmente continue.

A porta abriu-se sozinha quando nos aproximamos. Abri e fechei as mãos em punho repetidas vezes antes de entrar naquela sala. Não havia mais escapatória.

Fui recebida por uma pancada de fumaça no rosto. Era um espaço enorme com uma enorme mesa de madeira, sofás, estantes abarrotadas de livros e mapas. As cortinas roxas estavam cerradas e na parede dos fundos havia a pintura de um porquinho-da-índia com asas. Fred havia me contado que os Animais de Festa haviam escolhido aquele animal pela oportunidade de irritar as outras facções, que exibiam um leão e um dragão como emblemas. Bem, eu era da opinião de que porquinhos-da-Índia eram bem dignos.

Escutei o barulho de algo se fechando atrás de mim. O cheiro de nicotina me fez espirrar e precisei tampar o nariz. Cigarros e fumantes eram duas coisas que eu não compreendia em pleno século XXI, com o cheiro que ficava impregnado na pele e nos cabelos, o hálito medonho mesmo sob uma tonelada de pastilhas de hortelã e os dentes amarelados.

Mas eu entendia aqueles reunidos na sala ainda menos que os tabagistas: Pietro e outros a quem poucos enviariam cartões de Natal. Identifiquei a maior parte deles pelas descrições que Valentina me fez. A negra de terninho preto e olhos azuis com uma máquina de escrever era Sarana, Secretária dos Direitos. No canto mais distante da sala estava um homem pálido de ossos protuberantes, óculos escuros, dentes podres e um

**Meu repertório sobrenatural era pequeno, mas por sorte Valentina havia me dado um pequeno guia dos convidados. Iago era um necromante, tipo de mago que mexe com mortos. Sarana era uma filha de Wendigo. Jefferson era um mago com inclinações acadêmicas, sabe-se lá o que isso significa.**

charuto na boca. Era Iago, Cardeal da Guerra e representante do governo.

Pietro fez um sinal para eu me sentar ao lado dele no sofá perto da janela e dali eu tive uma visão melhor do outro convidado. Era um garoto pouco mais velho que eu, que tinha os cabelos brancos bem curtos, brinco na orelha esquerda e traços orientais tão suaves e delineados que poderia ser tomado por uma garota em um primeiro encontro de olhos. A expressão exibida por Valentina me indicava que se tratava de Jefferson, seu ex-namorado do mal.

Os presentes acompanhavam cada movimento meu, e eu era uma gota de sangue em um tanque de tubarões. Alguns sussurros correram aqui e ali, olhos apontados na minha direção e um Pietro que não conseguia disfarçar o descontentamento.

O som de uma colher contra uma taça de vidro chamou a atenção dos convidados.

– A xamã se encontra presente – disse o cardeal de ossos protuberantes. – Está na hora de discutirmos coisas importantes. Eu declaro o conclave aberto.

## CAPÍTULO 17

# Teto não familiar

*É apenas aquela vida social  
Ela te pegou no caminho  
Aquele maldita vida social  
Tortura vestida de diversão.  
Iggy Pop, “Social Life”*

Olhei minhas unhas pintadas de preto, um milagre que Marina havia orquestrado. Pietro me cutucou e minha atenção se voltou aos convidados. Havia uma tensão perceptível no ar e eu conseguia ver os sinais de desconforto convergindo no rosto de cada um dos presentes. Iago abriu os braços, magnânimo, e disse:

– É um prazer encontrar meus irmãos e irmãs aqui presentes. Também agradeço a gentileza dos *jovens* em organizar o encontro – aquilo fez Pietro bufar com impaciência. – Estamos reunidos porque uma xamã se une ao nosso mundo. Uma nova mão para nos ajudar em nosso dever de liderar e proteger tanto as crianças sobrenaturais quanto os gentios.

*Gentios* era um termo usado para se referir a humanos comuns, uma coisa bem ofensiva, mas que parecia seguir em voga entre os mais antigos, que às vezes se justificavam dizendo: *Não tenho nada contra gentios, inclusive, eu tenho um amigo que é.* Eu estava havia pouquíssimo tempo naquele meio social, mas já era o bastante para entender que aquelas pessoas não faziam parte do mesmo mundo que eu.

O cardeal fez um sinal e todos se dirigiram até a grande mesa no centro. Valentina, Pietro e eu fomos para a outra ponta, bem longe do resto deles. Eu podia ver o interesse de Iago sobre mim, mas lembrei-me dos conselhos recebidos e não o encarei.

– É um prazer tê-lo conosco, Iago, sem sombra de dúvidas – falou Pietro. – O que realmente me interessa é saber o *real* motivo deste conclave. Acredito que as facções tenham seus mensageiros, não é?

– Ninguém gostaria de vê-lo punido outra vez – falou Jefferson com um sorriso no rosto. – Você não deveria ser tão rude com nosso cardeal, Pietro.

O vampiro já estava começando a se levantar, mas Valentina o segurou pelo braço e obrigou-o a permanecer sentado.

– Não se preocupe com isso, Senhor dos Ofícios – respondeu Iago. – Pietro não quis ser rude, tenho certeza disso. O *real* motivo é o fato de Aiba estar muito perto de levar o coração de mais uma xamã. Recebi um relatório do Nordeste nos informando que Aiba fez o serviço dele por lá. Relatos similares vieram de todas as outras regiões. Estamos aqui porque a garota é um alvo. Isso é motivo suficiente?

Olhei para o homem e decidi que aquele seria um bom momento para não dar a mínima aos protocolos de etiqueta. Minha paciência com pessoas aleatórias falando do meu destino havia chegado ao limite. Levantei-me e com as mãos espalmadas sobre a mesa, disse:

– Vocês falam de mim como se eu não estivesse por aqui. Agradeceria muito se parassem com isso. Será que poderiam deixar as rendas e os bordados para outra hora?

Uma explosão de murmúrios explodiu na sala e Valentina colocou a mão no rosto. Vi o rosto de Iago se contorcer em repulsa. Foi nesse instante que o cardeal bateu na mesa com a mão fechada e gritou um pedido de silêncio. Lá estava o monstro que se escondia sob o glacê da educação.

– Não é uma surpresa que ela seja tão mal-educada. Os Animais de Festa nunca foram bons professores – comentou Jefferson.

Fiz uma careta para aquele garoto idiota e permaneci de braços cruzados, fazendo um esforço enorme para não incendiar aquele bando de mimados com o único poder xamânico que eu sabia controlar.

– Lamento que você tenha nos abandonado por isso – respondeu Pietro. – Pelo menos eu não matei uma pessoa inocente e nem abano o rabo para o primeiro que sacode um osso na minha cara.

Iago fez um sinal para que os dois parassem de discutir e a sala voltou ao silêncio desconfortável. Valentina sussurrava algo ao irmão enquanto a moça datilografava.

– Jovem xamã – começou Iago –, um xamã só pode ser morto quando um igual destrói seu coração, caso contrário, o ciclo de reencarnação irá mantê-lo entre nós para sempre. Aiba passou os últimos anos eliminando aqueles que poderiam ser uma ameaça e você é uma das últimas no continente.



Fiquei em silêncio. Havia uma camada na voz suave, uma mensagem de que o pedido era apenas uma formalidade. Eu sabia que estava me tornando uma peça importante no jogo deles. Iago ajeitou os cabelos e continuou a me encarar.

– Agora conte o que ela precisa fazer para conseguir isso – disse Valentina. – Largar tudo o que conhece e passar por um daqueles treinamentos da sua facção, certo? Lá no seu castelinho, onde poderá encher a cabeça dela de mentiras.

– Você não tem a menor condição de treiná-la – falou Iago, sua voz era um murmúrio rouco. – Aiba está perto e ela será pisoteada. Uma xamã que nem dominou os quatro elementos, isso é ridículo. Se estivesse em nosso território seu treinamento já estaria avançado e cheio de frutos.

Sacudi a cabeça negativamente e respondi:

– Acho que vocês estão aqui justamente porque os xamãs altamente treinados estão sendo mortos e vocês precisam de mais soldados. Debaixo de toda pompa e circunstância, a verdade é que estão mendigando. Estão assustados, mas não conseguem admitir que precisam da ajuda de uma garotinha.

Aquelas “pessoas” olharam em minha direção. Jefferson parecia ter levado um soco no estômago e sua boca estava aberta em uma vogal muda; Valentina sorriu ao ver aquilo. Acho que os bilhetes escolares de minha infância – *ela não sabe quando ficar quieta* – eram verdade no fim das contas. Iago ajeitou-se na cadeira e o olhar que ele me deu era muito parecido com aquele exibido pela minha mãe quando eu arrotava perto dela. Não era o tipo de expressão que você gostaria de ver apontado em sua direção. Eu provavelmente era a primeira pessoa a desafiá-los tão abertamente em muitos e muitos anos, ou séculos.

– A jovem xamã está certa – disse o cardeal. – Os *bons* estão morrendo e até uma pirralha ganha alguma utilidade em um cenário desses. Acredito que já escutamos o que ela pensa. Senhorita, por favor, retire-se da sala e aguarde um pronunciamento oficial.

Ouvir aquilo quase me fez dar uma risada. Eu não podia acreditar que havia insultado o ego deles a ponto de ser expulsa da sala de reuniões. Não que alguma parte de mim se arrependesse do que falei. A verdade é que eu não tinha muita paciência para as lágrimas masculinas e me vi torcendo para que Aiba acabasse com o traseiro de cada um deles com uma chuteira de aço. Levantei-me da cadeira e abri os braços em um claro sinal de *vocês não sabem brincar, vou sair do parquinho*. Vi Pietro com um sorriso enorme no rosto e ele fez um sinal positivo com o polegar. Eu comecei a andar em direção à porta, mas parei para me livrar de algo que me incomodava desde que cheguei ali. Tirei os saltos apertados dos meus pés e os atirei sobre a mesa de reuniões.

– Eu me sinto bem melhor agora.

A porta bateu com mais força do que o esperado quando saí.

Descobri mais tarde que não fui a pioneira da rebeldia, como pensava. Alguns meses antes, um garoto havia feito um comentário fora de hora. Iago lhe obrigou a comer o próprio pé.

## CAPÍTULO 18

# Tudo em seu devido lugar

*Isso é o que você ganha, é o que você ganha  
Isso é o que você ganha ao mexer conosco.  
Radiohead, “Karma Police”*

Passei pelos guardas em suas máscaras de gás no corredor e comecei a descer as escadas. Vi os poucos convidados em suas conversas no saguão de entrada e nas salas. Não liguei muito para nada daquilo, ainda estava irritada demais para distribuir atenção a qualquer coisa que não fosse raiva pura e simples. Cruzei com alguns membros dos Invisíveis que negociavam um hospital e seu banco de sangue, e isso me fez pensar em como aquelas pessoas estavam infiltradas em cada parte do meu mundo. Eu mal podia acreditar na possibilidade de um vampiro ou de um zumbi decidindo a vida das pessoas sob um manto de aparente normalidade. Talvez este fosse meu universo agora: um bando de pessoas assustadoras que se esgueiravam por corredores e reuniões, decidindo o que fazemos ou pensamos.

Saí da casa e sentei-me em um banco no jardim. Não havia ninguém ali e o silêncio me agradava. Desejei que tudo voltasse a ser como antes, eu e Marina fazendo música no meu quarto, com provas de matemática sendo as minhas grandes aflições.

Ouvi o som de passos e me virei para encontrar Tales vindo em minha direção. Ele usava óculos verdes sem lentes e tinha um pouco de glacê no rosto, o tipo de coisa que você podia esperar dele. O garoto sentou-se ao meu lado e disse:

– Você conseguiu aguentar mais do que eu esperava, Rani. Escutar os velhos por mais de vinte minutos é como vencer o torneio de Wimbledon sem nenhum braço ou perna – ele fez uma pausa e olhou pensativo ao longe. – Quando Pietro e Valentina fundaram os Animais de Festa, o objetivo era que ficássemos longe dos outros grupos, mas isso parece cada vez mais difícil.

– Acho que eu trouxe um tanque de problemas para vocês.

Tales riu daquilo e coçou a cabeça, com uma expressão divertida. Era como se eu tivesse acabado um número de *stand-up comedy*. Ele cruzou as pernas e balançou a cabeça afirmativamente antes de responder:

– Não é como se alguém dessa casa se importasse com o que os velhos pensam. Eles só estão enchendo o saco porque temos uma xamã com a gente. Nenhuma das facções jamais se importou com Graúna antes de você aparecer.

Assenti em silêncio e voltei a olhar para a rua que dormia alheia ao que acontecia do outro lado do portão. Algumas pessoas já começavam a ir embora enquanto eu ainda podia ouvir uma música do Mumford & Sons vindo lá de dentro.

– O que você acha que devo fazer? – perguntei.

– Sou a pessoa que não sabe diferenciar pijamas de ternos, não acho que eu esteja apto a responder. Contudo, o que você *precisa* é aprender a ser uma xamã e se juntar na luta contra Aiba.

– Escolher algo deixa de ser um problema – completei dando de ombros. – Só que eu nem sei por onde começar. Existe um espírito perdido e nem sei como usar os poderes que eu tenho direito.

– Isso vem com a prática e, de preferência, sem queimar meus cabelos de novo.

Eu ri ao me lembrar daquele evento e mal notei quando Pietro sentou-se no chão ao meu lado. Tinha o sorriso de uma criança que fez alguma arte escondida dos pais. Mantive esperanças de que aquilo iria me beneficiar de alguma maneira; afinal, de que outra forma ele estaria ali se não com o *jet set* do mal? O garoto vampiro estalou os dedos e disse:

– Boas notícias, meus camaradas. E algumas ruins, mas isso não importa tanto quanto a parte boa. Nós conseguimos chegar a um acordo com os velhos e Rani vai continuar por aqui. O lado ruim é que Jefferson vai se mudar pra Graúna enquanto o caso estiver aberto.

Fiz uma careta de vômito e fiquei de pé. É certo que as coisas poderiam ter sido bem piores. Não era o ideal, mas ao menos me dava a chance de continuar na minha casa e perto da minha família, assim como da escola e dos meus novos amigos.

Pietro também contou outros detalhes do que havia acontecido depois da minha saída. Pelo visto, Iago me considerava uma selvagem impossível e teríamos muita sorte em sobreviver. Sarana, a secretária, sugeriu que minha mente fosse apagada, mas ao que parece Valentina se fez ouvir dizendo que isso criaria uma guerra civil entre as facções. A solução veio quando Jefferson sugeriu que alguém de respeito ficasse na cidade. A única coisa que ele não esperava era ser o escolhido.

Nós ainda debatíamos todas aquelas questões quando vimos o cardeal sair da casa com o séquito da sala de reuniões. Eles conversavam em voz baixa e caminhavam apressados, ansiosos. O olhar de Iago se cravou sobre mim e eu tive certeza de que em qualquer outra situação eu estaria sendo punida pelo meu comportamento na sala de reuniões.

Ele passou ao meu lado e não se preocupou em expressar qualquer simpatia. Caminhou altivo e entediado rumo aos portões de saída. Eu bem queria que toda comitiva seguisse o mesmo exemplo, mas Jefferson se deteve e me encarou. Sustentei meu olhar no seu e forcei um sorriso.

– Saiba que as portas de uma facção melhor estão abertas caso tenha alguma vontade de sair da lama.

– Só vou precisar sair da lama se algum dia eu visitar sua casa – respondi.

Senti o pé de Tales me cutucando em um alerta para que não abusasse da sorte, mas nem dei muita importância. A verdade era que se aquele garoto ia mesmo viver em Graúna, eu precisava encontrar uma maneira de mostrar que não tinha medo e que sua presença não me faria diferente. Isso era o que eu esperava que ele acreditasse, mesmo que a verdade estivesse tão longe disso quanto Netuno estava de Mercúrio. Eu não chegaria a saber se aquilo acertou o alvo ou não, mas Jefferson pigarreou e estendeu a mão para mim.

– Torço para que sua tentativa de sobrevivência não termine em fracasso – disse, quando respondi ao cumprimento. – Aguardo nossa próxima reunião.

Jefferson ajeitou seus cabelos e saiu. Permaneci ali, observando os ombros largos partirem cheios de pose e confiança. O garoto não era o tipo de pessoa que eu gostaria de ter como inimigo, mas tampouco seria aquele que me faria baixar a cabeça e tremer. Foi nesse momento que os Animais de Festa se colocaram do meu lado e Pietro cuspiu a realidade da forma mais delicada e singela possível:

– Fezes flamejantes de dragão... nossa vida vai ser uma porcaria de agora em diante.

## TESTE VOCACIONAL: QUAL É A SUA FACÇÃO?

1 - São 7 horas da manhã e você está andando em uma rua deserta quando vê duas crianças brigando. Uma delas é magricela e usa óculos, enquanto a outra é dois anos mais velha e bem mais forte. O que você faz?

- A) Dou uma pedra para um dos oponentes sem que ninguém perceba e controlo a situação no rumo de um resultado que me agrada.
- B) Compro um sorvete para cada um deles e os convido para jogar fliperama.
- C) Me uno ao mais forte e bato no fracote. Fracos não podem ser tolerados.

2 - Você conhece uma pessoa nova em uma festa. O que passa pela sua cabeça?

- A) Legal! Qual é o seu Pokémon favorito?
- B) A quantidade de bens adquiridos e os retornos materiais que essa amizade pode render a curto, médio e longo prazo.
- C) Eu não iria a uma festa

3 - Qual desses personagens cinematográficos se parece mais com você?

- A) Regina - Garotas Malvadas
- B) Darth Vader - Star Wars
- C) Ferris Bueller - Curtindo a Vida Adoidado

4 - Um príncipe está preso em uma torre guardada por um dragão. O que você faria?

- A) Negociaria com o dragão e com o príncipe. Ajudaria aquele que pagasse mais e oferecesse melhores benefícios ao meu plano de conquistar a vizinhança.
- B) Ajudaria o dragão, obviamente, por ser uma criatura mágica e rara em vez de outro príncipe qualquer. Príncipes são tão superestimados que a Inglaterra possui nove e nenhum deles faz muita coisa.
- C) Chamaria os dois para fazer maratona de algum seriado e usaria o fogo do dragão para fazer pipoca.

5 - Você precisa de um emprego para pagar as contas do mês. Qual profissão se adequaria a você?

- A) Eu nunca trabalharia. Sou herdeiro de vasta fortuna e meus ancestrais me prepararam para que eu não precisasse cair nessa humilhação.
- B) Algum cargo público em que pudesse oferecer meus empurrões sem estar nos holofotes. Vice-presidente ou Secretário de Defesa dos EUA. Nada muito deselegante.
- C) Ficar em casa tomando sorvete.

RESULTADO

| Situação | A | B | C |
|----------|---|---|---|
| 1        | 3 | 4 | 2 |
| 2        | 4 | 3 | 2 |
| 3        | 3 | 2 | 4 |
| 4        | 3 | 2 | 4 |
| 5        | 2 | 3 | 4 |

12 ou menos: Você pertence à Corte das Linhas. Acredita na superioridade inerente dos seres mágicos sobre os humanos e acha que a única utilidade deles é servir de alimento ou força bruta. Sua árvore genealógica pode ser traçada até a décima geração e ninguém compra um móvel novo há anos na sua casa.

16 a 13: Você pertence aos Invisíveis. É uma pessoa ponderada e procura aquilo que é bom e de alta qualidade. Especialista em investir e manipular pessoas, não veste roupas que não sejam de grifes famosas e seu estilo está sempre em primeiro lugar. As palavras e os papéis são sua

forma de trabalho e não há nada que o deixa mais feliz do que fechar um contrato em que sai levando vantagem.

20 a 17: Meus pêsames... Você é um Animal de Festa. Não possui talento algum e suas características principais são preguiça e desrespeito às tradições. Você provavelmente mora em um quarto desorganizado, nunca lava a louça e pinta seu cabelo com alguma cor esdrúxula ou usa roupas coloridas demais. Não se preocupe, com um pouco mais de treino e perseverança você pode chegar tão longe quanto qualquer outra pessoa. Aprimore-se e busque um pouco de conhecimento\*.

\* Teste elaborado por Jefferson, membro dos Invisíveis e servo próximo do governador do Sudeste.

## CAPÍTULO 19

# As horas

*Bem, eu não quero seguir aquela linha  
Eu realmente não quero cruzar a linha  
Vamos fazer isso agora ou nunca.  
Emarosa, “Set It Off Like Napalm”*

Já era quase 2 da tarde quando cheguei à casa de Marina sob uma chuva fraca, mas muito inconveniente. Ela não havia ido à escola naquele dia e eu precisava contar tudo o que aconteceu na casa de Pietro na noite anterior. A residência dela ficava a uns dez minutos da minha, na Avenida Getúlio Vargas, 1174, um dos pedaços mais esquisitos da cidade. Era uma longa linha de asfalto que podia ser muito estreita em um pedaço e absurdamente ampla em outro, com mansões enormes tendo casebres antigos como vizinhos de frente. Toquei o interfone da enorme construção amarela e esperei até que a voz da mãe dela me atendesse e o portão fosse aberto.

Entrei na casa correndo e sacudi os cabelos molhados. Raquel, a mãe de Marina, era uma versão mais velha da filha, com as olheiras e o mesmo formato de boca; uma mulher alta e magra que mantinha o cabelo sempre preso em um coque. Os pais dela eram médicos e haviam se conhecido durante a faculdade, um otorrino e uma pediatra bem famosos na cidade. Ela abriu a porta para mim e disse com espanto:

- Será que você nunca vai aprender a usar um guarda-chuva, Rani?
- Odeio carregar aquelas coisas pra cima e pra baixo. A Mari está aqui? Preciso falar com ela sobre um trabalho da escola.

A mulher fechou a porta e fez um sinal indicando que a filha estava no quarto. Agradei com um aceno e saí bem rápido da frente dela. Existe um tipo de intimidade que se ganha ao ter a mesma amiga por anos, a capacidade de se locomover pela casa alheia sem constrangimento. Eu me lembro de uma vez em que ela foi até minha casa e, não me encontrando, esperou até que eu chegasse... dormindo no meu quarto.



Subi as escadas e segui o caminho tão conhecido. A porta do quarto dela destoava do resto da casa. Havia uma placa enorme que dizia NEM PENSE e uma foto de Ozzy Osbourne com o dedo sobre os lábios. Invadi o quarto para encontrar o caos de sempre – roupas, cintos e botas em todos os cantos – e Marina jogada na cama com os cabelos bagunçados e uma almofada sobre a barriga.

– Agora já entendi por que você não foi pra aula.

Marina sacudiu a cabeça negativamente e ajeitando-se na cama, respondeu:

– Não converse comigo, você conhece as regras.

– Você realmente vai me obrigar a fazer isso?

– É impossível que exista uma sociedade sem leis, senhorita Paleta. Xamã ou não, isso não mudou.

Eu sabia que discutir não me levaria a nada, por isso virei-me para um dos trinta pôsteres do Nightwish que estavam ali e murmurei o juramento que havíamos criado aos 11 anos de idade. *São Tuomas Holopainen que estais na Finlândia intercedei*

**Essa declaração exclui o pai de Marina, ele odiou cada segundo e não entendia como podíamos gostar daquela "barulheira".**

*por nós e livrai-nos do pop americano. Não nos deixe ouvir músicas ruins e que Marco Hietala nunca nos abandone. Assim no palco como no álbum. Amém.* A devoção da garota por metal sinfônico finlandês era tão grande que ela conseguiu convencer os pais dela a nos levarem para assistir a um show da banda em São Paulo e conseguimos tocar na mão de Floor Jansen durante o espetáculo. Foi um dos melhores instantes de nossas vidas e ficamos completamente sem voz no dia seguinte.

– Tudo bem, agora podemos conversar. Como foi sua festa de debutante sobrenatural? Não esconda nenhum detalhe.

Sentei na cama e desfiei o que aconteceu desde o momento em que saí de casa e a decisão de Iago em deixar seu cãozinho para me vigiar. Marina ouviu atentamente e interrompeu pouquíssimas vezes para questionar algum detalhe ou para reclamar de sua cólica monstruosa. Ela era uma daquelas garotas que quase morriam uma vez por mês e sua personalidade nada dramática adicionava uma proporção épica à situação. Também detalhei como estava a situação com Aiba e que, de acordo com o velho, eu bem poderia ser uma das últimas xamãs no país. Depois de meia hora eu concluí dizendo:

– Foi um desastre; consegui fazer com que me odiassem. E hoje preciso ir para o meio do mato fazer trabalho xamânico.

Marina coçou a cabeça e respondeu:

– Não foi um desastre tão grande assim, poderia ter sido pior. É claro que você poderia ter evitado o episódio dos sapatos, mas isso é um detalhe, Rani. Não se

preocupe, estarei com você dessa vez.

– Eu pensei que você estivesse muito doente para sair de casa.

– Minha melhor amiga vai se encontrar com um espírito deslocado no meio da noite e você acha que vou ficar em casa só porque meu útero quer me matar? Não, não, não, cinco comprimidos de alguma coisa e estarei em pé. Nem pense em me deixar pra trás.

Fiz um movimento de cabeça para me resignar. A parte egoísta da minha alma ficaria contente por tê-la comigo. Caminhei até a estante de discos dela e fui passando os dedos pelas lombadas. Eram discos que havíamos comprado em promoções e outros que nos levaram até a capital para serem encontrados. Graúna era pequena demais para ter uma loja de discos decente. Meus dedos pousaram sobre um disco do Shaman e me peguei rindo da ironia daquilo.

– Vou levar isso emprestado e não ouse reclamar. Quem sabe um disco chamado *Ritual* não seja exatamente o que eu precise.

A boca de Marina formou todas as vogais do mundo em silêncio. Ela veio correndo tirar o CD das minhas mãos, mas fui mais rápida e corri até o outro lado do quarto. Dores menstruais desaceleravam um oponente de forma tão eficaz que lamentei a falta delas em Aiba.

– Esse disco foi autografado pelo André Matos, Rani! Coloque-o de volta no lugar e te prometo uma morte rápida e indolor.

Gastei uma eternidade afirmando que devolveria intacto em menos de uma semana. A maioria das pessoas se importava apenas em ouvir as músicas, mas eu gostava de ter o encarte nas mãos com as fotos e letras. Foi dessa maneira que aprendi a maior parte do meu vocabulário em inglês e o professor do cursinho vivia dizendo que todos os alunos deveriam fazer isso. Marina foi obrigada a ceder no fim da história ou por confiar em mim ou por estar passando muito mal para argumentar.

Fiquei ali por mais uma hora e conversamos sobre quem era a melhor vocalista do Nightwish e qual de nós duas se casaria com o Tuomas. Discutimos sobre a discografia de bandas que a maior parte da humanidade desconhecia e os pedais de guitarra. Era uma das melhores conversas que alguém poderia desejar, sem nenhum objetivo específico ou obrigação. Uma hora inteira sem vampiros, espíritos e xamanismo. Apenas duas garotas, metal melódico sinfônico e dores menstruais.

## CAPÍTULO 20

# A visita

*Olhe dentro da sua cabeça e encontre  
E diga-me agora que está tudo na sua mente  
Olhe dentro da sua cabeça e encontre.  
Iron Maiden, "All In Your Mind"*

Era o fim da tarde e eu preparava uma mochila no meu quarto. Não gosto de mentir, mas às vezes é impossível não usar dos maiores e menores subterfúgios para escapar de problemas. Basta pensar que eu tinha pais protetores que dificilmente me deixariam chegar a menos de dois quilômetros de alguma coisa perigosa. É por esse motivo que acredito piamente em deixar adultos fora dos assuntos complexos. Eles têm uma tendência enorme a ser impressionáveis. Assim sendo, naquela noite eu dormiria na casa de Marina e estudaríamos para a prova de Biologia; essa era a versão oficial para meu pai.

Quando já estava tudo pronto, me joguei na cama e abri meu exemplar de *Duna*, o planeta deserto e cheio de vermes estava muito mais interessante que minha realidade atual. Lá estava eu com o jovem Paul e sua mãe vagando pelo deserto de Arrakis depois da grande chacina que destruiu a Casa Atreides. Sempre fui uma grande leitora de fantasia e quadrinhos, embora considerasse a maior parte da sci-fi pretenciosa; mas *Duna* era diferente e realmente me importava com

os personagens, aquilo que meu avô chamava de o milagre da ficção. Ainda estava ali entretida imaginando como os personagens sobreviveriam ao deserto quando uma

**Meus livros favoritos: Abarat, de Clive Barker, Jogos Vorazes, de Suzanne Collins, O Nome do Vento, de Patrick Rothfuss, O Cemitério, de Stephen King, O Hobbit, de J. R. R. Tolkien, O Guia do Mochileiro das Galáxias, de Douglas Adams, Un Lun Dun, de China Miéville, Artemis Fowl, de Eoin Colfer.**

voz conhecida chamou minha atenção.

– Feliz em saber que você está tranquila com relação ao trabalho de hoje.

Me levantei assustada e vi Tama, o Deva, no meio do meu quarto, balançando suas caudas de forma preguiçosa. O gato me causava sentimentos conflituosos, mas eu não estaria viva sem a ajuda dele na biblioteca. Colocando minhas dúvidas de lado, respondi:

– Não estou tranquila, mas também não posso ficar me desesperando à toa – respondi. – Aposto que vou ter muitas oportunidades hoje à noite.

– Lembre-se de que esta é uma jornada que pode terminar com a perda da sua vida. A continuidade da sua existência depende de quão forte seus poderes estarão quando chegar a hora de confrontar Aiba.

– Muito obrigada pelo incentivo. Eu me sinto tão mais confiante agora que eu poderia derrotar o cara e um pudim ao mesmo tempo.

Tama pulou na cama e sentou-se ao meu lado, e sua voz me atingiu com uma frieza cortante.

– Não estou aqui para fazê-la se sentir melhor. Meu compromisso é com o equilíbrio do mundo espiritual. Todas as coisas estão vivas e possuem um espírito; cada pedra, árvore ou animal é uma parte da rede vital que circula no universo. Os xamãs das florestas e das montanhas aprendem isso desde cedo.

Sem resposta.

Era muito fácil estar em contato com plantinhas e espíritos sem nunca ter pisado em uma cidade, mas eu havia crescido em um mundo de asfalto e cartões de crédito e débito. Um espaço moldado em telas brilhantes e telefones que só faltavam fazer café, com estradas pavimentadas em dois hambúrgueres, alface e queijo, molho especial, cebola, picles em um pão com gergelim. Eu havia sido educada para não acreditar em nada que não tivesse uma explicação racional ou que pudesse constar em livros com referências bibliográficas. Já era difícil por si só lidar com a existência de um mundo sobrenatural.

Peguei o livro sobre a cama e observei a capa surrada, permitindo que um trecho dele viesse até minha cabeça: “O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que traz a total obliteração. Enfrentarei meu medo”. Talvez eu estivesse com medo do mundo inexplicável dos espíritos e monstros e talvez isso fosse o empecilho no caminho de me tornar uma xamã de verdade. Não saberia dizer, estava a um passo de me encontrar com um espírito, e nenhuma parte do meu ser estava preparada.

– O que você tem para aconselhar, então? – perguntei.

– Comece a escutar o mundo. Lembre-se, um xamã precisa estar morto e vivo ao mesmo tempo, parte espírito e parte corpo. Regras antigas foram escritas com o

sangue de todos os seus pais espirituais. Viva por essas regras.

Eu me deitei na cama e fiquei olhando as estrelas coladas no meu teto.

– E quais seriam elas mesmo?

Tama pulou até a janela e respondeu:

– Respeite os espíritos. Respeite cada ser vivo. Respeite a diferença. Nunca quebre um tratado. Nunca controle, mas aceite. Nunca deixe de servir e amar. Lembre-se dos ancestrais. Lembre-se da vida. Lembre-se da morte. Lute até o fim. Esse é o caminho do xamã, Rani. Somente dessa forma você será capaz de enxergar no escuro e ligar os mundos.

Eu estava abarrotada de perguntas até as unhas, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Tama saltou pela janela e desapareceu. Pensei em gritar chamando-o de volta, mas seria difícil explicar que um gato de duas caudas havia acabado de passar para me dar uns conselhos espirituais. Sacudi a cabeça e me perguntei o motivo de criaturas sobrenaturais nunca explicarem as coisas de forma simples.

– Vou ter que me virar sozinha – murmurei.

Olhei as horas e confirmei que dali a uns quinze minutos precisaria sair de casa e me encontrar com Pietro e com os outros no posto de gasolina da prainha. Dali, seguiríamos até o Morro do Bonfim para encontrar o espírito que rondava a região. Não era um lugar simpático e por isso eu havia escolhido um par de botas firmes e uma calça jeans tão grossa, que seria capaz de enfrentar uma bomba nuclear. Limpei as lentes dos meus óculos e joguei uma blusa verde com capuz sobre a camiseta do Avantasias.

Meu telefone tocou e uma mensagem de Marina surgiu: *Nós estamos aqui*. Sorri ante a perspectiva de fazer parte daquela Magical Mystery Tour com um bando de gente esquisita em vez de John, Paul, George e Ringo.

Coloquei a mochila nas costas e abri a porta. Estava na hora de começar a torcer para que nada desse  *muito* errado e meus membros continuassem no lugar por mais alguns anos. Baguncei os cabelos com a mão e dei o primeiro passo rumo à noite mais complicada, a noite em que eu descobriria mais do que jamais imaginei. E foi sem saber o que me aguardava que busquei em mim um dizer de grande poder e sabedoria para os tempos de necessidade.

– *Allons-y*.

## CAPÍTULO 21

# Máquina mortífera

*Eu te levarei para a montanha mais alta  
Para as profundezas do oceano mais fundo  
E não precisaremos de um mapa  
Acredite em mim.*  
Sonata Arctica, “World in My Eyes”

Todo o grupo estava por lá quando cheguei e a chuva já havia passado. Pietro em suas roupas coloridas, Fred carregava a maior caixa de ferramentas que eu já tinha visto e Tales estava em sua forma humana, pijamas e pantufas. Ele levava aquela regra do *não ligue para o que os outros pensam* muito a sério. Marina também estava por ali de calça jeans e camisa do Revamp. Cumprimentei todos e sentei-me perto da estátua de um tigre caubói que ficava no gramado do posto de gasolina. A administração do lugar trocava a roupa do tigre de tempos em tempos, e eu me lembro quando alguém colocou um vestido de bailarina nele porque uma companhia de dança estava na cidade.

– Todos aqui? Bem, isso é bom – disse Pietro. – Valentina ficou em casa cuidando da burocracia. Rani, não se preocupe, vamos te ajudar, basta seguir o que Tales e Fred ensinarem. Vai dar tudo certo.

Difícil acreditar levando em consideração a sorte que eu tinha na vida. Dei um sorriso fraco e ouvi o resto da explicação. Prestei atenção em cada uma das palavras e fiquei repassando-as na mente. Não *nos separarmos, descobrir o que o espírito deseja comigo e sair de lá o mais rápido possível*. A gente se levantou e foi até o estacionamento do posto, já estava na hora de sair, e Pietro se colocava disposto a terminar as atividades do dia o mais rápido possível.

– Você acha que consegue? – perguntou Marina enquanto caminhávamos. – Não é como se soubesse fazer muita coisa.

– Qual é a parte em que você deveria estar aqui para me dar apoio moral, Mari?

– Nunca fui boa nesse tipo de coisa. Sou uma garota feita de bÍlis negra.

Chegamos ao lugar onde estava o jipe verde que eu havia visto na Gertrudes outras vezes, uma máquina esquisita que Fred havia montado. Sua lataria estava cheia de arranhões e adesivos, os vidros escuros estavam manchados e os pneus, lisos como uma folha de papel. Foi só depois que notei a pichação na porta de trás: *Elton John Jr. – Máquina MortÍfera*. Olhei para Fred e deixei que toda minha incredulidade escapasse pelos poros. Não podia acreditar que entraríamos naquilo e que um deles fosse dirigir. Tudo estava errado em relação àquele veículo, desde o nome até o estado. O lobisomem juntou as mãos e falou:

– Este é um instrumento de alto desempenho e enorme coração. Não ofenda o garoto, eu e Pietro levamos um bom tempo para batizá-lo.

Tales abriu a porta de trás para que eu e Marina nos enfiássemos no veículo. Os outros Animais de Festa se acomodaram em seus respectivos lugares e Pietro girou a chave dando início a uma partida barulhenta e cheia de fumaça.

– Você não acha que é novo demais para dirigir? – perguntou Marina segurando-se em mim quando o jipe fez uma arrancada brusca.

– Novo demais?! – respondeu o garoto. – Eu sou *velho* demais, isso sim. Somos criaturas sobrenaturais, Marina, as regras são bem diferentes em nosso meio. Um pouco de magia e ninguém nota a existência do carro; eles sabem que há algo na frente deles, mas é como alguma coisa no canto dos olhos.

Pietro colocou um disco do Forever The Sickest Kids, para tocar, e o Elton John Jr. foi em direção à saída do município. As ruas já começavam a ficar apinhadas de pessoas que rumavam aos bares da região. Ali estava uma coisa que eu não compreendia. Sempre os mesmos fazendo as mesmas coisas e visitando os mesmíssimos lugares com roupas extravagantes que haviam comprado em duzentas prestações. A sociedade graunense era amplamente formada por pessoas que desejavam parecer mais do que eram, desde o casal branco de classe média que ia às festas caras até o entregador de jornal que usava uma camiseta da Abercrombie & Fitch. Se uma pessoa de outra cidade caminhasse pela avenida naquele horário, poderia facilmente ter a impressão de que a nata local era formada por um bando de jovens bem-sucedidos e velhos empertigados que apreciavam jogging.

Avançamos lentamente no trânsito daquela noite e olhei pela janela enquanto passávamos na frente do colégio onde estudei até a 8ª série. Ficava entre uma concessionária e uma locadora de veículos. As pessoas costumavam me perguntar por

qual motivo eu tinha saído de um dos colégios particulares mais famosos da cidade para me jogar em uma escola pública, mas a verdade é que foi ali que vislumbrei a alma incômoda da minha cidade pela primeira vez. As pessoas que julgavam você pela roupa com um olhar e que destruíam sua vida com comentários sussurrados pelos corredores. Ainda que minha família tivesse mais dinheiro que outras da escola, eu sempre seria a samambaia da sala porque aparências importavam muito mais que qualquer outra coisa em Graúna.

– Sua antiga escola? – perguntou Marina.

– Minha antiga ala psiquiátrica.

Já havíamos saído da prainha e o final da cidade estava a menos de quinhentos metros. Ali era a Rua Silva Jardim e uma parte dela passava sobre o rio que cortava a cidade. Pelo que meu pai e meu avô contavam, Graúna era apenas uma *passagem* do rio São João, um lugar onde os viajantes descansavam antes de prosseguir viagem em busca de ouro cidades acima. O rio era sujo até alguns anos, mas houve um projeto de revitalização das margens, e até capivaras, com seus dentes enormes e pelos escuros, fizeram morada por ali.

– Eu me lembro de quando um palhaço se afogou nesse rio – disse Pietro. – Ele costumava brincar com as crianças da cidade e um dia demorou mais do que devia debaixo d’água. Metade do povo acredita que isso aconteceu porque foi nadar depois de comer.

– Quando foi isso? Não me lembro de já ter ouvido essa história – perguntei.

Foi a vez de Fred responder. Ele se virou no banco da frente e disse:

– Isso faz muito tempo, perto de 1920. Pietro e Valentina já tinham uma casa aqui nessa época.

Olhei para Pietro e fui obrigada a admitir que não sabia nada sobre ele. Quantas outras coisas se escondiam debaixo do sorriso constantemente aberto e da personalidade jovial? O garoto chamava minha atenção em muitos níveis diferentes e eu sempre me perguntava o que parecíamos diante dele: humanos comuns com vidas limitadas e repetitivas. Pensei nisso tudo enquanto saíamos da rodovia e pegávamos a estrada vermelha e cheia de buracos que levava até o alto do morro.

Somente os faróis produziam alguma visibilidade. O carro sacudia sem parar e devo ter batido a cabeça umas quatro vezes. Abri a janela e espiei o que existia do lado de fora: um exército de galhos e folhas fazia guarda dos dois lados. Um formigamento começou na ponta dos pés e foi até o topo da minha cabeça, a mesma coisa que eu sentia toda vez que uma nova criatura sobrenatural entrava no meu *radar* xamã.

– Eu já consigo sentir a presença do espírito – falei. – E de outras coisas também.



– Pode ter certeza de que ele já sentiu a sua também – respondeu Tales. – Você precisa aprender a esconder sua energia espiritual.

Pietro assentiu e virou a cabeça para me falar alguma coisa, mas o que aconteceu a seguir não deixou espaço para conversa. Foi uma batida forte e barulhenta; vidros foram rachados e a lataria foi arranhada como se uma mão invisível raspasse uma faca. Ouvi os gritos de Marina e Fred, assim como o palavrão que o vampiro soltou e um gemido de Tales. Senti o cinto de segurança me apertar com uma força descomunal e vi *airbags* inflando em todos os cantos. Elton John Jr. parou de uma vez e máscaras de oxigênio caíram do teto.

– É um alívio saber que elas funcionam – disse Fred, enquanto abria a porta do carro com um sorriso. – Sempre.

Marina deu um soco no banco da frente e xingou:

– Nós quase morremos e você fica contente porque *coisinhas* caíram do teto?

– Prevenir nunca é demais. Em caso de despressurização, você teria como sobreviver e ajudar o passageiro ao seu lado.

Saí do veículo e olhei para as duas árvores sobre o carro, uma delas no capô. Vi os troncos enormes e as raízes grossas, e um longo instante que serviu para me dizer uma coisa: alguém não queria visitas no Morro do Bonfim.

## CAPÍTULO 22

# O corredor da desolação

*Você está na minha teia agora,  
Eu vim para segurá-la com força,  
Até que seja hora de morder.  
Cursive, “The Recluse”*

Não havia nenhuma chance de Elton John Jr. continuar a subir. As duas árvores eram grandes demais para que conseguíssemos movê-las e não tínhamos tempo. Eu e Marina trocamos um olhar que em nossa língua significava: *Estamos com problemas*. Decidimos rapidamente pela subida a pé e Pietro disse que se as coisas ficassem muito complicadas, deveríamos nos encontrar de volta ali.

A estrada esfriou rapidamente e dali a pouco nós já soltávamos fumaça pela boca. Não era uma simples queda de temperatura como a que se experimenta em um inverno, mas uma miscelânea das coisas ruins do mundo e a densidade do mar ao seu redor. Fred foi até o porta-malas do carro e pegou uma grande sacola de lá.

– Isso, senhoras e senhores, é nosso kit de sobrevivência. Criei todos os itens aqui, sintam-se à vontade para elogiar minha genialidade.

O lobisomem entregou uma adaga para Tales e uma máquina fotográfica para Marina. Era uma antiga Polaroid preta com uma faixa vermelha, e um adesivo na parte inferior indicava: *Made in China*. Ela pendurou a faixa sobre o ombro, segurando-a como se possuísse uma relíquia dos faraós. Recebi uma raquete amarela de tênis com uma fita azul no cabo e uma caveira desenhada. Ergui aquilo nas mãos sem compreender o que estava acontecendo:

– Uma raquete para enfrentar espíritos no mato? O que vou fazer com isso, jogar tênis até que morram de tédio?

– Não exatamente – respondeu Fred. – Isso é uma ferramenta de alta precisão, serve para dispersar energias espirituais. Em outras criaturas mágicas, ela causa dor excessiva. Leva um tempo até um fantasma aparecer outra vez depois de levar uma pancada com isso. A máquina fotográfica aprisiona espíritos no filme e causa queimaduras de segundo grau em não humanos. Por isso, mantenha bem longe de mim.

– E essa adaga? – perguntou Marina.

Pietro se colocou do meu lado e, com o sorriso de canto, respondeu:

– Deposita a correspondência diretamente no inferno.

– É por isso que eu vou carregá-la – disse Tales. – Um corte e férias em Malebolge. Claro que só funciona em espíritos, mas é melhor não arriscar.

Girei a raquete na mão e torci para que funcionasse. Não que eu acreditasse muito, tendo em vista os acontecimentos até então. Nossa comitiva de seres aleatórios começou a se locomover em silêncio, tomando cuidado com qualquer galho que balançasse ou sopro de vento.

Marina usou a lanterna para iluminar o caminho enquanto Pietro e Fred caminhavam um pouco adiante; nenhum deles tinha qualquer problema com a escuridão. Um leve formigamento se infiltrava pelos meus dedos e alcançava o coração, aquela coisa que eu chamava de radar xamã e servia para me indicar que criaturas sobrenaturais se aproximavam. Marina segurou minha mão e senti sua palma fria e suada. Eu poderia chutar que ela começava a se arrepender de ter entrado conosco naquela mata.

– Temos visitantes – falei. – Muitos.

A estrada de terra vermelha parecia não ter fim, serpenteando rumo ao topo longe da vista. Ouvimos o barulho de galhos pisoteados e a copa alta das árvores sacudindo. Demos passos ligeiros e ansiosos, e até o menor dos barulhos nos fazia saltar de medo. Além da preocupação com o que se movia no escuro, ainda existiam perigos imediatos, pedras, raízes e buracos que provocavam uma série de tropeços e escorregões. Pietro, Tales e Fred eram indiferentes ao breu, mas nem todos possuíam a mesma sorte.

Avistei a enorme torre de comunicação que transmitia sinais para a cidade. Aquilo significava que estávamos na metade do caminho e com mais alguns passos veríamos a igreja abandonada que existia por lá. A temperatura continuava a baixar, havia dor em cada pedaço do meu corpo e eu tinha certeza de que entraria em choque a qualquer minuto. Imaginei que isso tivesse a ver com a quantidade de energia negativa ao nosso redor e tratei de segurar a raquete com mais força. Era como em

uma partida de futebol: precisava me manter inteira ainda que meu corpo pedisse descanso.

Marina puxou meu braço e me jogou para o lado, e meio segundo depois um galho pesado acertou o ponto onde eu estava. Outros ramos vieram de todas as direções e nos atacaram. Meu coração acelerou e a adrenalina correu desenfreada pelo meu corpo, me empurrando em disparada para fora dali. Cada um tentava se desviar como podia, mas algo atingiu as minhas costas e o rosto de Tales. Era impossível se defender de todos os ataques e nossas faces ganharam uma quantidade absurda de ferimentos e arranhões. Foi com dificuldade que conseguimos chegar ao espaço aberto onde ficava a igreja e um muro de pedra que tinha sido construído por escravos.

– Por que as árvores nos atacaram? – perguntei enquanto limpava o sangue da testa. – Elas não deveriam ser minhas amigas?

Pietro olhou ao redor para verificar se havia algum perigo e respondeu:

– Elas foram negativadas e se tornaram selvagens, como qualquer espírito nesta área. Não entendo por que alguém se daria a todo esse trabalho.

Apoiei as mãos nos joelhos e tentei recuperar meu fôlego.

– O que deve explicar por que me sinto tão mal. É como se tudo ao meu redor tentasse sugar minhas energias.

– Uma descrição exata do que está acontecendo – disse Fred. – Espíritos são formas de energia, e um xamã ou mago pode corromper essa energia até criar negatividade. É aí que eles tentam te matar.

– Adorável.

Desviei o olhar do grupo para a igreja à minha frente. Era pequena, a pintura branca estava suja e descascada, as janelas e portas haviam recebido uma nova camada de tinta azul, mas parecia ser a única coisa nova. Minha visão ainda colhia os detalhes quando um grito medonho ecoou nas árvores e foi respondido por outros iguais; o tipo de barulho a ser esperado em um matadouro ou em uma mesa de tortura.

– Rani!

O grito de Tales chamou minha atenção e algo – instinto sobrenatural ou sorte pura – fez com que eu erguesse a raquete em uma defensiva desengonçada. A primeira coisa foi o estrondo de ossos quebrados, um grito de dor e minha felicidade por não serem minhas as partes destruídas. Somente então o impacto percorreu meu

**O conceito de negatividade foi primeiramente registrado pelos egípcios e chegou até os dias de hoje em uma tradução de Jean-François Champollion, o homem responsável por decifrar a Pedra de Rosetta. Essa tradução foi encomendada pelos Invisíveis e se encontra exposto hoje no Museu de Arte Moderna Sobrenatural.**

corpo e meus sentidos tornaram-se alertas, à espera de uma nova investida por parte das criaturas que nos cercavam. Eram homens, mulheres e crianças das mais diversas idades e formas, vestiam-se em farrapos e tinham correntes espalhadas pelo corpo; seus olhos eram completamente pretos e todos possuíam os cabelos brancos como leite. Algo em seus olhares mortos me dava a certeza de que não estavam abertos ao diálogo, a não ser que a conversa fosse sobre as mil e uma maneiras de se matar uma garota xamã.

– Fred, acho que está na hora de você trabalhar um pouco – disse Pietro com suas presas em evidência e um sorriso.

– Se você soubesse o quanto odeio não resolver as coisas com o cérebro. É humilhante me transformar na frente de todos.

– APENAS FAÇA O QUE ESTOU DIZENDO, FREDERICO!

– Não me chame disso!

Virei o rosto bem a tempo de ver o corpo de Fred ser coberto de pelos e toda sua musculatura mudar, com seus membros ganhando nova forma e uma boca repleta de dentes afiados. Um enorme lobo de pelos escuros estava a dois metros de mim e rosnava do alto de seus quase dois metros altura. Suas garras eram enormes e cada dente seria capaz de rasgar uma pessoa sem o menor esforço. Aquele foi o momento em que a verdade sobre meus novos amigos voltou a me atingir com força.

– Ele fica bonitinho desse jeito – comentou Marina.

Um clarão vermelho explodiu do aparelho da minha amiga e eu peguei a raquete para enfrentar as dezenas de inimigos que vinham em nossa direção. Fred uivou para o céu e correu enquanto Tales e Pietro assumiam uma postura agressiva. Os espíritos negativados se aproximavam cada vez mais, e eram uma massa que se movia com os olhos cheios de intento. Não haveria chance de fugir ao conflito, era o que seus rostos diziam. Todos estavam preparados para o grande embate, exceto eu, que falhei em enxergar a forma branca que veio de chifre e cabeça contra minha caixa torácica.

Doeu.

## CAPÍTULO 23

# Espírito

*A viagem é longa  
Seja corajoso e forte  
Você é único  
Forte como o sol.*  
Dream Evil, “The Prophecy”

Meu corpo caiu, mas eu não. Era curioso enxergar algo tão familiar e intransferível jogado na terra. Acho que isso surpreendeu bem mais do que o fato de estar fora da carne. Tudo ao meu redor parecia levemente desfocado, como uma foto antiga submersa em vinagre. Tentei andar, mas era extremamente complicado movimentar qualquer membro. Foi um instante de pura confusão e desastre, quando meus sentidos entraram em colapso e a existência pareceu escoar sem peso algum. Eu podia ouvir o som de uma música que estava além da minha compreensão, ruídos e notas que nunca existiram anteriormente, um compasso de ritmo quebrado e suave. Um som tão baixo que parecia vir da estrela mais próxima. Minha visão começou a voltar aos poucos e uma pintura dos acontecimentos começou a se formar na minha frente junto às vozes de meus amigos e gritos. Eu agora enxergava até o pedaço mais escuro sem nenhum problema. Também notei que meu corpo astral usava óculos. Miopia, aparentemente, é algo que segue você no Além.

Marina sacudia meu ombro na tentativa de obter alguma reação, uma perda de tempo, já que não havia ninguém em casa. Por mais que eu gritasse o nome dela, isso parecia não fazer diferença. O grupo de espíritos furiosos continuava o ataque sem intervalos enquanto Pietro e Fred protegiam o demônio e a garota que cuidavam da minha embalagem.

– Eu consigo vê-la, Pietro – gritou Tales. – Ela está em forma astral. Precisamos cuidar do receptáculo até que ela volte.

Quando finalmente consegui movimentar meu corpo espiritual, observei a criatura que havia causado aquilo. Lá estava um veado branco de enormes olhos vermelhos que pareciam brasas. Ele me encarava de forma crua e sem piscar, imperturbado pela comoção ao seu redor. Apenas virou as costas e deu alguns passos em direção aos fundos da igreja.

– O que eu faço agora? – perguntei a Tales, que por algum motivo era o único que conseguia me ver.

A luta seguia ferrenha e o círculo de inimigos se fechava ao nosso entorno. Vi Marina usar sua máquina fotográfica para se livrar de um par que chegou mais perto do que deveria e assisti a Fred ter uma das patas feridas por um amontoado de espíritos. Tales deu cabo de dois inimigos antes de me responder:

– Siga-o, Rani, é um espírito benéfico.

Lancei um último olhar para o corpo no chão e saí torcendo para que ninguém o pisoteasse, não sem me desviar de perseguidores que se enfiavam no caminho. Adentrei o mato e fiz de tudo para não perder os pelos brancos de vista, o que era difícil, já que meu guia saltitava e disparava sem dificuldade alguma. Soltei um xingamento e continuei. Meus pés tocavam o chão e eu mal podia senti-los, assim como o frio do vento ou armas. Eu era capaz de atravessar qualquer coisa na minha frente, fosse a maior das árvores ou a menor das rochas. Pensava em quão insignificante todo o mundo de ruas e avenidas parecia naquele momento, como minhas preocupações rotineiras perdiam sentido e eu era levada a me indagar o motivo de as pessoas do mundo continuarem a se odiar por causa de pigmentos na pele, religiões e relacionamentos amorosos alheios, quando havia um mundo novo, enorme e musical do outro lado dos olhos, em que espíritos e criaturas de todos os tipos e formas transformavam os números das maiores empresas em rabiscos irrelevantes.

– Espero que um de nós saiba o que está fazendo – murmurei.

Eu ainda podia escutar a música que tocava desde o momento em que fui arrancada do meu corpo e ela só aumentava em intensidade à medida que seguíamos naquela direção. Tentei olhar ao meu redor em busca de um ponto de origem, mas isso parecia não existir. Eu estava cada vez mais embrenhada naquele mundo de galhos e árvores, em algum ponto tão distante que me era impossível enxergar pedaços do céu ou as duas torres de metal. Tudo havia se refugiado por trás das copas e troncos.

Já estávamos a mais de quinze minutos em caminhada quando uma clareira surgiu em nossa frente. Era um espaço do tamanho do meu quarto e havia uma porta azul no centro, sem nada que lhe servisse de sustento. Fiquei onde estava e observei

aquilo. Havia uma maçaneta de vidro vermelho e um aviso pendurado que dizia: *Mundo Espiritual – Primeiro Andar*. O veado branco parou em frente e bateu sua cabeça de leve na madeira, convidando-me a entrar pela porta que se abria sozinha, permitindo que eu vislumbrasse uma campina dentro dos batentes.

Dei o primeiro passo naquela direção, com meu corpo espiritual já se acostumando ao peso e ritmo daquele estado. Havia algo em mim, uma mistura de ansiedade e excitação, me exortando a descobrir cada detalhe do que se escondia do outro lado, como uma Alice que segue o coelho buraco abaixo, caindo e caindo, mas determinada até o fim.

Foi aí que um barulho parecido com o guinchar de um porco me fez virar a tempo de ver um espírito atrás de mim. Era uma garota de uns 8 anos que se movia encurvada e com as mãos se arrastando pelo chão. Eu podia ver os olhos negros me encarando com raiva e os dentes que pareciam pequenos punhais.

– Não sei o que andaram dizendo por aí, mas você não quer mexer comigo. Eu assisti Kill Bill duas vezes e não tenho medo de usar o que aprendi.

A garota rosnou e investiu contra mim em seu caminhar símio e trôpego, e não havia muito o que eu pudesse fazer além de uma tentativa pífia de defesa. Ergui a mão direita e me enchi da certeza de que estava na hora de colocar minhas habilidades xamânicas em prática, assim como na biblioteca.

– Fogo!

O resultado foi surpreendente e de tirar o fôlego. Surpreendente porque não surtiu efeito algum e de tirar o fôlego porque aquilo saltou sobre mim e apertou meu pescoço como se fosse um graveto seco. A menina berrava e guinchava sem parar, e, para mim, era uma ponta de prazer no meio de todo aquele ódio incontido. Fechei o punho e desferi uma sucessão de golpes contra a cabeça dela, mas eu não tinha a força necessária para tirá-la dali. Minha presença espiritual já começava a enfraquecer e meu corpo pesava. *Socorro...* Tentei murmurar em vão. *Pietro...* As palavras murchavam antes de sair da minha boca e as minhas esperanças de me desvencilhar já não eram tão fortes. Eu ouvia o som de algo se aproximando, *outros espíritos que deviam ter ouvido os berros da companheira*, pensei de olhos fechados.

Um som galopante, folhas pisoteadas e um baque forte. Abri os olhos para ver a garota estirada a metros de distância e o veado branco estava ao meu lado, com os chifres sujos de um líquido negro e viscoso. Afaguei a cabeça dele e agradeci pela ajuda enquanto mancava o mais rápido possível até a porta azul. Houve o barulho de um trovão e uma explosão de luz no meu rosto, e experimentei o sentimento de ser atirada em um liquidificador que dança lambada.



A porta se fechou atrás de mim e o Mundo Espiritual recebeu uma visitante desorientada.

## CAPÍTULO 24

# O outro lado do mundo

*Eu te levarei para um lugar  
Onde encontraremos nossas  
Raízes, sangrentas raízes.  
Sepultura, “Roots, Bloody Roots”*

*The Piper At The Gates of Dawn.* Sempre achei que uma pessoa não podia ser considerada fã de rock sem ouvir esse disco pelo menos uma vez na vida, espécie de Meca para onde ouvintes peregrinam em busca da sonoridade psicodélica perfeita. É certo afirmar que Pink Floyd não teria chegado até ali sem a ajuda de seu primeiro vocalista e líder, um cara muito estranho que se chamava Syd Barrett, a alma brilhante daquele registro inicial. Não é mistério algum que enlouqueceu e terminou os últimos anos de sua vida em reclusão, o que é uma pena, porque gosto de pensar naquele homem quando enfrento um fato sem precedentes, uma espécie de jogo: *Teria Syd Barrett imaginado algo mais esquisito?* Se a resposta é afirmativa, eu me acalmo e resolvo da melhor maneira possível. Assim sendo, aquela foi a primeira vez em que precisei dar o braço a torcer: Syd Barrett não teria imaginado aquele lugar.

Eu ainda escutava a música sem ponto de origem, mas ela parecia bem mais suave naquele lugar. Era uma área verde tão grande quanto um oceano, o mato chegava até meu joelho e flores de todas as cores se espalhavam até as montanhas que se erguiam ao longe. As árvores eram frondosas e bem espaçadas. Revoadas de pássaros cobriam o céu claro onde três luas podiam ser vistas. Em uma outra extremidade, búfalos e outros animais pastavam calmamente, alheios à minha presença, assim como girafas, zebras e tamanduás.

A parte surpreendente ficava por conta do grupo de raposas que caminhava em uma longa fila em quimonos pretos e chapéus de bambu, e iam silenciosas e de

cabeças baixas, não olhavam para lado algum e nem desviavam um centímetro. Balões de ar quente cruzavam os céus e aviões pareciam ter saído de algum documentário sobre a Segunda Guerra Mundial. Perto das montanhas, um grupo de mulheres gigantes, tão altas que suas cabeças roçavam as nuvens, caminhava sem ligar para o mundo embaixo e iam a passos lentos que chacoalhavam a terra, mas ninguém parecia perturbado por aquilo.

– São pastoras. Cuidam para que as montanhas não fujam – disse uma voz atrás de mim. – Esperei muito tempo para encontrar você, Rani.

Virei a cabeça e encontrei uma mulher alta e de pele escura com inúmeras tatuagens e olhos escuros. Ela deveria ter pouco mais que uns 20 anos de idade e sorria abertamente para mim, com uma expressão tão calma e serena que dissipou qualquer susto que eu houvesse sentido até então. Seus cabelos eram longos e trançados, adornados com penas e caindo sobre o ombro largo. Vestia uma roupa marrom de bordado intrincado, mistura de peles com fibras que tomava a forma de uma blusa, calças e sapatos de couro. Ao lado dela estava o veado branco que me guiou até ali.

– Quem é você? – perguntei com um pouco de medo de ouvir a resposta. – Como sabe meu nome?

Ela sentou-se e convidou-me a imitá-la antes de responder:

– Você me conheceu anteriormente e talvez venha a me conhecer outras vezes. Nunca faz muita diferença, eu sempre os conheço. Eu sou Wenona, a primeira xamã, um pedaço do Grande Espírito que ensinou os Primeiros Povos a se comunicarem com a Mãe Sol e o Pai Lua. Desde então, tenho guiado cada xamã antes de você.

Fiquei em silêncio por um instante e olhei para as raposas que já começavam a sumir de vista. Meu cérebro não encontrava uma forma racional de compreender a situação. Eu não sabia exatamente o que responder e algo dentro de mim fazia com que a presença da outra mulher pesasse sobre mim, como se o ambiente me compelsse a experimentar um misto de respeito e temor quieto.

– É tudo tão novo e confuso que nem consigo acreditar no que está acontecendo. É como se eu estivesse no centro de um delírio hippie – me forcei a dizer. – Eu não sei *como* ser uma xamã. Meus amigos tentaram me ajudar no que podiam, mas não foi muita coisa.

Wenona sorriu e colocou a mão sobre meu ombro. Era um toque quente e forte, uma mão que, percebi, seria capaz de acariciar e destruir algo com a mesma facilidade se assim fosse desejado. Ela olhou para o alto e respondeu:

– É por esse motivo que pedi a Rowtag que a trouxesse aqui. O pobrezinho ficou dias esperando por você. Precisávamos conversar sobre o que está acontecendo no

mundo humano – ela fez uma pausa e me encarou. – Rani, nós somos responsáveis por manter a harmonia no mundo, tanto para o leão quanto para a ovelha. Você ainda não conseguiu sentir-se completa porque seus pontos espirituais estão fechados.

– Fechados?

– Sim, como garrafas são fechadas por rolhas. Você precisa limpar a negatividade dentro da sua mente antes de abrir seu terceiro olho e comungar com os espíritos.

– Isso vai ser complicado. Eu sou uma garota do século XXI, noventa por cento do meu DNA é constituído de sarcasmo e negatividade.

A xamã riu do que falei e se levantou, antes de responder:

– Venha comigo, você precisa caminhar um pouco. Nossa essência difere daquilo que imaginamos ser, Rani. Você é uma xamã e não há como negar isso; você só precisa enxergar no escuro antes de tomar conta da sua missão e do seu destino. Seu povo esqueceu os caminhos antigos, da imaginação e dos ancestrais, e é por isso que novos xamãs sentem dificuldade em se conectar com o mundo abstrato. Vocês se tornaram mecânicos demais, céticos demais e materialistas demais.

Caminhamos pelo campo na mesma direção em que as raposas foram anteriormente. Eu pensava em quanto tempo haveria passado no mundo real e se Pietro e os outros estavam bem. Também pensei no meu corpo atirado no chão do Bonfim, mas decidi afastar o pensamento antes que saísse correndo de volta até a porta azul. Rowtag, o veado branco, disparou em nossa frente e parava de vez em quando para brincar com alguma coisa no chão. Wenona apontava os mais diferentes tipos de plantas e explicava o uso de cada uma delas com um interesse genuíno, mostrando como serviam para curar pessoas ou para afastar espíritos ruins.

– São plantas de poder – dizia ela –, é sempre bom conhecê-las.

Chegamos a um ponto em que o terreno começava a ficar irregular e fazia uma descida até um lago de águas prateadas, tão grande que minha cidade caberia dentro. As raposas estavam sentadas ali e centenas de outros homens e mulheres, das mais diferentes feições, todos cantavam a música que eu não parava de ouvir desde que havia saído do meu corpo. Eu podia sentir uma presença muito poderosa ali, tão grande que fiquei com medo de ser afogada. Era uma forma calma, mas imponente.

– O que é essa música? – perguntei.

– Estes são seus precursores, os xamãs que vieram antes de vocês, e esta é a música das esferas. O universo produz uma canção que não pode ser interrompida. No dia em que isso acontecer, o Grande Espírito despertará e consumirá o que existe para que um novo universo seja criado. Em tempos de perigo, os xamãs do passado se reúnem aqui e cantam para o coração do Grande Espírito, que repousa nesse lago.

A constatação veio ao meu encontro sem nenhuma surpresa. A certeza já martelava de leve na minha cabeça. Eu sabia que havia um louco lá fora que desejava terminar com minha vida, mas eu finalmente encontrava um método em sua loucura no fim das contas; um método condenável e uma loucura desmesurada. Enfiei as mãos nos bolsos e disse:

– É por isso que estou aqui, não é? Aiba quer destruir nosso mundo ao fazer com que a música pare.

Wenona assentiu.

– Sim, Rani. E eu a ajudarei a enxergar no escuro, você está aqui para que seus olhos espirituais se abram e seus poderes fluam em harmonia com o universo. E o mais importante de tudo: eu lhe contarei sobre o Sino da Divisão, a única arma capaz de destruir nosso inimigo.

*Sino da Divisão.* Por alguma razão meus sentidos xamânicos brilharam como luzes em uma noite de Natal ao som daquelas palavras, assim como fizeram na primeira vez em que vi Pietro e nas vezes em que visitei a casa dos Animais de Festa. Mas era diferente daquela vez. Não como se fosse um aviso sobre o que me rodeava, mas como se eu estivesse a um passo de mergulhar em uma espiral gigante de problemas conhecidos. Havia uma ponta de reconhecimento naquele nome que fazia com que todos os pelos do meu corpo se levantassem. Respirei bem fundo e respondi:

– Então é melhor começarmos logo. Tenho um corpo para o qual voltar.

## CAPÍTULO 25

# O Sino da Divisão

*E existem lugares onde precisamos ir  
Para trazer essas palavras ocas de volta  
Você precisa atravessar um rio lamacento.  
Andrew Bird, “Orpheo Looks Back”*

Ainda estávamos perto do grande lago. Wenona pediu que eu respirasse profundamente e soltasse o ar, uma maneira de limpar um pouco da negatividade em mim. A xamã era paciente e explicava repetidas vezes como funcionava aquele pequeno ritual, uma forma abrupta de abrir completamente meus olhos espirituais. Dei alguns tapas no rosto e me forcei a acordar. A música das esferas me deixava sonolenta, uma espécie de canção de ninar transcendental.

– Rani, existem centenas de mundos espalhados pela existência. O mundo espiritual é apenas um deles. O xamã é a pessoa que conecta esse mundo aos outros, aquele que está vivo e morto ao mesmo tempo. Nossa missão é manter o equilíbrio entre as duas realidades e levar o conhecimento de um lugar ao outro.

– Sim, eu já sabia disso.

– O mundo corpóreo também está habitado por espíritos, pelas mais diferentes razões. Alguns porque assim optaram e outros porque ainda possuem assuntos pendentes. É seu trabalho ajudá-los, assim como todos os seres sobrenaturais ao seu redor. O Grande Espírito nos deixou essa missão.

Começamos a fazer nosso caminho para longe do lago. Rowtag esfregou sua cabeça na minha perna enquanto eu absorvia as palavras de Wenona, tentando imaginar como lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. Eu não era capaz de manter nem mesmo meu quarto organizado! Contudo, o que realmente batia na porta da minha cabeça era o fato de Wenona ter me convocado quando outros mais poderosos enfrentariam Aiba com metade dos meus receios e o dobro de coragem.

Estávamos distantes do meu ponto de origem. Tudo estava calmo e as pastoras caminhavam com seus passos lentos. Observei as criaturas titânicas e imaginei de onde elas poderiam ter vindo e o que desempenhavam naquele mundo. Um dirigível passou logo sobre nossa cabeça e seguiu seu destino em qualquer direção.

Lamentei que Pietro e os outros não estivessem ali. O vampiro provavelmente teria feito uma piada idiota e sorrido daquele jeito esquisito e no canto dos lábios. Ao pensar neles, um pouco da minha ansiedade voltou, e também a curiosidade de saber como estavam as coisas no mundo real, se os espíritos negativos haviam nos derrotado. Esperei que o fato de não sentir nenhuma diferença no meu corpo espiritual fosse um indicativo de que as coisas estavam quase tranquilas. Olhei adiante e vi uma estrada de pedras azuis cercada de ambos os lados por bambuzais que formavam uma espécie de floresta.

– Eu nunca vou entender a geografia desse lugar – murmurei.

– O mundo espiritual é uma colagem de todas as pessoas que vivem aqui, cada um molda a realidade com seus pensamentos. Existe até mesmo um lugar construído pela sua mente aqui, um espaço que um dia você visitará em busca do seu animal guia, assim como eu fiz com Rowtag.

– Queria saber por que o trabalho não pode ser mais disso e menos cara malvado atrás do meu escalpo. Quando posso conhecer meu animal?

Pisamos na estradinha e seguimos bambuzal adentro. Algumas coisas saíam de dentro das plantas; eram homens e mulheres de tamanhos diminutos, polegares, e nos vigiavam atentamente, mas logo se escondiam quando eram pegos em flagrante. A xamã explicou que se tratava de um povo que viveu muito antes do meu e que plantou cada uma das árvores do mundo, os Barukis, como eram chamados. Ela sorriu e então respondeu à minha pergunta anterior.

– O contato com o espírito guia não funciona dessa forma. Um dia seu animal irá chamar você e não o contrário. Todos nós possuímos duas almas, a parte consciente e o espírito do mato, nosso animal guia e protetor. Alguém com a alma do tubarão pode nadar com eles sem problema algum e o mesmo com aqueles que nasceram sob o urso e a baleia.

Wenona aproveitou para me contar a história de uma xamã que tinha o espírito de uma preguiça gigante e passava a maior parte do dia sem fazer coisa alguma, porque era o que o seu eu interior lhe dizia para fazer. Ela chegou a dormir por tanto tempo que plantas cresceram sobre ela e meses depois havia um salgueiro onde anteriormente tinha sido sua orelha. Torci para que meu animal guia fosse qualquer coisa, exceto um bicho-preguiça. Alguma coisa poderia ser legal pelo menos uma vez

na minha vida, e eu definitivamente não me importaria em ter um leão ou tigre, algo com *estilo*; nada de peixe-beta ou tartaruga.

– Bem-vinda ao Poço dos Quatro Caminhos.

A primeira xamã colocou a mão sobre meus ombros e apontou adiante, para um poço de telhado vermelho, roldana com balde de madeira e a aparência mais comum do universo. Deixei os pensamentos de lado e foquei minha atenção no que estava para acontecer. Fomos em silêncio até a beirada, onde eu podia ouvir o som de água sendo agitada nas profundezas. Um lugar onde a pressão espiritual de anteriormente era tão poderosa que meus joelhos lutavam para não tocar o chão. Minha cabeça começou a doer e a visão chegou a escurecer por um momento.

– O que é este lugar?

– A linha onde o Grande Espírito toca o mundo corpóreo e o espiritual ao mesmo tempo; uma ferida aberta. O melhor lugar em todo o mundo espiritual para que seu terceiro olho seja aberto.

Meu corpo estava tão pesado e fraco que suas palavras sobre um terceiro olho passaram sem deixar muitos registros no meu cérebro. Eu apenas fiz um esforço para segurar em sua mão e dizer:

– Posso fazer uma pergunta?

– É para isso que estamos aqui, Rani.

– O que é o Grande Espírito?

– Ele é a força por trás de tudo, maior que deuses, apenas energia e criação pura. Ele nunca vira as costas para aqueles que sofrem e o procuram.

Wenona me acomodou perto do poço e desceu o balde. A roldana rangia enquanto a xamã puxava o balde de volta. Os efeitos do lugar se tornavam ainda piores e precisei me sentar. Sabia que aquilo não era um corpo de verdade, mas minha *pele* queimava como se a pior das febres estivesse trabalhando. As pontas de meus dedos formigavam e as pálpebras ficavam cada vez mais pesadas. Wenona disse que eu me sentia daquela forma porque estávamos perto demais do Grande Espírito. Ela pegou o balde transbordante de líquido prateado e sentou-se ao meu lado.

– Vou lhe ministrar um pouco da água sagrada e ela abrirá os chacras do seu corpo. Não é a solução definitiva, apenas você pode trilhar os quatro caminhos que o poço representa: a guerreira, a visionária, a curandeira e a mestre. Uma dessas é você e isso se manifestará antes do fim.

Não respondi.

Minha capacidade de fala estava quase perdida e eu precisava fazer um esforço gigantesco para que meus olhos continuassem abertos. Fiz um aceno leve com a cabeça e tentei murmurar um pedido para que resolvesse tudo de uma vez. Rowtag



deitou-se ao meu lado e lambeu meu rosto, coisa que eu teria rejeitado se pensar já não fosse dolorido demais. A xamã segurou minha cabeça e levou o balde até meus lábios. O líquido entrou frio garganta abaixo e podia senti-lo infiltrar-se em cada espaço das minhas veias, um viajante obstinado que não se detinha em parte alguma. Tudo escurecia, mas ao mesmo tempo a pressão espiritual diminuía e um calor gentil tomava conta de mim. A música das esferas tocava e meu corpo estava em paz, com o barulho da relva se movendo e a música do vento se levantando nos bambus, tudo claro e perceptível. O calor do sol e o fôlego que saía das minhas narinas tinha um aroma diferente. Sorri, ou acho que tentei fazer aquilo.

– E se eu precisar conversar com você outra vez?

Ela balançou a cabeça negativamente e respondeu:

– Preciso que me ouça com atenção, só temos mais alguns instantes – disse Wenona. – Procure o Homem da Pólvora, ele sabe as informações. Independentemente do que acontecer, a morte não é o final e o Grande Espírito não vira as costas para ninguém.

As palavras vinham de longe. Eram um grito no meio do oceano que viaja até a praia. Eu não sei se a primeira xamã disse mais alguma coisa, mas se ela o fez, essa parte ficou perdida, pois tudo foi engolfado por sombras e senti como se estivesse em queda livre do topo do Himalaia. Uma queda muito rápida e muito longa.

Um voo.

## CAPÍTULO 26

# Lá e de volta outra vez

*Eu caminho sozinha,  
Cada passo que dou,  
Eu caminho sozinha.*

Tarja Turunen, “I Walk Alone”

O ar entrou queimando nos meus pulmões. Foi como cair no meio de uma briga e levar um soco no estômago. Eu havia sido jogada de uma vez no meu corpo real e as coisas estavam diferentes. Todos os pedaços da minha energia xamã pareciam em ebulição, meu sentido de alerta espiritual ressoava mais alto do que nunca e eu era capaz de distinguir cada um dos meus amigos de acordo com as ondas de energia. Enxergava cores na noite, ouvia notas musicais no vento e uma descarga elétrica no peito.

Levantei-me em um salto e respondi ao olhar surpreso de Marina com um sorriso. Poucos minutos haviam se passado desde que eu havia saído. Pietro e Fred ainda lutavam contra os espíritos negativados enquanto Tales e Marina me protegiam.

– Seja bem-vinda, menina do cemitério – disse Pietro. – Até te daria um abraço, mas estou ocupado.

Tales eliminou um espírito que estava atrás de nós e, ao constatar que eu estava bem, correu para auxiliar o lobisomem cercado por uma dúzia daquelas coisas, assim como Marina e sua máquina fotográfica. A luta no Morro do Bonfim tornou-se um pouco mais equilibrada sem que os outros precisassem se preocupar comigo.

– Nem gosto de abraços – respondi e peguei minha raquete. – Me desculpe pela demora, a moça do outro lado gosta de falar.

Ajeitei meus óculos no rosto e usei as duas mãos para acertar um inimigo próximo. A raquete de tênis o acertou em cheio e faíscas azuis voaram, transformando-o imediatamente em um punhado de luz que desapareceu no ar. Algo fazia com que

eu me movimentasse com mais clareza, uma atenção redobrada que não existia antes; todo traço de medo que eu senti anteriormente havia desaparecido. Pietro chegou mais perto e nos juntamos contra a pequena horda que vinha de trás da igreja.

– Acho que deveríamos celebrar sua graduação xamânica quando sairmos daqui – disse ele, limpando um corte na testa. – Você paga, estou quebrado.

– Você não tem vergonha de admitir isso?

– Não. Nem um pouco.

Abaixei a raquete. Estava na hora de testar a experiência com Wenona. Fechei os olhos e deixei que a energia fluísse através de mim, concentrei-me no que eu precisava fazer e formei uma imagem em minha mente. Podia sentir o Grande Espírito ao meu redor e partículas de magia fluindo pelos meus dedos. Olhei para os negativados que nos cercavam e fiz um sinal para que Pietro se afastasse, então ergui a mão e falei:

– Purificação.

Houve o barulho de um chicote estalando e um jorro de brilho azul partiu das minhas mãos rumo aos espíritos, que gritaram e tentaram escapar, mas já era tarde demais. A chama turquesa envolveu cada um deles como os tentáculos de um polvo, segurando com força e transformando-os em farelos de luz que desapareciam sem deixar vestígios. Senti minhas forças se esvaindo e o coração batendo cada vez mais rápido.

Meus amigos me olhavam perplexos e curiosos. Pietro batia palmas enquanto o resto do grupo se juntava. Meu feitiço correu mato adentro e limpou todo o espaço ao nosso redor, e pude sentir a paz retornando e meu sentido espiritual na sua frequência normal. Todas as árvores da mata estavam calmas e não havia um pinga de energia negativa em nossa proximidade; havíamos logrado nossa primeira vitória sobre Aiba. Os espíritos que nos atacaram ainda estavam conosco, mas como parte da matéria escura que mantinha o universo coeso e que flutuariam até o Grande Espírito um dia. Não sabia de onde eu havia tirado aquele conhecimento, mas ele parecia brotar de frestas na minha mente, como um baú que esteve sempre ali, mas que só agora estava sendo aberto aos poucos.

– Não sei o que fizeram com você do outro lado, mas foi incrível – disse Marina, enquanto me dava um abraço tão apertado que meus ossos reclamaram em alto e bom som.

Sentei-me para recuperar o fôlego e respondi com a respiração entrecortada.

– O mundo espiritual faz tanto sentido quanto um filme de arte, mas conto em outra hora. Eu sei o que Aiba deseja: interromper a música das esferas e acordar o Grande Espírito para que o mundo seja limpo de uma vez por todas.

– Mas por que matar outros xamãs? – indagou Tales.

– Não sei, mas não deve ser para combater a extinção de pandas.

– Eu nunca entendo esse pessoal que quer destruir o mundo – disse Pietro. – A gente resolve isso da seguinte maneira: impedindo que alcance o que deseja. Tentei manter os Animais de Festa longe da guerra, mas acho que está na hora de trabalharmos... nem que seja para voltar a ficar à toa. Agora, menina do cemitério, precisamos saber de tudo.

Assenti com a cabeça e relatei todos os eventos que se sucederam desde o instante em que segui Rowtag e atravessei a porta vermelha até o poço no bambuzal. Não omiti nenhum detalhe, falei sobre as raposas e as mulheres gigantes, assim como sobre os antigos xamãs que se ocupavam em cantar para que o Grande Espírito não despertasse de seu sono. Falei também sobre o Grão-Mestre da Pólvora e o Sino da Divisão.

– Homem da Pólvora? – perguntou Marina. – E ela não falou onde procurar pela figura?

– Não. Isso foi tudo o que ela disse: procurar o tal mestre e o sino, ou estamos perdidos.

Olhei para o céu estrelado e ponderei o que estava por vir em minha direção. Todos os meus amigos, familiares e conhecidos contavam comigo, mesmo que não soubessem, e eu não fazia a mínima ideia de como parar o outro xamã e continuar inteira. Acho que isso deve fazer parte de ser uma garota em fase de crescimento, enfrentar coisas maiores que a gente e não ter a mínima noção de como sobreviver até o final do dia.

Dei um pequeno sorriso ao pensar naquilo.

– Ei, pessoal – disse uma voz dentro da igreja que reconheci como pertencente a Fred. – Estou com um pequeno problema. A parte ruim de ser um lobisomem é que... quando voltamos ao normal... a gente fica meio... *sem roupas*.

Todo mundo caiu em uma grande risada coletiva que fez o inventor gritar todos os palavrões conhecidos sobre nossas cabeças. Tales tirou um celular de um dos bolsos de seu pijama e tentou fotografar o evento, enquanto Pietro afirmava que pegaria uma roupa extra no carro se Fred jurasse solenemente que não era o membro mais inteligente na facção. Sendo fiel à sua personalidade e honra, o lobisomem declinou da oferta e saiu correndo ao natural pela estrada em direção ao lugar onde Elton John Jr. estava parado. E sobre o resto, é melhor fechar a cortina da misericórdia e esquecer que vi alguma coisa.

PARTE 2  
RATAMAHATTA

## CAPÍTULO 27

# Ritual

*A raiz de todo mal é o coração de uma alma negra  
Uma força que viveu a eternidade inteira  
Uma busca sem fim pela verdade nunca dita  
A perda de toda a esperança e dignidade.  
Slayer, "South of Heaven"*

Eu estava ali. Era um eu diferente daquilo que me era conhecido. Estava em uma rua longa e deserta, os postes iluminavam pouco e as casas de muros altos estavam adormecidas. O não eu caminhou sob a chuva fina e puxou a jaqueta preta para junto de si. Era incapaz de sentir o frio, mas ainda assim o hábito o obrigava a tentar se proteger, ainda que inconscientemente. Eu me detive diante de um portão vermelho e alguma coisa que parecia ser excitação cruzou meu corpo. Estendi minha mão branca como ossos e com unhas lascadas e escurecidas, uma mão de homem.

– Caminho – murmurei.

O portão se abriu com um estalo e entrei na garagem escura, onde um carro prateado permanecia alheio ao mundo. Minha pele formigava, com a conhecida sensação de ter um semelhante nas imediações, o sentido do xamã. A porta de entrada estava aberta, *um convite para a ocasião*, pensei com leve contentamento. Meus passos invadiram a casa, um pedaço aconchegante onde brinquedos, fotos de família e decoração cuidadosa se fundiam em um exemplo de moradia suburbana. Eu não tinha ideia de qual era a identidade usada pelo meu inimigo em seu dia a dia, de advogado ou contador, pelo que lembrava.

Não faria diferença.

Deslizei os dedos sobre a mesa da sala e caminhei com uma determinação fria até as escadas que levavam ao segundo andar. Meus pés descalços deixavam marcas no carpete cinza enquanto eu seguia rumo ao último quarto da esquerda. Sophia, Paula,

Gustavo, diziam as placas penduradas nas portas de outros quartos, mas meus sentidos avisavam que apenas uma pessoa estava presente. Eu respeitava um homem que tirava os filhos de casa na noite de sua morte; elas realmente não precisavam ver o que viria a seguir.

A última porta me encarava sem resistência e afastou-se do meu caminho com um encostar de dedos. O outro xamã estava sentado na cama. Era um homem magro e de cabelos pretos devidamente aparados, que vestia um terno elegante e me encarava com um brilho nos olhos que devia significar estupidez ou coragem.

– É um prazer conhecê-lo, meu caro Haroldo, ainda que em fúnebres circunstâncias – eu disse sem nenhuma flexão na voz. – Nenhum de vocês pode impedir a chegada do Grande Espírito. A terra será purgada e uma nova era começará.

O homem riu e respondeu:

– Você é louco. Bilhões de pessoas perderão a vida por sua causa.

– Elas já perderam a vida quando nasceram aqui. Este é um mundo morto com um coração morto.

– Eu nunca me juntaria a um assassino. Xamãs deveriam ajudar as pessoas. Nossa missão é curar e ensinar aqueles ao nosso redor. Você é um demônio.

Haroldo se levantou tremendo e me encarou cheio de raiva, e uma parte de mim lamentava por aquela decisão irracional. Não era como se eu gostasse de derramar o sangue dos meus irmãos, mas eles não entendiam o universo como eu, incapazes de enxergar o caminho dourado sendo oferecido. O homem levantou sua mão contra mim e gritou:

– Fogo!

Levaria menos tempo do que eu imaginava. Como alguém ousava invocar as chamas contra alguém que nasceu delas? O filho forjado no ventre de um inferno eterno no centro do sol. O calor e as labaredas rodopiaram no ar e vieram em minha direção, e permiti que elas chegassem o mais perto possível e murmurei.

– Deus do fogo, eu o comando.

As chamas se detiveram a um centímetro do meu rosto. Haroldo me encarava como se estivesse diante de uma visão impossível, procurando uma explicação em seu pequeno cérebro. As pequenas vibrações de prazer cruzaram minhas veias, que pulsavam cheias de expectativa pelo momento a seguir. O fogo voou contra o homem e o envolveu em um abraço doloroso, e as chamas tocaram a cama e as cortinas, fazendo com que tudo queimasse em violência; uma força da natureza fazendo seu trabalho. Vi o crepitar de madeira consumida e o calor que fazia gotas de suor escorrerem pelo meu rosto. Detive as labaredas. Elas não avançariam para nenhum lado sem minha ordem, e caminhei até meu irmão xamânico.

– Você ainda não tem minha permissão para morrer – falei com um sorriso. – Preciso do seu coração, Haroldo.

– Claro que precisa... – Ele falava com dificuldade. – Um parasita.

– É apenas natural que o animal mais forte se alimente do mais fraco e absorva sua força.

O homem grunhia alguma coisa para a qual não dei atenção – *ela está acordando*, Aiba, sussurrava. Aquela era a parte mais delicada do trabalho, devorar a alma de um xamã e absorver suas encarnações. Coloquei a mão sobre o tórax queimado do xamã e deixei que minha energia espiritual abrisse caminho até o coração que batia fracamente. Aquele era o milagre de carne que continha toda nossa essência, a conexão com o divino. Apertei aquilo em minhas mãos e proferi o feitiço que nenhum xamã jamais deveria usar.

– Senhora dos Mortos, o sangue de inimigo apazigua a fúria, a alma de um morto alimenta o servo e o último ar alimenta o peregrino. Jabme-Akka, venha a mim.

O jorro de energia espiritual fluiu dele e percorreu cada centímetro do meu corpo. Uma força que preenchia cada aspecto do meu ser e me tornava mais forte do que qualquer outro. A sensação de euforia era incontrolável e meus batimentos aumentavam até quase explodir. Eu bebia tudo aquilo de um Haroldo que murchava diante dos meus olhos, e todas as suas cores estavam em mim. Soltei o corpo, que caiu com um baque surdo, e deixei que as chamas voltassem a varrer aquele lugar.

Saí da casa enquanto pessoas surgiam de suas residências para ver o incêndio. Parei por um minuto, observando as formas que se desenhavam no fogo, pequenos sinais de que eu estava no caminho certo, o fogo purificador que abriria o caminho para o Grande Espírito. A energia nova vibrava no meu sangue, com todas aquelas memórias e conhecimentos. Honrei Jabme-Akka, a deusa sombria, e continuei meu caminho, porque a confusão era grande demais. Ainda me entretinha com aquilo quando lembrei que precisava saudar minha visitante. Olhei para o alto e disse:

– Espero que tenha gostado da visita, Rani. Estou ansioso para encontrá-la pessoalmente outra vez.

Um véu escuro.



## CAPÍTULO 28

# Um estranho na casa, parte II

*Jogos de guerra em sua mente  
Você deve lutar sozinho  
Caindo, sua sanidade esvaiu-se.  
Angra, “The Voice Commanding You”*

Contei o sonho da noite anterior enquanto trabalhávamos em um exercício em grupo durante a aula de História. Pietro estava de braços cruzados e um olhar sério. Marina me olhava com uma expressão tão cheia de pavor que temi um ataque cardíaco. Eu entendia perfeitamente o motivo daquilo e acho que teria a mesma reação se fosse o contrário. Em outra situação, eu lidaria com aquilo sob o argumento de que sonhos nunca fazem sentido, mas um detalhe me impedia de fazer isso: a queimadura na minha mão esquerda. Estava lá quando acordei, uma coisa pequena e quase imperceptível, mas que doeu tanto quanto se uma zebra pisoteasse uma unha lascada.

– Então quer dizer que você pegou carona na mente de Aiba durante um sonho – murmurou Pietro. – Não tenho a mínima ideia do que isso significa no longo prazo, mas você agora está oficialmente no radar dele.

Sacudi a cabeça em uma negativa veemente.

– Não é como se eu tivesse caído ali de propósito. Ele não queria me machucar, era como se estivesse se exibindo, deixando bem claro que me conhecia.

Fui obrigada a me calar. Nossa professora avaliava o ritmo dos trabalhos, sendo que o nosso era horrível.

– Vocês precisam incluir mais informações e datas no cartaz – disse ela. – Como esperam se formar em uma universidade sem conhecimento do básico do Ensino Médio?

Eu diria que nem acreditava que sobreviveríamos até o fim do ano, mas, por via das dúvidas sobre realmente chegarmos lá, fiquei calada e voltei a trabalhar. Trabalhávamos em um cartaz idiota sobre a Guerra Fria. Meu trio estava responsável por fazer uma apresentação sobre a corrida espacial como forma de propaganda. Não era uma atividade complicada, mas eu estava tão distraída pensando em Aiba e no homem em chamas que era impossível me concentrar na Rússia do século XX.

Os últimos acontecimentos serviam para aumentar a urgência pelo tal Sino da Divisão que Wenona mencionou; apenas dessa maneira eu poderia *tentar* uma chance contra o homem que conseguia me ferir em um sonho. A verdade é que os níveis de loucura haviam alcançado a estratosfera nos últimos dias.

Além de um passeio pelo lado selvagem dos sonhos, eu agora era capaz de enxergar espíritos em todos os cantos da cidade, até as antigas freiras da Estadual que perambulavam pelos corredores em suas formas metafísicas fazendo comentários sobre a decadência da instituição na modernidade. Gastei boa parte daquela manhã tentando não gritar quando uma delas cruzava meu caminho ou quando a Madre Superiora gritava com suas noviças. Minha percepção de energia espiritual também sofreu algumas mudanças e eu conseguia diferenciar cada um dos meus amigos pela vibração que emitiam, como um crachá de identificação pessoal e intransferível. No entanto, a maior diferença estava em minhas habilidades xamânicas. Eu era capaz de usar meus poderes como nunca havia feito antes, ainda que de forma desengonçada.

– Algo me preocupa em tudo isso – disse Marina. – Se você foi capaz de entrar na mente dele e observar tudo em tempo real, o que impede que o contrário seja verdade? Como poderemos saber que ele não está observando cada um de seus passos há anos?

Ali estava a pequena orelha do meu drama. O mesmo pensamento já havia cruzado meu cérebro com um bilhão de possíveis desdobramentos; como eu poderia confiar em minha própria mente se ela podia estar sendo vigiada? Havia esse sentimento enorme e sem contorno que me assaltava durante cada minuto, essa criatura sem nome e sem idade. É como amar uma pessoa que aos poucos vai deixando de amar você, passando a considerá-lo um estranho a cada dia, um estado permanente de dúvida, incapaz de agir para a esquerda ou para a direita. Não havia surpresa, Marina só havia colocado meus temores em voz alta.

– Estou certa de que foi a intenção dele ao conversar comigo e deixar a marca – respondi. – Colocar essa ervilha debaixo do meu colchão. Uma jogada de mestre, porque está funcionando. Tales havia me perguntado por que Aiba estava devorando corações. Agora temos a resposta. Ele está absorvendo os outros xamãs, roubando seus poderes e memórias; ele precisa de mais energia para silenciar a música das esferas.

Derrubei nosso cartaz durante um pequeno acesso de raiva e Marina me ajudou a recuperá-lo enquanto respondia:

– Você precisa manter a calma, jovem gafanhota. Lembre-se de que uma de suas regras xamânicas é *lutar até o fim*; não foi isso que o gato disse?

– Preste atenção ao que você acabou de falar. Chegamos ao ponto em que um gato falante é coisa normal. É difícil manter a calma quando você estuda com um vampiro e tem um xamã sociopata na sua cola.

Pietro colou uma fotografia de Yuri Gagarin no cartaz. O vampiro nos contou sobre como as pessoas reagiram ao saber que um homem estava no espaço. As notícias viajavam mais lentamente naquela época, ele disse, mas isso deixou as pessoas em torpor e uma criança chegou a lhe perguntar se o russo veria os coelhos que moram na Lua. Era um pequeno tempo de maravilhas, concluiu ele ao colar a última foto e voltar sua atenção para nós, com um sorriso.

– Ok, menina do cemitério. Acho que se Aiba soubesse de alguma coisa pela sua mente, Graúna estaria em chamas. O fato de ele brincar mostra que a menospreza e isso é uma vantagem no momento. Vou pedir que Tales e Fred pesquisem sobre isso.

Cruzei as pernas e estreitei os olhos; outro detalhe do sonho piscava em luzes brilhantes no meu cérebro.

– As últimas palavras de Haroldo foram: *Ela está acordando*. Aiba não ligou muito para isso, estava ocupado demais aproveitando o assassinato, mas tenho quase certeza de que isso se referia a mim, ao que Wenona fez comigo.

– Ele não deve ter consciência do que aconteceu no mundo espiritual e que você sabe do Sino da Divisão – disse Marina. – É a única explicação para que não se importasse com a informação que pode acabar com a vida dele.

Pietro abriu a boca para responder, mas foi interrompido pela entrada da diretora em sala, atraindo todos os olhares com sua cabeleira vermelha e com a postura de manequim aposentada. Se havia uma mania que aquela mulher nunca deixaria de lado era a habilidade de entrar sem bater na porta ou de pedir licença. Bernadete, nossa professora, olhou para a outra e sacudiu a cabeça negativamente; odiava quando sua aula era interrompida.

– Bom dia, alunos da Escola Estadual de Graúna – disse ela. – Temos um novo colega. Assim como o jovem que ainda não aprendeu a usar uma calça que não brilhe no escuro, o novo aluno veio de outra cidade.

A diretora abriu espaço para que o novo aluno entrasse em cena, uma visão que fez os olhos de Pietro mudarem de cor e suas presas surgirem por um segundo. Os vários brinco brilharam com o reflexo do sol e os cabelos brancos eram tão reconhecíveis quanto o rosto delicado e quase feminino. Jefferson nos encarou com

um sorriso aberto e caminhou até uma carteira vazia do outro lado da sala. Uma onda de burburinhos se espalhou feito pólvora, comentários que iam desde a aparência do rapaz e a forma como caminhava. O novato tornou-se imediatamente o objeto de conversa de todos os alunos do 1º ano A.

– Eu vou quebrar a cara dele – murmurou Pietro. – Ele não tem o direito de estar aqui, aquele pavão idiota. Essa é minha escola.

Uma pequena risada escapou de minha boca quando respondi:

– *Déjà vu.*

## CAPÍTULO 29

# Quanto mais irritante, melhor

*Prazer em conhecê-lo  
Espero que adivinhe meu nome  
Mas aquilo que te intriga  
É a natureza do meu jogo.*

The Rolling Stones, “*Sympathy For The Devil*”

Eu e Pietro nos sentamos na quadra quando o sinal de recreio tocou e Marina foi até a sala dos professores para reclamar da pontuação em um exercício. O dia era como qualquer outro na Escola Estadual de Graúna: nada de interessante à vista e as mesmas pessoas que rastejavam de um lado para o outro. Os “populares” faziam uma roda de violão do nosso lado e ofendiam meus tímpanos com um *set list* medíocre e acordes errados. O que pensar de uma pessoa que comete “More Than Words” em público? Alguns perdidos se reuniam pra jogar *Magic: the Gathering*, e os alunos do 7º ano pareciam ter saído do inferno para o pátio.

Pietro fez uma careta e murmurou:

– Jefferson não deveria aparecer aqui. Não me importo de ele estar na cidade, Iago já havia determinado, mas isso já é demais.

Eu não me lembrava de já ter visto Pietro tão consternado e com uma expressão tão rígida. Seus ombros estavam duros, e a postura tranquila que exibia na maior parte do tempo sumiu. Embora não o conhecesse há muito tempo, era fácil ler as entrelinhas daquele rosto, como a forma que os olhos se focavam em um ponto distante e seus lábios que tremiam brevemente. Ele olhou para mim e forçou um sorriso.

– Por que você não gosta dele? – perguntei. – Ninguém fala muito disso. No dia do conclave eu vi que até Valentina sentia nojo só de olhá-lo.

Pietro cruzou os braços e fez uma careta. Falar sobre aquilo o incomodava, como se precisasse reunir toda a coragem do mundo para serrar o pé com um estilete. O garoto olhou para as crianças que brincavam de pega-pega e respondeu:

– Não me importaria tanto apenas com o fato de ele ter nos abandonado, pessoas mudam de lado com mais frequência do que imaginamos. O problema é a forma como ele fez isso e conseguiu um cargo alto dentro de outra facção.

– Você não precisa contar, se não quiser.

Ele fez um gesto com as mãos descartando minha sugestão; estava distraído com os pequenos velocistas do pátio. Ele lutava para encontrar uma maneira de colocar o que estava na cabeça em palavras, uma alquimia que nunca é fácil.

– Éramos quatro no início de tudo. Eu, Valentina, Jefferson e Clara, uma jovem lobisomem que precisava de um lugar para morar e ajudou a fundar os Animais de Festa em troca de um quarto e de um almoço por dia. O resto do pessoal só iria aparecer uns cinquenta anos depois. Existência sem tropeços em um vilarejo dinamarquês, uma das nossas melhores épocas e a primeira vez em que nos sentimos num lar de verdade. Jefferson e Valentina eram namorados naquela época e tínhamos planos de estender nossa facção até o maior número de criaturas sobrenaturais, e mostrar que existe uma forma de conviver com humanos – havia uma raiva crescente em seu tom de voz. – Tudo mudou no dia em que um dos experimentos de Jefferson deu errado e ele perdeu o controle sobre um golem. Você não pode imaginar o que é uma criatura dessas, Rani, quilos e quilos de destruição em movimento sem nenhuma vontade ou pensamento.

O vampiro parou de falar. Aquilo puxava um gatilho de memórias involuntárias, aquele tipo de recordação que atrai de volta até mesmo aromas e detalhes, como as cores de um piso e a volta de uma maçaneta. Eu conhecia aquele tipo de memória; era a mesma coisa que acontecia quando eu pensava na escola anterior, onde as pessoas implicavam comigo por causa do meu cabelo e pelo fato de eu ser a única garota negra, ainda que mais inteligente e esperta que eles.

– Entendo o que você quer dizer – respondi.

Pietro balançou a cabeça.

– Não, Rani, você não entende. Cento e quinze pessoas morreram naquela noite por causa de um erro dele. Todos nós havíamos dito que golens eram perigosos demais para serem criados, mas Jefferson não nos deu ouvidos. Clara foi a primeira

O que quase me fazia entender o motivo de Aiba desejar um mundo livre de seres humanos. Não justificava, mas era bem fácil ver a atração da ideia. Não houve um período na história em que as pessoas foram legais umas com as outras, logo, imagino se o desaparecimento humano seria de alguma importância para o cosmos.

pessoa a ser morta pela criatura, e foi na varanda porque gostava de ficar olhando para a lua. O golem não se deu ao trabalho de distinguir quem era amigo ou inimigo e a pisoteou de tal forma, que foi necessário...

Eu realmente não poderia compreender o que ele sentia. Sua máscara de James Dean de porcelana caiu e notei que, apesar da idade, ele era apenas uma pessoa tão ou mais perdida que eu. Alguém que havia ficado por tempo demais no mundo e que me assustava em momentos assim; o que ele teria visto nos cantos escuros, nos lugares que ninguém visita? Segurei sua mão e respondi:

– Sinto muito, Pietro.

Ele suspirou.

– Eu também, menina do cemitério. Acho que seria capaz de perdoá-lo por ter criado o golem, sabe, mas ele fugiu e se escondeu em outra facção. Todos nós pensamos que o idiota havia morrido até o dia em que um novo inquisidor foi apresentado. Ele nunca pediu desculpas.

Olhei para Pietro e vi a raiva que sentia por Jefferson ter traído os companheiros de tantas maneiras. Aquilo só fazia minha antipatia pelo outro aumentar, e se antes a sua presença me incomodava, agora faria com que eu mantivesse os dois pés atrás. *Respeite cada ser vivo*, esse era o segundo mandamento do xamã e devia ser a regra número um na vida de qualquer criatura, humana ou não.

Continuei segurando a mão de Pietro, fria como sempre, mas que respondeu ao aperto. Uma corrente elétrica cortou minha espinha e meu cérebro. Um toque que durou pouco mais que um segundo, mas que serviu para que comunicássemos um apoio que não precisava ser colocado em palavras. Nossos dedos já estavam no desenlace quando uma voz soou na nossa frente.

– Vocês de repente completam um ao outro, acho isso lindo. Um filme da Disney, fico em dúvida se é *A dama e o vagabundo* ou *A Bela e a Fera* com um pouco de *Gremlins*.

Jefferson sorria e ajeitava os cabelos com a mão, seus olhos não emitiam sentimento algum. Pietro se levantou rapidamente e desceu os degraus da arquibancada até que encarasse o outro. Podia sentir a tensão na energia espiritual de Pietro, pequenos sóis explodindo ao mesmo tempo que o outro não apresentava nem uma linha de distorção, como se estivesse olhando uma foto de frutas em uma mesa.

– Você não deveria estar aqui, idiota – disse o vampiro. – Eu deveria quebrar sua cara!

O garoto de cabelos brancos empurrou Pietro e respondeu:

– Não seja rude, Pi. Eu não estaria aqui se não fosse necessário. Iago decidiu que devo acompanhar a situação e elaborar um relatório. Acho que ele não gostaria de

saber que vocês se revelaram para gentios... Qual é mesmo o nome dela? Marina? A melhor opção é pisar cuidadosamente em cima dos ovos.

Não vi como aconteceu, mas entre um piscar e outro, Jefferson estava caído no chão e um risco de sangue escorria do seu nariz. Pietro tinha o punho fechado e a expressão cheia de raiva, seus lábios tremiam e os olhos ameaçavam mudar de cor. Eu não poderia deixar que perdesse o controle na frente de todo mundo, pois os olhares da escola já nos encaravam na tentativa de compreender o que havia acontecido.

– Ignore-o, Pietro, você está fazendo exatamente o que ele deseja – falei. – Vamos sair daqui antes que a supervisora apareça. Juro que eu mesma chuto o traseiro dele da próxima vez.

Jefferson se levantou com uma risada e respondeu:

– Acredite ou não, Pietro, estou aqui para ajudar. Deixe os sentimentos de lado e faça a sua parte. E outra coisa... Nunca mais encoste no meu rosto ou prometo que seu presente de aniversário será uma prótese.

– É o que vamos ver, idiota.

O inquisidor ignorou a resposta do vampiro e tirou um papel vermelho do bolso, depositando-o em minhas mãos. Seus dedos encostaram brevemente nos meus, e eram quentes, mas faziam com que cada pedaço de mim esfriasse e meu coração fizesse curvas.

– O que é isso? – perguntei.

– Um endereço que pode ajudá-la com o Sino da Divisão – respondeu ele, sem se virar. – Sim, eu já sei disso, vocês deveriam ter mais cuidado com o que falam por aí. As paredes têm ouvidos.

Fiquei em silêncio ao lado de Pietro e absorvi as palavras. Meus conhecimentos sobre o jovem mago eram precários, mas eu tinha consciência de que ele não hesitaria em machucar aquele que se enfiasse no caminho, como uma máquina de manipulação que se divertia com o sofrimento alheio.



## CAPÍTULO 30 Kung Fu Hitler

*As pessoas pensam que sou louco  
Porque faço cara feia o tempo todo  
Penso em coisas o dia todo  
Mas nada parece me satisfazer  
Ozzy Osbourne, "Paranoid"*

Um dos detalhes mais interessantes da minha geração, ou melhor dizendo, da parte dela em que eu me incluía era o fato de simpatizar ou não com uma pessoa por causa de seus gostos. Por exemplo, se ela gostasse de Doctor Who ou One Piece, eu sabia que era uma pessoa com quem gostaria de conversar, mas, se ela gostasse de música country, bêbados e carros velozes, nem perderia meu tempo olhando. Não existe coisa pior que tentar seguir adiante em uma conversa em que a outra pessoa tem interesses que nem combinam com os seus. Como da vez em que perguntei a uma pessoa qual era o dinossauro favorito dela e ela disse que não tinha um; então, passou a comentar sobre o celular mais recente da Apple. Inacreditável, você pergunta sobre dinossauros e a pessoa faz uma palestra sobre telefonia celular, é por isso que costumo andar com pessoas parecidas comigo. Claro que para toda regra existe uma exceção e o nome dela na minha cidade era Paranoid; ninguém nunca se preocupou em saber o que estava no RG dele e eu o incendiei naquela noite.

Saí da minha casa perto das 7 da noite, depois de uma tarde inteira procurando a pessoa indicada por Jefferson. O dia foi completamente infrutífero e fiquei com um mau humor terrível, aquele tipo de irritação gravitacional que nos puxa para a cama. Foi lá pelo fim da tarde que Marina me ligou dizendo que havia convidado os Animais de Festa para ir até a prainha, uma forma de descansarmos um pouco do mundo sobrenatural. Eu não estava a fim de ir, mas, como era meio que impossível argumentar com Marina, desliguei o telefone e me arrumei para sair.

Joguei uma camiseta do Epica sobre o corpo, um jeans rasgado e o surrado par de tênis vermelhos. Não era como se eu estivesse me vestindo para ir até um baile de gala, por isso nem me dei ao trabalho de arrumar o cabelo ou consertar o esmalte preto descascado nas unhas. Peguei o punhado de coragem em pó que havia e saí de casa; claro que entre uma coisa e outra aconteceu o ato de dizer ao meu pai que todos os meus deveres estavam prontos e que meu quarto estava limpo. Apenas metade da afirmação era verdadeira, mas ele não iria descobrir antes de eu estar bem longe.

Fiz o trajeto até a Avenida Jove Soares de forma rápida e cheguei no posto de gasolina do tigre em menos de dez minutos. Todo o pessoal já estava por lá, Tales, em sua forma humana e de pijamas, e Fred jogavam paciência no pequeno gramado; Valentina olhava para tudo com uma expressão *blasé* no rosto; Marina, em sua indumentária preta e camiseta do Nightwish, e Pietro conversavam sentados no passeio. O garoto usava uma camisa vermelha do The Academy Is e uma calça amarela, e seus cabelos estavam bagunçados como sempre. Ele abriu um sorriso gigantesco ao me ver, e por algum motivo isso fez a temperatura do meu rosto subir. Fiz um leve aceno de cabeça e sentei entre minha amiga e o vampiro, e os outros se juntaram a nós.

– Qual a diferença entre não fazer nada em casa e em um posto de gasolina? – reclamou Valentina. – Estou me perguntando isso há meia hora.

Tales ergue os ombros respondeu:

– Gertrudes precisa se limpar. Já faz um mês que ela não para de reclamar. Ela se recusou a me deixar usar o banheiro só para que eu sentisse na pele o que é estar sujo.

– Se você quiser, posso criar uma solução química que melhore seu humor – sugeriu Fred. – Ou um implante no cérebro, é a nova moda em Paris.

– Acho que deveria calar a boca antes que eu decida usar você como saco de pancada – respondeu a vampira em tom monocórdio.

Ri daquela cena e olhei ao redor para avaliar o posto naquela noite. Era uma quinta-feira atípica e pessoas estavam na rua, as sorveterias estavam lotadas e até mesmo os restaurantes. Exceto o posto, aquele continuava a mesma coisa. O tigre permanecia vestido de caubói, carros entravam e saíam sem parar e os mesmos rostos estavam ali. Aquela região era engraçada e as *tribos* escolhiam os pedaços ao redor como seus, Colombos de Graúna que não tinham nada melhor para fazer. A turma que curti maquiagem pesada, tristeza e punk rock emocional ficavam do outro lado, nos degraus do teatro, e fazia declamações de poemas cantando Dashboard Confessional em voz alta. A turma do Verbo e do Nerd, uma dupla de esquisitos estilo Beavis and Butthead, ficava perto de onde eu e os Animais de Festa estávamos, cabeludos que usavam blusas de flanela xadrez e organizavam cultos a Kurt Cobain

no tempo livre, boas pessoas. Por fim, havia Paranoid, que usava a mesma calça camuflada e camiseta do Phil Anselmo desde o dia em que Noé chamou os animais para dentro da arca.

– O que pensaram em fazer hoje? – perguntei. – A gente poderia comprar um pote de sorvete, eu não me incomodaria em aumentar o nível de glicose do meu sangue.

Tales levantou a mão e respondeu:

– Voto pelo sorvete de chocolate com passas e cereja. Será que alguém poderia pagar minha parte?

– Eu te empresto – disse Marina.

– Ele não vai te pagar – falou Pietro. – Tales está me devendo há pelo menos cinquenta anos.

O demônio fez uma careta de indignação e gritou que aquilo era uma injustiça, uma afronta à sua boa fama e uma distorção sem tamanho dos fatos. Ele iria pagar os empréstimos, mas nenhuma das partes havia estabelecido uma data de pagamento em um pergaminho de três vias assinadas em sangue. Ao que Valentina respondeu:

– Ele está me devendo dinheiro há mais tempo que isso. Pietro, você se lembra de quando ele viajou para matar Hitler? Foi com meu dinheiro e até hoje eu não vi um centavo.

Eu e Marina nos olhamos ao mesmo tempo, incapazes de acreditar que os livros de História estavam errados. Não que estivessem certos na maior parte do tempo, e que o grande ditador nazista houvesse morrido de uma forma diferente da que todos imaginavam. Perguntamos em uníssono:

– Você matou Hitler?!

Tales balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim – respondeu o demônio. – Uma tarefa impossível. O Führer dominava muitos segredos do kung fu e lutamos durante três noites e dois dias até que eu o vencesse. Eu teria pego Goebbels também, mas ele se matou antes que eu tivesse tempo.

– Hitler lutava kung fu? – perguntei com uma risada.

– Um mestre Shaolin que usava suas habilidades para o mal! Não fosse por um golpe secreto que o jovem Stálin me ensinou, eu nunca teria vencido a Segunda Guerra Mundial.

Eu e Marina olhamos para Tales de boca aberta e olhos repletos de admiração. Embora eu não pudesse escrever em uma prova que meu amigo havia vencido Hitler em um duelo de artes marciais, aquilo ficaria comigo pelo resto da minha vida. O mundo realmente não era o que eu imaginava dele.

Foi nesse momento que Fred e Pietro caíram em uma risada sem fim. Até mesmo Valentina riu e eu vi que ela ficava mais bonita que o resto da humanidade quando fazia isso. Nos olharam de tal forma que não consegui esboçar uma reação.

– Elas acreditaram de verdade – falou Pietro. – É a primeira vez que vejo alguém cair nessa história.

– Isso não é verdade?! – perguntou Marina com a indignação de uma criança sem presente no Natal. – Mas... Mas...e a batalha contra Hitler? O golpe secreto de Stálin?

– Nopes – respondeu Fred, fazendo um carinho nos cabelos dela. – É só o roteiro de *Kung Fury*, o filme favorito dele. Um cara se junta a uma deusa viking e a um T-Rex para enfrentar o Kung Führer.

Ri do fato de ter acreditado em uma história tão absurda e comprovei que os Animais de Festa raramente tinham algum compromisso com a seriedade. Talvez fosse por isso que eu me sentia tão à vontade entre meus novos amigos, um grupo deslocado de todo o resto do mundo, mas que me acolheu de uma maneira que as pessoas normais nunca fizeram. Olhei para Pietro e ele ainda estava rindo de tudo aquilo; sua risada, notei pela primeira vez, era parecida com a de um bebê e se quebrava em mil pedacinhos. Uma covinha surgia nas maçãs de seu rosto e os olhos se fechavam. Era bom vê-lo sorrindo assim depois do encontro com Jefferson.

Eu me distraí com aqueles pensamentos até que vi uma figura parada diante de mim. Paranoid, do alto de seus 30 anos, havia se aproximado de nós com uma lata de cerveja em mãos e um cigarro na boca. Era a criatura mais nojenta a caminhar por Graúna e me encarava com os olhos cheios de zombaria.

Se Marina e eu escolhíamos conversar com pessoas com base em afinidades de gostos, ele gostava de brigar com quem não partilhava dos seus. O apelido se dava ao fato de ser vocalista de uma banda muito ruim que, quando cantava “Paranoid” do Ozzy, a única coisa que conseguia pronunciar corretamente era *paranoid*. A cidade inteira deu esse apelido para ele e assim ficou sua fama.

– O posto não é lugar de crianças coloridas não, ainda mais menina com camiseta de metal melódico – disse ele olhando para mim e para Marina. – O lance aqui é Pantera, Sepultura e Cannibal Corpse.

Olhei para meus amigos, que lançaram olhares conspiratórios. Paranoid costumava fazer aquilo havia anos, incomodar as outras pessoas com as quais não simpatizava, e costumava bater em alguns, e somente pessoas tão idiotas quanto ele andavam ao seu lado. Pietro cruzou os braços e devolveu a encarada enquanto Marina já soltava algumas risadas pela situação. Ele fez um gesto para que saíssemos dali rapidamente e eu sorri:

– Você não quer mexer com a gente, otário.

Ele tomou um gole da lata de cerveja e olhou para cada um dos Animais de Festa. Sua expressão dizia que estava pronto para bater em crianças como já havia feito com outras por menos. Meus sentidos de xamã começaram a correr dentro de mim, a excitação que o alerta de perigo iniciava. Paranoid deu um passo para ir em direção a Pietro e meus lábios formaram uma palavra:

– Fogo!

O que aconteceu a seguir teria sido digno de pena em outra pessoa, mas Paranoid estava apenas recebendo o que merecia. Suas roupas pegaram fogo e foram se transformando em pedaços de cinza diante dos nossos olhos. Usei toda minha concentração para controlar as chamas e não machucá-lo de verdade. Pietro e Valentina exibiram suas expressões vampíricas e Tales mostrou os chifres durante um segundo. O homem gritou em um tom estridente e repleto de vogais enquanto se debatia para apagar o incêndio.

Todos riram quando o valentão se mostrou uma criatura patética de botas e cueca branca no chão. Os transeuntes, ainda que sem entender o que estava acontecendo, se juntaram e ninguém se furtou da tarefa de apontar dedos e vaiar o poderoso Paranoid, que chorava e abraçava o corpo envergonhado. Eu me ajoelhei na frente dele e disse:

– Se você incomodar mais alguém por aqui, juro que suas roupas serão o menos importante da próxima vez.

Eu e meus amigos saímos dali para comprar um pote enorme de sorvete de chocolate na sorveteria em frente. Uma parte de mim dizia que Wenona não gostaria nem um pouco de saber o que eu havia acabado de fazer, mas minha metade rebelde estava mais que contente por deixar Paranoid onde merecia.

Pietro pegou na minha mão e atravessamos a prainha; éramos uma gangue de porquinhos-da-índia em um cercado de cimento e asfalto.

## CAPÍTULO 31

### Um dia comum

*Eu nunca serei o que  
Eles desejam que eu seja  
Eu vivo meu próprio caminho  
Sem curvas.  
Trivium, “Kirisute Gomen”*

Eu, Pietro e Marina saímos quando o sinal anunciou o fim da aula de Literatura. Havíamos acabado de estudar sonetos e a pessoa a cargo da nossa educação usou os dois mais batidos do mundo, aquele de Camões que fala que “o amor é fogo que arde sem se ver” e o Soneto 18 de Shakespeare, “devo te comparar com um dia de verão e blá, blá, blá”. Sempre achei que a literatura escolar carecia de *jet packs* e naves espaciais e cowboys do espaço, mas não dá pra lutar contra o *establishment* educacional. Era parte do que cairia na prova da aula seguinte, mas eu não dava muita bola para aquilo, porque caminhava até a próxima missão.

Eu carregava o pedaço de papel que Jefferson havia me entregado dias atrás, com linhas cuidadosamente bordadas que diziam: *Estadual, último andar, Madre Superiora*. Era a terceira vez que fazíamos aquele trajeto, nossas tentativas anteriores na sexta-feira e na segunda haviam resultado em um monte fedido de nada. Pelo visto a fantasmagórica Madre Superiora do colégio não gostava tanto de assombrar o lugar como antigamente; comportamento novo, pelo que outras freiras haviam me informado, uma série de compromissos misteriosos fazia com que a líder abandonasse a escola por longos períodos.

Ali estava uma das heranças do passeio ao mundo espiritual. Eu era incapaz de andar pela escola sem que visse as antigas habitantes do local vagando em suas formas translúcidas e fofoqueiras. *Olhe a roupa daquela menina, irmã*, dizia uma, *aquela com*

*certeza não vai para o “bom lugar”*. Ao que a outra concordava com um meneio de cabeça e uma fungada, a mesma coisa todo dia e elas faziam isso há pelo menos noventa anos – gerações de alunos que haviam caído vítimas das canções de maldizer do clero educacional.

– Você acha que ela vai nos atender desta vez? – perguntou Marina com dúvida na voz. A garota tremia da cabeça aos pés, mas fazia questão de nos acompanhar com a máquina fotográfica antiespíritos em sua mão... Eu era obrigada a admirar isso, a única pessoa normal em um grupo de esquisitos e que não me abandonava como outra pessoa teria feito. – Não seria a primeira vez que ela se recusa a nos atender.

Pietro sorriu e deu de ombros.

– Tenho certeza que sim, Valentina e Tales fizeram um requerimento de contenção na frente da escola ontem à noite.

Eu dei uma risada antes de confirmar se havia escutado corretamente.

– Requerimento de contenção?

– Exatamente, menina do cemitério. É um feitiço que impede a saída de um espírito do lugar onde morreu por 48 horas. A Madre Superiora será obrigada a receber você, querendo ou não.

Subimos a escada que levava até o último andar, o barulho das outras salas ocupava o corredor – alunos do 8º ano que não conseguiam ficar quietos e o berro de uma professora exigindo comportamento. Todo o pandemônio ficava mais distante enquanto subíamos até onde nosso alvo assombrava; os últimos andares eram mais escuros e cheios de corredores apertados sem janelas, o que meu pai costumava chamar de um grande, grande erro arquitetônico, argumento com o qual eu concordava mesmo sem uma gota de noção acerca do assunto.

Eu podia sentir o alerta do meu radar xamânico, informando que estávamos cada vez mais perto do ponto de origem de uma presença espiritual. Fiz um sinal para que meus companheiros andassem em silêncio; a Madre Superiora estava no corredor seguinte, era o que os meus instintos recém-adquiridos murmuravam.

Pietro retirou uns óculos escuros do bolso, entregando à Marina, presente de Fred para que a garota pudesse enxergar espíritos que não estivessem negativados. O jovem inventor dos Animais de Festa havia comprado o último do estoque em um catálogo de importados da China. Ela colocou aquilo no rosto e caminhou ao meu lado, enquanto eu pensava como seria agradável se minha raquete de dispersão estivesse comigo; afinal, nenhuma precaução é suficiente quando se lida com os mortos.

– É agora – falei com pedaços de ansiedade estacionados nos dentes de cada sílaba. – Boa sorte, pessoa e ser humano.

Dobramos o corredor apenas para assistir a cena mais assustadora de nossas vidas. A Madre Superiora em seus quase dois metros de altura, roupas pretas e rosto esquelético beijava apaixonadamente outro fantasma muito mais baixo que ela, com forma de frade roliço, a barba tão grande que alcançava o umbigo. Marina deixou que um sonoro *urgh* escapasse e Pietro balançou a cabeça com uma risada. A freira e o frade se soltaram assustados e nos encararam de olhos arregalados e expressões repletas de terror; não acho que estivessem esperando por visitas. O velho frei nos fitava encabulado e sua face estaria ruborizada caso tivesse sangue ou corpo. Ele fingiu uma tosse e olhou para o outro lado enquanto a Madre Superiora destilava uma catarata de ódio por seus olhinhos de peixe morto, uma visão tão bonita quanto imaginar Kim Jong-Un pelado dançando Macarena. As pessoas deveriam acreditar quando eu digo que ninguém gosta de imaginar esse tipo de coisa.

– A falecida Madre Superiora da Estadual é amante de um frade barbudo... *post mortem* – falou Marina, sem acreditar no que via.

– Barbônio – corrigiu o sacerdote Don Juan em uma vozinha tímida e quase inaudível. – O nome correto é frade barbônio, mocinha.

A Madre Superiora entrou na frente de seu amante e vociferou:

– Cale a boca, Antenor, não precisamos dar satisfações a ninguém.

Eu conhecia a história dos monges barbônios. Comandavam a igreja local no tempo da escravidão e criaram um falso milagre para trocar a igreja das pessoas ricas de lugar; dizia-se que a estátua da santa padroeira fugia de uma igreja para outra no meio da noite como uma maneira de expressar onde realmente gostaria de estar. Na verdade, isso era um trabalho dos sacerdotes que achavam um disparate a igreja da alta sociedade estar no topo de um morro íngreme e tortuoso, enquanto a parte pobre da população possuía um templo no espaço aberto que mais tarde se tornou a praça da fonte (quase) luminosa.

– Acho que podemos resolver a situação sem nenhum problema – eu disse. – Meu nome é Rani e eu sou uma xamã.

– Sei muito bem quem você é – atalhou a fantasma.

Ignorei aquela interrupção e continuei a falar antes que ela fugisse dali.

– Se eu quisesse fazer alguma coisa, já poderia ter usado um feitiço de purificação e enviado os dois para o mundo espiritual. Minha amiga tem uma câmera que aprisiona espíritos, acredite, não viemos em busca de confusão.

Dei um passo adiante e ergui os braços em um pedido de trégua, estava ciente de que não conseguiria coisa alguma se irritasse a mulher, as lendas acerca dela me alertavam para o fato de que não estava lidando com o exemplar mais simpático da humanidade. Ela me olhava de forma fixa enquanto o frade barbônio fazia preces em



latim, o que era bem irônico quando se levasse em consideração que um fantasma buscava auxílio divino para se proteger. Eu podia sentir as ondas de energia da Madre Superiora vindo em minha direção, não eram tão agressivas quanto segundos atrás, mas nem por isso eu poderia chamar aquilo de brisa agradável.

– O que você quer? – perguntou em tom ríspido.

Juntei as mãos em uma súplica e respondi:

– Um xamã planeja parar a música das esferas e liberar o Grande Espírito no mundo humano. Nossa única esperança é encontrarmos o Homem da Pólvora. É por isso que estamos aqui, Madre Superiora, precisamos da sua ajuda.

A mulher virou as costas na simples menção ao objeto de nossa busca. Foi a primeira vez desde que a vimos que o olhar de fúria foi substituído por olhos arregalados que indicavam um medo sem tamanho.

– Não posso ajudá-los, lamento muito. Encontre outra forma de lidar com isso, aquele homem é louco e deve ser mantido onde está.

Pietro se colocou ao meu lado.

– Essa é a nossa única opção – gritou ele. – Se não nos ajudar tudo será destruído, não apenas os vivos, mas vocês também... Será que não entende? Vivos e mortos serão a mesma coisa quando o Grande Espírito chegar, uma massa de energia inconsciente.

A Madre Superiora flutuou para bem perto do meu rosto, eu podia enxergar cada uma das suas rugas, linhas e marcas. Os olhos dela se estreitaram e ela sussurrou as próximas palavras em um tom cheio de pausas e ênfase.

– Vocês desejam salvar o mundo pedindo a ajuda de um louco. Existe um motivo para que o Homem da Pólvora não esteja entre nós; ele faria o mundo arder sem pensar duas vezes. Ele e seus amigos de invenções demoníacas.

Eu começava a ficar sem argumentos, minha última esperança em deter Aiba depositada em encontrar o Homem da Pólvora e descobrir alguma coisa sobre o Sino da Divisão. A freira flutuou em direção ao fim do corredor e fez sinal para que seu amante a acompanhasse, mas algo surpreendente aconteceu: o homem de barbas enormes ficou onde estava e nos encarou com as mãos tremendo e a cabeça baixa.

– Antenor, estou chamando você! Venha agora – gritou a Madre Superiora. – Não me faça esperar.

O sacerdote permaneceu onde estava e não olhou para aquela que chamava seu nome de forma imperativa e rude. Ao contrário do que supúnhamos ser possível, os lábios dele se moveram e palavras saíram correndo dali.

– O Homem da Pólvora... está no reino entre mundos. É um lugar fora do tempo no qual se exilou há muitos anos, de onde nenhum homem jamais voltou. A entrada

fica no hospital abandonado... Vocês precisarão de uma chave oca para chegar até lá. Eu fui seu confessor antes da partida. É tudo o que sei...

O mundo veio abaixo no instante em que ele terminou de falar.

– ANTENOR, SEU PORCO SUÍNO! – gritou a Madre Superiora e voou até o homem, puxando-lhe pela orelha e arrastando-o sem um pinga de dó ou piedade. – Você sabe que odeio quando você me DE- SO-BE-DE-CE.

Eu e meus amigos nos entreolhamos e o vampiro mandou que corrêssemos dali o mais rápido possível. Já tínhamos a informação necessária e sairíamos enquanto o miserável barbudo, ou melhor, barbônio, tomava seu quinhão de sofrimento por nós. Os gritos e xingamentos da freira nos perseguiram enquanto os corredores eram singrados como se estivéssemos cavalgando o vento, mas ninguém parou para ouvir melhor. A Estadual nunca pareceu tão grande quanto no dia em que corri de uma freira fantasma com problemas de temperamento. Nem pensei que poderia ganhar uma suspensão quando passei voando pela secretária e desci rua abaixo sem parar. Pietro e Marina vieram logo em seguida e riram como se tivessem acabado de sair de uma montanha-russa. Não paramos de correr nem quando a dona de uma loja nos chamou de delinquentes.

# CAPÍTULO 32

## Caderno de perguntas do 1º ano A

Oh, diga-me quem é você  
Eu realmente quero saber  
Vamos lá, diga-me quem é você.  
The Who, “Who Are You”

- 1 – **Nome:** Rani Albuquerque Paleta.
- 2 – **Idade:** 15 anos.
- 3 – **Aniversário e signo:** 20 de fevereiro. Peixes. Isso é meio que o orgulho da minha vida, porque faço aniversário no mesmo dia que Kurt Cobain. Claro, ele não faz mais aniversário porque, bem... fica complicado celebrar sua idade quando você está do outro lado da vida.
- 4 – **Local de nascimento:** Graúna.
- 5 – **Apelido:** Nunca tive. Esse não é meu apelido. Eu só nunca tive mesmo.
- 6 – **Cor favorita:** Era azul, mas agora é roxo.
- 7 – **Filme favorito:** Pacific Rim. Ou Detroit Rock City.
- 8 – **Seriado:** Doctor Who em primeiro lugar, mas eu gosto de um monte de outras séries inglesas. Considero as americanas *mainstream* demais. The Inbetweeners, Sherlock, Merlin, Wolfblood, Wizards VS Aliens e Misfits.
- 9 – **Pessoas mais legais da sala:** Marina e Pietro.
- 10 – **Pessoas mais chatas:** Jefferson.
- 11 – **Matéria favorita:** Literatura. Ou História. Uma dessas sem números.
- 12 – **Banda favorita:** Nightwish e Weezer. Não consigo decidir, é uma dessas.
- 13 – **Música favorita:** “Turn Loose The Mermaids”.
- 14 – **Cantor(a):** Floor Jansen.

- 15 – **Eu odeio:** Alguém que esteja tentando me matar para roubar meu coração e destruir o mundo. Acho que você realmente precisa odiar uma pessoa assim.
- 16 – **Melhor viagem:** Londres. Presente de 15 anos, não quis uma festa idiota.
- 17 – **Pior viagem:** Fazenda com os meus avós. Foi a pior experiência da minha vida. Mosquitos, mosquitos e falta de a) videogame b) internet c) seriados. Não sou feita para o mato e isso é de uma ironia tão grande que você nem faz ideia.
- 18 – **Ator:** Matt Smith e Peter Capaldi.
- 19 – **Atriz:** Tatiana Maslany.
- 20 – **Frase favorita:** *O medo é o assassino da mente*. É de um livro que terminei de ler há poucos dias, *Duna*. Todo mundo deveria ler.
- 21 – **Livro favorito:** *Abarat*, Clive Barker. Esse livro dá medo. Muito medo.
- 22 – **HQ favorita:** *Scott Pilgrim Contra O Mundo*.
- 23 – **Se você tivesse algum poder mágico:** HAHAAHAHA
- 24 – **Já beijou alguém da sala:** Não.
- 25 – **O que você levaria para uma ilha deserta:** Eu não iria para uma ilha deserta.
- 26 – **Tem algum animal de estimação:** Não, se eu aparecesse com um em casa meu pai me mataria e minha mãe me ressuscitaria só para me matar outra vez.
- 27 – **Tem irmãos:** Não.
- 28 – **Tem namorado:** Não.
- 29 – **Se você fosse um animal, qual seria:** Ainda não descobri, espero que seja algo legal.
- 30 – **O que você não suporta em uma pessoa:** Falsidade.
- 31 – **Onde você estuda e qual série:** Essa pergunta deveria estar lá em cima, não? OK, eu cumpro minha pena na Escola Estadual de Graúna e sou do 1º ano A.
- 32 – **Onde você imagina que vai estar em dez anos:** Eu nem tenho certeza de que o mundo vai existir em dois anos. Impossível responder isso.
- 33 – **O que você falaria para seu ídolo se tivesse a oportunidade:** Floor, entra para minha banda.
- 34 – **Qual profissão planeja seguir:** Acho que eu gostaria de tocar em uma banda e não ter um emprego chato com horários certos e um chefe.
- 35 – **Deixe uma mensagem:** Eu sou péssima nesse tipo de coisa. Boa sorte para todo mundo e que o Godzilla não coma seus familiares no próximo ataque. Também espero que as pessoas não sejam tão idiotas quando eu for maior se o mundo não acabar antes. Eu posso tentar impedir, mas não é certo que uma garota sozinha consiga impedir o apocalipse, mas eu levo na esportiva. Um abraço e que as pessoas parem de pensar que o nome do Link é Zelda. Isso realmente acaba comigo. Também espero que o Hideo Kojima nunca pare de fazer jogos de Metal Gear.

36 – **Religião:** Pastafarianismo. Acreditamos no Monstro do Espaguete Voador e em seus profetas, os piratas. Ramen.

36 – **Você gosta de alguém da sala:** Não sei. Talvez. Vai saber. Até mais e obrigado pelos peixes.

## CAPÍTULO 33

# Proximidade de eventos

*Então eles dizem que você é um garoto problema  
Só porque você gosta de destruir  
Tudo aquilo que traz alegria aos idiotas  
Bem, qual o problema com um pouco de destruição?  
Franz Ferdinand, "The Fallen"*

Meu quarto estava uma bagunça: milhões de cabos atravessados pelo chão, camisetas de bandas, a caixa de som em cima de uma cadeira, o microfone no pedestal e uma Marina atrás da bateria que tocava de forma violenta com o pedal duplo, produzindo um efeito sonoro que ficava na metade do caminho entre uma metralhadora e um canhão, a AK-47 do rock. Peguei minha velha guitarra e joguei meu riff no meio, era uma de nossas músicas, uma coisa meio punk hardcore chamada "Stabbing The Rain". Eu sempre compunha as músicas em inglês porque achava as vogais menos complicadas e você pode completar qualquer letra usando *yeah*, *hey* ou coisa do tipo.

Tocamos algumas músicas e Marina precisou fazer uma pausa para ir ao banheiro. Ela estava metida em um moletom preto e, para a surpresa da humanidade, estava sem a maquiagem pesada de sempre, um evento causado pela pura preguiça de se arrumar em um sábado de manhã. A verdade é que eu também não estava nas melhores condições, enfiada em uma calça qualquer, camiseta desbotada do Arch Enemy, descalça e com os cabelos cheios de nós. Como diria o nome de um dos meus livros favoritos: É Isso aí, cara, sou punk. Foi um daqueles livros que li milhões de vezes quando mais nova, presente de aniversário da minha avó, sobre um garoto que descobre Sid Vicious e adota o nome de Lemi Cerume junto com o amigo Tim Escarro. Sempre gostei de livros sobre pessoas diferentes, nada daqueles livros chatíssimos que meu pai lia, em que as pessoas não faziam nada de interessante. Eu

gostava de visitar o planeta Arrakis, escolas de magia, Nárnia, a Távola Redonda e o restaurante no fim da galáxia. Esse tipo de sentimento também explicava por que eu gostava tanto das animações do Estúdio Ghibli. Eu nunca seria uma das princesas Disney, com suas vozes angelicais e ansiosas por um príncipe; queria ser como a princesa Mononoke, ou Chihiro, ou o mago Howl, pessoas com as quais eu poderia me identificar.

Minha digressão mental foi cortada quando ela voltou para o quarto, foi para trás do instrumento e bateu nos pratos antes de dizer:

– Não sei se você está se lembrando, mas os Jogos Estudantis começam em breve. O que você pretende fazer? Não é como se Aiba fosse esperar um campeonato de futebol para acabar com a sua vida.

Isso era um fato inegável. O inimigo se movia nas sombras, arrematando novos corações para sua coleção, e eu sabia que meus poderes não seriam suficientes para detê-lo. Era uma porcaria gigantesca ter de me preocupar com jogos de futebol quando isso pendia em uma balança e o Sino da Divisão estava longe dos meus dedos. O frade barbônio nos avisou que o Homem da Pólvora vivia na cidade entre os mundos e ninguém poderia chegar até lá sem uma chave oca. Bem, ninguém tinha a *menor* ideia de onde encontrar uma dessas e mesmo que conseguíssemos... Quem poderia garantir que o cara nos ajudaria?

Essas e outras dúvidas nadaram no meu cérebro antes que eu respondesse:

– Preciso permanecer no time, não posso deixar que meus pais desconfiem de que algo está errado. – Fiz uma pausa. – Tenho a impressão de que Aiba não está interessado em se aproximar de mim no momento; ele já poderia ter me matado quinze vezes, se quisesse. Sinto que ele está esperando alguma coisa antes de prosseguir.

Marina franziu o cenho e me encarou de forma séria. Não era a primeira vez que ela me lançava aquele tipo de olhar. Era o mesmo semblante exibido toda vez que eu comentava da invasão na mente do outro xamã. Ela estava com medo, mas não era um terço do medo que eu carregava em mim, incapaz de saber se Aiba estava me observando durante cada segundo da minha vida. Imaginava o que meus amigos realmente pensavam daquilo, se escondiam informações ou evitavam determinadas conversas na minha frente com medo de que tudo estivesse monitorado.

– Você deveria procurar Wenona e perguntar o que está acontecendo. Ela deve saber algum truque para ajudar você.

Sacudi a cabeça de um lado para o outro.

– Já tentei. O telefone está mudo do outro lado, mas também pode ser que eu seja incompetente. Não é muito fácil chegar ao mundo espiritual; acho que eu nem

teria chegado lá sem a ajuda de Rowtag.

A garota coçou o queixo e ficou em silêncio durante um momento, pensando em uma saída. Por fim depositou as baquetas sobre o bumbo e disse:

– Tama, o gato-demônio? Ele já te ajudou mais de uma vez, acho que é uma boa opção e a que possui mais chances de funcionar.

Todas as opções básicas já haviam sido trabalhadas pela minha cabeça. Os Animais de Festa também estavam trabalhando naquilo e Pietro já havia me ligado algumas vezes com sugestões, desde fazer um ritual para ressuscitar Winston Churchill em troca de conselhos até visitar o Tibete e pedir informações aos monges imortais em seus templos. Tábuas Ouija, livros antigos e criaturas mágicas, tudo isso já havia sido riscado do quadro de opções.

– Ele só aparece quando deseja. Pedi a um gato de rua para transmitir ao seu líder que eu precisava de ajuda, mas acho que o bicho me ignorou.

– Não se pode confiar em gatos, eles se acham os donos do mundo. Eu tive uma gata caolha que pensava ser uma divindade. Comer, dormir e punir humanos com uma caixa de areia com excrementos era um dia no parque pra ela.

**Descobri eventualmente que se tratava de um gato de rua comum, no fim eu devo ter parecido completamente louca para um observador casual.**

Eu já estava pronta para responder alguma coisa quando a campainha tocou. Ignorei na esperança de que meu pai fosse atender, mas isso não surtiu efeito algum, pois ela foi tocada outra vez de forma impaciente. Larguei a velha Les Paul Jr. sobre a cama e saí do quarto acompanhada por Marina. Descemos as escadas apenas para ver meu pai adormecido na frente da televisão, que rodava um filme em preto e branco do Woody Allen. Meu pai sabia de cor a maior parte dos diálogos de Annie Hall do início ao fim e me levou ao cinema duas vezes para assistir Meia-Noite Em Paris, um dedicado cinéfilo era o homem. Observei a cena por um segundo, imaginando como alguém conseguiria dormir com uma campainha tão escandalosa, e abri a porta. Valentina entrou na sala sem dizer oi ou fingir que não estava em sua própria casa. Ela simplesmente olhou para mim por cima dos óculos escuros que usava e disse:

– Seu quarto. Agora. Sem perguntas idiotas.

– O quê?!

– Eu disse sem perguntas idiotas.

A vampira andou em passos rápidos. Usava um vestido vermelho e sapatos pretos com fivelas de prata que faziam barulho a cada passo. Olhei para Marina sem entender nada e segui a Miss Antipatia sem que me fosse dada outra escolha. Eu gostava daquela parte da lenda em que vampiros só podiam entrar em uma casa quando convidados, evitaria constrangimentos daquele jeito. Uma pena que nem



todas as histórias são de verdade. Não consegui deixar que gotas de sarcasmo escapassem enquanto fazíamos o trajeto até o segundo andar:

– Olá, Rani, como vai você? Que *bom* que você perguntou, Valentina, estou ótima. Adoro quando pessoas invadem minha casa do nada. Faça isso mais vezes.

A irmã de Pietro entrou no quarto e afastou os cabos usando os pés, abrindo o caminho para que pudesse sentar na minha cama. O cheiro do seu perfume ficava por todos os cantos e tive um pequeno acesso de espirros com aquela explosão adocicada. Eu não conseguia deixar de imaginar o que havia trazido uma visita tão inusitada à minha casa, mas estava certa de que isso acarretaria uma montanha de problemas. Valentina não era o tipo de pessoa dada a visitas cordiais quando podia ficar em casa e aperfeiçoar seu ódio por tudo.

– Tive uma ideia de como conseguir uma chave oca – disse ela. – Vai ser complicado, mas pode dar certo e temos um intermediário do nosso lado.

Aquilo enviou uma descarga gelada aos meus neurônios. Sentei-me ao lado dela e torci para que não fosse mais alguma ideia sem pé nem cabeça como as que Pietro e os outros haviam proposto até então.

– Do que você está falando? – perguntou Marina, tão ansiosa quanto eu.

Valentina deu um sorriso muito parecido com o do irmão e isso me mostrou que eram bem parecidos no fim das contas, o mesmo brilho de quem se achava a pessoa mais incrível em um raio de oitocentos quilômetros.

– O pai de Tales – respondeu a garota. – Ele definitivamente possui uma chave oca, poderíamos fazer um empréstimo.

– O pai dele... não é um demônio? – perguntei com medo do que viria a seguir. Valentina riu.

– Não, o pai dele é o demônio, estamos falando do artigo definido e definitivo aqui. Lúcifer é o tipo de pessoa que certamente teria uma dessas em casa.

Meus ombros caíram no chão e a ideia de trazer Winston Churchill de volta à vida pareceu muito mais interessante do que imaginei anteriormente. Minha cabeça havia se tornado uma TV fora de sintonia, captando ruídos de uma transmissão russa. Era impossível processar que um dos meus amigos fosse o filho do *bad boy* #1 do universo e pior ainda era saber que ele existia de verdade, carregando no bolso minha esperança de não ser morta por um ladrão de corações. Eu retirava tudo o que havia pensado, *aquela* era a pior ideia que eu já ouvira em toda minha vida. O Tibete parecia uma opção muito razoável quando se trazia Lúcifer em pessoa para o tabuleiro. Olhei para Marina e vi que ela concordava em número, gênero e grau com qualquer que fosse a expressão no meu rosto, que basicamente queria dizer: POR FAVOR, PARE O MUNDO. EU QUERO DESCER IMEDIATAMENTE!

## CAPÍTULO 34

# Problemas familiares

*Somos fortes, somos um  
Um por todos, todos por um  
Nós somos Nêmeses.  
Arch Enemy, “Nemesis”*

Valentina gastou quase duas horas no dia anterior em uma tentativa de me convencer que incluir o demônio no assunto era uma coisa interessante de se fazer. Eu e Marina rejeitamos aquilo de forma veemente, mas logo se tornou claro que não encontraríamos uma chave oca de outra forma, embora ninguém fizesse ideia do que fosse isso. Pensei no que meus avós diriam se soubessem que eu estava andando com o filho do mal e associados sobrenaturais; provavelmente um chá com a presença de todos que resultaria em um longo artigo acadêmico sobre o assunto, algo do tipo “*O diabo em uma casca de noz: Um estudo da receptividade de Macbeth no inferno*”.

Ri daquela piada mental e acompanhei Pietro, que subia a escadaria da sua casa ao meu lado. Ele usava uma calça amarela e um tênis com luzes na sola que brilhavam toda vez que pisava. Era o tipo de coisa que você esperaria em uma criança de 7 anos de idade, mas ao que parece vampiros centenários também gostavam de andar na moda, que aqui adquire um sentido completamente aleatório e está além da compreensão humana ou animal. A casa dos Animais de Festa estava movimentada, os moradores se revezavam na tarefa de convencer Tales a conversar com seu pai, o que se mostrava mais difícil do que Valentina nos fizera crer ao bolar o plano.

– Ninguém sabe o que fazer – disse Pietro. – Eu disse que ele poderia ter um panda de verdade se conversasse com o pai dele, Fred prometeu construir um tiranossauro robô em tamanho real e Valentina o ameaçou de todas as formas possíveis. Nada disso funcionou.

Subimos até o segundo andar e tomamos um corredor vermelho com bolinhas brancas, a casa havia começado um novo processo de autodecoração e ainda não havia decidido sua nova personalidade. Pietro chamava aquilo de momento vanguardista imobiliário. Patos de borracha ocupavam o chão, manequins em roupas de marinheiro no caminho e papéis de parede com a cara do Bon Jovi se desenrolavam até a última porta no fim do corredor. O tipo de adorno que chamariam de Arte Moderna em um museu como Inhotim ou o MOMA e de insanidade em *qualquer* outro espaço.

– Não sei se vou conseguir fazê-lo mudar de ideia – falei. – Não é como se eu fosse boa em lidar com pessoas.

Pietro me olhou nos olhos e respondeu:

– Eu confio em você, menina do cemitério, do fundo do meu coração imóvel. Que tal uma aposta? Se convencer Tales a nos ajudar com o pai dele eu te dou uma guitarra nova, a que você quiser. Dinheiro nunca foi um problema.

Soltei uma risada mais alta do que era minha intenção e parei na frente dele, sentindo uma ponta de excitação pelo desafio proposto.

– E se eu não conseguir convencê-lo?

Ele sorriu e enfiou as mãos no bolso.

– Bem, aí você paga o flautista. Nada complicado, Rani... Apenas um beijo.

Aquilo me pegou despreparada e eu soltei um soluço. Minhas pernas tremeram e a respiração ficou suspensa por uma breve eternidade. Pietro me encarava com um sorriso de cantos e a expressão de uma raposa que se diverte olhando um ratinho acuado. Eu não sabia o que ele queria com aquilo, nunca dava pra saber de verdade o que Pietro estava pensando, na maior parte do tempo era como se ele levasse tudo como brincadeira, mas em curtos períodos eu podia sentir que algo rastejava por trás dos cabelos esquisitos e das roupas coloridas.

– E se eu não aceitar? – perguntei. – Não sei se eu teria coragem de encostar minha boca na sua, senhor colorido.

– Ai, você é uma lagartixa medrosa. Está com tanto medo de perder?

Aquilo me fez sorrir.

– Eu nunca perco, idiota. É melhor comprar minha guitarra de uma vez. Pensei que vampiros fossem mais inteligentes que isso.

Trocamos um aperto de mão e selamos o acordo. O frio no estômago dizia alguma coisa que preferi ignorar e xinguei meu cérebro por dar atenção àquilo quando precisava convencer Tales a falar com seu pai demoníaco. Dei meus passos adiante e evitei o olhar de Pietro, que me encarava com uma expressão divertida, certo de que ganharia a aposta. Ajeitei meus óculos no rosto e prossegui até a última porta,

um som horrível fugia de lá. Se eu imaginasse um elefante sendo jogado em uma panela de água fervente, a trilha sonora seria parecida com aquilo.

– Ele está tocando violino, sempre faz isso quando está irritado – disse o vampiro.  
– É um mecanismo de defesa, ninguém consegue ficar perto de um negócio tão horrível.

– Já está quase fazendo efeito em mim.

Bati duas vezes na porta amarela e chamei pelo nome do garoto, nenhuma resposta veio, apenas um esfolar medonho em ré maior. Sem nenhuma outra opção, fiz um gesto para que Pietro ficasse do lado de fora e abri a porta bem devagar, um cheiro de incenso de canela atingiu meu nariz.

– Por que será que ninguém respeita uma porta fechada? – perguntou o garoto, em sua forma de demônio.

Ele estava em sua cama e voltou a tocar o instrumento, precisei me segurar para não correr. O quarto de Tales era diferente do que eu imaginava, as paredes eram de um azul suave e tudo estava devidamente organizado: livros, prateleiras e a mesa com uma máquina de escrever azul. Havia pôsteres de filmes antigos. Marilyn Monroe estava lá, assim como Audrey Hepburn, Fred Astaire e Godzilla. Era interessante o quanto aprendíamos sobre uma pessoa quando invadíamos o quarto dela. Nunca havia me passado pela cabeça o fato de Tales ser um cinéfilo como meu pai. Ainda havia muito que eu precisava aprender sobre os Animais de Festa e humanos em geral.

– Oi, Tales – tentei dizer em um tom despido de qualquer subterfúgio. – Você sabe por que estou aqui. Nós precisamos da sua ajuda, *eu* preciso da sua ajuda. Seu pai é a única opção de uma chave oca no momento.

O garoto largou o violino e me encarou com os olhos sérios e sem nenhuma piscadela de hesitação.

– Você não sabe o que está pedindo. Ele nunca ajuda uma pessoa que não seja ele mesmo. Existe um motivo para eu ter fugido de casa, Rani. Sem chance, isso está fora de cogitação. Ele é o cara que ganha a vida destruindo universos e torturando almas.

Sentei-me ao lado dele na cama e respondi:

– Os Animais de Festa e a vida que você conhece serão destruídos no momento em que o Grande Espírito acordar. Se você realmente se importa com Pietro e com os outros, essa é sua chance de demonstrar.

Tales se levantou e caminhou até a prateleira onde dormia sua coleção de DVDs, centenas que se espremiavam em uma estante branca. Ele deslizou a mão sobre as capas, como que buscando extrair uma energia que lhe fizesse ganhar coragem. A situação lhe provocava um sofrimento sem tamanho, e seus punhos abriam e

fechavam incessantemente, seu corpo tremia dos chifres aos pés e sua cauda estava retorcida e inquieta.

– Eu fugi de casa, abandonei toda minha família e o trono sem dizer nada. Ele esperava que eu fosse substituí-lo, mas a verdade é que não sou igual a ele, não consigo ser mau como todos os súditos esperam que eu seja. Ele nunca iria me ajudar. Ele é o príncipe das trevas, afinal.

Fui com passos lentos até o garoto e ergui o queixo dele com a mão, lágrimas haviam ensopado seu rosto e o pijama do Batman que usava. A verdade é que eu compreendia a situação de Tales em uma proporção bem menor e mais humana. Assim como ele, eu tinha pais que sempre esperavam um mundo de coisas de mim e eu nunca tinha a confiança de que conseguiria seguir os milhões de planos que haviam traçado, pelo simples fato de que eu não era eles e nunca poderia seguir escolhas que não fossem minhas. Acho que todos os pais são iguais no fim do dia, sejam eles arquitetos e médicos ou ditadores infernais.

– Você não vai estar sozinho dessa vez. Você é um Animal de Festas, a gente cuida um do outro, não é?

Ele assentiu com a cabeça. Puxei Tales para perto de mim e lhe dei um abraço apertado. Sua pele era quente e ele tinha cheiro de talco e laranja. Não falei nada, não há nada que possa ser dito em momentos assim. Podia ouvi-lo chorar por um bom tempo e foi só bem depois que algumas palavras saíram dele.

– Vou te ajudar a conversar com meu pai.

Aquilo fez com que minha esperança de vencer Aiba continuasse a existir em um canto da mente. Pietro, Fred e Valentina não haviam compreendido que presentes ou ameaças não fariam ele enfrentar seus medos com a cara limpa. A única coisa que pode nos ajudar nos piores dias e nas piores horas é saber que alguém está do nosso lado durante os soluços. Eu ficaria com Tales até onde precisasse, pois tinha certeza de que os moradores daquela casa estariam comigo quando eu cantasse fora do tom.

– Vai dar tudo certo, Tales – falei. – Ou a gente chuta o traseiro dele de volta para o inferno em três vias carimbadas.

A porta se abriu e Pietro entrou de braços cruzados, e pude ver em seus olhos que ele tinha consciência de ter perdido a aposta. Foi impossível para mim dizer o que a expressão em seu rosto significava; estava feliz pelo amigo, isso era claro, mas uma parte parecia triste por não ter vencido. Sei que do meu lado eu estava ligeiramente contente por avançar um pouco mais na luta contra Aiba e ganhar uma guitarra igual a do Kerry King, o que faria minhas apresentações de Slayer no quarto ficarem muito mais realistas. Afirmei para mim mesma que esse era o motivo do frio na barriga e da revoadada de borboletas no estômago.

## CAPÍTULO 35

# Muddystock

*Por anos afastados da sociedade  
Párias, condenados por nossas crenças  
Nossas legiões cresceram em segredo.  
Hammerfall, "Hearts on Fire"*

Eu e Marina nos encontramos no posto de gasolina. Era um meiotermo para as duas e aproveitamos para comprar um sorvete de máquina que era vendido na loja de conveniência. Saímos de lá com duas casquinhas cheias e o sol causticante das 3 horas sobre nossos crânios. Tínhamos uma missão muito simples naquela tarde: comprar roupas; afinal, eu me encontraria com Lúcifer no dia seguinte e as primeiras impressões importam.

Íamos com os passos lentos e eu não deixava de me surpreender com o fato de Marina conseguir andar vestida de preto da cabeça aos pés naquele calor. Eu havia escolhido um vestidinho azul e tênis, enquanto ela andava como se fosse parte de alguma banda de Black Metal da Noruega: calça, botas, esmaltes, camiseta e pulseiras da cor de carvão. Não era de se estranhar que tivesse sido praticamente expulsa do seu colégio anterior, onde o diretor era um padre que mandava no lugar desde antes de meu pai nascer.

– O que você acha que é uma coisa adequada de vestir para encontrar o Príncipe do Mal? – perguntou Marina.

**A antiga escola de Marina tratava o uniforme como sagrado e nenhuma mancha ou modificação era aceitável. O padre diretor costumava andar pelos corredores e interpelar os alunos pedindo que recitassem alguma oração. Certa vez o homem topou com Marina e pediu: "Salve-Rainha". A garota abaixou a cabeça, ergueu uma mão chifrada e berrou "God Save The Queen" dos Sex Pistols do início ao fim. No dia seguinte os pais dela estavam na sala do padre.**

– Não sei. Caso você nem tenha percebido, essa não é uma ocasião que ocorre com frequência na vida de alguém.

– Cara, ele é o *headbanger* supremo. Pense em todas as bandas que só existem por causa dele ou no rock como um todo. Ele provavelmente deve se parecer com o cara do Motörhead ou Slipknot.

Ajeitei minha mochila nas costas e terminei com o sorvete de baunilha que ameaçava escorrer pelos meus dedos; tomar aquilo sem fazer bagunça devia ser parte de algum daqueles esportes radicais, tipo ironman ou triatlon: a pessoa corre, nada, pedala e antes de cruzar a linha de chegada ela precisa matar um sorvete do posto sem sujar as mãos. *Sorvetlon*, o novo esporte do século.

– Queria tanto poder ir com vocês – reclamou Marina, a voz falsamente chorosa. – Você realmente precisa perguntar a ele os nomes das bandas com as quais fez pactos. Eu tenho certeza de que Marilyn Manson está na lista.

– Tales disse que o pai não gosta de humanos na casa dele; mas pode deixar, vou fazer todas as perguntas importantes.

Enfiei a mão no bolso e enfrentei a subida que levava até a rua da nossa escola. Marina ainda reclamou um bocado sobre sua ausência no dia seguinte e eu optei por mudar de assunto, contando partes do que aconteceu na casa dos Animais de Festa. A aposta com Pietro ficou devidamente escondida pelos seguintes motivos:

A) Ela afirmaria que estávamos apaixonados um pelo outro e

B) Em um piscar de olhos, tudo sairia de proporção e até a presidente e Barack Obama fariam parte da intriga amorosa.

Eu não queria conversar sobre aquilo e tinha certeza de que Pietro estava apenas brincando com minha cara, afinal, nenhum vampiro com mais de 100 anos se interessaria por uma garota de 15 que não sabe de quase nada. Deixei aquilo no canto da mente sob o argumento de que eventos mais importantes aconteciam na minha vida, encontrar o Homem da Pólvora e derrotar Aiba, por exemplo. Chegamos ao nosso destino em alguns segundos.

A loja que visitaríamos naquele dia ficava perto da Estadual e era um dos únicos lugares em Graúna onde havia camisetas de bandas, botas e acessórios para pessoas extremamente esquisitas de todas as idades.

Muitos nem imaginariam a importância daquele estabelecimento de frente azul com uma placa que anunciava Muddystock. Era pequeno, com um estúdio de tatuagens no fundo e tinha um sofá na entrada em que qualquer um poderia sentar, o

que já dizia muito, nem todo mundo que ia até ali comprava alguma coisa; na maioria das vezes, era pela conversa com o dono do lugar, que nos saudou com um aceno de cabeça enquanto silenciava o disco do Children of Bodom.

– Chegaram camisetas novas aí – disse ele. Já estava acostumado com nossos pedidos de todo início de mês, que era quando tínhamos dinheiro da nossa mesada.

Muddy, cujo nome real quase ninguém usava, era uma das figuras mais interessantes em uma cidade bovina, um homem muito alto com cabelos tão grandes e escuros que seria fácil para ele se esconder ali e desaparecer. Estava sempre vestido com alguma camisa escura e não me recordo de tê-lo visto nenhuma vez em cores vibrantes; constantemente paramentado de guerreiro do metal. Embora a constituição pudesse dar a impressão errada, era dono de maneiras gentis e uma voz tão mansa que ninguém o associaria ao seu *outro* trabalho, baixista e vocalista em uma banda chamada Calvarian Death. A banda dele era a mais antiga e famosa a já ter saído de Graúna Roça City, tocando na Europa e em sei lá quantos lugares, o que era um baita incentivo para os jovens perdidos que visitavam sua loja diariamente.

– Estamos procurando uma coisa específica – falei. – Ainda não sei o que é, mas é para uma situação única.

Marina sentou-se no sofá e fui vasculhar as dezenas de roupas penduradas na loja. Havia uma infinidade de novas estampas e nenhuma delas me agradava; era um daqueles dias em que nada parecia ser a escolha certa.

– Acho que não vou te ajudar dessa vez, Rani. Por outro lado, tenho uma novidade aqui.

Muddy pegou um dos panfletos que ficavam sobre o seu balcão e me entregou, Marina ficou ao meu lado para ler o anúncio mal impresso em um papel barato. “*Graúna in Metal: Palco livre para bandas locais. Local: Pantheon. Horário: 20 horas. Ingressos: Muddystock.*” Li as informações mais umas duas vezes e olhei para Marina; era uma oportunidade para que tocássemos de verdade na frente de um público. Minúsculo, mas de verdade.

– Isso é sério? – perguntou Marina. – Rani, é justamente o que precisamos para tirar a Tank Gurls da garagem.

Se a Muddystock era onde pessoas compravam indumentárias, a Pantheon era o lugar para exibí-las. Uma casa de shows que ficava perto do rio São João, cuja maior peculiaridade era que durante a semana abrigava shows de samba, música country e bingos para a terceira idade, e nos sábados tornava-se uma versão baixa renda do Wacken Open Air. Todas as bandas da região acabavam por tocar ali uma hora, e outras nunca conseguiriam deixar de tocar lá, como a banda do Paranoid.



– É só falar e eu coloco o nome de vocês na lista – disse Muddy, pegando uma prancheta com várias assinaturas. – Já temos cinco bandas confirmadas, vai ser bem legal.

Assenti com a cabeça e assinei meu nome de forma rabiscada, deixando que Marina assinasse o dela e pagasse o ingresso. Não havia muito que discutir, era um dos nossos sonhos tocar fora do meu quarto ou do porão na casa dela, mesmo que em um lugar não muito diferente. Eu sabia que estava atolada de atividades xamânicas, escolares e domésticas, mas estava disposta a não deixar de lado as pequenas coisas que eram importantes para mim.

– Agora vamos dar um jeito no seu visual e deixe o Esquadrão Marina da Moda fazer o seu trabalho, jovem padawan.

Marina colocou a prancheta sobre o balcão e veio me ajudar a escolher uma camiseta. Ela tirou um monte delas do suporte e começou a comentar sobre as favoritas e cada coisa vinha com uma teoria sobre o que as estampas diriam sobre mim. Por exemplo: uma pessoa pretensiosa compraria uma camisa com a foto de um poeta morto e frases irônicas, e alguém sem vida social ou esperança nela, vestiria algo com ilustração do Aquaman, porque nada representa o fato de ser esquecido e ignorado pelo mundo como o herói aquático.

Levamos mais de uma hora olhando camiseta por camiseta e já estávamos quase desistindo de tudo quando Muddy perguntou:

– Qual é o compromisso importante?

Fiz uma careta e respondi:

– Vou conhecer o pai de um garoto amanhã; ele não é meu namorado, se é o que você está se perguntando. O único problema é que o pai dele é o demônio em pessoa, logo, não sei o que vestir na presença de Sua Malvadeza.

O homem riu da minha resposta, provavelmente tomada como hipérbole, e levantou-se pegando uma camiseta escondida atrás do balcão.

– Acho que tenho a camiseta certa para você – ele me entregou uma cinza com a cara do Dani Filth estampada. – Se é para encontrar o coisa-ruim em pessoa, nada é melhor que Cradle of Filth. Eu estava guardando para uma garota da sua escola que não buscou, mas acho que você precisa mais dela.

Tomei alguns segundos observando a camiseta que condizia com o que eu esperava enfrentar. Esquisita, feia e nem a própria mãe do Dani Filth usaria; em suma, exatamente o que eu precisava para causar uma boa impressão no pai da maldade. Dei um sorriso e entreguei meu dinheiro amassado para Muddy. Eu estava contente por ter encontrado o que procurava e pelo fato de ter me inscrito na

apresentação da Pantheon, que aconteceria desde que o mundo não acabasse até aquele dia.

– Isso vai te garantir muitos pontos de credibilidade – disse Marina, e eu fui obrigada a concordar enquanto nos despedíamos de Muddy e cortávamos a rua em direção à minha casa.

## CAPÍTULO 36

# Na estrada

*Estou na estrada para o inferno*  
*Estrada para o inferno*  
*Não me pare!*  
AC/DC, “Highway to Hell”

Dei uma última olhada no espelho. Minha maquiagem não estava tão ruim, os cabelos, no devido lugar, e minha camisa nova caía bem sobre jeans vermelho e tênis. Peguei minha mochila e comi uma maçã antes de sair de casa. Já passava das 2 da tarde e o céu escurecia indicando uma daquelas chuvas que caíam em grande quantidade e sumiam em um minuto. Mandeí uma mensagem para Marina avisando que meu testamento estava debaixo da cama, uma providência caso minha permanência no mundo dos vivos fosse interrompida.

Os Animais de Festa me esperavam dentro do Elton John Jr., com motor ligado e música alta. Tomei meu lugar no banco traseiro e cumprimentei a todos. Fred e Pietro estavam na frente, enquanto Valentina e Tales iam ao meu lado. Podia sentir a tensão no ar, não havia piadas e até Valentina estava mais seca que o normal, limitando-se a me olhar quando entrei e sem proferir nenhum insulto.

– Se o plano afundar... volte imediatamente para o carro. Isso serve para todos – disse Pietro. – Tales irá conversar com o pai dele e conseguir o que precisamos. Se isso não der certo, existe um arsenal antidemônios no porta-malas.

Todo mundo concordou em silêncio e Fred começou a guiar Elton John Jr. pelas ruas. Nelas, pessoas caminhavam aqui e ali, crianças brincavam nos passeios públicos e tudo parecia normal, embora aquela palavra estivesse fora do meu vocabulário havia algum tempo. Observei cada transeunte, imaginando que dependia de mim e do bando de desajustados ao meu redor assegurar a continuidade da chatice municipal. Graúna sempre foi o pior lugar do universo para mim, com os piores moradores e as

ruas mais cheias de buracos, mas agora eu me dispunha a fazer com que tudo continuasse em seu devido lugar, torcendo para que meus pais continuassem chatos como sempre, que os programas locais do rádio permanecessem estonteantemente bregas e que o maior ato de rebeldia fosse conversar com os cabeludos delinquentes na prainha.

– Eu vou me arrepender disso – murmurou Tales. – Acho que deveríamos voltar e esquecer meu pai. Por que não pedimos ajuda a Jefferson e as outras facções? São pessoas decentes perto do Príncipe das Trevas.

Fred tirou os olhos do volante por um momento e disse:

– Você deve estar muito desesperado para chamar Jefferson. Lembra-se daquela vez que ele enrolou papel higiênico nos seus chifres com supercola? E de quando ele te fez acreditar que existiam homenzinhos dentro da TV? Você ficou mais de um ano tentando conversar com Charles Chaplin, cara, acho que nem Satã faria esse tipo de coisa.

– Meu pai cria ídolos adolescentes do Canadá por diversão – respondeu o garoto de pijamas. – Isso é pior que Jefferson em tantos níveis diferentes que ele e Iago parecem amigos de infância para mim.

Estávamos entrando na rodovia que ligava Graúna e outras cidades à capital, servindo também de abrigo para pequenos comércios na beira da estrada e postos de gasolina que pareciam ter escapado de uma cena de Mad Max ou de filmes de terror sobre adolescentes em viagem e cabanas amaldiçoadas. Os dois lados do asfalto eram circundados por uma vegetação espessa de gramíneas e árvores finas e retorcidas distantes umas das outras, cascas grossas e duras; o mais interessante era ver como as folhas pareciam ter pelinhos que espetavam o dedo ao toque. Ainda havia uma grande área daquele cerrado, mas eram menores que em minha infância. Bairros, casas e postes surgiam de assalto e grandes porções queimadas se destacavam mais que os enormes ipês de flores amarelas que eu via antigamente. Isso me fazia pensar nos espíritos de árvores e animais que viviam ali e nas minhas responsabilidades como xamã. Era minha missão proteger e curar os seres vivos, mas ficava difícil imaginar que uma garota conseguiria fazer muita coisa contra um mundo de homens adultos que acreditavam no oposto do que Wenona e Tama tentavam ensinar.

– Onde seu pai mora? – perguntei, mais por necessidade de afastar meus pensamentos da vista que por curiosidade.

Foi Valentina quem respondeu:

– No Córrego do Soldado. Ele precisava de um lugar tranquilo para delinear o apocalipse zumbi. Esse é um empreendimento que aprovo. Imagine um mundo onde atirar na cabeça de um idiota não é só permitido, mas incentivado!

Embora um apocalipse zumbi fosse parte dos meus sonhos desde criança (culpa de Resident Evil, In The Flesh e quadrinhos de The Walking Dead), era muito difícil não rir de Lúcifer residindo na área rural de Graúna, algo parecido com a rainha da Inglaterra varrendo o quintal da minha casa. O Córrego do Soldado era meio que dividido em partes, de um lado havia uma espécie de vila onde pessoas realmente moravam e de outro havia condomínios particulares construídos para finais de semana. Meus avós tinham uma casa ali que usávamos muito pouco. Eu me lembro de aprender a andar de bicicleta nas estradinhas de terra vermelha e passar horas na piscina. O lugar tinha aquele nome por causa de uma trombada entre azar crônico e ironia cósmica. Um soldado da Segunda Guerra Mundial voltou para casa depois dos confrontos e acabou morrendo afogado em um dos córregos *antes* de botar os pés na sua residência.

– Já estamos quase lá – alertou Fred. – Elton John Jr. dispõe de sacos para vômito debaixo do assento. Tripulação, preparar para chegada.

Pietro deu um tapa na cabeça de nosso motorista por aquela piada infame e Tales riu pela primeira vez desde que saímos da cidade. Valentina revirou os olhos e tirou os óculos escuros da bolsa com um comentário que é preferível ocultar. Fiquei olhando o carro entrar em uma estrada secundária cheia de terra, pedras e buracos. Meu radar xamã apitava com toda a força no momento em que cruzamos o mata-burro que dividia aquele chão da rodovia. Tive uma sensação mais forte e opressora que aquelas de anteriormente, como se alguém abraçasse meu pescoço com mais força que o necessário.

– Tales, você só precisa conversar com seu pai e pedir a chave dele – disse Valentina. – Nada de mais. Lembre-se do que pode acontecer se você não fizer isso direito.

O garoto de pijamas ergueu os ombros e respondeu:

– Você vai me cortar em pedacinhos, destruir os meus DVDs e vender meus restos para a pizzaria Monstro.

– Você ameaçou o garoto de novo, Valentina?! – gritei. – Isso é uma coisa muito sociopata de se fazer. Já é difícil o bastante para ele sem seu incentivo.

– Meus métodos são à prova de falha, bruxinha. Tales sabe o que fazer e, mais que isso, sabe a quem temer.

Ergui os braços para o alto em um sinal de desistência e voltei minha atenção para a estrada. Prosseguíamos levantando poeira e o morro dos condomínios estava cada vez mais perto. Aquele caminho não era novidade para mim; eu me lembrava de minha mãe e de longas caminhadas em busca de uma cachoeira na região. O cheiro da terra entrando pela janela era o mesmo, assim como o gado que pastava em uma

das fazendas. Encostei a testa na janela quando o carro começou a descer um pedacinho circundado por uma plantação de bambus e um lago onde patos navegavam.

Elton John Jr. então começou a parte difícil da jornada, no morro inclinado de pedra que fazia com que veículos mais fracos fossem empurrados ladeira e lodo abaixo. Fred apertou um botão no painel e um segundo motor começou a gritar na parte traseira, empurrando com a força de um trator e jogando os passageiros de encontro ao banco. Subimos aquilo em segundos, passando em frente aos sítios enormes e de aparência bucólica com nomes engraçados. *Sítio da Vovó, Recanto dos Papagaios, Rancho do Papai*. A inocência daqueles nomes contrastava com a índole de determinado morador.

O carro parou diante de uma cerca em arame farpado e portão modesto, feito de madeira. O gramado era absolutamente verde e estava repleto de flores e canteiros com pingos-de-ouro devidamente podados. Havia um balanço com dois pneus que serviam de assento logo na entrada e a casa ficava de frente para a rua, uma coisinha delicada em azul e branco com telhados vermelhos. As portas e janelas estavam abertas, passarinhos se amontoavam ali e o canto deles era a única coisa que podíamos ouvir. Ergui os olhos e li a placa que nos saudava: *Cantinho do Lulu*.

## CAPÍTULO 37

# Tio Bell

*A era de caos total chegará  
Homens fugirão com medo  
Meu nome assombrará suas almas mortais.  
Ensiferum, “Deathbringer From The Sky”*

O portão abriu sozinho quando dei o primeiro passo fora de Elton John Jr. Meus companheiros se entreolharam com desconfiança, mas recebi aquilo como um sinal de boas vindas; afinal, ninguém chegaria perto sem autorização. Meus sentidos eram sacudidos pela energia espiritual que vinha do lugar, uma pressão suja e cheia de estática. Tales ficou ao meu lado e vi o tremor em suas mãos e o olhar com que encarava a propriedade, como se alguma monstruosidade sem fim lhe aguardasse dentro de um abismo.

Dei um empurrão em suas costas e atravessamos o portão com Pietro e Valentina. Fred estava encarregado de permanecer no carro de fuga. Foi uma das piores sensações da minha vida, senti todo o ar escapando dos meus pulmões e minha pele queimando em cada milímetro. Um grito saiu da minha boca e me virei para os Animais de Festa ao meu lado. Tales havia retomado sua forma vermelha, com chifres e cauda enquanto Valentina e Pietro estavam no modo vampiro, olhos vermelhos e presas expostas.

– Um arco de revelação – explicou Tales. – Nenhuma criatura mágica entra aqui com maquiagem humana. Meu pai gosta de tudo *au naturel*.

– Foi uma pena que Frederico não tenha vindo com a gente – comentou Valentina. – Eu adoro quando ele se transforma em cachorro.

Pietro sorriu e colocando o braço sobre o ombro da irmã, disse:

– Você sabe que Fred odeia que fale o nome verdadeiro dele. Ele ainda se ressentia por você tê-lo feito brincar de pegar varetas quando se transformou no

quintal de casa.

– Eu sei, irmãozinho, mas não posso evitar quando ele se torna mais agradável em quatro patas e latindo.

Fiz uma rápida vistoria para ver se alguma orelha de raposa ou bico de coruja havia surgido na minha face, mas parece que xamãs são criaturas entediadas e sem outra forma que não aquela que ganham ao nascer.

Ao confirmar que não havíamos sido vistos por ninguém, continuamos o caminho. Meu coração batia mais forte com a proximidade e toda minha essência implorava por meia-volta e esquecimento. Eu e Tales estávamos na dianteira e o bando de pássaros na entrada fugiu com nossa aproximação, mas ninguém se importou muito com os protestos alados. O primeiro pé adentro me causou a sensação de entrar em um balde com água gelada, a presença espiritual era triplamente maior ali dentro e precisei me apoiar em uma parede para não cair. Havia o mesmo tipo de energia de quando me aproximei de Wenona, mas repleta de agressividade e descontrole.

Respirei com dificuldade e ergui o semblante para encarar o espaço. Assim como a casa de Pietro, aquela era o oposto do avistado pelo lado de fora. A mansão parecia ter infinitos andares e escadas e elevadores de vidro; quadros de Romero Britto e uma gigantesca piscina de bolinhas dividiam aquela sala oval com uma estátua realista de Adam Sandler. A pintura gigantesca de um palhaço cobria o teto e caixinhas de som espalhavam alguma canção de bossa-nova que ouvimos em elevadores. Olhei para Pietro e nossos olhares concordaram em uma coisa: *Esse é o lugar mais assustador que já vi.*

– Acho que Marina iria amar o ambiente – comentou Valentina, enquanto batia uma foto do lugar com o telefone. – É esquisito e daria uma bela capa de disco ruim; acho que ela pagaria um bom preço por essa foto.

Eu ainda estava observando os detalhes quando passos chamaram nossa atenção. Uma figura alta surgiu do outro lado da sala. Usava terno preto e luvas brancas, que costumamos associar a mordomos em filmes antigos, assim como sapatos pretos e bem lustrados, mas as bordas de normalidade terminavam ali. O homem era parecido com Tales, mas seus chifres eram bem maiores e asas de morcego saíam de suas costas aprumadas, sua pele vermelha era coberta de símbolos e tinha um cavanhaque elaboradíssimo. Assumi imediatamente que aquele seria o pai do meu amigo, mas uma segunda percepção de sua energia espiritual me revelou que ele não era o dono daquilo que me confrontava desde o momento em que entramos no sítio.

– Vejo que meu sobrinho desnaturado trouxe amigos – disse o demônio. – Presumo que esteja procurando pelos seus pais, correto?



Houve um momento de tensão e Valentina fez um sinal para que permanecêssemos em silêncio enquanto Tales falava por nós de cabeça baixa e voz tremida.

– Olá, tio Bell, desculpe por não ter enviado notícias, estive ocupado. Pessoal, esse é o tio Belzebu, ele é o mordomo da família há alguns milênios.

O outro demônio se aproximou e apertou a mão de cada um de nós, com dedos firmes e quentes como um pedaço de ferro no fogo. Na minha vez, ele se deteve por alguns segundos a mais e encarou meus olhos de forma sorridente, vi os dentes pontiagudos brilharem na lâmpada fluorescente junto com o hálito de enxofre que esfoliou meu rosto.

– Uma xamã – murmurou ele. – Já faz algum tempo desde que alguém da sua estirpe pisou aqui. E mais tempo ainda desde que provei carne xamânica; decidi me tornar vegetariano e não entupir minhas veias com porcarias.

– Foi a melhor decisão da sua vida – respondi. – Carne de xamã é totalmente superestimada e causa problemas cardiorrespiratórios. Acredite em mim, você não quer um ataque cardíaco em um prato.

Soltei-me rapidamente do aperto e fui para junto de Pietro, que sorriu e falou:

– Não se preocupe, menina do cemitério, se ele quisesse te machucar você já estaria fazendo estágio no subterrâneo.

– Prefiro não me relacionar com alguém que me considera um pedaço de carne ambulante. Isso se aplica a pretendentes e demônios de forma igual e democrática.

Pietro assentiu com a cabeça e disse que se lembraria daquela dica. Uma parte de mim colocou a piadinha dele de lado e voltou a se concentrar na situação. Era surpreendente como o vampiro mantinha sua atitude relaxada mesmo na sala de estar do diabo. Belzebu pediu que o seguissemos e tomou a porta de onde viera. Assobiava a canção de Tom Jobim que tocava nas caixas de som e foi por um corredor de tábua corrida e parede rosa. Inúmeros quartos trancados sucediam-se, e eu preferia não imaginar o que havia dentro de cada um deles, principalmente aqueles de onde gritos e grunhidos de porcos saíam. Tales nos explicou que estávamos cruzando o departamento de demonologia aplicada, onde seu pai armazenava os experimentos que não davam certo, como a Hidra de Lerna, cujas cabeças multiplicavam e ninguém tinha tempo ou paciência para escovar seus dentes. Também havia uma medusa deprimida por causa de problemas estéticos; a moda dos cabelos de naja eram anos 2000 e a moda do momento era coral.

– Seus pais ficaram arrasados quando você fugiu de casa, jovem mestre Tales – disse Belzebu. – Seu pai trancou-se no laboratório criando doenças, políticos e

programas de auditório sem pausas para comer ou dormir. Sua mãe não conseguia parar de chorar e descascar batatas, foi um período muito difícil para eles.

Tales enfiou as mãos no bolso do pijama e respondeu:

– Eu não podia ficar aqui, tio Bell. Não tenho a vocação para o que meu pai espera de mim. Ele tem bilhões de empregados que adorariam o cargo de CEO, a maioria deles com mais competência que eu.

– Mas nenhum deles é o herdeiro por direito, mestre Tales. É seu dever assegurar a continuação do império que seu pai começou do nada. Você nasceu para isso, comandar tropas, conquistar mundos e expandir nosso território.

Ouvi aquele diálogo e me alegrei por Tales ter permanecido fora dos negócios da família, caso contrário meus problemas seriam maiores que Aiba. Também concluí que todos os pais tratam seus filhos como crianças até o dia em que morrem, fazendo planos e caminhos que esperam ser seguidos, mesmo quando isso parece um erro desde o primeiro passo. Se nem mesmo criaturas sobrenaturais com milhares de anos conseguiam entender sua prole, como manter esperança nos descendentes de primatas que caminhavam em duas pernas na terceira bolinha depois do Sol?

– Seu glorioso pai se encontra aqui – disse o demônio mordomo.

Paramos diante de uma porta dupla de madeira que Belzebu abriu para nós. A energia opressora que me atacava era mais intensa ali, causando uma forte dor de cabeça. Massageei as têmporas, tomei uma golfada de ar, obrigando minhas pernas a atravessarem a porta com o resto do grupo. Entramos no que parecia ser um grande laboratório abarrotado de frascos coloridos, tubos de ensaio e monitores que exibiam símbolos e letras de algum idioma tão diabólico e ininteligível que parecia alemão. Ratos multicoloridos corriam em suas gaiolas e caixas de papelão se amontoavam sobre todos os centímetros. Lá do canto direito, perto da máquina de sorvete, Lúcifer acenava para a gente com um pirulito na boca.

## CAPÍTULO 38

# Apocalipse ameaçado

*Não tenha medo,  
O monstro foi embora,  
Fugiu e o papai está aqui  
Lindo, lindo, lindo.*  
John Lennon, “Beautiful Boy”

As pessoas sempre falam sobre aquelas experiências que param o tempo, capazes de fazer um coração saltar batidas e pés esfriarem em um segundo. Eu não sabia direito em quais momentos eu me senti assim anteriormente, mas o encontro com Lúcifer estaria na lista muitos anos depois, quando eu fosse uma pessoa velha e sem graça em uma mesa ainda mais velha e sem graça que eu.

Lúcifer era parecido com o filho em sua forma real, os chifres pequenos e os olhos grandes eram os mesmos, mas ele era duas vezes mais alto. Usava óculos pretos de aros grossos, camisa xadrez com uma gravata borboleta verde, calças jeans rasgadas nos joelhos e botas Dr. Martens lustradas. Ele nos olhava como se houvesse sido surpreendido por várias câmeras no banheiro, com o pirulito em forma de coração levemente caído em sua boca.

Olhei para meus amigos e vi que Tales tinha os olhos baixos e os braços cruzados. As ondas de energia que eu vinha sentindo dispararam de tal forma que meu ouvido começou a zumbir e meus olhos lacrimejaram. O silêncio incômodo se prolongou por um segundo e Belzebu se pôs na nossa frente, dizendo:

– Meu senhor, é um dia de júbilo para nós. Seu filho voltou com amigos ao solar do pai. Gostaria que os preparativos para a grande festa tivessem início?

– Não – respondeu o outro em uma voz suave. – Não acho que meu filho esteja aqui para reatar laços, meu caro Bell.

Lúcifer se levantou da cadeira dobrável onde esteve sentado até então e veio em nossa direção. Seus passos ecoavam pelo laboratório e ele tamborilava os dedos na mesa de metal. Eu me sentia levemente enjoada e minha cabeça doía como se alguém tivesse me espancado com uma das hélices do Titanic. Parou na minha frente e me analisou de cima a baixo, a cabeça levemente tombada.

– Cradle of Filth, ótima banda – disse ele apontando para minha camisa. – Gosto muito do Dani Filth, uma das melhores ações de marketing para o inferno, mas, pessoalmente, prefiro Abba, aquilo sim é um cançãoeiro de crueldade.

Fiquei ali de queixo caído enquanto o líder dos demônios avaliava Pietro e Valentina antes de ter com o filho. Acho que o capeta ser fã de Abba estava um pouco distante da minha compreensão; Marina ficaria arrasada com aquela notícia. Preciso acrescentar que parte de mim também se decepcionou ao ver que o pai de Tales não era o metalheiro definitivo, mas um cientista hipster de camisa xadrez.

– Talesiel-Un, meu querido filho, você ainda não aprendeu que só usamos pijamas na hora de dormir?

Lúcifer abraçou o filho e soltou uma risada tão alta e gutural que os ratos coloridos se assustaram. Eu e Pietro nos entreolhamos, aquilo devia ser um bom sinal, afinal, nenhum rio de lava, choro ou ranger de dentes havia acontecido. Respirei um pouco aliviada e voltei minha atenção para a cena entre pai e filho. Tales balançou a cabeça e respondeu com um controle forçado na voz:

– Pijamas são mais confortáveis; roupas humanas são apertadas e cheias de regras. Onde está mamãe?

Lúcifer suspirou e disse:

– Pedi que buscasse um filhote do dragão de cinco cabeças em Pequim. O plano inicial era um europeu de sete, mas é trabalhoso causar o apocalipse no mercado atual e os chineses são mais baratos. A bolha especulativa de almas está caótica, não encontro um designer que estabeleça a identidade visual do projeto e os cavaleiros do apocalipse fundaram um sindicato que está sempre em greve e pedindo melhores condições de trabalho – ele falava aquilo sem nenhuma pausa, um fluxo constante de voz calma. – O Fim da Terra 2012 foi cancelado porque alguns países não tinham a infraestrutura necessária para um evento desse porte. O Brasil estava adiantado, mas os suecos atrapalharam o meio de campo.

Uma coisa que as lendas sempre contavam acerca do diabo era de sua vaidade inerente, uma das suas muitas falhas de caráter, mas foi só então que notei o quanto ele gostava da própria voz e da teatralidade em cada letra. Ele deixou-se cair em uma cadeira no momento em que tive uma ideia sobre como usar a verborragia dele a

nosso favor; bastava que o funcionamento das pessoas vermelhas fosse parecido com o das pessoas do andar mediano.

– Você parece estar trabalhando duro na aniquilação da raça humana e de todos os seres vivos, não é mesmo? – falei para a surpresa de meus amigos, que me olharam com receio. – Aposto que odiaria se alguém tomasse a sua vaga de pioneiro na destruição em escala global. Eu sei que eu não gostaria nem um pouco disso.

Satã me olhou com os olhos arregalados e soltou um berro rouco e cheio de raiva.

– Do que você está falando, garota? Minha empresa realiza apocalipses bem-sucedidos em 78 universos e para centenas de deuses alienígenas sem concorrência.

– Você é Satã e não sabe o que está rolando no quintal da sua casa? – disse Pietro com um sorriso quase imperceptível. Estava no mesmo jogo que eu. – Cara, os rumores sobre seu nível épico foram exagerados.

Engoli em seco e dei dois passos para trás, empurrada pela descarga de energia espiritual que o pai de meu amigo soltava. Foi Valentina quem respondeu por mim.

– Existe outra pessoa que vai destruir o mundo na sua frente e está bem perto disso. É um xamã, como nossa amiga. É por isso que estamos aqui, para que você nos ajude a impedi-lo.

Lúcifer cruzou as pernas e olhou para o filho.

– Você conhece as regras, Talesiel-Un – falou. – Não posso interferir diretamente nos assuntos humanos. Pelo menos até que saia a licitação para demolir este mundo.

– Pai, você precisa nos ajudar – Tales gaguejava, e sua voz não era mais alta que um sussurro. – Você quer conviver comigo novamente? Ok, esse é o preço, uma chave oca para que possamos deter Aiba...

Houve um instante de silêncio e Belzebu buscou um copo de água na geladeira do laboratório. Lúcifer bebeu tudo em um gole e entregou ao mordomo pedindo por mais. O pai de Tales estava visivelmente irritado, mas a perspectiva de ter alguém sabotando seus jogos demoníacos de verão era demais para ele. Valentina sorriu e tive certeza de que não era a única seguindo a linha de pensamento; afinal, de acordo com todas as histórias, embora o pai de Tales fosse um gênio louco de poderes imensos, seu ego estava sempre em primeiro lugar e era o motivo de sua rebelião contra os anjos e escolha de preferir reinar no inferno a servir em outro pedaço.

– Vocês estão pedindo uma coisa muito complicada – disse tio Bell. – Se o mero pedido vazasse na imprensa sobrenatural, um processo eterno seria instaurado e aqueles pepinos angelicais ficariam no nosso traseiro por mil anos, com folhas em duplicatas, formulários e a burocracia que vem junto.

– Não acho que nenhuma pessoa aqui deixaria que isso vazasse, principalmente quando isso seria ruim para nós – respondi.

Belzebu não pareceu muito convencido, mas guardou qualquer que fosse sua opinião e ficou junto ao seu mestre como um cão da guarda faria. Eu já começava a imaginar se precisaríamos encontrar outra saída quando Valentina e o irmão se aproximaram de mim. Era sempre esquisito ver a forma real de um vampiro, com aqueles olhos completamente vermelhos e dentes afiados, capazes de dilacerar um pescoço sem trabalho algum. Pietro sorriu e desviei o olhar para um dos ratos coloridos em suas rodinhas giratórias.

Observei quando Lúcifer se levantou e encarou o filho com firmeza. Os rostos eram muito parecidos, o mesmo levantar de sobrancelhas e queixo erguido, talvez houvesse mais semelhança entre eles do que o filho se dignava a admitir. O demônio maior colocou a mão sobre a cabeça de sua cria e disse:

– Acho que posso ajudá-lo, filho, mas apenas com algumas condições. As coisas têm um preço nesta parte da civilização ocidental.

– Claro que o senhor tem condições – murmurou Tales com desânimo. – Contudo, adianto que meus amigos não se incluem no pacote.

– Não quero a alma deles – a pausa que veio depois indicava um pedido ainda pior. – Você deverá almoçar com sua família aos domingos e se comprometer a participar da colônia de férias do inferno por duas semanas ao ano. Um curso de administração também é pré-requisito.

Tales fez uma careta e bufou. Seu rosto adquiriu um tom ainda mais vermelho que o habitual e cuspiu sua resposta sem tirar os olhos dos pés.

– Que seja. Não é como se opções estivessem pulando em cima de mim. Agora entregue a chave de uma vez.

Lúcifer riu e respondeu:

– É um acordo comigo, filho, eu sempre ganho. Está na hora de lidarmos com seu amigo Aiba antes que ele estrague meu evento. Investi muito neste planetinha. Sabe seu tio Cthutlhu? Até ele resolveu fazer uma participação especial. Seu tio que não sai da cama para *nada*.

Ninguém respondeu, mas nossos passos o acompanharam bem de perto, ansiosos que estavam por uma chance de virar o jogo.

## CAPÍTULO 39

# A chave oca

*Os dois lados são o que encontro  
A insanidade não está longe do gênio interior.*  
Gamma Ray, “Insanity and Genius”

Lúcifer nos guiou até a sala com a piscina de bolinhas e a estátua de Adam Sandler, explicando que aquele era seu ator favorito por inúmeros motivos, entre eles sua inestimável contribuição para a decadência humana. Ele ia com passos curtos e nos dizia que as chaves ocas haviam sido criadas para que os Grandes Antigos – primos distantes – pudessem vagar pelos universos de forma rápida, eficiente e segura até o planeta selecionado para demolição. As chaves foram esquecidas quando os Antigos caíram no longo sono, mas de vez em quando uma dava o ar da graça nas mãos erradas.

– Escondi a minha porque não queria que Talesiel-Un caísse em Kaddath por engano – disse Lúcifer. – Aquele lugar não é mais como antigamente; há pouca segurança para os turistas e muitos assaltos em cada esquina.

– Kaddath é o reino dos sonhos onde funcionários do inferno passam férias. É como Guaranaí para vocês – explicou Tales. – Duzentos milhões de pessoas onde só cabe metade, enxofre, gente feia e lixo no chão.

Ri ao imaginar o que foi descrito. O que as pessoas comuns teriam na cabeça se ouvissem falar de outros mundos, demônios e xamãs caminhando ao lado deles na rua, como toda a estrutura e organização da sociedade ficaria desorientada feito um rinoceronte em um baile de gala. Minhas pernas tremiam com um pouco de medo do lugar e da energia que o homem vermelho liberava, mas havia deslumbramento em saber que eu era a exceção transitando na linha entre o maravilhoso e a Graúna onde cresci.

Pietro sentou-se no chão com as pernas cruzadas e Valentina o acompanhou, enquanto eu e o garoto demônio ficamos perto de Lúcifer, que coçava a cabeça tentando se lembrar onde havia escondido a chave. Ele murmurou coisas, abriu um armário que estava cheio de porcelanas, verificou debaixo de cada uma delas e passou a investigar debaixo dos tapetes e até mesmo sob a estátua.

– Pai, eu acho que uma coisa tão importante deveria ser guardada no laboratório ou coisa do tipo – disse Tales com impaciência.

Lúcifer fez uma careta e respondeu abrindo os braços:

– É exatamente este o problema. Eu guardei *tão* bem que perdi.

Eu estava olhando para o lado quando vi Belzebu caminhar até a piscina de bolinhas coloridas e entrar nela depois de tirar os sapatos e dobrar as meias com um cuidado milimétrico. O demônio mergulhou como um nadador profissional e desapareceu jogando esferas em todas as direções. Os olhares se voltaram para lá imediatamente e Tales explicou que aquela piscina, apesar de ser um quadrado de cinco metros, tinha outros trinta de profundidade. Cheguei bem perto e, com muita dificuldade, suprimi o desejo de entrar.

– Você esconderia uma chave capaz de abrir rasgos no tecido do universo dentro da piscina de bolinhas do seu filho? – indagou Valentina com incredulidade.

– É um lugar tão bom quanto qualquer outro – respondeu Lúcifer, encabulando.

– Não é como se meu filho estivesse com a família para usufruir dos brinquedos de sua infância. A adolescência chega e todo mundo se acha um rebelde ao desafiar a autoridade paterna.

Tales fez um muxoxo e respondeu:

– Pai, você definitivamente não tem moral alguma para falar sobre desobediência e autoridade paterna.

Aquilo fez uma das minhas dúvidas mais antigas voltar, uma questão que surgira primeiramente quando descobri a verdade sobre Pietro e outra vez quando vi Tales na casa dos Animais de Festa. Eu e minha família nos definíamos como ateus praticantes desde sempre e era por um bom motivo que minha avó colocou uma foto de Darwin no banheiro. Eles me ensinaram que havia uma resposta racional para tudo e que eu sempre deveria procurá-la em vez de acreditar em qualquer coisa. Nas palavras do meu avô era: “Não leve em consideração nada sem bibliografia acadêmica confiável, revisão de pares e formato ABNT”. Com isso em mente, aproximei-me do pai de Tales e perguntei:

– Se você é de verdade, isso quer dizer que o outro cara também está por aí?

Lúcifer riu como se houvesse acabado de escutar a piada mais engraçada do mundo e respondeu:



– Meu pai? Claro que ele existe, eu precisava ter vindo de algum lugar, mas não como você imagina. O que uma formiga pensa ao olhar para vocês? – sua voz recobrou a seriedade e ele pareceu se tornar distante. – Provavelmente os consideram deuses com ilimitados poderes de destruição; o cuspe é um dilúvio e o sopro, um furacão. É a mesma coisa com meu pessoal, somos criaturas de outro universo, completamente diferentes e absurdamente impossíveis para vocês.

Aquilo me fazia imaginar qual seria nosso papel no meio de tudo; afinal, eu, meus amigos, Wenona, Lúcifer e até mesmo o Grande Espírito éramos minúsculas engrenagens em um jogo mais complicado e antigo que a galáxia onde boiávamos; usando palavras de Pink Floyd, peixes nadando em um aquário, ano após ano. Os universos não ligariam se um planetinha azul fosse varrido do mapa e reiniciado. Talvez por isso Aiba não se importasse com a destruição de bilhões de pessoas, ciente de que era um número insignificante perto das almas em todos os universos. Se a Terra não era o centro de tudo e os seres humanos não eram o ápice da evolução, qual era o sentido de tudo? Fiquei em silêncio, engolindo aquele novo mistério.

– E isso nem é a coisa mais estranha – disse Tales. – Existe um universo onde tartarugas são deuses e planetas são triangulares. Coisas mais esquisitas do que as rixas da minha família ocupam os universos.

Caminhei para perto de Pietro e sentei-me ao seu lado. O garoto olhou para mim e apontou a piscina de bolinhas, onde um Belzebu desgrehado emergia com algo reluzente em suas mãos. Não consegui identificar de primeira, ajeitei meus óculos e esperei até que o mordomo estivesse mais perto. Só então reconheci aquilo que carregava com tanto cuidado e isso fez com que eu ficasse em pé em um segundo.

Todas as pessoas do mundo sabem que deve existir uma tabela na qual a escala máxima de loucura é chamada de Rússia, por exemplo: *Pedro alcançou o nível Rússia quando decidiu estudar matemática na faculdade*. E ninguém chegou ao nível Rússia de forma mais esplêndida e fabulosa que os czares russos, com um festival de exagero e tragédias que até rendeu um desenho animado estilo Broadway. Dentre os vários níveis de Rússia, um deles sempre chamou a atenção do meu pai, que falava disso bastante: *Ovos de Fabergé*. Joalheira da mais alta complexidade e de valor absurdo, sendo difícil acreditar que tais ovos eram meros presentes de Páscoa. Aquele que Belzebu carregava em suas mãos era verde com linhas de ouro, cravejado de diamantes e com uma foto de Lúcifer emoldurada na parte de cima.

– Aqui está, senhor – disse o mordomo entregando a peça. – Preciso informar que Mao Tse-Tung ainda está amarrado lá embaixo.

– Mao Tse-Tung? – perguntei a Tales.

O garoto assentiu com a cabeça e respondeu:

– Sim, o próprio. Meu pai gosta de usá-lo de *pinãta* quando está entediado; de vez em quando, alguém o esquece pelos cantos.

Concordei em um movimento de cabeça e voltei os olhos para Lúcifer, que acariciava o tesouro em suas mãos, limpando uma mancha aqui e ali com a manga de sua camisa. Ele informou que havia pedido que o velho Carl Fabergé fizesse aquele invólucro para sua chave oca, um acordo de cavalheiros em troca de clientes com alto poder aquisitivo.

Ele então nos convidou para mais perto e disse:

– Essa é uma das únicas chaves ocas existentes. Não a percam ou destruam. Com novas pilhas isso pode funcionar o dia inteiro, mas vocês precisarão de um mago para estabilizar o fluxo de magia.

– Nós temos um mago, pena que é meu ex – disse Valentina. – Você tem certeza de que esse ovo funciona?

– Claro que sim, vampira – respondeu Lúcifer. – É a melhor forma de transporte que eu já usei em toda minha vida. Apenas lembrem-se de que preciso dele inteiro quando terminarem de resolver o problema.

Fiz um sinal de positivo com o polegar e peguei o ovo em minhas mãos. Era quente e eu podia sentir algo pulsando dentro dele, como se houvesse um coração minúsculo ali. Não me despedi de ninguém, estava ansiosa demais para sair dali, cheia de uma energia renovada e certa de que nada poderia me abalar. Virei as costas e fui em direção à saída com o par de irmãos vampiros ao meu lado. Tales ficou para trás combinando o próximo domingo com o pai e o mordomo. Aninhei aquela valiosa peça no peito e vi Pietro sorrir aliviado.

– Acho que Aiba deveria começar a se preocupar – falei. – O time Animais de Festa acaba de tomar a dianteira.

# **SOBRENATURAL EM DIA: TURISMO**

ROBERTA MATTOS – *Enviada Especial ao Quinto dos Infernos*

*Conheça um pouco mais sobre o reino de Satã e não passe vergonha com nossas dicas de viagem. Prepare seu bronzeador e conheça o Chateau Marmont do outro lado da vida.*

**13/03/2013**

## **UM DESTINO EM EXPANSÃO**

Com a desvalorização do dólar humano e o renovado interesse em climas quentes nessa estação, alguns círculos do inferno têm se transformado em um destino obrigatório para aqueles que procuram um bronzeador ou as melhores piscinas de águas termais. Agora que as festas de fim de ano ficaram para trás, é sua chance de encontrar um novo lugar com vida noturna animada e se aventurar por trilhas que o antigo imperador Nero afirma serem um espetáculo.

Aquilo que começou como empreendimento nascido de uma briga entre pai e filho acabou por se tornar o destino preferido de participantes de *reality shows*, políticos, jogadores de futebol, advogados e cantores de música country. O turismo chega a movimentar milhões pelos nove círculos do inferno, sendo que os tratamentos de lama no Terceiro Círculo chegam a representar 17% dos lucros recebidos durante todo o ano. A República Popular do Inferno tem expandido seus negócios sob a guia forte de Lúcifer, um líder carismático e empreendedor que planeja investir em um novo parque temático com a encenação de seus maiores sucessos: Inquisição Espanhola, escravidão, arte moderna, reprises de A Lagoa Azul e musicais com princesas.

Se alguém procura algo mais tranquilo, existem outras opções como o Primeiro Círculo, que recebeu novas acomodações e tecnologia de ponta para atender ao público. Existe a expectativa da construção de um novo pavilhão, onde filósofos gregos e evolucionistas poderão travar diálogos de interesse do grande público. “Estamos focados em receber nossos visitantes com um padrão interuniversal, que torna possível o desejo de novos retornos e fortalecimento da marca”, disse Belial, diretor do departamento de marketing e responsável pelo slogan “Não deixe a temperatura cair”.

Uma dificuldade que a administração precisava resolver era a publicidade negativa gerada por panfletos da oposição, como *A Divina Comédia*, *Paraíso Perdido*

e outros trabalhos de mídia que transformaram o inferno em um destino impopular durante séculos. Belial nos conta que isso começou a mudar quando Lúcifer investiu pesado em bandas de heavy metal e desenhos animados japoneses como forma de divulgação. “Nosso crescimento saltou de 15% para 70% ao ano após alguns pactos firmados na Noruega”, acrescentou.

Uma pessoa que parece estar contente com os trabalhos da República Popular do Inferno é o senhor Dagon, que sai de sua cidade, Innsmouth, onde mantém um pequeno empreendimento de sacrifício humano e descansa uma vez por ano. “Estou muito feliz de estar aqui e tirar o trabalho da minha cabeça por um tempo. Nunca pensei que fosse gostar de um lugar tão quente e fechado, mas a afeição foi imediata.”

## VIDA NOTURNA

Vida noturna e diurna é quase a mesma coisa no reino de gelo, fogo e ranger de dentes. Cada um dos círculos tem algo divertido e inusitado que compensa o trabalho de conseguir um visto no passaporte. Se você procura esportes com alto nível de adrenalina, não deixe de visitar o Vale dos Ventos, transformado no ponto ideal para a prática de asa-delta e de soltar pipas. Lufadas de até 300 quilômetros por hora não irão desapontar aqueles com o coração forte. A redação do *Sobrenatural em Dia* também sugere ao turista que carregue sempre um pouco de creme hidratante na mala, afinal, ficar com pele ressecada durante as férias não é muito legal.

Se você gosta de baladas, o seu ponto de encontro é a casa noturna O Fosso, onde os DJs mais famosos e os músicos mais influentes se encontram. “O que eu mais gosto no Fosso é a variedade. A gente sempre tem uma coisa nova aqui, o *stand up* do Machado de Assis foi muito legal e eu *amei* o show do Robert Johnson, melhor *blues* que já ouvi”, disse um visitante que preferiu não se identificar. A casa noturna funciona 24 horas por dia e conta com uma equipe experiente e capitaneada pelo *chef* Pazuzu; ele conta que a ideia nasceu da procura das pessoas por um lugar onde uma boa conversa poderia ser aliada com bons drinques e apresentações ao vivo.

## DICAS

**1 – Praias** – O inferno não seria o mesmo sem suas belas praias. Na faixa entre o Quinto e o Sexto Círculo fica a Praia Vermelha, a parte mais badalada de todas e dona de um verão que dura toda a eternidade. Não deixe de aproveitar os *tsunamis* e surfar.

**2 – Restaurantes** – Quando em viagem, não deixe de visitar O Poço, com seu visual retrô e música interessante. Outros destinos são os restaurantes Mao, que serve comida chinesa, e o Cabrito, casa de comida latina onde um dos garçons é o famoso general Trujillo.

**3 – Bagagem** – Não carregue muita bagagem. O clima pode mudar de uma hora para a outra e você nunca sabe quando um terremoto ou furacão pode surgir. Em caso de dúvida, sempre dê uma olhada na previsão meteorológica, ainda que ela não funcione de tempos em tempos.

**4 – Hotel** – O melhor hotel em toda região infernal é A Mansão dos Mortos, apelidada carinhosamente de Chateau Marmont dos Países Baixos. É aqui que as celebridades se hospedam e as melhores festas acontecem. A diária pode ser um pouco salgada, mas a satisfação é garantida.

**5 – Transporte** – A forma mais rápida de transporte é a balsa comandada pelo barqueiro Caronte. Duas moedas de ouro é o preço do bilhete que dura o dia todo. Espere a implantação de bondinhos e uma linha de metrô nos próximos duzentos anos.

## BOA VIAGEM!

Essa matéria foi patrocinada pela Demons&Satan Inc. Até a presente data, o *Sobrenatural em Dia* não obteve notícias de sua enviada especial, acreditamos que ela tenha se divertido muito e esquecido de voltar ao trabalho. Roberta, você está demitida.

## CAPÍTULO 40

# A fogueira

*De uma longa existência veio um fantasma  
Para escarnecer e amaldiçoar os mortais  
Abominável era o seu olhar turvo  
Que a tudo petrificava, até o vento.  
Vintersorg, “The Enigmatic Spirit”*

Uma gota caiu da folha mais alta de uma árvore, esquivando-se até mergulhar na minha testa. A floresta não esboçava movimento nenhum, embora a canção de um pássaro e o som de água corrente cortassem a chuva fina que lavava as copas altas. O ar era quente e úmido, mas eu sentia frio. Havia uma lua gorda no céu e o brilho que irradiava parecia ser maior do que deveria.

Fui andando sem fazer ideia de onde estava, meus pés descalços pisoteavam a lama e deixavam pegadas fundas. Passei por um tronco caído e segui em direção ao assobio do pássaro solitário; não sabia por que fazia aquilo, mas era como se uma voz soprasse ao meu ouvido que era a coisa certa a fazer. A mata fechada não incomodava, muito pelo contrário; ela fazia com que minha pele se retesasse em reconhecimento, embora eu nunca houvesse estado mais longe da civilização do que nas vezes em que ia para o Córrego do Soldado com minha família.

Gostaria que Pietro, Marina ou algum dos Animais de Festa estivessem comigo, não me importaria nem mesmo se fosse Jefferson. Estava em um sonho xamânico, fácil de perceber no primeiro olhar, mas dessa vez eu não era uma passageira na mente de Aiba e reconhecia o corpo como meu. Molhei a boca seca com a água acumulada em folhas e passei o resto na face, em uma tentativa estúpida de afastar meus pensamentos daquele tópico.

Peguei um galho longo e me apoiava nele quando trechos escorregadios e grandes poças surgiam na minha frente. Saltei um buraco no caminho e escalei um

barranco pelas raízes grossas da árvore mais alta que vi até então. Terminei a escalada em um segundo e me apoiei nos joelhos; meus braços estavam cobertos de arranhões, assim como o rosto. Fui atrás do único som no meio do silêncio absoluto, o pio absurdo de uma ave invisível.

A chuva estava mais fraca e as árvores começaram a ser balançadas por um vento forte que parecia vindo de lugar nenhum. Olhei para a frente e vi um brilho azul tremulando por entre as árvores. Vinha de longe, mas era forte o bastante para iluminar o pedaço. Um ponto desfocado de energia espiritual esbarrou nos meus sentidos, indicando que havia uma pessoa ali.

Meu coração bateu com mais força e um bando de abelhas zumbiu no meu estômago, ferroadas em todos os centímetros. Eu sentia como se já conhecesse aquela energia havia séculos, o oposto do choque que senti quando vi Pietro no cemitério pela primeira vez. Enchi meus pulmões de ar e fui naquela direção, com o gorjeio da ave cada vez mais próximo. A trilha levava até o que eu percebia ser uma clareira em que uma fogueira ardia em chamas de um azul profundo. Havia alguém logo atrás dela e eu andei mais depressa, ansiosa por descobrir o que estava acontecendo.

As chamas queimaram com o dobro de força quando pisei na clareira, mudando sua cor de azul para um vermelho incontrollável, atrapalhando minha visão. O homem do outro lado estava de braços cruzados, sentado em uma árvore caída e com porte intimidador; era alto, com quase dois metros de altura, e seus contornos se definiam à medida que meus olhos se acostumavam com a escuridão. Pisquei os olhos múltiplas vezes, e, no segundo em que eles se acostumaram com a claridade, me arrependi de ter chegado até ali.

– Olá, Rani. Espero que se lembre de mim – disse Aiba com um sorriso, e assobiou como a suposta ave que segui. – É um prazer encontrá-la mais uma vez. Bem-vinda ao meu totem espiritual.

Meu cérebro travou diante da visão do inimigo. Aiba era ainda mais assustador do que eu imaginava. Suas feições eram indígenas, mas a pele era mais branca que a de um albino, como se as cores houvessem sido roubadas, como uma cobertura fina sobre ossos proeminentes. Seus olhos eram completamente vermelhos, sem espaço para branco, os cabelos lisos e longos caíam em um rabo de cavalo. O torso nu era coberto de tatuagens tribais e com símbolos que eu nunca havia visto em toda a minha vida. Sua calça jeans era desbotada e os sapatos, inexistentes.

O pânico subiu como um foguete, mil quilômetros por segundo até a lua do medo extremo na constelação de quero-sair-daqui. *Aquilo não era possível*, pensei, e a energia espiritual que me guiou era calma e reconhecível. Nem Lúcifer conseguia disfarçar o que emanava dele. Engoli em seco e tentei não demonstrar o quanto estava

assustada; não poderia me dar ao luxo de satisfazê-lo tão facilmente. Cerrei os punhos e forcei minhas pernas a deixarem de tremer. *Lute até o fim*, esse era o mandamento xamânico que eu precisava exercitar naquele instante.

– O que você quer de mim, idiota? – falei no tom mais ríspido que havia dentro de mim. – Essa é sua ideia de um encontro romântico, uma floresta vazia com uma fogueira colorida?

Aiba não respondeu, mas se levantou e foi para perto do fogo. O homem tinha a silhueta curvada e as mãos na cintura. Levou ainda um bom tempo até que me respondesse em sua voz delicada e cheia de cadência.

– Rani, sua ignorância me insulta. Espero mais que isso de você. Estamos em um totem, é o espaço mais privado e pessoal de um xamã. Não o insulte dessa maneira; é de um espaço parecido com esse que nossos iguais tiram sua conexão com os espíritos. Não tenho mais tanta certeza, mas essa deve ser a floresta na qual eu cresci com minha tribo.

– Não me interessa – respondi. – Quero ir para casa e não tenho paciência para aguentar você falando bobagem. Por que não procura alguma coisa útil para fazer da vida, tricô, jardinagem ou coisa que o valha? Destruir o mundo é tão anos 2000!

O xamã tirou os olhos do fogo e me encarou, e sua expressão parecia nadar em desapontamento; sua voz demonstrou isso.

– Eu sei que você está procurando pelo Sino da Divisão e é por isso que estou aqui: para lhe dar a chance de não se matar. Sou um homem com uma missão e não tenho nada a perder. Isso me torna triplamente perigoso.

Dei uma risada tão alta que ecoou pela floresta. Aiba devia estar realmente assustado com a possibilidade de encontrarmos o Sino da Divisão; apenas isso explicaria o trabalho de me levar até seu totem para fazer uma ameaça. Wenona estava certa: o artefato que criou Aiba era o mesmo que poderia destruí-lo de uma vez por todas e isso o assustava mais do que gostaria de admitir.

– Estou mais perto do que deveria – respondi.

Ele sentou-se no chão. Todo e qualquer traço de expressão havia sumido de seu rosto enquanto os lábios se comprimiam em uma linha. Tentei manter minha raiva em ebulição, mas algo em sua postura me indicou uma vulnerabilidade que eu não achava ser possível encontrar em um assassino em série. A energia que saía dele não demonstrava agressividade; ao contrário, parecia calma e melancólica, como ondas na superfície de um lago no meio da noite.

– Houve um xamã muito poderoso no passado. O nome dele era Tirkre – disse Aiba. – Ele aprendeu a dominar os espíritos de cada elemento. Tirkre era tido como um sábio pela tribo, capaz de curar doenças e interpretar sonhos. Um dia, o jovem



xamã saiu para coletar ervas perto do rio, mas, ao voltar para casa, tudo havia mudado. O homem branco havia atacado, matado e queimado os que viviam ali, mulheres, velhos e crianças, sem distinção. Tirkre foi o único que sobreviveu, por uma obra do acaso, por estar no lugar certo na hora errada – a voz do xamã tremeu por um breve segundo. – Sua mãe, esposa, filho e amigos não tiveram a mesma sorte; estavam caídos e banhados em sangue pelo chão, que Tirkre precisou cavar com as próprias mãos para enterrar os trezentos corpos.

Aquela história me desarmou no momento em que o significado escalou até meus lábios, um novo ponto de vista em sua companhia.

– Você é Tirkre. É por isso que quer despertar o Grande Espírito! Para vingar sua tribo e sua família.

Aiba riu.

– Eu não sou Tirkre, sou uma parte dele. Quando terminou de enterrar os corpos, o xamã usou o Sino da Divisão para retirar de si aquela parte que o impediria de vingar seu povo. A metade de sua alma em que havia bondade, compaixão e amor foi arrancada. Eu sou o que restou.

– Isso foi há muito tempo – falei. – Você não precisa mais fazer isso, é um mundo novo, com outras pessoas.

Um vento frio começou a bater e as árvores sacudiram com força. A fogueira de chamas azuis não pareceu se incomodar.

– Não estou aqui para falar de mim, mas de você. Esperava que uma garota tão inteligente já houvesse ligado os pontos. Minha energia espiritual não desperta sua intuição. Sua habilidade principal é o fogo, e você consegue entrar na minha mente e no meu totem. E o mais importante: *eu não absorvi seu coração*.

Dei um passo para trás. Os pelos do meu corpo se arrepiaram e meus olhos arderam. Havia engrenagens na minha mente, colocando cada parte do que ele me disse em uma ordem quase coerente. Era quase possível ouvi-las fazendo os devidos cliques e meu coração implorando para que aquilo não fosse verdade.

– Você está mentindo.

– Não tenho tempo para mentir. Largue o Sino da Divisão de lado. A morte definitiva de um é a aniquilação imediata do outro, a morte que destrói até a última célula. Eu matei você em cada uma das suas outras encarnações, mas nunca absorvi seu coração por esse mesmo motivo.

Desde o instante em que vi Aiba na minha frente, estava disposta a me manter firme a qualquer custo, mas aquilo foi meu limite. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto como um dilúvio e era como se o mundo houvesse se tornado uma terra devastada de um instante para o outro. Como dizer aos meus amigos que eu era

metade daquilo que precisávamos eliminar? Ou como seguir adiante sabendo que selaria meu destino junto com o do inimigo...? Que deixaria meus pais e tudo o que eu amava para trás?

– EU TE ODEIO! – foi a única coisa que consegui expressar.

Meus joelhos se dobraram e eu fui ao chão com um grito que não podia ser medido ou esclarecido, era apenas som e fúria sem significado algum. Aiba me olhava em silêncio, sem piscar nenhuma vez e de braços cruzados. Meu rosto caiu na lama e era impossível discernir lágrima de chuva e raiva de qualquer outra coisa. Não sei por quanto tempo gritei e chorei em frente à fogueira. A única coisa da qual tenho certeza é que acordei na minha cama com uma simples verdade na cabeça: para salvar as pessoas que eu amava, eu precisava morrer.

## CAPÍTULO 41

# Uma espécie de plano

*Agora um novo olhar no meus olhos  
Meu espírito ascende  
Esqueça o passado  
Tempo presente funciona e dura.  
Pantera, “A New Level”*

A aula de Artes era minha favorita e a única na qual eu não me pegava rascunhando letras de música ou lendo uma edição de *One Piece*. Murilo, nosso professor, devia ter a mesma aparência desde o dia em que nasceu: alto e careca, com jeans e All Stars. Naquela manhã ele falava sobre Vincent Van Gogh, o homem que cortou a própria orelha e pintou um monte de girassóis. Uma das frases do pintor era que *a tristeza perdura para sempre*, e achei bem difícil discordar. Meu humor andava tão sombrio desde o sonho com Aiba que eu me identifiquei rapidamente com o pobre holandês. Lá estava eu, sentada com ele na pontinha de um cais no meio de uma noite que não era estrelada.

Havia uma mistura de raiva e melancolia cozinhando dentro de mim, duas partes que afrontavam o fato de que havia um pouco do outro xamã sob minha pele. Olhei para Pietro ali perto e imaginei se teria coragem de contar tudo. Como dizer aos Animais de Festa que eu era a alma gêmea da pessoa que desejava matar todos eles? Minha única vontade era a de ficar em posição fetal na cama, empurrada para dentro de um sono muito longo e profundo, mas desistir estava fora de cogitação. Lutar significava destruição mútua. Deixar que ele vencesse era bem pior, e por isso eu estava disposta a levá-lo comigo quando chegasse a hora final.

O professor pediu que formássemos grupos e respondêssemos às perguntas da apostila, um exercício que precisava ser entregue até o fim da aula. Dez pontos fáceis

para meu boletim. Marina e Pietro juntaram suas mesas com a minha antes mesmo que o professor terminasse a frase. A coisa sempre funciona assim em qualquer escola: os mesmos grupos e alguns mais eficientes que os outros. Nossa surpresa ficou por conta de Jefferson, que largou o séquito das garotas chatas que o adotou e veio ter com os mortais.

– Fico surpresa que tenha largado a Gestapo Pink para se juntar a nós – falei. – Revogaram sua carteirinha de sócio?

Jefferson passou a mão nos cabelos brancos antes de dizer qualquer coisa. Ele agia como se cada palavra que viesse da sua boca fosse um evento a ser observado em todos os continentes e até em Saturno.

– Acredite em mim quando digo que a companhia é bem melhor do outro lado – respondeu ele. – Contudo, temos assuntos a tratar. Pietro me contou que vocês conseguiram uma chave oca. Parabéns, vocês não são tão incompetentes quanto imaginei!

Pietro cruzou os braços e balançou a cabeça.

– Você não acha que deveria ficar um pouco mais calado quando não ajudou em nada? Nós fomos até a casa de Satã em busca da maldita coisa e você não deu *um* sinal de vida. Até minha irmã marcou presença.

O professor passou ao nosso lado e todo mundo fingiu estar respondendo *o que o amarelo significava para Van Gogh*. Eu podia sentir aquela animosidade que Pietro exibia toda vez que ficava perto do outro por mais de dez segundos. Jefferson pareceu simplesmente não ligar para aquilo e respondeu:

– Outro motivo pelo qual sou muito grato de não ter ido. Caso você não se lembre, tenho um cargo importante que exige mais atenção que buscar coisas feito um motoboy. O governador está preocupado com a falta de resolução desse caso e acha que os Animais de Festa não se mostram úteis o bastante para manter o status de facção; logo, é melhor que o incidente Aiba seja resolvido ou voltaremos ao bipartidarismo.

– Eles podem fazer isso? – perguntou Marina.

– Claro que sim, não seja tola. Eu sei que a chave oca precisa de alguém que estabilize o fluxo de energia e posso fazê-lo por tempo suficiente. Vocês já sabem onde é o ponto de abertura da chave?

– Claro que sim, não seja tolo – afrontou Marina, imitando o jovem mago. – É em um hospital abandonado seguindo a linha de trem.

A verdade é que todos os nossos planos poderiam ir por água abaixo se o Homem da Pólvora não estivesse a fim de nos ajudar ou se a chave oca nem funcionasse. Havia pouco otimismo partindo de mim nas últimas horas. Em qualquer outra situação,

estaria pulando de alegria em pensar que pisaria no solo de um novo mundo, mas isso não parecia fazer muita diferença agora. Tudo que conseguia pensar era em como eu estaria mais perto do encontro decisivo com Aiba quando chegasse ao lugar que o frade barbônio nos indicou. Olhei para meus colegas de classe, para a capitã do nosso time de futebol, para o pessoal do fundo e para o grupo dos estudiosos e senti inveja daquela ignorância abençoada. Aquelas pessoas caminhavam em uma estrada sem vampiros, demônios e facções, tudo era bem simples para eles, uma mistura de comer, estudar e futuramente encontrar um emprego entediante com um plano odontológico. Se já me sentia deslocada antes de Pietro e dos outros surgirem na minha vida, as coisas haviam sido multiplicadas por quinhentos e já não fazia ideia de como compreender os pontos ao meu redor.

– O que você acha disso?

A voz de Pietro me arrancou do devaneio e devo ter feito uma cara tão perdida que ele repetiu o tópico da conversa.

– Jefferson acha que deveríamos ir sábado à noite. Não sabemos nem quando e nem como Aiba irá acordar o Grande Espírito, então todo tempo é precioso. Acha que você pode fugir do seu pai depois das nove?

Sacudi a cabeça negativamente. Até mesmo Marina parecia ter se esquecido de um detalhe que não hesitei em apontar.

– Não vai dar, é o dia do nosso show na Pantheon.

Jefferson deu uma risada e colocou a mão na testa em descrença.

– O mundo está em perigo, mas, de acordo com a xamã, isso é menos importante que tocar música ruim. Pietro, sua facção não é capaz de manter uma garota na linha; como espera que alguém o leve a sério?

Meu professor passou ao nosso lado e foi ajudar um grupo do outro lado. Segurei o palavrão que vinha subindo pela garganta e olhei para ele de modo fulminante. Eu gostaria de bater nele até que o branco saísse daquela cabeça enorme, mas contenteime com um chute por debaixo da mesa.

– Ninguém manda em mim, idiota! – respondi. – E, em segundo lugar, não vou deixar de fazer minhas coisas porque um cara como você acha que é melhor assim. Jefferson, você é um zero à esquerda da esquerda. Meu show é amanhã e nós podemos visitar o Homem da Pólvora no dia seguinte. É isso ou caia fora.

– Acho que concordo com ela – falou Pietro.

Marina também entrou na concordância e respondeu:

– Também acho que Rani está certa, você é um babaca. Estamos decididos, sábado é dia de cultuar o Deus do Metal.

Eu vi o rosto do mago se contorcer em uma careta e ele se levantou de uma vez sem responder coisa alguma. Seu rosto estava vermelho e veias saltavam em seu pescoço. Jefferson virou as costas e saiu do nosso grupo. Pietro riu daquela atitude e fez uma bolinha de papel tão rapidamente que só a vi quando já voava contra a cabeça de seu rival.

– Ei! Sem brincadeiras – disse o professor ao ver a cena. – Pietro, o senhor acaba de perder todos os pontos dessa atividade.

O vampiro fez um sinal de positivo com o polegar e respondeu:

– Valeu a pena.

Ao ouvir aquilo e os risos de metade da sala, Jefferson olhou para nós com desprezo e estalou os dedos. Inicialmente, aquilo não fez o menor sentido para mim, mas no segundo em que nossas cadeiras quebraram com um estalo, descobri o espírito vingativo de um mago. Meu traseiro bateu no chão com força e um mundo de papéis e canetas veio atrás. Eu podia ouvir os outros alunos fazendo piadas e uma risada que sobressaía no meio de todas elas. Aquilo me deu a certeza de que nem sempre é errado bater nas pessoas. Também preciso dizer que Pietro tinha poucos pontos naquela matéria. E em todas as outras também, sendo o único aluno a tirar “0” numa prova de Biologia que valia conceito A, B ou C.

## CAPÍTULO 42

### Um dia comum

*Oh-oh, estamos com problemas, algo surgiu  
E estourou a nossa bolha  
Yeah, yeah! Oh-oh, estamos em apuros!  
Shampoo, "Trouble"*

O mito de Sísifo poderia explicar meus sentimentos naquele momento: a história do homem amaldiçoado pelos deuses gregos a carregar uma pedra até o topo de uma montanha apenas para vê-la cair e o trabalho começar do zero. Meu pai costumava dizer que aquilo servia como metáfora do homem moderno, que leva uma vida sem sentido fazendo tarefas ainda mais sem sentido, como um emprego monótono e sem criatividade, baseado em repetição e tristeza e chefes idiotas. Minha interpretação era diferente: o mito de Sísifo, para mim, era a tentativa da minha mãe de me comprar roupas novas. Sempre a mesma tarefa dada pelos deuses gregos: íamos em alguma loja com roupas da moda e ela tentava fazer com que eu me vestisse feito uma das garotas da escola (nossa pedra morro acima). O fato é que eu sempre acabava retomando os velhos hábitos de jeans e All Stars (nossa pedra morro abaixo para que Madame Sísifo voltasse ao trabalho dali a pouco).

Era a sexta-feira antes do meu show e ela havia me sequestrado para um *dia de mãe e filha* na capital, em uma viagem que levava duas horas saindo de Graúna. O adendo necessário é que foram duas horas com Shania Twain tocando e minha mãe cantando. Se isso não é a versão adolescente do bombardeio de Dresden, eu não sei o que é. Sem contar que ela dirigia como se brincasse de Formula 1 na rodovia. É um milagre que eu tenha sobrevivido.

O dia estava horroroso e passamos por mais de dez lojas em que fui obrigada a experimentar coisas idiotas e a carregar sacolas. Não conseguia aceitar que estava

gastando um dia inteiro fazendo compras quando poderia estar treinando com Tales ou procurando informações sobre o Sino da Divisão. Aquele era definitivamente um dia de luta, um dia sem glória.

O almoço foi complicado, porque a rainha Vitória não entendia minha súbita conversão ao vegetarianismo e disse que eu não poderia abandonar a carne daquele modo. Dei uma desculpa de que havia me filiado a um grupo de proteção ao meio ambiente por causa do Morrissey, muito mais fácil que dizer “não posso comer carne porque perderia meus poderes de xamã”. Ela até que engoliu aquilo, mas disse que marcaria uma consulta com uma nutricionista na próxima semana.

Havíamos acabado de entrar em uma loja teen no centro da cidade, uma daquelas com vitrines muito coloridas e decoração vintage, com uma Harley Davidson pendurada no teto, uma vitrola e atendentes que eram ofensivamente alegres, bonitos e bem-dispostos. Mamãe estava deslumbrada e tinha certeza de que encontraria algo no meu estilo, uma palavra que, quando empregada por ela, soava mais brega que o normal.

– Acho que você deveria experimentar alguma coisa colorida, todas as suas roupas são pretas.

– Exato, pessoa, e existe um motivo para isso. Não existe chance de errar com preto. Você acha que alguém manda a Brody Dale vestir roupas coloridas? Alissa White-Gluz? Floor Jansen?

– Eu não sou a mãe delas, Rani.

Minha mãe, a digníssima rainha Vitória, era tudo o que não se encontrava em mim e no resto da humanidade. Era altíssima e caminhava entre os mortais como se estivesse alheia ao mundo, tinha a pele um pouco mais clara que a minha e longos cabelos castanhos cheios de cachos. Ela andava em saltos sem tropeçar, fosse no asfalto ou na lama (coisa que nenhum poder xamânico me ensinaria) e sabia combinar qualquer roupa com qualquer acessório. Nunca erguia a voz para coisa alguma e conseguia assustar você. Claro que as qualidades vinham aliadas a uma neurose elevada e à crença de que eu já deveria estar pronta para o vestibular de uma universidade federal desde os 10 anos de idade.

– Rani, eu não posso escolher sua roupa para você, preciso da sua ajuda. Tenho certeza de que você vai adorar isso.

Tirei os olhos lentamente do meu videogame portátil e olhei para o que ela tinha em mãos: um vestido turquesa com um par de botinhas pretas. Aquilo gritava em alto e bom som que não era o tipo de coisa para mim, mas a mulher nunca estaria satisfeita até que eu participasse daquele ritual de tortura. Fechei o aparelho e guardei



na mochila. Quanto mais rápido eu terminasse aquilo, mais cedo eu poderia salvar a princesa Zelda e ajudar o reino de Hyrule.

– Essa roupa vai ficar linda em você, mocinha – disse a atendente forçando uma vozinha infantil, como se estivesse conversando com um bebê.

Forcei um sorriso. Era o quinto vestido que eu experimentava naquele dia e tudo o que eu desejava era que saíssemos dali a tempo de assistir *O Jogo do Exterminador* no cinema, um dos meus livros favoritos e o único motivo de eu ter concordado em visitar a capital para início de conversa. Não havia como não me identificar com a história de um garoto obrigado a lutar em uma guerra muito maior que ele e sem saber o que se escondia por trás do palco.

Eu e a rainha Vitória entramos no provador cheio de espelhos e me troquei a contragosto. O material do vestido era muito fino e eu sentia um frio incômodo nas minhas coxas, que não era suavizado pelo ar- condicionado. As botinhas eram confortáveis e eu poderia usá-las muito bem com *meus* vestidos.

– Ficou perfeito, filha – disse minha mãe. – O que você achou?

– Horrível, me sinto pelada em um inverno do Alasca. As botas são legais, mas o vestido é brega. Já podemos ir embora?

Minha mãe se levantou e se colocou atrás de mim, soltando meus cabelos sobre os ombros, os mesmos cachos que os dela, mas visivelmente menos educados. Ela ajeitou minha postura, coisa que ela fazia até com pacientes no seu consultório, e passou a mão na minha cabeça.

– Rani, sei que isso não é muito a sua praia, mas é uma das poucas coisas que fazemos juntas e não é como se você tivesse me visitado nos últimos tempos. Até mesmo seus avós andam preocupados com o sumiço.

Dei de ombros.

– Estou ocupada com um monte de coisas. Treino de futebol, escola, banda e a habilidade de exercer misantropia de forma eficiente com livros baratos de ficção científica.

– Sei como é ser jovem e passar por um monte de mudanças e surpresas, mas você não pode negligenciar as pessoas que te amam. Acredite em mim, já estive no seu lugar.

Ri daquelas palavras, mas não de uma forma engraçada. Mamãe estava bem longe de saber pelo que eu passava. Ela tinha aquelas linhas no rosto de quem ansiava por fazer um discurso cheio de argumentos, dados científicos e notas de rodapé, mas sabia que o Império precisava ser detido antes que a tropa de clones malignos marchasse pela retórica. O fato é que eu não estava com muita cabeça para discutir moda e

vestuário quando minha mente ficava indo e voltando no fato de que Aiba era metade da minha alma e eu precisava morrer.

Coloquei uma mão na cintura e respondi:

– Você não faz a mínima ideia do que estou passando. Ninguém faz a mínima ideia, ficam todos ofendidos porque não faço uma visita, mas nunca param pra imaginar como estou me sentindo de verdade – minha voz começou a ficar embargada e subiu um tom. – Estou constantemente com raiva e odeio tudo, não sei o que fazer na maior parte do tempo e a única coisa que quero é um pouco de paz. Não quero roupas, nem botas e qualquer outra porcaria, eu só quero que as coisas voltem ao normal.

Ela me olhou em silêncio. Um olhar diferente do que ela havia me dado durante os anos de minha vida; não era a rainha Vitória da neurose, mas apenas uma mãe que parecia ver a filha pela primeira vez.

Desviei o rosto.

Ali estava quem eu evitei ao enfrentar o monstro da biblioteca, ao visitar o mundo espiritual ou quando meu inimigo se revelou nos meus sonhos, aquela Rani Paleto que eu odiava expor. A garota que se escondia por trás de citações de Doctor Who, death metal e uma enxurrada de sarcasmo, a parte mais frágil. Minha mãe estendeu os braços e me puxou para um abraço apertado. Ela não disse nada, apenas ficou ali, me envolvendo naqueles braços finos e macios que tinham cheiro de morango. Ela beijou minha testa e falou:

– Vai dar tudo certo, Rani, sempre estou com você. O que você acha de deixarmos as compras de lado e assistirmos ao seu filme de ET?

– *Formics*, mãe... ET é um termo genérico.

Eu ainda chorei mais um bocado depois daquilo.

## SET LIST TANK GURLS

- 1 - Stabbing the Rain (Letra: Rani, Música: Rani/Marina)
- 2 - OMG! Nuke The Boys (Letra: Rani, Música: Marina)
- 3 - Roots, Bloody Roots (Sepultura cover)
- 4 - Girls at War (Letra e Música: Rani)
- 5 - Laboratory Sickness (Letra: Rani, Música: Marina)
- 6 - Wolfblood (Letra: Rani, Música: Marina)
- (Solo de bateria)
- 7 - Symphony of Destruction (Megadeth cover)

## CAPÍTULO 43

# Pantheon

*Eu quero rock'n'roll a noite toda  
E festa todo dia  
Eu quero rock'n'roll a noite toda  
E festa todo dia.  
Kiss, "Rock And Roll All Nite"*

Eu e meu pai chegamos na Pantheon às 19h30. Era o único lugar de Graúna que tocava heavy metal e não cobrava muito caro. Ficava longe da minha casa e na margem do rio principal, em uma rua estreita e sem asfalto, mas repleta de árvores enormes que se esgueiravam por entre os fios elétricos e subiam repletas de folhas verdes.

Não havia muitas residências na região, mas uma abundância de funilarias, oficinas de carros e capotarias enfileiradas, assim como uma indústria de fundição situada do outro lado do rio, com sua chaminé de chamas e fumaça 24 horas por dia. Era possível sentir o cheiro de ferro naquela parte da cidade; estava nas oficinas, nas ruas e no ar, colonizando bocas e narizes como uma invasão militar a que não dávamos importância.

A casa noturna consistia em um prédio com fachada de azulejos escuros e uma única entrada guardada por um gigante careca. Havia um batalhão de pessoas vestidas com camisas de bandas e todos se pareciam com figurantes de um filme de terror. Usavam até mesmo capas e excesso de pintura branca no rosto.

Tinha sido uma viagem silenciosa até lá e meu pai achou que fosse nervosismo por me apresentar em um palco, tentando me animar com alguns conselhos. Prefери deixar que ele pensasse isso. Peguei minha guitarra no banco de trás e fui em direção à portaria.

Fazia um calor insuportável naquela noite, o que ficava muito pior quando se era uma garota com bota anfíbia de couro, calça jeans e camiseta preta do After Forever. Em qualquer outro dia eu estaria radiante por tocar na frente de várias pessoas, mas tudo havia ficado cinza desde o momento em que Aiba me revelou a verdade. Havia pensado em ligar para Pietro e contar tudo, mas uma parte do meu cérebro imaginava se meus novos amigos seriam capazes de me aceitar quando soubessem o que se escondia dentro de mim.

Marina e os pais dela nos esperavam na entrada. Nossos progenitores eram as únicas pessoas de roupas coloridas naquele mar de couro preto e caveiras prateadas. Meu pai usava uma camisa polo rosa, o que deve explicar a gravidade da situação. Marina usava uma saia curta, botas, camisa preta de botões e um monte de maquiagem escura nos olhos e lábios, e suas baquetas giravam entre os dedos.

– Oi, Rani – disse a mãe da outra com um sorriso enorme. – Vocês estão tão lindinhas, acho que preciso tirar milhões de fotos. Minhas mocinhas cresceram tão rápido e já são artistas.

– Mãe! – berrou Marina. – Você não cansa de me fazer passar vergonha? Ninguém fala *lindinha* e *mocinha* em um show de metal, isso é muito errado. Eu e a Rani nunca conseguiremos pontos de credibilidade dessa maneira.

Meu pai deu uma risada e respondeu:

– A minha também é assim, Raquel. Odeia andar comigo na rua, fica toda vermelha e de cabeça baixa que é pra nenhum namoradinho da escola vê-la por aí.

– Santo Monstro do Espaguete! – murmurei. – Acho que é melhor entrarmos antes que eu tenha overdose de vergonha alheia.

Pegamos os ingressos e o homem na entrada carimbou nossas mãos. Eu e minha amiga ganhamos um X enorme na mão direita, o que significava que não podíamos consumir bebidas alcoólicas, algo de pouca diferença, já que eu era duplamente straight edge, por escolha própria e por xamanismo compulsório. O bar no salão de entrada estava quase vazio e alguns perdidos conversavam perto do banheiro. Eles nos olhavam como se uma comitiva do jardim de infância houvesse invadido o templo do Deus Metal. A Pantheon era iluminada por luzes de neon azul pelos cantos e não havia espaço para que pessoas andassem lado a lado pelos corredores.

– Sua mãe disse que vai chegar um pouco atrasada – falou meu pai, se espremendo entre um casal de punks.

– Ela sempre chega atrasada. Por favor, pai, não deixe que ela me faça passar vergonha. Eu tenho certeza de que ela vai ficar falando pra todo mundo: “Olha, é minha filha”.

– Você tem alguma dúvida?

Chegamos à pista principal e um monte de gente estava no meio da aglomeração ouvindo o pessoal de uma banda com nome de refrigerante velho. Eles tocavam músicas dos Beatles e do Pink Floyd. Não era o tipo de coisa que se ouvia com frequência naquela casa, mas estavam fazendo um bom trabalho. Nossos pais foram se sentar em uma das mesinhas na parte superior enquanto eu e Marina fomos procurar Muddy, que cuidava da organização. Cumprimentei algumas pessoas que eu já conhecia: o cara da locadora de filmes, o pessoal que jogava RPG na praça central e os membros de uma banda de thrash metal que estava lançando um novo disco.

Muddy nos informou que éramos a próxima banda e que deveríamos esperar junto ao palco, coisa que fizemos com um rio de adrenalina em nossas veias. Marina girava suas baquetas na mão, silenciosa e concentrada, e tinha o semblante mais sério que eu já tinha visto em toda a minha vida. Eu olhava para aquele monte de gente e isso fazia com que uma corrente de ar frio navegasse por meu estômago; meus pelos estavam arrepiados e eu podia sentir todos os cheiros, desde as batatas fritas servidas no bar e o suor de cem pessoas amontoadas em um lugar minúsculo. Shows de rock não costumam ser como um hotel cinco estrelas.

Vi minha mãe entrar na pista e ela parecia estar triplamente perdida com o barulho alto e a quantidade de gente esquisita, mas preciso admitir que fiquei contente ao vê-la ali. A rainha Vitória me viu de longe e mandou um beijo. Olhei para o lado e fingi que aquilo não havia acontecido enquanto ela se unia aos outros. Uma coisa interessante nos meus pais era que, embora divorciados, eles se davam bem e nunca tentavam matar um ao outro, exceto quando tinha a ver comigo; aí era como ter Osama Bin Laden em uma Comissão de Direitos Humanos.

Os membros da CRUSH terminavam o que seria a última música deles naquela noite, uma versão animada de “I Wanna Hold Your Hand”, e eu fiquei ainda mais inquieta com cada acorde. Estava chegando a nossa hora e a manada de ouvintes crescia sem parar. Apertei minha surrada Les Paul Jr. contra o peito e tentei controlar meu nervosismo. Ao meu lado, Marina recitava a nossa oração de Tuomas Holopainen. Eu pensei em tudo o que havia feito para chegar até ali: minha primeira guitarra e aquilo que Kurt Cobain chamava de Punk Rock 101, quando descobrimos aquele disco que mudaria tudo para nós. Pensei também no dia em que eu e Marina decidimos formar uma banda. Estávamos na escola e ela me contou que tocava bateria. “Acho que seria legal se tocássemos juntas”, foi o que ela disse então.

Aquele acesso de lembrança involuntária ainda estava agindo sobre mim quando vi algo brilhar no meio de tudo, e nem posso chamar aquilo de metáfora. Um garoto de camisa amarela, calça vermelha e tênis colorido realmente *brilhava* em um lugar como aquele. Pietro veio na frente e o resto do pessoal veio atrás. Valentina estava

com um vestido e com uma boina roxa, Fred estava sem o cinto de ferramentas e havia um Tales de pijama do Homem-Aranha e forma humana, o que devia ser o equivalente a uma roupa de festa na visão dele.

Eles abriram caminho pela população que os olhava de forma esquisita e vieram ficar perto da gente.

– Desculpa o atraso, tivemos um problema com Elton John Jr. – disse Pietro.

– Não tem problema, o importante é que você... que *vocês* estão aqui! – respondi.

Fred entrou na frente e protestou:

– Você teve um problema com ele, Pi. Ficou reclamando sem parar que o pobrezinho não andava rápido o bastante, por isso o sistema operacional emotivo entrou em pane e desligou tudo. Vocês ofenderam Elton John Jr.

Ninguém ousou perguntar a Fred para que servia um sistema operacional de emoções em um carro, já que ele parecia ofendido demais para responder isso no momento; por isso, apenas sorri para Pietro em cumplicidade. Eu podia sentir um pouco da minha ansiedade amainando. Marina estava comentando alguma coisa sobre o incidente quando a outra banda fechou seu repertório e se despediu do público com uma reverência.

– Chegou a sua vez – disse Tales. – Nós vamos ficar bem na sua frente, ok? Nem se atreva a não jogar a palheta para um de nós.

– Pode deixar, Talesiel-Un – respondi.

Cumprimentamos a banda que saía do palco e Marina correu para ajustar a bateria enquanto eu tirava a folha com nosso *set list* do bolso. Todo mundo me desejou sorte e começou o difícil percurso até um lugar na frente do palco; exceto Pietro, que ficou ali do meu lado e disse:

– Quebre a perna, menina do cemitério, ou pode ser que você prefira o jeito francês, *mérde*. Vou esperar uma música dedicada a mim.

– Pode deixar, vou escolher alguma que tenha poucas referências a sangue, morte e destruição. Hum... Deixe-me pensar. Droga, não temos nenhuma assim! Fica para a próxima.

Pietro deu aquele sorriso de lado e enfiou a mão no bolso. Havia algo de diferente nos seus olhos, como um intento que era impossível decifrar. Dei um passo adiante e fiquei imaginando se meus pais estavam me observando naquele momento, e torci para que a resposta fosse negativa. Marina já batia nos bumbos e pedais, pessoas assobiavam e Muddy ajustava os microfones. Meu coração bateu mais rápido, e antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, os lábios de Pietro se colaram aos meus. Durou apenas meio segundo, mas senti a pele fria e a respiração dele se misturando à minha, em um silêncio ensurdecedor em ondas no meu cérebro. Não havia muito

acontecendo ao meu redor naquele instante, apenas aquilo. Era como saltar de um prédio e voar, pisar descalça na areia quente, pular em poças em um dia de chuva e correr morro abaixo. Havia um ritmo cadenciado naquela maré que me engolia, nas sereias que mergulhavam na água em movimento que era meu corpo inteiro, naquela canção de mim mesma. Respirei assustada e, quando minha mente capturou o acontecimento, Pietro já estava de costas no meio da plateia e caminhando para perto de sua irmã. Fiquei ali de olhos arregalados e com o peito arfando. Meu primeiro beijo havia sido com um vampiro.

– Rani! – gritou Marina, e eu saí do meu instante catatônico.

Pendurei a guitarra no ombro e subi no palco com o miocárdio ganhando medalhas de ouro em saltos acrobáticos. A iluminação me cegou momentaneamente e pude escutar um monte de aplausos e gritos, assobios e a bateria de Marina começando a trabalhar. Liguei o cabo principal na minha guitarra e cheguei na beirada do palco. Segurei o microfone com força e berrei:

– Meu nome é Rani, aquela é a Marina e nós somos as Tank Gurls. Tocamos death punk metal e vamos chutar seus traseiros.

A Pantheon inteira gritou e pude sentir o chão tremer quando começamos a tocar, e um mosh pit se abriu abaixo de nós. Vi meus pais gritando em suas mesas, todos os conhecidos pulando e meus amigos ali; mas não enxergava nenhum deles, não de verdade. Eu estava no palco, no meio da minha tragédia grega, e a única pessoa que eu via lá embaixo era o adolescente fluorescente.



## CAPÍTULO 44 Tragédia grega



*Mais uma vez eu pisei fora da linha  
Repetindo para mim mesma que tudo estava bem  
Mais uma vez eu naufraguei longe da enseada.  
The Agonist, “Serendipity”*

*Nos aposentos de Rani, ela se encontra com os olhos atraídos pelo tubo brilhante de imagens. Entra o coro dos homens lamuriantes. Usam máscaras e túnicas vermelhas. O coro dança usando mãos, braços e corpo de forma expressiva.*

O CORO – Ó, Afrodite, Eros e Ártemis, confusão na Tebas graunense. É lá amor um ruído sem sentido. Vejam o padecer da filha mais comum, em que tristeza se precipitou. Quando penso nela, estremeço, tremo. Os dias se esticaram e uma faca invisível a dividiu; fica ali parada, em discurso com a bÍlis negra, incapaz de afirmar se foi amor que a cingiu. Tal qual Orfeu, ela desce o abismo, em busca da sua Eurídice, mas se lá está sua metade, isso nem certo está. Tique-taque, bateu as horas e assim também alguém na porta.

*Sai o coro. Entra Marina com as indumentárias de black metal.*

MARINA – Senhorita Paleto, tentei oito vezes uma ligação. Que bem faz um telefone que nunca é atendido? Acaso não sabes que essa é sua função?

RANI – Peço que me perdoe, tinha os olhos cortejados por nova encenação de One Piece. Ah, como desejaria meu coração que Ruffy fosse de verdade. Pirata de borracha

com parcas habilidades submarinas, não seria esse um épico digno de afeição?

MARINA – One Piece pertence às massas e assim não mais merece minha atenção! Serial Experiments Lain, aí está verdadeiro ornamento dos desenhos orientais. Junte Cowboy Bebop ao conclave das minhas preferências, lá encontrarás meu terceiro esposo, Spike. O último em uma linha que contém o maestro Tuomas e aquele de nome Benedict da linhagem dos Cumberbatch.

RANI – Afasta tuas intenções de meu enamorado Cumberbatch, já o tinha em minhas afeições muito antes dos demais, certa de que fui a primeira a contemplar seu Sherlock. Acerca dos Experimentos Seriais de Lain, tal citação apenas valida minha tese de que seu peito se abre apenas ao que é escuro e triste.

MARINA – Um fato que já repousa em conhecimento público. (*Em tom ameno*) Rani, irmã de outro ventre, Rani, não existe entre nós certo evento que precise de elucidação? Algo que tenha a ver com nossa noite de ontem?

RANI – Sim! Existe algo de interessante nos meandros de ontem.

MARINA – Fala, a ansiedade por respostas me aflige.

RANI – Aquele da alcunha de Paranoid fugiu ao travar olhar com minha pessoa. Acredito que a lição singular aplicada ao mesmo no ponto de combustíveis fósseis foi de grande valia.

MARINA – (*Descontente*) Não me tome por estúpida. Sua mente guarda muito bem ao que me refiro. Dou-te as letras: P – I – E – T – R – O. Feições raquíticas, sorriso de certo esquisito e que se veste tal qual um arco-íris.

RANI – Ah, isso! (*Lacônica*) Ignoro deliberadamente. Tal discussão me corroeu por vários momentos na carruagem de volta para casa. Pai e mãe nas perguntas alternadas, infinitas. Nome, verões de vida, estirpe e família, todas as perguntas que ouvi. E a flecha da minha vergonha foi lançada ainda mais longe. Sabe quando do seu primeiro sangramento e sua mãe envia comunicados até a presidente para dar ciência da

notícia? O mesmo se ocorre entre os meus, onde até mesmo uma tia das terras do Rio de Janeiro está ciente.

MARINA – Oh, pobre dama de Paleto! O que há de fazer em meio a tanto sofrimento?

RANI – Hei de padecer. Como poderia lidar com sentimentos e afeições quando uma peleja mais difícil se ergue diante de mim? Aiba, aquele da podridão, é com quem minha mente ocupa suas horas de vigília. Não, boa Marina, os tempos e augúrios não são propícios ao amor, mas à guerra. Para mim e para meu bando de irmãos, para aqueles Animais Festivos.

*Marina abraça sua amiga e seus gestos são exagerados.*

MARINA – Seja qual for a senda que vosso coração percorrer, hei de mitigar todo e qualquer sofrimento seu da forma como eu conseguir. Acredite, lady Rani dos Albuquerque e de Paleto, o servo da podridão será vencido, nós, seus irmãos e irmãs de alma e armas lutaremos ao seu lado. E então, quando isso chegar ao fim, em tal altura, haverá tempo para o amor.

RANI – Bem-aventurada é aquela que possui tão bons aliados. Assim agradeço, gentil dama. Agora, larguemos tais tópicos de lado, já me preocupo com eles em demasia quando com os meus pensamentos. Façamos algo que eleve a alma e que traga conforto aos nossos espíritos em momento de demasiada tristeza.

MARINA – Que assim seja. Diga o prazer e esporte de sua escolha e ele se tornará minha opção.

RANI – Sugiro uma tarde de fotografias em movimento. Os emissários do templo Amazon mui recentemente trouxeram meu disco com o tríptico estendido de *O Senhor dos Anéis*. Podemos preparar um balde de milho explodido e nos agarrarmos à odisseia do pobre Frodo.

MARINA – Não posso reclamar de tal sugestão, ainda não me recordo de todas as falas como gostaria, está aí mais uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos e admirar meu Orlando Bloom.

RANI – Sábia decisão. Agora, avante, os milhos inocentes aguardam por nós.

*Elas saem e o coro retorna.*

O CORO – Fecha, fecha as cortinas do espetáculo, a musa se esvai do ato. Inocentes peças, alheias ao destino se movem. Ah, Hades! Está aí o nó da orelha de seu plano. Cantemos porque o ato se fechou, não mais surgiremos, esse tempo passou. E assim gritamos para que o incauto espectador guarde em um pote suas esperanças, não há bom final para uma tragédia. Apenas... o fim.

Não foi exatamente assim que aconteceu, mas as coisas estavam tão dramáticas na minha vida que, se um coro aparecesse de verdade no meu quarto, eu nem ficaria surpresa. Pelo menos conseguimos assistir A Sociedade do Anel pela décima vez e acompanhei noventa por cento das falas. São essas pequenas coisas que causam alegria a uma pessoa que não sabe se tem uma queda por um vampiro ou se preocupa com a morte iminente.

## CAPÍTULO 45

# Lugares aleatórios

*Lá vai ela novamente  
Eu realmente gosto de observá-la  
Assistindo-a bater cabeça  
Suzy é uma headbanger.  
L7, “Suzy is a Headbanger”*

Minha mochila estava repleta de coisas necessárias para minha jornada em busca do Grão-Mestre da Pólvora, mas isso só aconteceria à noite e eu ia passar a tarde na casa dos meus avós. Se eu realmente estava para morrer em breve, a solução era aproveitar o tempo que restava da melhor maneira possível. Era uma tarde quente, o céu estava fechado e as previsões indicavam pancadas de chuva durante o dia. Não reclamaria daquilo, uma vez que Graúna estava tão quente que poderia ser chamada de filial do inferno.

Eu e minha avó tiramos o carro da garagem e saímos para ir até o supermercado, mas meu avô preferiu ficar em casa assistindo uma reprise de *Oprah*. O dia dele nunca ficava inteiro sem *Oprah* ou Shakespeare, e ele ficava duplamente chato quando alguém o interrompia. Sem remorso algum, largamos o velho para trás.

Por algum motivo que não fazia sentido, minha avó gostava de fazer compras em um supermercado em Santanense, bairro que ficava do outro lado do mundo, mas que costumava ser bem vazio e tinha uma sorveteria do outro lado da rua em que costumávamos sentar de vez em quando. As ruas da cidade estavam tão calmas que eu quase podia esquecer que Pietro havia me beijado na noite anterior, com ênfase na palavra *quase*. A cena da Pantheon se repetia de novo e de novo em minha cabeça, eu estava tocando e gritando no topo de um palco, mas não estava tão concentrada

quanto deveria. Tenho quase certeza de que errei um acorde em “Symphony of Destruction”, o que é o equivalente no rock a não saber usar papel higiênico.

– Sua mãe me ligou hoje de manhã – disse minha avó, enquanto passávamos pela famigerada Reta de Santanense, que, de acordo com algumas pessoas, separaria aquele bairro da cidade quando o local conseguisse lograr um movimento separatista. – Ela me contou sobre seu show ontem à noite, estou muito orgulhosa de você, Rani. Temos uma roqueira na família. Isso me lembra da minha juventude, discutindo Foucault com os amigos de faculdade e ouvindo Raul Seixas.

Um dos perigos de se conversar com ela era quando o modo rememoração era ativado e eu era obrigada a passar horas ouvindo sobre o curso de Filosofia, seu ódio de Camille Paglia e o dia em que ela encontrou Carlos Drummond de Andrade no Rio de Janeiro e conseguiu um autógrafo. Isso era parte de uma série que envolvia o lendário episódio *Como eu conheci seu avô* e a sequência *Duas pessoas e meia*, nosso primeiro bebê e a felicidade mundial. Tentando escapar das histórias que eu já havia escutado mil vezes, cruzei os braços e respondi:

– Roqueira é uma palavra muito feia, vó, o termo certo é *headbanger*. Você deveria ter ido ao show, nós fomos a melhor banda da noite, e o Muddy ainda perguntou se a gente se animava a abrir o show de um pessoal no mês que vem.

Preferi não comentar que a probabilidade de nenhuma de nós existir até lá era bem grande, porque esse tipo de coisa costuma assustar as pessoas adultas. Elas ficam desesperadas atrás de algum desenho ou seriado que possam culpar pelo fatalismo e pessimismo da juventude e, de acordo com o filme de *South Park*, você também sempre pode culpar o Canadá por qualquer coisa errada no mundo.

– *Headbanger*... No meu tempo a gente chamava isso de metaleiro, rock pesado, rock do futuro.

– No seu tempo usar *mullets* era uma coisa comum, o que não faz dela mais aceitável. Sabe aquelas coisas ruins do mundo, tipo cigarros, machismo, exercícios físicos e lavar louça? Usar qualquer uma das suas expressões entra na mesma lista.

Minha avó deu uma grande risada e abriu a janela do carro. Estávamos passando pelos enormes muros amarelos de uma fábrica de produtos têxteis, e os trabalhadores podiam ser vistos caminhando como formigas em seus uniformes azuis. Ela ligou o rádio e deixou que um disco do Raul Seixas tocasse em volume baixo. Passou a mão na minha cabeça e disse:

– Eu posso não entender as expressões dos jovens de hoje, mas de uma coisa eu entendo, Rani Paleto: garotos. Seus pais estão muito curiosos sobre o garoto que te beijou quando você subiu no palco. Sua mãe disse que ele era muito bonito.

Aquilo fez minha cara escorregar para o chão e uma ânsia de vômito subir até a garganta. Eu estava confiante no fato de que havia sido rápido demais para que alguém além de Marina houvesse notado, tinha um fiapo de esperança; eu precisava ser otimista de vez em quando na minha vida. Olhei para a paisagem ao meu lado e não respondi.

– Você não precisa ficar com vergonha, isso é uma coisa normal. Todas as garotas da sua idade arrumam um namoradinho.

Eu revirei os olhos e respondi:

– Será que dá pra gente conversar sobre outra coisa? Eu fiquei muito interessada em aquecimento global de repente. Ou você acha que deveríamos discutir as políticas da nossa presidente? A bolsa de valores também parece apetitosa e eu não faço a mínima ideia de como ela funciona. Esse é meu nível de interesse em falar sobre garotos, mamãe já teve A conversa comigo quando eu tinha 11 anos.

Ela não respondeu instantaneamente, a rotatória em que nos encontrávamos era movimentada e com várias saídas, mas assim que saímos dali ela perguntou:

– Qual é o nome do rapaz?

Dei de ombros, assumindo que minha avó era um *borg* e toda resistência era inútil, então respondi em um murmúrio:

– Pietro.

– Um nome bonito. E você gosta desse Pietro?

– Não sei, ele é legal. É... complicado. Eu tenho coisas mais importantes com que ocupar minha cabeça e sei lá, tenho medo de fazer alguma coisa, dar muito errado e etc. É melhor deixar isso de lado e cuidar da minha vida.

O supermercado estava um pouco adiante e eu podia ver o estacionamento quase vazio e a estação de trem abandonada que ficava bem perto dali. Os vagões que cruzavam a cidade diariamente podiam ser vistos naquele momento carregando metais, carvões e combustível em direção a qualquer fim de mundo que fosse seu destino.

– Rani, você está passando por uma das melhores partes da sua vida, e uma das mais difíceis e implacáveis. É o momento em que você encontrará pessoas maravilhosas, que farão parte da sua vida para sempre, assim como pessoas ruins que farão você perder a fé na humanidade por alguns instantes – disse ela calmamente, falando como se estivesse em uma digressão em voz alta. – Mas nada é mais importante que encontrar amor em nossa vida. Pode ser o amor de um garoto ou de uma garota, de uma amiga ou da sua família; a única coisa que você deve evitar é permitir que o medo interfira em sua habilidade de amar. Pode ser que esse garoto Pietro seja o início de um grande amor, mas pode ser que se torne apenas uma

memória no fundo da mente em alguns anos. Meu único conselho é: não tenha medo de amar as pessoas. É isso que nos faz humanos.

Ouvi cada palavra, mas nenhuma resposta escapou de mim. Eu não era a melhor pessoa do mundo no que se relacionava a colocar meus sentimentos em voz alta; também não estava no meu alcance emocional expandir o diálogo depois de uma longa sessão de aconselhamento, já que isso me fazia sentir vontade de encolher até o tamanho de uma concha e ser levada pelo mar. A parte ruim disso era que a maioria das pessoas imaginava que eu ignorava o que diziam, mesmo ouvindo com o máximo de atenção; porém, a parte boa era que meus familiares, com seus erros e acertos, aceitavam o murinho de introspecção que parecia se levantar quando isso acontecia.

– Não se preocupe, Rani. Tenho certeza que você vai conseguir resolver tudo da sua maneira, minha *headbanger*.

Fiquei ali pensando em como não ter medo de amar as pessoas se eu provavelmente iria perdê-las muito em breve. Meu cérebro perguntava como eu poderia aceitar a possibilidade de ter um sentimento por Pietro quando isso apenas tornaria meu fardo mais pesado, quando cada segundo com ele seria apenas outro em minha mente quando fosse preciso deixar minha vida para trás. Meu avô costumava recitar uma coisa de Guimarães Rosa para os netos quando éramos crianças: *O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem*. Amar uma pessoa a mais naquele momento precisaria não apenas de coragem, mas de uma dose de loucura em camadas. Admitir que amava seria ter mais uma amarra com a qual eu precisaria lutar para enfrentar um inimigo que não tinha nada disso para se preocupar.

A única coisa que saiu de mim foi:

– Você se importa se a gente tomar sorvete antes de fazer compras? Acho que meu humor está pedindo isso no momento.

– Chocolate?

– Sempre.



## CAPÍTULO 46

# O hospital

*Senhoras e Senhores,  
Bem-vindos ao show de horrores.  
Edguy, “Mysteria”*

Nós chegamos lá às 9 da noite e tudo estava tão quieto que era possível imaginar que Graúna fosse um lugar comum. O Elton John Jr. estacionou na pracinha em frente ao Hospital Manoel Gonçalves. Pouco atrás ficavam os trilhos, onde nenhum trem podia ser avistado naquele momento. Aquele lugar carregava um amontoado de lembranças das quais eu não gostava, e foi ali que acordei depois da queda na minha outra escola. Me lembrava das enfermeiras com rostos austeros, dos médicos que passavam de um lado para o outro ignorando as reclamações e do cheiro de desinfetante que torna tudo pior.

Contudo, nosso destino ficava do lado esquerdo do prédio cheio de luzes e movimento. Era uma construção caindo aos pedaços, repleta de mato e sem a maior parte do teto. As paredes estavam escurecidas e rachadas. Uma placa tosca avisava: “Não pare aqui, risco de queda iminente”. Aquele era um hospital antigo, tão antigo que nenhum idoso vivo se lembrava de alguma vez já tê-lo visto em funcionamento. As freiras da Estadual provavelmente se lembravam, mas elas eram um caso tão à parte que não entravam na discussão.

Fui a primeira a sair do veículo e olhei os carros que cruzavam aquele pedaço, com as muitas luzes acesas no prédio principal. Eu podia sentir as energias que fluíam daquele lugar, com raivas e frustrações em ondas fracas que não afetavam muito meu radar xamã; contudo, aquele não era nosso destino.

– Bem-vindos ao lugar mais mal-assombrado de Graúna Roça City – disse Fred. – Eu definitivamente não gosto dele. Meu lobo interior está com o rabo entre as pernas.

– Você está sempre com o rabo entre as pernas – respondeu Valentina.

– Gostava mais de você quando ficava em um canto sem conversar com ninguém. Anos dourados de silêncio, V.

O resto do pessoal havia acabado de desembarcar e se encontrava ao meu lado. Estavam todos ali: Pietro, Marina, Fred, Tales, Valentina e até mesmo um Jefferson contrariado que carregava o Ovo de Fabergé enrolado em um lençol. Eu estava pegando a mochila e minha raquete espiritual no porta-malas quando Pietro se colocou ao meu lado.

Engoli em seco e fingi ignorar sua presença. Não havíamos conversado direito desde o acontecimento na Pantheon. O clima entre a gente estava estranho e misturava um monte de olhares desviados e conversa formal. A verdade é que eu não sabia exatamente o que sentir em relação àquilo e não sabia como reagir; não havia um manual que me ensinasse a ser xamã e a lidar com indícios de sentimentos por um garoto que era mais velho que as idades somadas dos meus avós. Olhei para ele e forcei um sorriso acanhado, antes de virar as costas e correr para perto de Marina.

– Você e Pietro ainda não estão conversando direito? – perguntou ela imediatamente.

Balancei a cabeça negativamente antes de responder:

– Garotos são complicados. Nem sei como lidar com as coisas simples da minha vida, imagine com o resto. Não é como um episódio de House em que uma epifania surge quando vou ao banheiro. E mesmo que a vida fosse como um seriado médico, o único diagnóstico com relação a minha vida seria: *Não é lúpus*.

Marina riu e me deu um abraço dizendo que havia esperança para mim, o que me fazia imaginar se aquilo era uma tentativa de consolo ou uma piada com minha cara. Chegamos perto da janela do hospital abandonado e esperamos até que não houvesse movimento algum na rua. Tales fez um apoio com as mãos e me ajudou a subir, e também Marina. O resto deles conseguiu entrar sem nenhum problema e Valentina zombou da nossa necessidade de ajuda, como se todo mundo nascesse sobrenatural e com habilidades de salto.

– Fogo! – murmurei.

Uma pequena chama avermelhada surgiu na palma da minha mão e eu finalmente pude enxergar o que havia por ali. O interior do hospital estava cheio de mato e equipamentos corroídos pelo tempo, poltronas e estetoscópios jogados pelo chão, seringas de vidros, frascos de medicamentos que nunca foram abertos e cadeiras de rodas desmanteladas pelos corredores escuros.

– Agora entendo por que ninguém entra aqui – disse Pietro. – Isso está pior do que quando visitei Berlim na Guerra Fria.

A energia que vinha dali era opressora, como se não gostasse de receber visitas, o que poderia ter alguma coisa a ver com o que aconteceu ali em 1918. Um surto de gripe espanhola assolou a região e inúmeras pessoas morreram; os médicos não sabiam como tratar dos pacientes e usavam chá com mel enquanto centenas de corpos ficavam insepultos, porque até os coveiros haviam morrido. Aquele hospital havia recebido a maior parte dos vitimados pela doença e apenas um terço saiu dali com vida; famílias inteiras foram dizimadas por uma praga que parecia ser a herança de uma grande guerra que havia acabado recentemente.

– Não temos tempo para besteiras – falou Jefferson tomando a dianteira. – Nossa janela de tempo é pequena e eu não gosto de vocês; por isso, precisamos ser rápidos.

– Uma coisa com a qual concordamos – respondeu Valentina. – Eu não sei como tive coragem de namorar você. Maior. Erro. Da. Minha. Vida.

– Idem – respondeu o mago.

O mago desembalhou o lençol e depositou o Ovo no solo, e todos nós olhamos para aquilo com atenção redobrada e ansiedade. Fred se colocou ao lado do mago e abriu a maleta de ferramentas que tinha consigo.

– Sempre quis ter uma dessas em casa – disse o lobisomem. – Uma chave oca nada mais é que um acelerador de partículas de magia portátil. Ela forma um buraco de minhoca através da matéria escura, unindo pontas de universos diferentes em um horizonte de eventos contínuo e progressivo no espaço-tempo.

– Você entendeu o que ele quis dizer? – perguntou Marina, com a expressão perdida.

– Acho que é um portal mágico com nome sofisticado.

Minha amiga concordou comigo e nós observamos enquanto Fred conectava cabos em uma bateria de carro e nas hastes do Ovo de Fabergé. O lobisomem fez algumas medições com aparelhos e cálculos usando um lápis e bloquinho. Ele dizia estar calculando a quantidade exata de energia para fazer com que aquilo nos levasse aonde precisávamos, em vez da Terra do Nunca.

– Acho que está tudo pronto – disse ele – Esse é o ponto em que o tecido da realidade é mais fraco, a entrada que o frade barbônio indicou. Agora preciso dar um choque inicial e Jefferson irá controlar as partículas de magia para que o sistema operacional não fique sobrecarregado.

Todo mundo fingiu compreender o que nosso cientista estava falando e observamos quando ele conectou o último cabo na bateria. Houve um estampido no mesmo segundo e o ovo começou a brilhar e a tremer primeiramente para a esquerda e depois para a direita, um zumbido forte se instaurou no interior daquilo e uma explosão de faíscas voou para todos os lados.

– Você tem certeza de que isso vai funcionar? – gritou Tales, que segurava um pequeno aparelho com luzes vermelhas e antenas. – O foco de energia do ovo acabou de ultrapassar quinze pontos.

– Quinze é ruim? – perguntou Pietro.

– Não – foi a resposta de Fred. – Oito é ruim. *Quinze* é Godzilla com fome no seu quintal brigando com Cthulhu.

Jefferson sentou-se na frente do ovo e impôs as mãos sobre ele, começando a recitar longos encantamentos em um idioma que parecia ser latim. Seu rosto ficava vermelho e veias surgiam proeminentes no pescoço e na testa. Um grito dilacerante escapou dos seus lábios e os Animais de Festa se entreolharam preocupados; mas o jovem mago parecia decidido a continuar lutando. Fred tomou o medidor das mãos de Tales e falou:

– Você está conseguindo, idiota! Agora reverta a polaridade do fluxo de magia. Precisamos de uma corrente alternada permanente, caso contrário a radioatividade plasmática irá nos transformar em poeira.

– Sei disso, saco de pulgas!

No momento em que Jefferson terminou de falar aquilo, um jorro de luz verde saiu do ovo pelo círculo em que se encontrava a foto de Lúcifer e bateu na parede, dissolvendo os tijolos expostos e formando uma nova imagem que era inacreditável para nós.

Apaguei a chama na minha mão e dei um passo adiante, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. A primeira coisa que senti foi a maresia batendo contra meu rosto, ouvi o som do mar quebrando e das gaivotas. O brilho verde foi diminuindo até que tudo estava claro na minha frente, eu podia enxergar o buraco na parede e, além dele, uma praia de areias branquíssimas, sol forte, uma floresta fechada e o mar imponente que chicoteava as areias sem pausa.

– Seus idiotas, atravessem de uma vez! – berrou Jefferson. – Não é fácil estabilizar um portal mágico que funciona por ligação direta em uma bateria arriada.

Valentina fez um gesto obsceno para o mago e atravessou o portal, algo que parecia tão simples quanto cruzar o batente de uma porta. Marina segurou sua máquina fotográfica com força e seguiu a vampira sem nenhum problema. Eu seria a próxima, mas Pietro passou na minha frente e se dirigiu até o outro lado com passos rápidos, mas nem tudo deu certo dessa vez.

Houve um zumbido forte no ovo e um raio verde atirou o garoto contra a parede, fazendo com que as velhas estruturas tremessem e um monte de poeira caísse nos meus olhos e boca. Corri imediatamente até Pietro e o segurei. Ele estava desacordado e tremia sem parar, como se estivesse ensaiando uma convulsão. Gritei o

nome dele e bati em seu rosto, mas não houve nenhuma resposta. Ele permanecia indiferente ao mundo e preso em um sono indesejado.

– Que droga foi essa? – gritou Valentina do outro lado. – Jefferson, o que você fez?! Seus imbecis! Fred, resolva isso AGORA!

Tales veio para junto de mim e me ajudou a deitar Pietro de modo mais confortável. O meio-demônio tirou sua camisa e a enrolou formando um travesseiro improvisado para o amigo. Havia preocupação evidente em seus olhos e algo que sugeria a formação de uma lágrima. Desviei os olhos. Se eu deixasse que aquele tipo de pensamento se insinuasse, as coisas sairiam ainda mais de controle e aquele não era o momento adequado. Lembrei da principal dica do Guia do Mochileiro das Galáxias: *Não entre em pânico*.

– Eu não sei o que aconteceu – respondeu Fred, andando de um lado para o outro. – Valentina e Marina conseguiram atravessar sem problemas. Isso deve ter alguma explicação racional... Meus cálculos estavam certos, várias pessoas podem utilizar um mesmo portal.

Olhei para Pietro adormecido na minha frente. Sua expressão parecia calma e seus lábios estavam levemente separados, à espera de poderem se abrir naquele sorriso que eu conhecia tão bem. Lembrei da primeira vez em que nos vimos e das confusões em que nos havíamos metido desde então, com o monstro da biblioteca e até mesmo a Madre Superiora da Estadual.

– Minha energia está diminuindo, não vou conseguir manter o portal aberto por muito mais tempo. Resolva isso de uma vez, seu cachorro idiota!

– Isso é ciência mágica, Jefferson, não se resolve com abracadabra em língua morta!

Valentina tentava atravessar de volta, mas Fred pediu que Marina a segurasse do lado de lá, já que ninguém podia mais ter certeza de que seria possível cruzar várias vezes. Eu ainda estava detida nos meus pensamentos quando a solução do problema atingiu-me em cheio. A resposta estava com a gente desde o início! Era uma parte ignorada no recado que o frade barbônio nos deu. *Um lugar de onde nenhum homem jamais voltou*, foram as palavras dele, o que fazia muito sentido. Nenhum homem jamais voltou de lá porque nenhum havia atravessado até aquele lado. Era isso que fazia o Homem da Pólvora ser tão importante; ele havia conseguido driblar aquela regra.

– Apenas mulheres podem atravessar o portal. O frade nos disse isso quando contou sobre a chave oca, mas ninguém achou que ele estivesse sendo literal.

– Então atravesse de uma vez – disse Jefferson. – Preciso descansar, abro o portal novamente quando recuperar minhas energias. Suma da minha frente!

Eu me levantei pegando a mochila e a raquete no chão, Fred caminhou até mim e entregou o pequeno aparelho que Tales usava para medir a frequência do portal.

– Quando o portal se abrir novamente, isso vai apitar. Você terá uma hora para chegar até ele, então não perca sua carona.

Assenti com a cabeça e comecei a andar em direção à praia do outro lado do universo, mas algo fez com que minhas pernas estacassem no meio do caminho e fizessem meia-volta. Ajoelhei-me ao lado do garoto adormecido e beijei seus lábios rapidamente. Era minha retribuição pelo beijo roubado na Pantheon e a promessa de que resolveríamos aquela situação quando eu voltasse.

– Eu vi isso! – disse Jefferson.

– Não se preocupe – disse Tales. – Vamos cuidar dele até que você esteja de volta.

Não respondi, apenas me levantei e fui até o portal. Segurei o choro que ameaçava transparecer e me forcei a caminhar até onde eu realmente poderia fazer alguma diferença e ajudar meus amigos. Meus pés iam um após o outro, meu coração batia mais forte do que nunca e meus pensamentos estavam resolutos. Olhei para trás uma última vez e murmurei uma despedida aos meus amigos que estavam ali. Em segundos, pisei em um mundo novo e o portal se fechou atrás de mim. Éramos três garotas em uma situação impossível.

## CAPÍTULO 47

# A praia

*Comece a correr, comece a correr  
O que é aquilo vindo das colinas?  
É um monstro? É um monstro?  
The Automatic, “Monster”*

Minha mãe sempre falou que as coisas param de deixar impressões indeléveis (expressão dela) em determinado momento de nossas vidas. Chegamos àquela curva em que os livros que mudaram nossa vida perdem efeito, as músicas passam a ter uma forma completamente nova de nos tocar e a gente se torna cínico com relação a tudo ao nosso redor. Eu não duvidava do poder dessa afirmação, mas eu devia estar a vinte mil quilômetros daquilo; afinal, a única coisa que eu podia sentir era a surpresa irrefreada ao meu redor.

– Como está meu irmão?

Aquela pergunta fez com que eu saísse do transe. Olhei para a garota na minha frente, e era a primeira vez em que eu via um pingo de vulnerabilidade naquela face. Suas pupilas estavam amplamente dilatadas e ela tinha os dentes cerrados. A Valentina que conhecíamos até então, repleta de mau humor e sarcasmo gratuito, havia se escondido por um instante, como se a Muralha da China abrisse uma fresta momentânea.

– Ele está bem – menti. – Tales e os outros vão cuidar bem dele.

A vampira virou as costas para mim antes de responder:

– Que os idiotas façam pelo menos isso corretamente...

Embora fossem palavras a se esperar de Valentina, o tom usual não se encontrava presente e a voz falhava. Fingi ignorar aquele detalhe e voltei minha atenção para a vista ao nosso redor. Era melhor resolver nossos problemas imediatos em vez de lamentar por uma situação da qual nem tínhamos notícias e que não poderíamos

alterar enquanto não voltássemos para casa. Protegi os olhos do excesso de sol com uma mão e analisei nosso ponto de desembarque.

Estávamos em uma praia tão grande que eu nem sabia onde começava ou terminava a areia. Tudo o que existia era uma faixa branca cravejada de conchas. Havia bastante vento e as ondas chegavam bem perto dos nossos pés, ao mesmo tempo que dezenas de aves sobrevoavam nossas cabeças. Saindo daquele pedaço, tudo o que havia era uma floresta de palmeiras gigantescas e árvores que eu nunca tinha visto e não sabia nomear. Precisei de um momento para colocar as coisas em perspectiva e absorver toda a ordem e movimento que fluíam no meu entorno.

O calor era insuportável e isso era pior para Valentina do que para nós. A pele da vampira ficou avermelhada rapidamente e ela precisou fazer uso do protetor solar que trazia em sua mochila, que também continha remédios e repelentes. Aquele lugar vibrava com um excesso de vida pura que não existia em nosso mundo, com ordem, movimento e quietude.

– É melhor do que eu esperava – disse Marina, andando até a beira do mar. – Ainda estamos vivas e em uma praia ensolarada.

Valentina olhou para a outra com uma careta e respondeu cheia de desgosto:

– Uma praia! Eu odeio praias, tenho areia até no meu nariz. Por favor, enfiem uma estaca no meu peito. Isso é pior que a bruxinha beijando o idiota do meu irmão. Vamos ter uma conversa bem séria sobre o assunto quando voltarmos para casa.

– Acredite em mim – respondi. – Estou igualmente surpresa com o que fiz e acho que dividiria a estaca com você.

Eu me perguntava se o garoto já teria acordado e se estava bem. Aquela conversa fez com que me lembrasse de quando Pietro dividiu imagens de sua infância comigo. Era um dia ensolarado daquele jeito e a areia era igualmente clara. Sacudi a cabeça e tentei voltar ao presente; havia um pouco de culpa me alfinetando por me distrair com pensamentos quando problemas imediatos nos ameaçavam.

Vi uma extensão de morros irregulares nos pontos mais distantes e imaginei como poderíamos encontrar alguém ali. Fechei os olhos e tentei localizar alguma presença espiritual, mas havia um excesso de plantas e animais, o que em termos espirituais é uma mistura de mil sinais ao mesmo tempo. Nossa única saída era nos embrenharmos no mato e procurar indícios a esmo.

Marina e a vampira sentaram-se na areia e verificaram os equipamentos e provisões em suas mochilas: bússolas que giravam sem parar, telefones inoperantes, relógios parados e um conjunto de walkie-talkies que não serviam para nada. Aquilo era

**Embora eu não saiba até hoje  
o que há de particularmente  
morto em um cravo de aldrava.  
Sr. Charles Dickens.**



a Lei de Murphy correndo desenfreada e dançando com o traseiro colado em nossos rostos. Isso me fez abrir a mochila e pegar o aparelho que Fred havia me dado. Parecia mais morto que cravo de aldrava e nenhuma luz piscava. Minha esperança era que funcionasse na hora certa.

– Acho que deveríamos seguir reto pela praia – sugeriu Marina. – Estaremos perdidas em menos de um segundo se entrarmos nessa floresta.

– Concordo com ela, bruxinha. Já ouvi falar de um lugar em que tudo mudava durante a noite. Nada garante que possamos voltar aqui sem ajuda.

Deixei minhas coisas no chão e fui até a beira do mar. Uma marola chegou de manso e subiu até meu calcanhar. Abaixei-me e mergulhei a mão na água enquanto pensava na sugestão que as garotas haviam oferecido e no que fazer. Como encontrar um homem que não queria ser encontrado, capaz de atravessar um portal que teoricamente não poderia ser atravessado e detentor de conhecimentos inimagináveis?

– Acho que podemos fazer isso – respondi. – Vamos seguir por algumas horas pela praia e se não encontrarmos algum sinal de vida... Boa sorte pra gente.

A resposta que veio não foi a esperada, apenas a voz de Marina em tom de urgência e gritando:

– Rani, saia daí! Apenas cale a boca e obedeça!

Olhei para ela e vi que continuava a berrar alguma coisa. Tinha o braço esticado e apontava mar adentro. Meus olhos se deslocaram da garota de preto para o vislumbre de movimento nas franjas de água. Meu estômago se contorceu e eu lamentei pelo fato de nossa paz durar tão pouco. Ajeitei meus óculos e estreitei os olhos. Eu podia ver algo ali, uma linha de escamas e espinhos em nossa direção; era uma linha muito comprida e sem nenhuma timidez em tamanho. Sua forma ganhava contornos com a aproximação em alta velocidade. Aquilo parecia ter quase vinte metros em forma de réptil, como se uma iguana fosse bombardeada com vitaminas radioativas e dieta vegana.

Corri para perto das minhas companheiras e comecei a juntar as coisas que havíamos espalhado por ali. Valentina e Marina também pegaram suas mochilas e começamos a nossa escapada pela praia deserta. Uma sequência de palavrões escapou das nossas bocas e não me senti nem um pouco culpada. As regras com relação a praguejar se tornam facilmente esquecíveis quando um filhote de desastre selvagem aparece, e mesmo isso não é muito efetivo.

– Acho que encontramos o sinal de vida, bruxinha.

– É uma pena que seja verde, gigante e com possível instinto assassino de brinde – completei.

A criatura emitiu um rugido tão alto que fez a praia tremer; era o som de um desastre iminente. Seu hálito chegou até nós pelo vento, um cheiro podre e azedo que me fazia imaginar o que seria um almoço à la carte no Círculo dos Monstros Marinhos de Universos Paralelos. Um novo rugido seguiu-se ao primeiro, duas vezes mais potente.

– CORRAM! – gritei.

Não havia mais tempo.

A criatura havia emergido e se encontrava atrás de nós.

*Sabe aquela regra do Guia do Mochileiro das Galáxias?  
"Não entre em pânico."  
Gostaria de dizer que ignorei completamente e sem pensar duas vezes.*

## CAPÍTULO 48

# O confronto

*Califórnia, aqui vamos nós*  
*Exatamente onde começamos*  
*Califórnia*  
*Aqui vamos nós.*  
Phantom Planet, “*Califórnia*”

Filmes de guerra são engraçados. Soldados americanos são sempre bravos e heroicos ante o perigo, mesmo quando são perseguidos por tanques e por guerrilheiros do país que estão atacando no momento. Basta pensar em Tom Hanks no final de *O Resgate do Soldado Ryan*, um homem sozinho contra um monstro de metal no meio de uma batalha. A diferença entre uma cena dessas no cinema e na vida real é o fato de que toda bravura é deixada para trás em um instante. Eu e as garotas corríamos e gritávamos com pouco decoro e certas de que aquilo era a coisa menos importante em nossa lista de prioridades.

– Valentina, faça alguma coisa, você é a vampira do grupo! – gritou Marina.  
– Eu bebo sangue, não faço milagres. Bruxinha?  
– Não olhe para mim, não sei de nenhuma magia xamânica para enfrentar uma coisa dessas!

O monstro rugiu às nossas costas, trotando em alta velocidade na praia fofa. Sua longa cauda punia o chão e criava um furacão de areia e conchas que batiam em nossos olhos e narinas sem pedir licença, algo rude vindo de uma praia com monstros marinhos. A distância entre nós era consideravelmente menor e eu precisava fazer algo. Tentei usar uma esfera de fogo, mas sua única utilidade foi ser repelida por escamas brilhantes e irritar ainda mais aquilo.

– Como você espera derrotar Aiba quando nem consegue lidar com uma lagartixa? – ironizou Valentina.

– Por que você não lida com ela, então? Fique à vontade para afagar aquilo pelo lado de dentro – fiz um gesto apontando para o matagal à minha direita e indiquei onde seria nosso ponto de entrada. – Precisamos sair do espaço aberto, vamos entrar na floresta, é mais fácil despistá-lo por lá. – A criatura estava alguns passos atrás de nós e esticava suas patas na tentativa de nos apanhar. Coloquei uma dose extra de esforço na minha corrida, embora meu fôlego estivesse desaparecendo e uma dor começasse a despontar no lado esquerdo do meu corpo.

Marina e a outra já entravam na mata, sumindo da minha vista. Apertei a raquete em minhas mãos com ainda mais força e busquei a energia necessária para dar os próximos oito passos que salvariam minha vida.

O réptil não cessava de urrar nem por um segundo, mas eu não permitiria que me intimidasse. Novamente, pisei com mais força e estiquei a mão para encostar na folhagem que surgia verde e frondosa um pé adiante. Um pouco de esperança renovada deu pulos na arquibancada da minha mente, com a sensação de que nossa busca poderia não ser um desastre completo. Porém, existe um problema em sentir-se feliz perto da linha de chegada: você nunca sabe quando um irlandês maluco vai entrar na sua frente durante a maratona e empurrar você para fora. No meu caso, o irlandês foi uma língua de dois metros se enrolando na minha perna e um rosto que as pessoas consideravam meu atingindo o solo de forma grotesca.

**Isso aconteceu de verdade!**

Meu corpo foi arrastado para perto do monstro. Ele balançava a cabeça e eu gritava, tentando me agarrar em pedras e cravando as unhas na areia como se isso ajudasse em alguma coisa. Bati com a raquete naquela língua vermelha, enorme e cheia de baba, mas isso apenas causou um acesso de raiva que me sacudiu de um lado para o outro, como se eu fosse uma boneca.

Valentina e Marina vieram imediatamente me ajudar. Usavam pedras e pedaços de pau, projéteis toscos que nem arranhavam as escamas. As garotas assobiavam em busca de uma distração que ganhasse mais tempo. Eu já estava perto demais daqueles dentes em Caps Lock. Larguei minha raquete no chão e segurei a língua enrolada na minha perna. Ainda havia um truque que eu poderia tentar:

– Fogo!

As chamas brotaram da minha mão e correram por sobre aquele pedaço de carne, e eu podia ouvir o barulho de algo sendo torrado e sentir o cheiro ruim que acompanhava. Eu podia perceber a energia saindo de mim e criando as labaredas vermelhas. Um sorriso rápido subiu aos meus lábios quando a criatura me atirou ao chão e rolou sem nenhuma forma de aplacar sua dor. Marina correu até onde eu

estava e me ajudou a levantar, e saí mancando com a perna direita afogada em sofrimento lancinante.

– Aquilo foi incrível, Rani – disse ela.

– Aquilo foi desespero – respondi. – Não acabou, precisamos sair logo.

Houve um novo berro e nosso oponente tornou a se erguer ainda mais feroz e decidido. Ele riscou a areia com sua pata dianteira e deu início a uma nova investida. Sua cabeça balançava de forma descontrolada e a língua queimada pendia morta por entre os dentes; aquele era um ataque por vingança. Empurrei Marina para longe de mim e preparei-me para um novo feitiço contra a besta esverdeada. Valentina gritava para que eu entrasse na floresta de uma vez, mas aquilo nos perseguiria até a exaustão. Ergui a mão e comecei a formar as sílabas de um novo ataque, só que aquilo se tornou amplamente desnecessário com os acontecimentos que vieram a seguir.

Uma flecha vermelha cortou o ar e atingiu o olho esquerdo do inimigo. Olhamos assustadas ao nosso redor, apenas para sermos saudadas por uma comitiva tão surpreendente quanto a lagartixa que veio do mar. Elas saíram em bando da floresta, ninguém as ouviu chegar e era impossível seguir os movimentos que faziam. Suas armaduras douradas capturavam todos os olhares de forma imediata, um grupo de cinco mulheres de pele escura e com os cabelos amarrados em longas tranças, mas a cereja daquele bolo vinha de suas montarias. Dinossauros com mais de seis metros de comprimento e outros três de altura, aqueles raptos possuíam garras enormes nas patas traseiras e dianteiras. Os animais também eram cobertos por penas que iam de suas cabeças até as caudas, seus rugidos eram agudos e seus dentes eram navalhas.

**Eu gostaria de ter fotografado a cara da Valentina naquele momento.**

– Os meninos irão se odiar por perderem isso – comentou Marina. – Amazonas em dinossauros, é a coisa mais legal que eu já vi!

As guerreiras cercaram o monstro marinho e um festival de flechas voou contra a criatura, que primeiramente tentou se defender mas, ao perder seu segundo olho, virou as costas e correu em direção ao mar deixando um rastro vermelho para trás. As cinco mulheres ainda o perseguiram até a beira da água, mas o inimigo desapareceu rapidamente e elas não tiveram outra escolha a não ser baixar seus arcos e dirigir a formação no rumo das três visitantes perdidas. Eu estava dividida entre me sentir deslumbrada e com medo; meu coração batia tão rápido que esperei uma explosão do meu tórax.

– E agora? – perguntei sem desviar os olhos das amazonas.

Valentina suspirou e respondeu:

– Torçamos para que elas não queiram nos matar.

Reuni a pouca coragem que restava em mim e manqueei até o lugar onde minha raquete havia caído. As mulheres cavalgavam lentamente e eu finalmente podia observá-las. Elas eram bonitas e altivas, seus olhos estavam sempre fixos como os de suas montarias. Suas armaduras eram detalhadas em ouro e pedras preciosas com partes em couro batido, um estilo que lhes permitia cavalgar sem dificuldades, mas que as protegeria de um ataque. Os braços nus estavam cobertos de tatuagens, e havia pinturas de guerra nos rostos e arcos e adagas penduradas nas selas. A mais alta delas, que parecia ser a líder, se aproximou e disse:

– Saudações, estranhas! Meu nome é Liota, capitã do Grupo de Caça. É impossível dizer que não estou surpresa. O que temos aqui? Duas garotas de cor e uma xamã nas praias do Reino da Califórnia. Preparem-se para cavalgar até o encontro de nossa rainha Calafia e fornecer explicações.

Eu não respondi coisa alguma. Ainda estava chocada demais com mulheres cavalgando dinossauros. A segunda parte do meu choque veio ao ouvir a maneira como ela se referia às minhas amigas, deixando que o fato de o Reino da Califórnia existir fosse um Hadouken em todas as expectativas sobre aquela viagem. Olhei para as garotas e Valentina murmurou com olhos arregalados:

– Dinossauros!

*A lenda de Calafia e do Reino da Califórnia escapou ao nosso mundo por meio de um certo Garci Rodríguez de Montalvo, que distorceu a realidade e a relatou no livro Las sergas de Esplandián. Isso se deu depois que conseguiu escapar das amazonas pós-naufrágio e se estabeleceu na Espanha de nosso mundo, escrevendo lá uma versão de "Amaudis de Gaula", que foi inclusive ridicularizada por Cervantes, em Dom Quixote. A versão mentirosa de Montalvo inspirou Hernán Cortés a procurar o Reino da Califórnia, sem saber que se tratava de outro universo. É por esse motivo que existe uma Califórnia nos EUA e essa não tem relação alguma com o reino da rainha Calafia, embora tenha recebido seu nome por causa dela. P.S.: Como ele não sabia o que era um dinossauro, Montalvo confundiu-os com grifos e essa bobagem se disseminou, mas as amazonas sempre cavalgaram raptos, pterossauros e apatassauros.*

## CAPÍTULO 49

# Viagens

Você sabe onde está?  
Você está na selva, baby.  
Guns N' Roses, *"Welcome to The Jungle"*

Nossa pequena comitiva entrou na floresta e eu não podia acreditar que estava montada em um dinossauro. Os conhecimentos jurássicos de Valentina foram úteis ao me explicar que estávamos no dorso da espécie que conhecíamos por Utahraptor em nosso mundo. Ela também percorreu uma longa estrada de dialética para explicar que as criaturas no filme Parque dos Dinossauros eram Deinonicos, pois era uma lástima que quase ninguém soubesse que os Velociraptors de verdade eram do tamanho de galinhas.

Cada uma de nós ia de carona com uma delas. Nossas mãos estavam atadas por cordas, mas ninguém protestou por isso; era apenas uma medida de segurança e elas nos dispensavam um tratamento cordial no restante do tempo. O trote dos animais era mais leve e ágil do que eu poderia julgar pelo tamanho que possuíam. Liota e as amazonas mantinham um silêncio que só era quebrado quando ordens precisavam ser dadas sobre o curso seguido e rotas alternativas.

Eu podia ver espécimes de micos, araras, ratos-do-mato, cobras e sapos em cada pedaço de floresta, animais que fugiam da nossa aproximação. Teias de aranha multicoloridas cobriam grandes porções de árvores, assim como os insetos que escalavam os troncos em uma procissão de formas e cores. Havia tantas espécies vegetais diferentes, entre bromélias e orquídeas inexistentes na Terra, que uma bióloga bem poderia estar no paraíso e Charles Darwin precisaria ancorar o Beagle durante anos só para observar um hectare daquela mata.

– O que as traz aqui? – perguntou Liota em determinado momento. – Não é comum que tenhamos visitas em nosso reino, exceto por homens náufragos que

matamos à primeira vista.

Decidi não me esquivar da pergunta e respondi diretamente:

– Estamos procurando pelo Homem da Pólvora.

As amazonas se entreolharam e pude notar uma leve expressão de surpresa no grupo. Murmúrios vieram de outras.

– Já faz muitos anos que não ouvimos alguém se referir a ele dessa maneira.

– Então ele realmente está aqui? – ouvi Marina perguntar com entusiasmo.

Liota assentiu com a cabeça.

– Sim, mas isso é uma questão que não me compete discutir com vocês. A cidade-estado está perto, suas dúvidas e as nossas serão respondidas lá.

A conversa morreu e o silêncio voltou a imperar entre nós. Pela conversa entre elas compreendi que cruzávamos um pedaço da floresta em que viviam onças. Não tinham a capacidade de enfrentar as mulheres, mas elas estavam dispostas a evitar que raptos e felinos se encontrassem. Passamos dali em ritmo acelerado e eu ainda não acreditava que o Reino da Califórnia dos mitos fosse de verdade, a ilha das mulheres guerreiras que inspirou a Califórnia do mundo humano.

Os utahraptors cortavam entre as árvores sem dificuldade, com suas cabeças movendo-se como as de um pássaro quando estacionavam para avaliar um novo ambiente. As samambaias e os troncos pesados diminuía suas aparições à medida que prosseguíamos, e dali a uma hora já era possível vislumbrar o fim da floresta. O sol invadia a copa das árvores e o ar ficava um pouco menos quente e úmido. Fiquei contente por já estarmos no fim daquela floresta.

Saímos em uma campina gigantesca onde o mato crescia desenfreado e cavalos selvagens dividiam as premissas com búfalos e zebras. Também pude enxergar um grupo de apatassauros perto de um lago ao leste. Havia milhares de sons e cantos e rugidos, era a primeira vez que meu sentido xamã estava em repouso desde que tudo começou. O fluir de energia era calmo e descobri o que era um mundo em equilíbrio, no qual o ser humano e as demais engrenagens da vida giravam como deveriam. Ajeitei-me na sela e respirei fundo, enquanto avançávamos pelo campo aberto. Havia um vento suave no momento e ergui os olhos quando um bando de pterodátiles passou por nós, lá no alto.

– Eu já comentei que essa é a melhor viagem que já fiz? – disse Valentina ao ver aquilo.

Marina riu e não deixou que a oportunidade de fazer uma piada fugisse.

– Não sabia que você conseguia gostar de alguma coisa que não fosse você mesma.

– Dinossauros são exceções.



Liota nos explicou que estávamos no quintal da cidade-estado, e as demais partes do reino eram habitadas por dinossauros e criaturas de grande porte, como o taniwha que havia nos atacado na praia. Ela apontou o espinhaço no ponto mais distante à sua direita e afirmou que lá viviam bestas tão grandes que poderiam ser tomadas por montanhas. Eu pude compreender que as amazonas viviam por meio de um código que lembrava aquele dos xamãs, conviviam com todos os seres vivos do reino e tratavam-nos como iguais. Os sáurios eram usados para inúmeras atividades na sociedade delas, mas nada era desperdiçado ou tirado do seu hábitat sem um motivo justificado, assim como as caças trazidas pelos grupos que dividiam essa função.

– Astuel, Calafia’nuè! – gritou Liota.

Não entendi nenhuma das palavras ditas pela capitã, mas provavelmente eram uma ordem, pois as amazonas impingiram mais velocidade em seus animais. Foi apenas aí que me dei conta de quão fortes eram os répteis. Eles dispararam pela campina e dali a pouco estávamos fazendo o que parecia ser mais de setenta quilômetros por hora. Eu me segurei na sela com todas as forças e o sacolejar me fez sentir o estômago revirar, o que acontecia todas as vezes em que eu andava de barco ou de carro por muito tempo.

– Acho que deixaríamos de ser as aleatórias da escola se alguém descobrisse o que fazemos em nossas folgas – gritei de olhos fechados.

A resposta de Marina veio na forma de gritos entrecortados.

– Não existe MUITA esperança pra GENTE. Poderíamos levar um T-Rex para a Estadual que ninguém daria a mínima.

A paisagem passava ao nosso lado como um borrão de verde e amarelo de capim seco. Eu podia escutar Marina pedindo que diminuíssem o ritmo, mas a mulher que a carregava riu e disse que raptos eram o método mais seguro de transporte. O fato de eu não duvidar daquela informação fazia com que eu imaginasse qual seria o mais perigoso e os resultados em minha mente eram tenebrosos. Voltei a olhar para o horizonte e vi um ponto que aumentava a cada segundo; os contornos ganhavam nitidez, assim como a tonelada de assombro.

A pólis de Calafia e de suas amazonas surgia imponente por trás de uma muralha gigantesca. Tudo em sua aparência gritava poder e força. As torres e milhares de construções pareciam amontoadas, lembrando-me uma versão da Acrópole de Atenas em que cores vibrantes foram despejadas em cada pedaço. Os portões dourados reluziam ao sol e eu já podia avistar guardas caminhando sobre as muralhas, com lanças em riste, assim como aquelas que patrulhavam os portões montadas em seus raptos. Um grupo de pterossauros que a vampira chamava de quetzalcoatlus

sobrevoavam em círculos, montados por mulheres que mal podiam ser avistadas por causa da altura.

Vi um sorriso nos lábios de Valentina e de Marina, e isso por algum motivo fez com que uma pontada de dor me atingisse. Sentia-me um lixo por esconder delas quem, ou melhor dizendo, o *que* eu era realmente. Devolvi a expressão forçadamente e olhei adiante. Já estávamos nos aproximando quando o som de um berrante soou e os portões foram se abrindo diante de nós, descortinando uma cidade que eu ansiava por conhecer do topo ao chão.

## CAPÍTULO 50

# Calafia

*Orgulhosa e tão gloriosa  
Em pé diante de nós  
Nossas espadas brilharão no céu.  
Dragonforce, “Heart of a Dragon”*

A cidade era ainda mais fabulosa por dentro. As cores saltavam aos olhos, assim como detalhes arquitetônicos que fariam meu pai salivar, se excluirmos dessa abstração o fato de que ele seria morto com uma flecha pelo grupo de caça. Todas as casas e comércios tinham motivos de batalha e gravuras que explicitavam a natureza bélica do espaço.

As moradoras usavam vestimentas complexas, túnicas e lenços que se mesclavam aos cabelos trançados dos mais diversos comprimentos, cabelos ao natural e alguns que, de acordo com Liota, carregavam significados religiosos, como aquelas de cabeças raspadas que serviam aos desígnios da Grande Deusa. Meninas de pouca idade corriam e brincavam com espadas de madeira, enquanto suas mães desempenhavam as mais diferentes funções, entre artesãs, comerciantes, guerreiras e demais que cruzavam meu caminho pela estrada até o palácio de Calafia. Dezenas de olhares nos seguiam enquanto andávamos. Parecia ser a primeira vez em séculos que recebiam visitantes.

– Se não existem homens na Califórnia, como pode haver crianças? – questionou Marina.

As amazonas riram daquela pergunta e foi uma das outras, aquela chamada Leonorina, quem respondeu:

– Não existem homens *aqui*, mas Califórnia não é o mundo. Acredite, eles infestam outros lugares. Se uma de nós deseja uma criança, ela pode encontrar amantes e voltar quando tiver vontade. Quando nasce um macho, nós o

consideramos inapto para a vida e os jogamos ao mar. Algumas mães preferem abandoná-los em uma das colônias para que sejam adotados, mas isso é raro.

Segurei meu comentário sobre infanticídio e firmei os lábios para que nenhuma besteira caísse dali. Minha avó havia visitado tribos indígenas certa vez e me contou que visitantes não deviam emitir críticas sobre a cultura de um povo sem levar certos pontos em consideração. Eu estava em um mundo que não era meu e que não se movia de acordo com as ferramentas que eu possuía para analisá-lo; minhas noções de certo e errado haviam sido moldadas em um lugar bem diferente, embora só isso não fosse o bastante para tirar do pensamento o gosto ruim de crianças afogadas. Olhei para aquelas mulheres e fui obrigada a concordar com minha avó: era impossível pedir que vivessem ou pensassem como eu. Também era bem possível que as Amazonas considerassem nossa valorização de dinheiro, tecnologia e empregos burocráticos como mais selvagens que bebês mortos. Minhas amigas pareciam igualmente desconfortáveis com o detalhe que as Amazonas lançavam de forma tão casual e, notando isso, Liota acrescentou de forma simples:

– Mas quem iria ficar em um lugar com homens quando se pode levar uma vida civilizada? Nós os eliminamos há mais de mil anos; desde então a Califórnia prospera e nenhuma mulher precisa se ater ao que não deseja. Nós somos quem somos porque eles foram o que são.

Ali estava o outro lado da moeda, que quase me fazia pedir um visto permanente. Eu e Marina costumávamos discutir sobre nossa falta de paciência com a ala masculina da humanidade.

**Homem estúpido da Terra,  
espécime abundante no  
planeta de mesmo nome.**

Sabíamos que alguns como meu pai e os Animais de Festa eram legais, mas oitenta por cento deles eram babacas inveterados. Mesmo em Graúna era impossível caminhar sem que algum idiota gritasse uma cantada ou nos criticasse por tocarmos death metal. A espécie *Homo stultus terrestris* existia até mesmo no mundo dos jogos. Um dos motivos pelos quais abandonei o World of Warcraft era o fato de que todos passavam a agir como crianças no instante em que descobriam que eu era uma garota. Uma pena, pois eu gostava muito da minha guerreira elfa.

– Forasteiros, observem o castelo de nossa rainha! Aproveitem a honra concedida.

A construção ficava no fim da rua principal e podia ser vista de qualquer parte da cidade-estado. Era o centro onde tudo se conectava e desembocava. Feita de pedras enormes, janelas e portas de ouro abundavam enquanto guardas com raptos podiam ser encontradas em qualquer lugar. Pedras coloridas formavam murais que exibiam um pouco da história do lugar, e caçadas e guerras eram proeminentes. As torres se erguiam de tal modo que eu me perguntava quantos anos a construção teria levado.

Havia um grande jardim com flores das mais diversas cores, um pequeno labirinto que se estendia por vários metros e um pátio no qual amazonas treinavam. Passamos perto de jardineiras que trabalhavam embaladas por uma canção grupal.

*Ei, roseira!  
Quem foi que te cortou?  
Ai, ai, Calafia,  
Calafia, meu amor.  
Na beira da estrada,  
Quem foi que te podou?  
Ai, ai, Calafia,  
Calafia, meu amor.*

Deixei que meu olhar absorvesse aquilo e só voltei a me concentrar quando Liota pediu que eu desmontasse. A capitã pegou sua faca e cortou a corda nos meus pulsos, e as outras seguiram seu exemplo. Era costume que ninguém entrasse como prisioneiro no Palácio da Soberania. Liota apontou o caminho e mandou que caminhássemos palácio adentro.

– Sempre quis conhecer uma rainha que tivesse dinossauros – disse Valentina, esticando os braços após a longa viagem. – Quase valeu a pena ter sido atacada por um lagarto de praia.

Demos nossos passos e subimos o lance de escadas. Logo sobre a entrada estava a bandeira do reino, vermelha com o desenho de um punho erguido com duas estrelas no topo; havia alguma coisa escrita, mas os símbolos eram ilegíveis para mim. Liota entregou o arreio de seu raptor para uma subordinada e mandou que levassem os animais para o estábulo. Ela então fez um sinal e nós seguimos um longo corredor fracamente iluminado por velas. As mulheres que encontrávamos pelo caminho nos olhavam de forma curiosa, mas logo voltavam às suas atividades.

– Não diga nada até que a permissão seja dada – orientou-me Liota. – Lembre-se, a primeira palavra é sempre de Calafia. Ela é nossa mãe, mas também é a guerreira mais formidável nos dez continentes. Trate-a com respeito e a deferência será a mesma a seu favor, estrangeira.

Assentimos em silêncio e ficamos perto uma da outra. Foi um dos poucos momentos em que andar ao lado de Valentina não pareceu a pior coisa do mundo. Eu tentava espiar os outros corredores, nos quais pessoas desempenhavam suas funções carregando papéis, materiais de limpeza e alimentos. Empurrei meus óculos

que já estavam na ponta do nariz e respirei fundo antes de prosseguir nos últimos passos até a sala do trono. As duas amazonas que guardavam a porta com suas armaduras brilhantes e espadas em mãos abriram as portas no segundo em que avistaram Liota.

– Rani, você chegou a perguntar a Fred se a máquina fotográfica funciona para coisas comuns, tipo... tirar fotos? Eu adoraria documentar este lugar.

– Mari, ela foi inventada por um cara que coloca máscaras de pressurização em um carro. Ela deve fazer até café antes de fazer alguma coisa útil de verdade.

Ela fez uma cara de decepção e Valentina aproveitou o espaço para comentar.

– As invenções de Frederico são iguais a ele, exibidas e irritantes na maior parte do tempo. Na outra parte do tempo, eu o ignoro o suficiente para me esquecer da sua existência.

Entramos na sala e ela era diferente do que eu esperava. Havia apenas um tapete gigantesco de peles, com dezenas de almofadas coloridas, pinturas e mapas nas paredes, e estantes abarrotadas de livros. No centro de tudo estava aquela que deu nome a vários lugares em mundos diferentes, a rainha Calafia em pessoa. Ela tinha um livro grosso nas mãos e olhar firme.

Minha boca começou a formar uma vogal de interjeição, mas fechou-se imediatamente ao lembrar das regras de etiqueta. Calafia era a mulher mais bonita que eu já tinha visto em minha vida. Sua pele escura brilhava à luz das velas, seus braços eram fortes e com mais tatuagens do que as demais, seu corpo era esbelto como o de uma atleta olímpica e tinha longos cabelos trançados que chegavam até a cintura. Seus olhos eram escuros, guardados por sobrancelhas finas e bem desenhadas. Tinha lábios cheios e orelhas com vários brincos. Vestia uma túnica dourada cravejada de joias e uma tiara de diamantes que lhe conferiam uma autoridade tal que era possível compreender o fascínio das outras. Ela colocou o livro de lado e se levantou, dizendo:

– Visitas! É um prazer tê-las em meu reino. O que temos aqui, Liota? Uma garota como nós e duas outras sem cor.

Eu não esperava aquele tipo de recepção. Havia me preparado mentalmente para uma dose cavalgar de formalidade e decoro, mas o tom da rainha afastou tais pensamentos. A capitã do Grupo de Caça colocou o punho sobre o peito esquerdo e respondeu:

– Nós a encontramos na Praia dos Afogados. Estavam sendo atacadas por um taniwha e nosso grupo de caça intercedeu. A garota que se parece conosco é uma bruxa, nosso grupo foi testemunha de seus poderes. As outras são irmãs de jornada.

Eu podia ver que Valentina estava se controlando para não fazer um comentário sobre o fato de ser uma vampira sem nenhuma relação fraternal comigo, mas ela ficou quieta e expressou insatisfação apenas com uma ruga facial que eu conhecia. Calafia se ergueu em curiosidade e veio a nós, e seus passos eram ágeis como os de uma leoa, seu olhar nos informava que aquilo era a coisa mais divertida que via em anos. Ela se deteve perto de minhas amigas e as avaliou de cima a baixo.

– Sempre me surpreendo ao ver uma pessoa sem cor, tão exótica! Tenho vontade de colocar em um vidro e guardar para sempre. Gostaria que pensassem na possibilidade de se tornarem minhas servas, seriam consideradas da família – ela então olhou para mim um pouco desconcertada e perguntou – Você as ensinou a ler e escrever ou servem apenas para trabalho manual?

Fiquei assustada por um momento, mas sacudi a cabeça e procurei a melhor resposta para uma pergunta tão esquisita.

– Elas não são minhas escravas, majestade, são minhas amigas. No lugar de onde eu venho, pessoas como elas aprendem a ler e escrever desde os 5 anos de idade. Meu nome é Rani e estas são Valentina e Marina.

Calafia sorriu e respondeu:

– Que mundo exótico deve ser o seu! Pessoas sem cor que leem e escrevem, isso é tão progressivo! No entanto, acho que você não está aqui para debater hábitos culturais, não é, jovem Rani? Não se trata de um naufrágio, não com essas roupas. Já viajei todo o mundo e nunca vi algo assim. Sacie minha curiosidade.

Ali estava a questão que realmente precisava ser abordada, o motivo de continuarmos nossa jornada mesmo quando Pietro havia sido ferido. Ergui o queixo e, com um misto de coragem e ansiedade, respondi:

– Você está certa, majestade. Não estou aqui por intercâmbio cultural. Estamos em busca do Homem da Pólvora, apenas ele pode nos ajudar.

O semblante de Calafia se alterou instantaneamente e ela cruzou os braços. Seus olhos se anuviaram e o sorriso divertido desapareceu. Ali estava o semblante de uma pessoa acostumada a liderar combates. Foi somente após um longo tempo que ela respondeu:

– Isso acabou de ficar mais interessante. Três garotas estranhas que sabem mais do que aparentam. Será absurdamente interessante tê-las ao meu lado.

## CAPÍTULO 51

# O Homem da Pólvora

*Como eu poderia ser condenado  
Pelas coisas que eu fiz  
Se minhas intenções eram boas  
Eu acho que nunca saberei.  
Kamelot, "Soul Society"*

Estávamos nos corredores do castelo e rumando até a Grande Biblioteca na parte sul do palácio. Calafia parecia muito interessada em nós. Era como se houvesse encontrado um inseto que deveria analisar de forma minuciosa sob um microscópio. Ela fazia perguntas sobre nosso mundo e os costumes que tínhamos lá, emitindo opiniões sobre alguns pontos e sendo uma ouvinte atenciosa quando alguma de nós respondia às suas perguntas. Por fim, Calafia nos explicou que o Homem da Pólvora era o único espécime macho em milhares e milhares de quilômetros.

– Pensei que homens não fossem aceitos na ilha – comentou Valentina. – Nem através de um portal mágico eles conseguem chegar aqui.

– O que é verdade, garota sem cor. Nossa sociedade foi construída por esses preceitos e assim permanecerá; contudo, ele se mostrou valoroso e digno de ser considerado igual perante nós. Apenas um voto positivo de cada membro de meu parlamento pode conceder a graça. Foi um feito nunca antes alcançado e que nunca mais será repetido.

– O que ele fez para conseguir isso? – perguntei.

– Lutou contra aqueles que vinham de outros mundos em busca de conquistas e demonstrou humildade perante meu reino. Após alguns anos e serviços prestados, como a barreira, outorguei sua permanência como cidadã honorária.

– Isso quer dizer que ele é considerado uma mulher na sociedade de vocês? – questionou Marina com o cenho franzido.



Calafia assentiu e respondeu que era a maior honra que um forasteiro poderia receber. A rainha falava de maneira despreocupada e parava para cumprimentar funcionárias do castelo sempre que podia. Achei estranho pensar que aquelas mulheres gentis e atarefadas também eram guerreiras que matariam um inimigo e uma criança sem pensar duas vezes. Mais difícil ainda era absorver aquele reino levando em conta que eu era de Graúna e não comia carne porque matar qualquer coisa era errado para minha essência como xamã.

Subimos uma longa escadaria em caracol, seguidas por Calafia e Liota. No fim dos degraus, havia uma biblioteca tão grande que minha escola caberia nela com folga. A iluminação era tão absurda quanto em qualquer outra parte do castelo, com suas janelas redondas que transbordavam iluminação e uma abóbada de vidro transparente. Aquela biblioteca possuía cinco andares com escadas de madeira que permitiam acesso ao andar superior, estantes dos mais diversos tamanhos e formatos, assim como outras obras de arte como esculturas, pinturas e tapeçaria elaborada. Muitas cidadãs de todas as idades estavam ali, espalhadas em mesas, sofás ou deitadas nos tapetes, e carregavam tomos enormes e faziam anotações em folhas de papel escuro. As bibliotecárias eram mulheres em roupas azuis que tinham as cabeças raspadas e a pele coberta de símbolos feitos em tinta branca. De acordo com o costume local, as bibliotecárias eram consideradas acolitas de Sahmiara, a deusa da sabedoria, que aceitava os cabelos de adeptas como oferenda.

– Essa é a Biblioteca Imperial – disse Calafia. – Toda mulher tem acesso a ela durante todas as 28 horas do dia. As habilidades intelectuais são tão válidas quanto o esforço de combate, e eu incentivo a racionalidade e o acúmulo de conhecimento entre minhas súditas. É a razão de grande parte de nossa superioridade sobre vizinhos além-mar.

Assenti com a cabeça e fui atrás da rainha, que andava com desenvoltura pelo lugar. Nenhuma pessoa precisava cumprimentá-la ou fazer reverência naquele espaço. A Biblioteca Imperial era o único lugar em que todos estavam no mesmo nível hierárquico, desde a líder do Reino da Califórnia até as crianças que liam em um cantinho. Seguimos reto até o fim de um longo corredor empoeirado, Marina espirrou umas quatro vezes e Valentina parecia ter sucumbido ao seu estado de espírito usual sem ter um dinossauro ao seu lado. Já estávamos caminhando há quase cinco minutos quando avistei uma mesa solitária ao fundo da biblioteca. Havia apenas uma luz fraca de vela e o contorno do que parecia ser um homem muito velho com as costas arqueadas sobre livros e outros papéis.

– Acho que já vi esse cara em algum lugar. – murmurou Valentina. – Não. Isso seria impossível, loucura demais até para mim...

O homem não pareceu notar nossa aproximação, distraído com seus pergaminhos e tomos. Inclinei a cabeça um pouco para o lado e esperei até que meus olhos se acostumassem com aquela parte escura e os contornos físicos se tornassem mais claros. Ele parecia ter mais de 70 anos e sua barba era tão grande e grisalha que chegava ao peito. Usava uma casaca preta de corte simples, gravata vermelha e tinha óculos de aros dourados no rosto.

– Bom dia, meu caro Pedro – falou a rainha. – Você tem visitas.

O Homem da Pólvora tomou um susto e levantou a cabeça assustado. Depositou a pena que segurava sobre a mesa e se levantou para nos saudar.

– É um ótimo dia, adorável Calafia! Não tínhamos alguma reunião marcada, não é mesmo? Sempre perco a noção do tempo com os livros de astronomia deste lugar.

Olhei para aquela figura com um pouco mais de atenção. Seu rosto também me era familiar. Os grandes olhos azuis, aquelas roupas e a barba eram singulares em excesso para que eu confundisse com outra coisa. Tentei buscar na memória alguma informação, mas nada veio em meu auxílio. Foi somente então, com um grito, que Valentina nos revelou a identidade do Homem da Pólvora:

– Dom Pedro! Esse cara é Dom Pedro II, o imperador.

– Nós o chamamos apenas de Pedro por aqui. – respondeu a rainha. – Um estudioso que leciona na universidade que fundei.

Lá estava a ponta que o Sherlock Holmes da minha cabeça havia perdido! Em carne e osso, aquele que eu estava cansada de ver nos meus livros de História. Se a professora Bernadete pudesse ver aquilo, cairia em prantos e nunca largaria do pé dele. Era uma coisa absurda encontrar alguém que existia nos livros de História e não ter a mínima ideia de como ele chegou até ali. Todas as pessoas sabiam que ele havia morrido em Paris no ano de 1891 e que um livro havia sido posto debaixo de sua cabeça para mostrar que mesmo na morte sua mente repousava no conhecimento. Era uma das primeiras coisas que aprendíamos na aula de História. Deixei minha lógica de lado quando lembrei que estava em um reino com dinossauros e no qual um dos meus amigos era filho de Lúcifer.

Ele se aproximou de nós e apertou a mão de cada uma.

– Vejo que tenho contrerrâneas aqui, Calafia. Nunca pensei que fosse ter a honra de me encontrar com pessoas do meu reino outra vez. É um prazer encontrá-las, garotas.

Dom Pedro II era extremamente educado e cada um de seus gestos parecia ser medido e bem contado, assim como sua dicção pausada e fala em tom baixo. Ele fez algumas perguntas a Marina e Valentina sobre como estavam as coisas *em casa*, mas não era como se estivesse realmente interessado no assunto. Ele pegou a bengala que

estava na cadeira e ficou ao nosso lado. Sem saber como deveria me referir tanto à rainha quanto ao antigo imperador de meu país, optei por ser o mais direta possível. Reuni as informações de forma coerente e falei:

– Então... Nós o estamos procurando porque temos um pequeno problema. Existe um xamã em nosso mundo que só pode ser destruído com uma coisa que você criou: o Sino da Divisão. Se a gente não fizer isso, ele vai acordar o Grande Espírito em nosso mundo e fazer uma limpeza geral.

O homem coçou a cabeça e me olhou com uma expressão de tristeza, e aquilo serviu para que todos os alertas vermelhos piscassem dentro de mim.

– Por favor, não diga que você o perdeu! – disse Marina em tom de prece. – Nós adoramos este lugar cheio de dinossauros, mas eu tenho uma coleção de discos que precisa ser salva. Estamos falando de prioridades aqui, majestade.

Dom Pedro II suspirou.

– Vocês sabem por que sou chamado de Homem da Pólvora? Ninguém sabia muita coisa sobre o mundo sobrenatural na minha época. Foi uma surpresa descobrir que havia criaturas e mundos além do nosso – ele fez uma pausa e voltou a se sentar na cadeira. – Em uma tentativa de defender as pessoas comuns do fogo cruzado entre as facções mágicas e outros eventos, criei um grupo chamado de Homens da Pólvora. Usaríamos do melhor da ciência e magia teórica dos nossos tempos para defender as pessoas. Éramos poucos no

início, eu, Richard, Louis, Charles e meu caro amigo Alexander. Nós construímos coisas inimagináveis, máquinas e formas de nos proteger de seres mágicos. E a maior de nossas criações foi o Sino da Divisão...

Uma das coisas que me perturbavam desde o início da jornada era o fato de ninguém saber muito bem o que era a tal coisa que procurávamos, mas Wenona parecia ter se esquecido que eu existia e nem mesmo Tama surgia para elucidar as questões; logo, não era de surpreender que eu cortasse a frase do imperador e perguntasse:

– O que exatamente é o Sino da Divisão?

– A arma mais perigosa que já criamos. Um sino prateado que, tocado na frequência certa, é capaz de aumentar a concentração espiritual em uma pessoa, até mesmo em um humano. Seria nossa melhor defesa caso o mundo sobrenatural nos atacasse. Ninguém sabe como aconteceu, mas um jovem feiticeiro indígena

**Sabe a famosa panelinha da escola, que todo mundo acha legal? Os Homens da Pólvora deviam ser a versão mais refinada disso em 1800. Só fui reconhecer os nomes citados mais tarde e foi como pegar referências escondidas em um livro. Richard Wagner, Louis Pasteur, Charles Darwin e Alexander Graham Bell. Os poucos mencionados por Dom Pedro II.**

conseguiu invadir o laboratório e fazer uso do Sino com o desejo de aumentar seus poderes e vingar sua tribo. O que ele não sabia era que, se manipulado fora da sequência correta, traria resultados terríveis, como a divisão de uma alma e o nascimento de um demônio.

– Aiba – respondeu Valentina.

Dom Pedro II assentiu com a cabeça. As peças do quebra-cabeça começavam a cair em seus lugares certos e aquela história não era apenas a origem de Aiba, mas a minha também. Eu era tão fruto do que os Homens da Pólvora haviam criado quanto Aiba. Pensei em todas as minhas vidas passadas e se alguma delas sabia daquelas informações. Meu estômago começava a ficar revirado quanto mais eu pensava que minha vida era a soma de vários erros cometidos séculos antes.

– Ok. Vamos terminar com isso de uma vez, então. Onde você guardou a porcaria do instrumento?

– Destruído – respondeu ele de cabeça baixa. – Foi quando Aiba surgiu diante de nós que soubemos quão equivocados estávamos. Nossa única saída foi destruir o Sino da Divisão para que isso nunca mais se repetisse.

Aquilo foi pior que um soco no estômago. Marina levou as mãos à boca em susto e Valentina cruzou os braços com força. Eu apenas continuei a encarar o antigo imperador sem dizer nada. Não tínhamos mais nenhuma chance de enfrentar Aiba. Podíamos muito bem nos trancar em um quarto e esperar que o mundo acabasse de uma vez, já que não havia mais nada a fazer. Pensei em Pietro e nos outros, que fizeram de tudo para que tivéssemos uma chance, e em como acreditavam que tudo daria certo.

– Deve existir alguma coisa que possamos fazer! – disse Marina. – Como puderam deixar que Aiba saísse pelo mundo e não fizeram nada a respeito? Vocês sabiam que ele era perigoso.

A rainha e sua amazona observavam aquela cena em silêncio, embora os ouvidos estivessem atentos a cada detalhe. Dom Pedro II olhou para Calafia e para nós, e era perceptível a relutância dele em discutir coisas daquele passado distante, mas eu não ligava muito para ele. Estava irritada demais para sentir dó ou piedade de quem ajudou na construção do meu infortúnio. Olhei para meus pés e deixei que ele continuasse a falar.

– Ele era mais poderoso que nós. Isso me custou o trono e um exílio em Portugal até que pudesse fingir minha morte e buscar refúgio aqui. A guerra já estava perdida e eu estava cansado demais para continuar. Lamento por isso.

– Deveria lamentar mais – respondeu Valentina. – Você basicamente participou da criação de uma bomba nuclear e jogou no quintal da minha casa. Tudo bem,

adoro lidar com a idiotice alheia. Não passou pela sua cabeça que humanos eram insignificantes demais para que o mundo sobrenatural perdesse tempo com eles?

Dom Pedro II ouviu aquelas palavras em silêncio e apenas se levantou da cadeira com sua bengala. Seus olhos pareciam ainda mais pesados do que antes e sua mão tremia. Ele ficou parado durante um momento e começou a caminhar para longe de nós sem se despedir. Apenas virou as costas e saiu. Era um mundo de humilhação nas costas do homem mais perspicaz que já havia atravessado meu país. Talvez ele fosse a prova viva de que ninguém consegue acertar em tudo na vida, e que, em algum momento, mesmo aqueles de quem esperamos muito tomam caminhos em que nada pode dar certo. Meus olhos seguiram o homem que mancava sua velhice para fora da biblioteca.

– O que posso fazer para ajudá-las? – perguntou Calafia, demonstrando simpatia.

– Apenas se você tivesse um pouco de sorte enlatada para nós. Está em falta desde nosso primeiro dia de vida – respondi.

– Não acreditamos em sorte na Califórnia, jovem bruxa. Apenas um bom combate pode pesar a balança a seu favor. Vou deixá-las a sós por um instante, meu castelo está aberto a todas que buscam meu auxílio. Liota, venha comigo, quero assistir ao treinamento das recrutas.

– Obrigada, majestade – Marina respondeu por nós.

A rainha apertou nossas mãos e informou que estaria nos jardins do castelo quando precisássemos conversar. Não dei muita atenção, estava boiando em mim mesma, e as palavras se afogavam antes de me alcançarem. Dali a poucos segundos, ela virou as costas e seguiu o mesmo caminho tomado por Dom Pedro II. Eu tinha a impressão de que a rainha havia saciado sua curiosidade sobre nós e suas obrigações voltaram a ser prioridade.

– Certo – murmurou Valentina. – Atravessamos um portal mágico, fugimos de um monstro marinho e cavalgamos em dinossauros apenas para descobrir que o velho não tinha porcaria nenhuma. Eu juro que isso é a coisa mais emocionante da minha vida ao contrário.

Marina sentou-se sobre a mesa e colocou em palavras aquilo que estava na minha cabeça.

– É triste admitir que chegou o dia em que concordo com você.

Porcaria nenhuma. Essa era a melhor definição do que havíamos alcançado desde o início. Aiba estava na dianteira e eu não sabia como pará-lo. Pior que isso, eu estava com medo. Era um sentimento primitivo que brotava do estômago, avisando que um relógio invisível movia seus braços em direção a um confronto inevitável que seria impossível vencer.

Foi ali, na biblioteca de Calafia, que eu aceitei o fato de que precisaria lutar contra o xamã diretamente, se quisesse ter alguma chance.

## CAPÍTULO 52

# Um show na minha cabeça

*Levanta e luta  
Viva pelo seu coração  
Sempre outra tentativa  
Não tenho medo da morte.  
Manowar, “Heart of Steel”*

Não era o melhor dos momentos para mim. A resposta que Dom Pedro II havia nos dado era difícil de digerir e eu não sabia como lidaríamos com Aiba. Marina e a vampira acreditavam que era possível encontrar outra maneira de derrotar o xamã, mas elas não sabiam o que eu sabia; não tinham consciência de quem eu realmente era por debaixo da pele.

Sentei ao lado de Marina sobre a mesa e tentei imaginar o que fazer da situação. Valentina pegou sua mochila e tirou o aparelho construído por Fred que, como dizia meu avô, estava tão morto quanto um defunto que morreu de morte morrida. Sem nenhum farelo de sucesso, nossa melhor opção era voltar até a praia e esperar que Jefferson abrisse o portal, desde que um taniwha não decidisse nos atacar outra vez. Pensamos em pedir a Calafia para autorizar que suas amazonas nos dessem carona e estava decidido que assim seria.

– Acho que não resta muita opção. Vamos precisar incluir as outras facções na história – disse Valentina. – Os Animais de Festa não estão preparados para uma coisa desse tipo, o fato é esse.

– Ninguém está – respondi.

Fomos caminhando pela biblioteca em direção à saída, e algumas pessoas nos olhavam com uma expressão feia por estarmos conversando em um volume mais alto que o silêncio. Enfiei a mão no bolso e observei as coisas ao meu redor, como tudo estava em ordem ali. Todas as coisas estavam em seu devido lugar. Eu queria que meu

mundo fosse um pouco parecido com aquilo, sem o incômodo de pessoas que se matavam.

– Rani, quero te perguntar uma coisa.

Marina tinha a expressão de que perguntaria mesmo que eu dissesse que não e a jogasse dentro de um buraco.

– Vá em frente.

– Pietro. O que está realmente rolando entre vocês?

– Sim, bruxinha, o que está *rolando* entre você e meu irmão?

Olhei para Marina com a expressão mais furiosa que havia dentro de mim. Não era como se eu quisesse debater esse tipo de assunto na frente de Valentina, mas também não poderia fugir da pergunta, não quando ela era feita de forma tão direta e sem nenhum bote salva-vidas ao qual me agarrar. Cocei a cabeça e respondi:

– Sinceramente não faço a mínima ideia do que está acontecendo. Sei lá. Acho que gosto um *pouco* dele e acho que ele gosta de mim. É complicado e esquisito. Estamos no meio de uma guerra com um xamã, não quero dar esperanças para algo que nem tem chance de acontecer. Preciso ser pragmática em uma hora dessas.

Marina passou o braço sobre meu ombro e disse:

– Senhorita Paleto, eu te amo, mas você é muito burra. É justamente por estarmos no meio de uma coisa tão grande que você precisa dar uma chance.

– Eu ficaria muito feliz se você não desse chance alguma. Existe um limite para o número de vezes que eu aguentaria te ver na minha casa – comentou Valentina. – No entanto, sou obrigada a concordar com a garota emo. Se o mundo está indo para o buraco, a melhor coisa a se fazer é aproveitar até o festival acabar.

Era fácil para elas esperar que eu guardasse a esperança de que algo pudesse dar certo no final, mas não estavam cientes de que se tudo funcionasse na luta contra Aiba, ainda assim eu teria partido. Não havia um futuro para mim em nenhum dos cenários possíveis e entregar meu coração para qualquer pessoa naquela situação era tornar as coisas ainda mais difíceis.

Havíamos acabado de descer as escadas e caminhávamos pelo corredor que nos levaria até os jardins onde Calafia se encontrava. Decidi que aquele era o momento ideal para preparar minhas amigas para o que aconteceria em breve.

– E se eu falasse para vocês que vou morrer no fim desta história? Que a única maneira de destruir Aiba é com meu sacrifício?

Valentina riu daquilo e balançou a cabeça em uma negativa. Era possível deduzir que considerava tudo o que eu disse uma bobagem sem tamanho.

– Não seja idiota, bruxinha. A situação não vai chegar nisso, nós temos dois vampiros, um lobisomem, o filho de Lúcifer e uma baterista do nosso lado. Pode ser



um pouco mais difícil sem o Sino, mas, em último caso, o governo sobrenatural viria em nosso auxílio. Agora, feche a torneirinha de asneiras e continue andando.

Decidi não prosseguir com o assunto. Se até Valentina era capaz de demonstrar um pingô de esperança, não seria eu a estragar tudo com péssimas notícias tiradas do chapéu. Era melhor que aproveitassem. Pensei no que Pietro diria quando soubesse, se iria dar um daqueles sorrisos idiotas e fazer uma piada para disfarçar que estava tão assustado quanto eu. Mais que aquilo, eu voltava a me perguntar se ele estava bem.

– Nós conseguiremos derrotá-lo, Rani – disse Marina. – Deve existir uma alternativa por aí, só precisamos encontrá-la.

– Acho que você está certa. – respondi sem convicção.

– Eu sempre estou.

Detivemo-nos brevemente quando um grupo de amazonas marchou por nós. Nenhuma delas virou o rosto ou parou o olhar sobre Marina e a vampira, como faziam as demais pessoas; andavam com a face erguida e iam para o sentido oposto. Era surpreendente a forma como a vida militar e a mundana se encontravam calmamente em todos os cantos da cidade-estado, fosse na decoração ou nas pessoas que mantinham roupas e cortes de cabelos preparados para uma guerra. Nós esperamos aquela fila terminar de cruzar nosso caminho e prosseguimos por mais alguns minutos pelo labirinto de corredores do castelo de Calafia. A saída não demorou a surgir e vimos que Dom Pedro II estava parado no batente da saída principal, olhando para fora com as mãos nos bolsos.

Eu e as garotas nos entreolhamos, mas isso não fez ninguém diminuir a velocidade dos passos. Era verdade que parte da culpa de todos os nossos problemas atuais estava incorporada naquele homem de barbas enormes e brancas, mas a raiva não ajudaria a lidar com a situação. Tomei a dianteira e fui a primeira a passar ao lado do imperador, apenas para vê-lo tomar um susto e me olhar todo alerta e com o rosto corado.

– Senhoritas! – disse ele.

– *Senhorito*... – retribuí.

Dom Pedro II pigarreou e tossiu duas vezes antes de me responder:

– Lamento o incômodo que causei. Minhas intenções eram boas, mas saibam que faria tudo diferente caso fosse possível.

Olhei para o imperador e pude ver que ele dizia a verdade. Seus olhos azuis estavam baixos e sem vida, suas mãos tremiam e os lábios se moviam como se estivesse preparado para continuar falando, mas nenhum som fugia e ele retornava para dentro da concha de um silêncio respeitável. Aquilo me fez pensar que talvez eu

não possuísse tanta autoridade moral para julgá-lo. Eu também escondia uma parte sombria das pessoas, uma parte que me mataria de vergonha se vazasse.

– Ok – disse eu. – Só não faça isso de novo, é deselegante. Você ao menos sabe de alguma coisa que possa nos ajudar? Qualquer coisa?

Ele estreitou os olhos e voltou seu olhar para o jardim de Calafia, onde mulheres e seus sáurios faziam manobras e treinavam com espadas. Marina e a outra garota me olharam com expectativa. Assim como eu, elas esperavam por uma notícia boa no meio do caos. Dei um passo para mais perto do homem. Não queria perder uma única palavra do que ele pudesse me dizer. Fechei os punhos e esperei que as palavras começassem a sair dele:

– Meu amigo Charles Darwin disse que...

Dom Pedro II não terminou de falar. Sua voz foi abafada por um grito estridente e o som de um baixo ritmado. O grito *I Feel Good*, de James Brown, fez o velho saltar para o lado e todos os olhares se voltarem para Valentina, que abria sua mochila de forma desesperada enquanto a música tocava sem parar. Algumas transeuntes nos olhavam como se algum tipo de bruxaria estivesse ocorrendo por ali e fizeram sinais que deviam ser insultos ou pedidos de proteção. A vampira murmurou uma sequência de palavrões na velocidade da luz e tomou o aparelho criado por Fred. A máquina piscava e a antena girava nas mãos dela. De forma espalhafatosa, cheia de funk e R&B, chegava o aviso de que estava na hora de voltar para casa.

## CAPÍTULO 53

# Despedidas

Meu sangue flui com força

Estou pronto para o show

E agora é hora de ir.

Ari Koivunen, *"Fuel For The Fire"*

Uma coisa sobre a urgência é que ela sempre surge quando você menos precisa dela, ainda que venha na forma da voz de James Brown. Foi com aquela música nos ouvidos e com uma pressa desesperadora na cabeça que saímos correndo pela escada e fomos atrás de Calafia. Marina e a vampira vieram assim que conseguiram encontrar o botão de mudo daquela porcaria. Dom Pedro II também nos seguia, mas por motivos de velhice crônica sua velocidade pendia mais para a boa vontade do que para metros percorridos, e ninguém esperou por ele.

Dentre tudo o que estava acontecendo, não poderia perder aquela carona e esperar até que Jefferson pudesse lidar com o portal novamente. Corri na frente de utahraptores e saltei por sobre a grama, ignorando o aviso de “não faça isso!”. As jardineiras praguejaram em coro e os dinossauros rugiram assustados com nosso surgimento inesperado. Havia sáurios menores que debandavam como se um T-Rex estivesse atrás deles, aqueles microrraptores com espíritos e penas de galinhas. Ajeitei meus óculos e procurei Calafia em todos os cantos. Havia tantas pessoas naquele jardim gigantesco que era difícil encontrar a rainha em algum lugar. As meninas me alcançaram quando parei e Valentina apontou imediatamente para o lado, onde um bloco de amazonas treinava com bastões. A governante e Liota observavam tudo diante delas.

Fiz um aceno de cabeça e fui até lá. As amazonas faziam seus exercícios em silêncio e isso quase podia ocultar o fato de que aquele aglomerado era uma máquina

de guerra eficiente com montarias igualmente mortais. Cheguei ao lado da capitã da guarda, que foi a primeira a nos ver chegar, e disse:

– Está na hora, o portal está aberto. Nossos amigos do outro lado não conseguem deixá-lo aberto por muito tempo, precisamos da ajuda de vocês.

Liota concordou com a cabeça e sussurrou algo no ouvido de sua rainha. Calafia ouviu aquilo atentamente e virou as costas para ir ter conosco. As amazonas continuaram a treinar sem nenhuma interrupção. Ela veio com passos rápidos e olhar sério, com suas tranças que balançavam nas costas.

– Então, chega a hora da partida – disse a rainha. – Foi um grande prazer abrigar três visitantes de um reino tão distante, ainda que por poucas horas. Liota e outras duas tratarão de levá-las até a praia. Lamento não poder acompanhá-las, mas os deveres de estado me obrigam a permanecer aqui. Saibam que o Reino da Califórnia estará sempre de portas abertas, assim como minhas boas-vindas.

Fiz uma curvatura que pensei ser ideal naquela situação e agradei por toda a hospitalidade da mulher em nos receber em seu reino. Eu não era a melhor pessoa do mundo para situações formais, mas por sorte Valentina estava mais que acostumada com aquele tipo de coisa e tratou de cuidar das nossas despedidas burocráticas de forma exemplar. Calafia não tornou a dirigir sua atenção a nós, apenas deu instruções à sua capitã e voltou para a frente do batalhão, que treinava sem descansar. A despedida foi simples e direta, mas a verdade é que aquilo me fazia pensar no quanto eu gostaria de permanecer naquele lugar por mais tempo e conhecer uma vida que parecia mais interessante do que tudo o que esperava por mim do outro lado.

Liota caminhou em direção à saída do castelo, mas fomos alcançadas naquele instante por Dom Pedro II, que vinha esbaforido e com o rosto vermelho e suado. Ele parou por um segundo para recuperar seu fôlego e colocou a mão sobre meu ombro esquerdo.

– Existe uma forma de neutralizar Aiba, pelo menos foi a teoria que Charles desenvolveu pouco depois do evento. Ele é uma forma dividida e desequilibrada de energia negativa, o que explicaria sua habilidade de controlar espíritos negativados. Logo, existe uma solução nas brechas desse pensamento...

Meu cérebro seguiu aquela linha de raciocínio e eu completei a lacuna na frase dele:

– Purificá-lo. Eu não precisaria causar sua morte definitiva e ele apenas estaria flutuando pelo espaço como parte da matéria, sem corpo ou consciência, apenas energia espiritual.

Dom Pedro II assentiu com a cabeça. Sorri com um pingo a mais de esperança em mim, embora não tivesse ideia de como realizar aquela façanha. Senti meu rosto quente e a ponta dos meus dedos ficar dormente ao descobrir que nem tudo estava perdido. Guardei o impulso de dar um salto e ajeitei minha mochila nas costas.

– Boa sorte na sua jornada, jovem xamã! – foi a resposta dele.

Falei “obrigada” e fui correndo atrás da amazona e das minhas amigas. Íamos até uma espécie de estábulo onde os utahraptores descansavam de suas jornadas. Era um lugar feito de madeira com várias baias e tratadoras, que atiravam pedaços de carne por cima das grades.

Puxei Marina e Valentina pelos braços e contei a novidade, enquanto Liota chamava duas amazonas para se juntarem a ela.

– Ainda existe uma forma de lutar contra Aiba, pelo menos foi isso que Dom Pedro II me disse. É uma coisa bem complicada, mas acho que pode dar certo se eu não fizer nenhuma burrada e o resto do pessoal me ajudar.

– Já estava começando a pensar que essa viagem tinha sido inútil do início ao fim – respondeu a irmã de Pietro. – Exceto pelos dinossauros. Eles compensaram aturar vocês duas.

A capitã não demorou muito até voltar do estábulo. Trazia seu raptor puxado por uma corda. Duas amazonas a seguiram e eu fiquei imaginando como chegaríamos a tempo; ainda que fossem velozes, raptos não eram carros de Fórmula 1. Guardei aquele comentário dentro de mim e a capitã me ajudou a montar no dorso do réptil. As outras fizeram a mesma coisa e, em menos de um minuto, saímos em disparada pelas ruas da cidade-estado, Liota tomou a estrada principal e foi desviando dos obstáculos e das pessoas sem a menor dificuldade. Meu estômago ficou gelado como na primeira corrida, mas dessa vez eu podia aproveitar o vento no meu rosto e as curvas do dinossauro.

Nós tomamos um caminho bem diferente da vinda, passando por becos e ruelas estreitas, nos quais mulheres estendiam roupas em varais improvisados e garotas brincavam pelas ruas como matilhas de lobos selvagens, correndo, brigando e gritando, algumas delas tentavam encostar as mãos nos raptos e nos seguindo por vários metros. Eu sentia o cheiro de comidas sendo preparadas e temperos que não deviam existir no meu mundo, além de sons de instrumentos e cantoria. Eu podia sentir o pulso daquela cidade em tons de terra.

– Preciso que se segurem – gritou a capitã. – O caminho é um pouco complicado daqui em diante.

Dali para a frente, abria-se um vazio de casas e construções ao pé de um morro com uma espécie de platô em seu topo. Os raptos pegaram uma rua larga que

formava uma subida quase tão alta quanto o Morro do Bonfim em Graúna. O chão era de terra vermelha e pedras rolavam a cada passo dos animais, que usavam suas enormes garras para auxílio. Eu me segurei na capitã e acho que devo ter gritado uma ou duas vezes quando deslizamos um pouco, mas Liota me pediu para ficar calma e prosseguiu a subida sem mudar uma linha de expressão. Eu olhei para as garotas, que vinham com outras amazonas, e elas pareciam tão confusas quanto eu sobre nosso destino. Segurei com ainda mais força e evitei olhar para baixo. Eu não compreendia exatamente como aquilo poderia nos ajudar a chegar à praia, mas fiquei calada na esperança de que ao menos alguém soubesse o que estava acontecendo.

Aquela subida tomou quase dez minutos e eu tinha a impressão de que rolaríamos morro abaixo no próximo segundo, mas nada disso aconteceu e chegamos ao topo com todos os membros de nossa formação original. Soltei um suspiro de alívio e desmontei do raptor na primeira oportunidade, e finalmente abri os olhos completamente.

A cidade estava aberta lá embaixo, com todas as suas casas, templos, cores e o castelo de Calafia no centro de tudo. As pessoas pareciam formigas vistas dali, assim como os dinossauros, que moravam dentro e nos arredores da muralha. Era uma visão capaz de fazer um ornitorrinco retirar uma camisa pelo joelho, mas nada disso se comparava ao que estava na nossa frente sobre o platô. Amazonas com capacetes vermelhos e óculos de avião nos saudavam, e suas roupas eram vermelhas e largas. Elas dividiam aquele pedaço de campo aberto com os maiores pterossauros que minha imaginação poderia conceber. Antes que minha mente pudesse tomar sentido daquilo, Liota falou:

– Hora de voar para casa.

**A Organização Valentina de Dinossauros informa que os espécimes aqui representados são o que conhecemos por quetzalcoatlus e são do tamanho de uma girafa.**

## CAPÍTULO 54

# Voa no céu, pousa na areia

Eu me levanto  
E nada me coloca para baixo.  
Van Halen, “Jump”

Eu não esperava que a escala Rússia de surpresa pudesse ser usada outra vez depois de tudo o que já havia me acontecido, mas lá estava eu batendo recordes. Valentina foi a primeira a correr para perto deles, enquanto eu e Marina ficamos muitos passos atrás. A vampira tinha aquele sorriso que nunca veríamos em nosso mundo e fez duzentas mil perguntas para as amazonas. Eu simplesmente permaneci de boca aberta e afogada em admiração. Os pterossauros eram gigantescos e cobertos em pelugem, as mulheres pareciam tão pequenas perto deles que eu me sentia como se fosse um hamster observando Michael Jordan no topo de uma escada.

– Não fiquem paradas! – disse Liota. – Precisamos sair imediatamente se quisermos chegar à praia em menos de uma hora.

Eu e as garotas acompanhamos a mulher por entre os dinossauros voadores e respectivas treinadoras. Alguns eram alimentados com montanhas absurdas de carne fresca e outros tinham os arreios ajustados para uma nova partida.

A capitã nos guiou até a parte onde animais já estavam deitados à espera de tripulantes, e uma das mulheres em vermelho veio nos saudar com passos rápidos. Ela tinha seus óculos no rosto e trazia o capacete na mão.

– Capitã Liota, é um prazer recebê-la no Ninho – ela falou em sua voz alta e anasalada.

– Digo o mesmo, capitã Ulmiorra. Tenho uma pequena missão, ordens de Calafia. Levar as forasteiras até a Praia dos Afogados. Preciso dos animais mais rápidos

**Pterossauros não são exatamente dinossauros, acho que podemos chamá-los de seus primos répteis voadores.**

que tiver.

A amazona do ar fez um sinal para que nos aproximássemos de um quetzalcoatlus de pelugem azulada e crina vermelha ao longo do pescoço. A besta estava deitada sobre o estômago e uma sela já se encontrava em seu dorso. Ulmiorra afagou a cabeça dele e disse:

– Este é Sombra-Rio, nosso campeão. Ele pode fazer o que você precisa e ainda voltar a tempo do lanche da tarde.

– Precisamos exatamente disso – respondeu Liota. – Peça a uma de suas subordinadas que cuidem dos raptos que trouxemos.

– Assim será feito, capitã.

Liota apertou a mão da outra e caminhou até a sela na base do pescoço, e depois fez um sinal para que eu a acompanhasse. Marina e Valentina fizeram o mesmo e seguiram para junto das mulheres, que guiariam os outros quetzalcoatlus. Meu coração ameaçou sair pelo ouvido e eu me lembrei do quanto odiava voar, mesmo em aviões estatisticamente seguros e feitos de metal. Eu me lembro que quando viajei para a Inglaterra no ano anterior, minha mãe precisou me dopar com quilos de remédios e me sentar em um assento do corredor porque a janela me dava pânico. Fechei as mãos com força e montei no animal junto com Liota.

– Rani, se a gente não sobreviver, eu juro que te mato! – gritou Marina já montada em um deles. – Duas vezes!

– Fechado! – respondi de olhos cerrados e apertando a cintura de Liota, como se ela fosse um filhote de gato.

– Te espero em Graúna Roça City e...

Não pude ouvir o resto daquela frase. O quetzalcoatlus em que ela estava bateu as asas e levantou voo em um segundo, subindo e subindo e subindo. De repente, ela já estava dando voltas acima das nossas cabeças. Para usar uma frase do Nightwish: *Uma pipa silenciosa no céu azul*. O som que eu parecia ouvir vindo do alto tanto poderia ser o rugido do animal quanto o grito desesperado de uma garota de 15 anos. Eu mesma não tive muito mais tempo para me preparar. Sombra-Noite ergueu o corpo e, com um impulso e toda a envergadura de sua asa, nós subimos.

– Droga!

O frio na minha barriga chegou a níveis extremos e meus olhos lacrimejaram um oceano Pacífico e um Atlântico. Ganhamos altitude e eu sentia meu corpo sendo atirado para trás, aquela subida em velocidade vertiginosa e com asas que pareciam maiores a cada batida. Aquela decolagem foi uma das piores coisas pelas quais eu já passei na vida. Pior que sonhos com Aiba e muito pior que espíritos negativados. O ar



congelante lá de cima doeu nos ossos e fez meu nariz escorrer; os ventos cortavam o rosto sem nenhum resquício de dó.

Sombra-Noite subiu tão alto que a cidade-estado pareceu apenas uma forma colorida perto de florestas e planícies, com milhares e milhares de quilômetros verdes ininterruptos. Com um movimento do arreo Liota colocou o quetzalcoatlus em uma trajetória rumo à praia de onde viemos. Era possível identificar manadas do que deviam ser dinossauros e lagos que deviam ser maiores que bairros.

– Não tenha medo, jovem bruxa – Liota gritou sem tirar os olhos do caminho. – Voar é o método mais seguro de transporte por aqui.

– Eles dizem a mesma coisa no lugar de onde venho. Na verdade, até o Super-Homem diz isso e eu não acredito.

– Super o quê?

– Homem. Super-Homem. É um cara que veste a cueca por cima da calça.

Liota riu e fui obrigada a concluir que a imagem era realmente ridícula quando se parava para pensar.

– Parece que homens são ridículos em qualquer universo. Acho que fizemos bem em expulsá-los daqui.

Virei o rosto para confirmar se Marina e Valentina ainda estavam logo atrás de nós. À medida que a viagem prosseguia, pude deixar um por cento dos meus temores se esvair e aproveitei para espiar a floresta e as outras espécies de pterossauros que passavam perto de nós; tinham as mais diferentes formas e cores, com pelos que podiam ser avistados de longe. Imaginei o que meus avós pensariam daquele lugar, provavelmente não deixariam de falar sobre cada planta, ritual e dinossauros pelo resto de suas vidas e um pouco mais no Mundo Espiritual. Sorri com a ideia de meu avô conversando com Wenona sobre raptos emplumados.

Voamos por mais uns vinte minutos e o mar surgiu em sua enormidade no horizonte. Agradei ao Monstro do Espaguete Voador por aquilo e voltei a me apertar com mais força em Liota, e não ficaria surpresa se costelas houvessem sido partidas naquele momento. A praia do taniwha apareceu diante dos meus olhos e uma luz brilhante em suas areias me indicava que o portal ainda estava aberto. As garotas deviam estar pensando a mesma coisa que eu, pois Marina gritou um viva descomunal.

– Segure-se firme! – foi a única coisa que Liota disse antes de colocar Sombra-Noite em descida.

Sombra-Noite não parecia nem um pouco assustado. Apenas abria ou fechava as asas para corrigir sua trajetória da forma que Liota lhe ordenava. Ele fez uma volta e quando estávamos a uns dez metros do chão ele abriu suas asas completamente e fez

uma descida tão suave que nem senti. Seus pés tocaram o chão e o único evento foi um solavanco que parecia o de um carro.

O quetzalcoatlus baixou sua cabeça e eu pulei fora o mais rápido que pude; minhas pernas tremiam e meu estômago desejava expulsar o que havia nele. A capitã desprendeceu minha mochila da sua sela e me entregou com um sorriso. Os outros dois dinossauros terminavam de pousar naquele mesmo instante.

– Foi um prazer conhecê-la, Rani. Espero encontrá-la novamente em tempos mais calmos. Aposto que minha irmã diria o mesmo.

A última frase fez minha cabeça quase esquecer meu enjoo.

– Sua irmã? Espere um segundo... Calafia é sua irmã?!

– Irmã mais nova, ela tem mais jeito para o trono que eu. Algumas de nós nascem para o campo de batalha em tempo integral.

A conversa foi interrompida por Valentina, que chegou correndo e me puxou pelo braço sem dizer nada. Suas preocupações com etiqueta se limitaram a se despedir de um pterossauro. Marina vinha ao seu lado e estava duplamente feliz por ter chegado viva e pelo portal aberto. Fiz um aceno de despedida para a capitã do Reino da Califórnia e acompanhei minhas amigas. O portal perdia um pouco da sua força, mas ainda era possível ver o outro lado, com Tales gritando para que corrêssemos.

Meu coração bateu com mais força.

Minha cidade estava logo do outro lado.

Pietro estava do outro lado e eu estava disposta a contar o que sentia de verdade.

Uma descarga de euforia me acompanhou no instante em que meu pé tocou o portal e pisou no estranho e hostil mundo que era meu. Meus olhos encontraram Tales e Fred fazendo uma dança da vitória. Jefferson fechou o portal com um festival de reclamações pela nossa demora.

Somente então vi Pietro.

Ele estava acordado, sua cabeça tinha um curativo e seus cabelos estavam bagunçados como sempre. O garoto sorriu para mim e eu sorri de volta, dando os primeiros passos que me levariam até um abraço. Ele era a primeira pessoa que eu realmente queria abraçar. O rapaz veio em minha direção, e eu estava certa de que ele considerava cinco passos como uma distância muito grande. Minhas mãos começaram a se levantar para segurar as dele, mas caíram imediatamente ao lado do corpo no instante em que meus lábios secaram e eu parei onde estava.

Como poderia não ter notado aquilo desde o primeiro segundo? Pietro havia me distraído, mas meus sentidos de xamã explodiam em alerta. Esse era o maior problema de esperar por alguma coisa, por menor que fosse, por maior que fosse. Os

planos que fazemos podem ser destruídos quando menos esperamos, quando andamos no escuro ou na senda mais aberta. Foi com a relutância de um gigante que senti a energia espiritual que se mesclava à da cidade, aquela presença calma e de espera, a única que eu poderia reconhecer dentro de uma caverna na Faixa de Gaza. Engoli em seco e deixei meus lábios formarem a frase que representava tudo aquilo:

– Aiba está em Graúna.

# PARTE 3

## Ritual

*Andei em universos onde as leis da física  
eram inventadas pela mente de um louco.  
Eu assisti a universos congelarem e criações queimarem.  
Eu vi coisas nas quais você não acreditaria,  
perdi coisas que você nunca compreenderia.  
E eu sei de coisas, segredos que nunca devem  
ser revelados, conhecimento que nunca  
deveria ser falado. Conhecimento que faria  
um deus parasita queimar.*

Neil Cross, Doctor Who, “The Rings of Akhaten”

## CAPÍTULO 55

# Eu seguirei você no escuro

*Eu moro em um cemitério  
Eu preciso de uma mudança  
Não para imitar  
Mas para irritar.  
Silverchair, "Cemetery"*

As horas do dia já haviam corrido e avançavam pela noite, lá pelas 9 horas, quando minha rua já estava quieta e abandonada. Esperei até que meu pai fosse tomar banho e saí pelo portão da garagem. Coloquei meus fones de ouvido e deixei que My Chemical Romance tocasse no volume mais alto. Não havia muitas casas naquela parte do bairro e todas as pessoas já se encontravam nelas para acompanhar algo na TV e morrer de tédio. Apertei minha blusa preta junto ao corpo por causa do frio e fui caminhando até o muro do cemitério.

Os graunenses em geral eram pessoas medrosas e evitavam o cemitério a qualquer custo, mas eu cresci ao lado dele e aprendi muito cedo que não havia nada de mais ali, exceto um bocado de silêncio. Me certifiquei de que não havia ninguém por perto, fosse algum idoso do asilo ao lado ou um recruta em direção ao quartel, então segurei na borda do muro e saltei sobre um dos túmulos. Fui pelos corredores estreitos, tudo ali era calmo e o cheiro de flores me acalmava. Depois do que me aconteceu na Califórnia e da presença de Aiba em minha cidade, o que eu mais queria era um segundo de paz.

Andei pelo corredor principal e me sentei sobre uma tumba de granito. Apenas fiquei ali observando o céu. Fechei os olhos. Podia sentir a presença de Aiba, embora fosse impossível apontar se estava perto ou longe. Usei a lanterna do meu celular para ver sobre quem eu estava sentada e vi que se tratava de um homem que morreu em 1899, e fiquei feliz por ele. Não partilhava da minha tristeza e nem viveu o bastante

para ver um filme do Uwe Böll; do meu ponto de vista, só havia lucro. Ainda pensando naquelas coisas, senti um movimento de energia atrás de mim, e meu primeiro impulso foi o de me levantar e incendiar quem fosse, mas, após um breve reconhecimento, continuei sentada e guardei meus fones.

– Olá, menina do cemitério – foi o que ele disse. – Acho que o apelido nunca fez tanto sentido quanto agora, não é mesmo?

– Você costuma seguir pessoas pela noite?

Pietro sentou-se ao meu lado e ficou balançando os pés – os tênis dele realmente tinham uma leve fluorescência.

– Nem sempre, a menos que a pessoa seja você. Valentina achou que você precisaria de um guarda-costas. Ela achou que eu seria o candidato ideal para o serviço.

– Valentina?

– Claro... Desobedecer minha irmã nunca é uma boa ideia – ele sorriu daquele jeito James Dean. – É por isso que estou aqui. Sem nenhuma outra intenção, além de guardá-la e protegê-la, menina do cemitério.

– Hum... Eu sou uma xamã que lança fogo pelas mãos e purifica espíritos. Acho que você precisa mais de proteção que eu.

Ele fez uma falsa cara de tristeza e bagunçou o próprio cabelo antes de responder:

– Então finja que estou aqui para contar piadas sobre pinguins. O que um pinguim pede no McDonald's? Um ice-burger. Por que pinguins carregam peixes no bico? Porque eles não têm bolsos.

Aquilo foi a coisa mais idiota que eu já tinha ouvido, mas por algum motivo me fez rir e dei um soco no braço dele. Ficamos em silêncio, e eu sentia alguma coisa que me fazia ficar recolhida em uma concha de vergonha. Imaginava que a irmã dele ou algum dos Animais de Festa já havia contado o que eu havia feito quando ele estava inconsciente no hospital abandonado. Senti um formigamento na minha mão me impelindo a segurar a dele, mas preferi me levantar da lápide.

– O que você acha que vai acontecer, Pietro? Ele está aqui, eu não tenho os poderes necessários para neutralizá-lo e estou com medo.

Ele continuou sentado. Sua expressão ainda era leve, mas eu podia ver que ele pensava seriamente na minha indagação. As sobrancelhas estavam arqueadas e o queixo dele ganhava um milhão de curvas. As luzes do asilo se apagaram naquele momento e a única parca fonte de iluminação passou a ser a dos postes.

– Eu não faço ideia do que vai acontecer. Acho que essa é a melhor e a pior parte de ser um Animal de Festa: nunca pensamos muito no futuro. As outras facções se preocupam em planejar, acumular e conquistar. A única coisa que nós desejamos é

ficar de boa e curtir o que temos – ele fez uma longa pausa aqui. – A única coisa que *eu* quero é dizer que gosto de você, Rani. E sei que você gosta de mim.

Aquilo fez com que toda a minha guarda caísse. Eu não soube o que responder e por isso fiquei parada em silêncio. Pelo visto, as cartas estavam sobre a mesa e não havia nada mais a ser escondido. Lamentei muito que não houvesse um poder xamânico para me ajudar naquela situação, acho que magia é bem menos eficiente do que eles fazem parecer nos filmes. Coloquei a mão no bolso e respondi:

– Acho que não faz mais sentido esconder, eu gosto de você. Achava que era um pouquinho, mas o pouco cresceu e virou um kaiju.

– Kaiju?

– Monstro gigante de filme japonês.

– É a coisa mais romântica que já ouvi.

– É a coisa mais romântica que eu já disse.

Ele saiu da lápide e caminhou até a minha frente, suas mãos seguraram as minhas e eu me lembrei de como seus dedos eram frios. Pietro me olhou nos olhos e ficou assim até que desviei o olhar e fiquei encarando seus tênis fluorescentes, lembrando-me de como o vi naquele mesmo cemitério pela primeira vez. Seu rosto se aproximou do meu bem devagar e aquilo era diferente do que aconteceu na Pantheon ou no hospital. Havia um murmúrio de ansiedade e música ao nosso redor, como se alguém dedilhasse um violão desafinado e cantasse com a voz mais bonita do universo. Seus lábios nos meus foram como se o céu e o inferno entrassem em acordo, eram tulipas juntas. Não houve muito em que minha cabeça pudesse pensar, a não ser em como nossos braços nos envolviam e eu sentia todas as temperaturas ao mesmo tempo. Meus olhos estavam fechados, mas eu estava ciente de que ele me seguia no escuro. Minhas mãos seguraram seu rosto e eu não me importei com a pele fria; éramos dois fantasmas, dois espíritos perdidos e diferentes. Não sei quanto tempo aquilo durou, mas ainda que tivesse sido um ano, senti como se um segundo houvesse se passado. Pietro me olhava com uma expressão divertida no rosto.

– Então isso é um kaiju.

– Não – respondi. – Isso é o filhote de um kaiju.

Voltamos a nos sentar sobre a lápide e eu estava certa de que ambos morriam de vergonha naquele segundo. Ele balançava os pés enquanto olhava para o céu, em uma tentativa falha de parecer despreocupado.

– Onde isso nos deixa, menina do cemitério?

– Não sei. Odeio usar isso de resposta, mas a verdade é que nós não sabemos de nada. Eu gosto de você, Pietro, mas não acho que possamos ficar juntos até

resolvermos a situação com Aiba. Meu coração está com você até o fim, mas minha cabeça não. Pelo menos não agora.

Pietro não respondeu. Ainda olhava para o céu e tinha sua expressão normal no rosto. Eu não soube o que dizer, apenas esperei que ele se levantasse. Embora o semblante fosse o mesmo do garoto que contava piadas de pinguins, seus olhos indicavam algo muito antigo e solitário, mas o vampiro fez uma medida exagerada e falou:

– Sabe do que precisamos? Sorvete! A senhorita poderia me conceder o prazer de sua companhia?

– Eu tomei há poucos dias com minha avó, mas acho que repetir não faz mal. Flocos?

– Qualquer coisa... Exceto morango.

Eu me levantei e comecei a caminhar ao seu lado. Meu coração dizia que poderíamos vencer Aiba, que um beijo no cemitério seria apenas o primeiro de muitos, mas preferi ignorar todas as vozes e pensamentos. Dei um passo depois do outro na grama e segui o garoto fluorescente no escuro. E a gente andou de mãos dadas até o portão de saída.



# ANIMAIS DE FESTA E FILIADOS

## Sou uma criatura sobrenatural, e agora?

Não se preocupe. Siga as dicas deste folheto que está em suas mãos e procure a filial dos Animais de Festa mais próxima de você. Temos certeza de que a facção ideal para você é a nossa; afinal, temos doces, sorvete e campeonatos de videogame na última sexta-feira de cada mês (e nenhuma regra idiota). Estamos em várias partes do mundo e somos filiados ao Órgão Internacional de Facções, com aliados nas melhores facções internacionais como a “Poodles e Cavalheiros UK”, “As Abóboras Rimadoras U.S.A.” e a famosa “Somos Piratas de Refrigerante da Irlanda”. Fique atento aos endereços abaixo e entre em contato.

P.S.: Não somos bons com informações completas, mas, se você andar por lá, vai ser bem fácil de reconhecer a sede.

### **Sede principal: Graúna**

Falar com: Pietro/Valentina

Rua Adalgisa Lima, 459

### **Sede Balneário Camboriú**

Falar com: Yuri

Rua 4502, perto da pista de skate

### **Sede Rio de Janeiro**

Falar com: Gabi

Rua Pacheco Leão, Jardim Botânico

(temos um membro rico e ele financiou esta)

### **Sede Brasília**

Falar com: Bruna

Conic, ao lado do cara de roxo que vende bonés falsificados

### **Sede São Paulo**

Falar com: Faiza

Rua Augusta, perto daquele lugar que fica cheio de hipsters

### **Sede Porto Alegre**

Falar com: Helga

Cidade Baixa, em frente ao bar dos fãs de Motörhead

### **Sede Recife**

Falar com: Marcos

Em construção

(vai ser em um lugar legal e com um tanque para tubarões de estimação)

## CAPÍTULO 56

# Contatos imediatos de nenhum grau

*Transformar o que é invisível  
Para contestar o físico  
Um raio ofuscante no escuro  
Um véu de faíscas no espaço.  
André Matos, “Mentalize”*

Deitei no chão do meu quarto com os olhos fechados. Um disco de tambores indígenas tocava em volume baixo e o incenso de canela “perfumava” o quarto. Aquilo era minha tentativa de conseguir uma audiência com Wenona, seguindo as dicas de *Sobrenatural em Dia*, o que era a mesma coisa que tentar emagrecer usando dicas milagrosas em revistas de beleza.

Fechei os olhos e me concentrei no som dos tambores, buscando chegar ao estado de transe que me levou ao mundo espiritual da primeira vez, mas sem a ajuda de Rowtag, o que dificultava ainda mais o processo. A verdade é que eu tinha um pouco de raiva da xamã por me largar de lado justamente quando eu mais precisava de ajuda. Isso não era coisa que uma mentora deveria fazer; era o mesmo que Obi-Wan Kenobi virar as costas para Luke e deixá-lo lutar sozinho contra o império.

Tentei deixar que a energia espiritual fosse liberada me concentrando nas batidas de tambor da música e no cheiro de canela, o que não era uma boa ideia, porque canela me lembrava de *Duna*, em que o cheiro da especiaria que move o universo tem o aroma de canela. Eu não me importaria se Paul Atreides dividisse comigo um pouco da mélangue que era capaz de abrir consciências e desvendar um mundo além do nosso, isso era o tipo de coisa que me ajudaria a sair do meu corpo e não tambores ou palitos queimados.

– Ela não vai te receber – disse uma voz conhecida acima de mim. – Wenona só conversa com as pessoas quando assim deseja.

Abri os olhos e me ergui, encontrando Tama sentado na minha janela e lambendo a pata. Fiz um movimento de cabeça para saudar o visitante que não se importava em bater nas portas. Eu estava aliviada com a presença do Deva, ele era a coisa mais parecida com ajuda na ausência de Wenona, ainda que incapaz de fornecer respostas simples e informações completas.

– É ótimo saber que pelo menos alguém apareceu, ainda que atrasado. O tal Sino da Divisão? Destruído e além do nosso alcance. Cara, eu precisei viajar até outra dimensão para que Dom Pedro II me respondesse isso. E quer saber? Ele nem era tão legal quanto me faziam acreditar. Pelo menos ele sugeriu uma forma de lidar com Aiba.

Tama deitou-se de barriga para cima na minha cama. Ele parecia sonolento e não tinha o menor indício de urgência em qualquer um de seus gestos. Ele rolou de um lado para o outro e, somente após se espreguiçar como dono do mundo, respondeu:

– Imperadores são gostos adquiridos, Rani. Lamento pelo Sino, ele era uma das últimas coisas que poderiam deter Aiba sem que a coisa se tornasse uma barbárie. Acho que você precisará percorrer o caminho mais difícil e estreito, jovem xamã.

Olhei para ele com um pequeno sorriso de deboche. Se tudo aquilo que havia me acontecido até então era o caminho fácil, eu não gostaria de descobrir qual era o outro. Pensei em contar a ele sobre a revelação que Aiba me havia feito no totem, mas eu não tinha certeza de que estava preparada para compartilhar aquele pedaço da minha vida, pelo menos não ainda. Eu não gostaria de imaginar como Marina, Pietro, Fred, Valentina e Tales me olhariam quando as palavras saíssem da minha boca, quando soubessem que a pessoa em quem confiavam não passava de uma parte do problema.

– Sei que vou me arrepender de perguntar isso, mas qual é mesmo o caminho difícil?

Tama me encarou com seriedade e sentou-se na cama de forma apropriada. Ele não respondeu de imediato. Parecia estar em busca das melhores palavras, como fazem as pessoas que precisam entregar a notícia de óbito para a mãe de alguém. Eu podia sentir a energia espiritual do gato oscilando e isso enviava uma corrente elétrica pelos meus braços, assim como uma leve ânsia de vômito. Era a primeira vez que eu vislumbrava a sombra dos poderes do Deva, fazendo-me imaginar o que se escondia por trás da atitude displicente e dos ronronados.

– Você deve arrancar o coração de Aiba e absorvê-lo. É a única saída que existe na sua frente agora. Ele está aqui para matar a todos, Rani. O número de espíritos

negativados dobrou nos últimos dias e sem que Aiba movesse um dedo.

Aquilo não era novidade para mim. Eu podia sentir uma grande movimentação espiritual em cada rua de Graúna. As energias que antes não exibiam alteração agora se mostravam instáveis, fazendo com que até mesmo as freiras da Estadual se mostrassem mais visíveis do que antes, em um dos sinais precoces de negatificação que antecederiam interferência no mundo real e surto psicótico de agressividade.

– O xamã é um dos milagres do Grande Espírito, a criatura que vive e morre eternamente, em um ciclo infinito de reencarnações. Nenhuma pessoa pode realmente matar um xamã; ele apenas voltaria em um novo corpo e aprenderia o caminho outra vez, exceto quando um igual faz isso. A única chance de salvar a todos é se você tomar o coração dele.

Balancei o indicador em uma negativa. Eu não poderia lutar contra alguém tão poderoso e sem um pinga de hesitação como ele, principalmente quando falávamos da minha *gêmea* malvada. Deitei-me na cama e deixei meus olhos se fixarem nas estrelas no teto, tão fluorescentes quanto os tênis de Pietro. Isso quase me fez sorrir e me senti culpada por pensar naquilo quando havia um Deva falando sobre o fim do mundo ao meu lado.

– Não posso fazer isso, Tama. Você e Wenona me ensinaram que matar é errado. Eu fui obrigada a parar de comer carne por isso, sabe o que é uma vida sem bacon? Agora todo mundo espera que eu mate o cara que venceu xamãs mais poderosos do que eu sem uma gota de esforço. Tenho certeza de que meu diploma xamânico diz que sou um trabalho em progresso e não David Blaine.

Tama subiu na minha barriga e bateu no meu rosto com sua pata. Aquilo me fez gritar até colocar a garganta para fora e levar a mão nos três riscos ardentes na minha bochecha. O gato rosnou e seus olhos brilharam em um verde intenso e autoritário. Agradei pelo fato de não haver ninguém em casa. Meu pai já teria subido as escadas com um kit de primeiros socorros e um desfibrilador em cada mão. O bichano idiota pulou para a janela e não se dignou a olhar para mim.

– Eu sou o guardião de todas as coisas vivas nesta cidade, xamã. Não pense que não tenho consciência do que estou pedindo de você, mas é nossa única saída. Devemos sempre colocar o bem maior acima do indivíduo. Seu sacrifício sempre esteve como opção, caso o Sino se mostrasse um fracasso.

– Então por que você não luta contra ele? Você é um Deva, não é? Pegue seus maravilhosos poderes e faça alguma coisa em vez de me incomodar.

O gato rosnou e virou a cara. Sua energia espiritual havia se tornado ameaçadora. Papéis em minha mesa voaram, enfeites caíram das prateleiras e a cama tremeu como se uma criança estivesse pulando nela. As caudas de Tama se inflaram e, antes de

desaparecer dali em um salto, ele disse apenas uma coisa, mas era exatamente aquilo que eu não desejava ouvir. As palavras que eu tentei esconder até então:

– Você é a metade de Aiba. Esse é o motivo de eu e Wenona termos ajudado você. Não confunda as coisas, sempre foi seu destino aceitar isso e doar sua vida para a causa.

Ele sumiu antes que pudesse dizer qualquer coisa. Meus olhos ficaram estacionados na janela por um minuto inteiro, e eu ainda estava lidando com o fato de que Tama e Wenona sabiam a verdade desde o início e me utilizaram como uma peça, com a intenção de que o final fosse sempre o mesmo: pagar pela destruição de Aiba com minha vida. Deixei que o sentimento sem nome boiasse à deriva no mar de mim. Limpei o filete de sangue que as garras deixaram no meu rosto e dei um soco na porta do guarda-roupa. Lá estava minha resposta para Wenona e o gato.

## CAPÍTULO 57

# Mortos para o mundo

*Nós somos tão jovens  
Nossas vidas apenas começaram  
Mas nós já estamos considerando  
Uma escapatória desse mundo.  
HIM, "Join Me in Death"*

A decepção é uma criatura tão esguia que fica no meio do caminho entre ser uma arte ou um sofrimento. Um exemplo sempre corria na minha cabeça quando eu pensava em decepção antes do fatídico encontro com Tama, e isso servia apenas para mostrar o quanto as coisas haviam mudado. Era um dia quente, eu e Marina estávamos de banho tomado, roupas pretas, e havíamos preparado um pequeno banquete na cozinha da minha casa, com doces e salgados feitos por nós.

Tudo aquilo era porque meu DVD importado de *Imaginaerum* – o filme do Nightwish – havia sido entregue pelo correio. Meses de ansiedade haviam se passado enquanto esperávamos, com a certeza de que seria a melhor coisa da História; afinal, um filme escrito pelo Tuomas e com participação do Tuomas era perfeito demais para dar errado.

Eu me lembro que fechamos as cortinas e a história começou, e com vinte minutos a gente não sabia se estava assistindo a um videoclipe gigante ou a uma história entre pai e filha com o Tuomas aparecendo bem menos do que deveria. Acho que Marina chegou a chorar no final, mas não tenho certeza de que foi por amor. Era a primeira vez em nossas vidas que não gostávamos de alguma coisa do Nightwish, e era como se aquilo não fosse feito para a gente e que Tuomas

**Claro que isso foi apenas um lapso momentâneo. Tuomas Holopainen é tão genial que a culpa é minha por não entender sua genialidade. *Imaginaerum* provavelmente será assistido por hipsters adoradores de filmes franceses no futuro.**

Holopainen havia nos traído. O que eu sentia pelo Deva e a primeira xamã era parecido com aquilo, mas multiplicado por um bilhão e com intenções assassinas no meio. Eu já estava me acostumando com a ideia de que precisaria morrer com Aiba, mas descobrir que Tama e Wenona sabiam disso há mais tempo e que me consideravam apenas uma ferramenta para o *bem maior* era a pior parte.

Foi com tudo isso em mente que me reuni com o pessoal no outro pátio da escola. Bastava que seguíssemos o corredor da sala dos professores e um espaço de céu aberto com bancos de concreto se revelaria no coração da Escola Estadual de Graúna. Nessa parte ficavam os bebedouros e o laboratório de Biologia e Química, onde havia um vidro com um feto humano e vários animais empalhados.

– Ei, menina do cemitério! – ouvi Pietro gritar de um banco no fundo.

Pietro, Marina e Jefferson me esperavam sentados. Ninguém da minha sala passava ali porque as turmas B e C ficavam na região e nenhum vértice daquele triângulo gostava de se misturar, transformando o pátio no lugar ideal para que Jefferson se escondesse do séquito de admiradoras que o seguiam de um lado para o outro. Eu olhei para o garoto vampiro e engoli em seco. Eu não estava preparada para lidar com meus sentimentos no meio do caos em minha vida.

– Você está atrasada – disse o mago cortando minha atenção. – Até a gentia chegou antes de você.

– Dá para deixar a palavra com G de lado, por favor? – respondeu Marina. – Eu estou do seu lado e uso um coturno de couro.

O mago cruzou as pernas e passou a mão pelos cabelos. Ele não parecia ligar a mínima para o que ninguém dizia, mas, ainda assim, Pietro usou da oportunidade para acrescentar:

– Todo mundo já sabe que você é um babaca, não precisa frisar de hora em hora.

– Não seja infantil, Pi. Todos nós sabemos que você frisa sua burrice mais vezes em um segundo do que eu na minha vida inteira. Agora que sua namorada chegou nós podemos falar sobre o assunto.

– NÃO SOMOS NAMORADOS! – eu e Pietro falamos no mesmo instante.

Jefferson fez um aceno com a mão indicando que se importava muito pouco com qualquer coisa que saísse de nossas bocas e pediu que eu ficasse bem perto do grupo. Ele colocou a mão no bolso e tirou um envelope de lá, entregando-me a seguir. O cheiro de seu creme hidratante invadiu minhas narinas e fui obrigada a admitir que o garoto tinha bom gosto para cosméticos, apesar de sua personalidade insuportável; de certa forma, ele e Valentina faziam mais sentido como casal que qualquer outro. Abri o envelope e peguei a folha amarelada que havia dentro, com as linhas datilografadas saltando na minha frente com borrões ocasionais.



*Aos Animais de Festa,*

*O governador, em seu poder de decreto, faz saber que a situação relacionada ao xamã de nome Aiba é insatisfatória e que de agora em diante estará sob os cuidados de Iago, Alto Cardeal da Guerra. Nossos últimos boletins informam que o inimigo se encontra na cidade em questão, mas que nenhuma atitude prática foi tomada. O servidor se deslocará para a cidade de Graúna na noite de hoje e deverá contar com o total apoio e obediência na execução de sua tarefa. A missiva também faz saber que uma comissão será instituída com o objetivo de determinar se a presente facção possui os requerimentos necessários para continuar suas atividades. Não sendo favorável o veredito, um juiz determinará a repartição de membros entre as duas facções restantes e o leilão de bens e recursos.*

*Sem mais para o momento,*

*Alonso*

Eu precisei reler aquela folha repetidamente antes de acreditar no que acontecia. Era verdade que precisávamos de toda a ajuda possível, mas fechar os Animais de Festa era uma medida extrema e descabida. Olhei para os outros e vi que eles partilhavam do mesmo sentimento que eu. Pietro fez uma careta e disse:

– É verdade que precisamos de ajuda, mas eles estão usando isso como desculpa para matar dois coelhos incômodos de uma vez, nós e Aiba. Aposto que isso é sua culpa, Jefferson, fofocando tudo o que acontece para o governador.

O mago balançou a cabeça negativamente.

– Eu apenas fiz meu trabalho. Acredite em mim, eu odiaria que os Animais de Festa deixassem de existir, isso significaria mais tempo juntos e eu não quero isso. Esse é um processo burocrático que pode levar meses, não foquem nisso agora, leiam a carta inteira, Iago está vindo. Ele vai encontrar Aiba e vai matá-lo, mesmo que isso envolva queimar Graúna inteira.

– Como assim? – perguntei. – O Sino da Divisão não existe, era a única saída que tínhamos nas mãos e não sou forte o bastante para enfrentá-lo de cara limpa.

Não comentei sobre o fato de que minha morte era uma forma de resolver aquilo e que havia uma bancada espiritual contando com isso. Pietro se levantou e ficou escorado na parede; seus olhos brilharam em vermelho por um segundo e eu tive a impressão de que seu lado vampiro não lidava bem com a pressão do que aquilo significava. Ele me olhou diretamente e respondeu:

– Quem você acha que manipulou as coisas para que Hiroshima e Nagasaki fossem bombardeadas com bombas atômicas? Dresden? Ataques terroristas? Isso é apenas a maneira dele de lidar com algum incômodo. Ele sempre consegue eliminar seus alvos, entretanto, milhares de pessoas perdem a vida toda vez que ele começa seu processo de limpeza. O pragmatismo mais absoluto que já existiu. Perto dele, sou o coelho da Páscoa.

– Aiba é um xamã – respondeu Marina confusa. – Ele apenas iria reencarnar se o corpo fosse destruído. Isso é completamente idiota.

– Iago explodiria uma cidade quantas vezes ele voltasse – respondeu Jefferson com simplicidade.

Ficamos em silêncio por um momento; eu podia sentir a presença de Aiba, embora fosse impossível apontar um local exato. Embora meu maior desejo fosse sair daquela cidade desde que eu me entendia por gente, a possibilidade de vê-la queimando porque eu tinha medo demais de morrer era difícil de carregar. Cada uma das pessoas que eu conhecia, amigos e até os conhecidos aleatórios que apenas me cumprimentavam com um aceno, eu tinha a chance de acabar com aquilo de uma vez por todas, bastava caminhar ao encontro do outro, tomar seu coração ou morrer, as duas coisas salvariam as pessoas que eu amava, salvaria Pietro. Reuni um pouco de coragem e respondi:

– A única coisa que podemos fazer é encontrar uma forma de eliminar o inimigo antes que o governo encontre a sua. Também é a nossa forma de impedir que acabem com os Animais de Festa, não podemos permitir que todo mundo pague por isso.

– O único problema é... como iremos encontrá-lo? – indagou Marina.

– Fred e Tales estão trabalhando em uma máquina que será capaz de encontrá-lo em menos de duas horas quando estiver pronta. Acho que eles chamam de *Lontra Número 1* – falou Pietro com um pinga de seu entusiasmo normal.

Dei uma risada.

– Lontra?

– Localizador Ontológico de Nenhuma Transitoriedade Realista Armazenada. É um nome chique para um localizador de magia. Se Aiba começar um ritual por aqui, nós ficaremos sabendo.

Eu já abria a boca para comentar da peculiaridade do equipamento quando o sinal tocou anunciando que estava na hora de voltarmos para as masmorras da matemática. Pietro sorriu para mim e eu devolvi enquanto nos levantávamos do banco. Prometi a mim mesma que, se eu chegasse viva ao fim da história, falaria a verdade para ele. Talvez não falasse logo, mas estaria no caminho certo enquanto ele sorrisse daquele jeito idiota.

## CAPÍTULO 58

# A Cidade Conversa

*Eu não soffro mais com isso  
Eu vou colocar um fim nisso, juro  
Isso eu prometo, o sol irá brilhar.  
Metallica, "The Day That Never Comes"*

Graúna era uma cidade zumbi em noventa e nove por cento do tempo, uma versão real e arrastada de um filme do George Romero. As ruas tomavam calmantes e as pessoas viviam muito bem com isso, obrigada. Era comum que uma semana desembocasse na outra sem que um único evento digno de nota acontecesse, exceto um acidente na rodovia ou o mais novo escândalo da Prefeitura.

O nome da cidade na língua indígena é Ave Negra. Ela foi nomeada assim por causa da enorme quantidade de pássaros do tipo existentes na época dos primeiros colonos. É bom registrar que todos já morreram.

Mas as coisas começaram a mudar, principalmente quando dois eventos entraram para o calendário da Ave Negra. O primeiro deles foi o Encontro de Motos, que sempre acontecia em agosto e transformava a cidade em uma terra de Hell's Angels genéricos. Pessoas vinham de todos os cantos do país e a cidade virava uma grande exposição de Harley Davidsons e Kawasakis, mas a melhor parte era o show de rockabilly com um cover de Elvis.

E então havia o outro evento...

A Cidade Conversa era uma das minhas coisas favoritas em Graúna, acontecendo uma vez por mês. O velho coreto, que o prefeito tentou derrubar para construir um banheiro químico, servia de palco, e todos os bancos e o gramado se transformavam em arquibancada. Havia um painel em que vários artistas pintavam juntos, um varal de poesias, uma biblioteca itinerante e *slackline*, aquela corda amarrada de uma árvore a outra onde pessoas se equilibram.

Aquela manhã de domingo começou com a garota xamã em questão chegando à Praça Doutor Augusto Gonçalves sob um sol atômico. O espaço já estava apinhado de gente e a primeira banda do dia já havia começado a tocar. Era uma garota com uma guitarra, uma baixista e um baterista que tocavam um power pop agradável e se intitulavam Biquíni Canibal. Fui atravessando por entre as pessoas em busca de Marina e dos Animais de Festa. Algumas pessoas conhecidas me cumprimentavam, exceto Paranoid, que correu à primeira vista. Dei um olá para os caras que trabalhavam na locadora, para as freiras da Estadual, que decidiram fazer assombração outdoor, e para o pessoal das bandas que tocavam na Pantheon.

Fui me sentar nos degraus da igreja esperando avistar alguém. Era incrível a capacidade daquele bando de se atrasar em todo e qualquer compromisso, mesmo que envolvesse vigiar um conglomerado de pessoas na esperança de que Aiba não surgisse. A presença espiritual dele era instável e chegava a desaparecer por longas horas, apenas para surgir mais forte. Esperar pelo ataque era tão ruim quanto o confronto em si, sempre com a impressão de que ele surgiria de trás de uma árvore. O que mais me irritava em toda aquela história era a impossibilidade de contar com Wenona, a pior mentora que alguém poderia desejar.

Meu turno de vigia começou e permaneci ali em busca de qualquer atividade suspeita. Meus pensamentos estavam lá detidos nos xamãs problemáticos da minha vida quando vi uma pessoa que chamou minha atenção. Um pouco mais magra do que eu me lembrava, alta e de cabelos pintados de loiro, mas nunca me esqueceria daquele rosto, de cada ruga de expressão de Camila, em todo resplendor de alguém muito idiota em um vestido amarelo, meu tormento no *outro* colégio. Lá estava a menina que me rendeu um braço quebrado e o pavor de voltar para a escola.

– Olá, lixo – murmurei.

Meus dedos formigaram e eu podia sentir a magia tentando escapar. Olhei para ela com todo o ódio que já senti em minha vida; poderia incendiá-la ali, não seria difícil. Seria fácil até demais e eu teria a certeza de que ela nunca mais incomodaria outra pessoa, que nenhuma garota sofreria nas mãos dela como eu sofri. Talvez Aiba estivesse parcialmente correto em sua loucura. Quem poderia afirmar que uma pessoa assim não era desperdício de oxigênio no mundo? Comecei a erguer minha mão direita e mantive os olhos fixos naquela pessoa. Eu não erraria daquela distância e ela experimentaria o que era ser alvo de olhares. Tudo isso estava separado de mim por uma palavra muito simples, mas perigosa nas mãos certas.

*As mãos certas...*

Foi exatamente isso o que me fez baixar a mão e dissipar a magia. Eu nunca poderia me considerar a pessoa certa se tomasse aquele tipo de atitude; o mesmo se

aplicava ao que fiz com Paranoid, e ainda que nenhum daqueles dois fosse de muita valia, meu papel era ser melhor. Não era essa minha missão como uma xamã. *Respeitar cada ser vivo, nunca ser cruel e nunca matar sem um motivo*, isso era parte do caminho xamânico. Olhei outra vez para a garota e decidi que estava na hora de deixar o passado de lado; afinal, foi justamente a inabilidade em deixar a mágoa para trás que levou Tirkre a se dividir. Eu e Aiba éramos apenas o resultado de uma pessoa que não soube quando deixar o resto da vida fluir.

– Senhoras e senhores, temos o prazer de apresentar a próxima atração do A Cidade Conversa! – gritou o mestre de cerimônias do dia. – Diretamente do sul do país... Ruca!

Houve uma comoção de palmas e assovios para a nova cantora no palco. Levantei-me dali e fui andar no meio da multidão, já que ficar encarando Camila apenas serviria para fazer com que ideias erradas surgissem na minha cabeça. Cumprimentei os garotos da banda CRUSH pelo caminho e dei a volta no coreto, e foi lá atrás, debaixo da maior árvore, que vi a aproximação dos meus amigos. Vinham em um bando disforme de pijamas, tênis coloridos, boinas e sorvetes nas mãos. Pietro sacudiu o braço ao me ver; ele tinha os cabelos espetados com gel e uma camiseta da Fresno.

– Vocês estão atrasados! – falei.

Jefferson deu de ombros e apontou para Tales antes de fazer um comentário agradável.

– Um idiota resolveu nos atrasar.

– No meio do caminho tinha uma sorveteria – disse o vampiro. – Tinha uma sorveteria no meio do caminho.

Eram as palavras dele, mas havia uma fagulha de timidez que não era sua característica de maneira alguma. A verdade é que havia uma muralha de gelo invisível entre nós. Era como um seriado que eu assistia alguns anos antes, *Pushing Daisies*, em que um cara não podia tocar a garota de quem gostava porque senão ela morreria. Isso leva a um monte de soluções engraçadas, como luvas e filmes plásticos para evitar que a outra batesse as botas. As coisas estavam mais ou menos assim entre mim e o garoto fluorescente, nossa muralha de plástico e gelo nos impedia de abandonar a zona do constrangimento.

– Ouvi dizer que teremos um duelo de rap aqui no fim do dia – comentou Marina me puxando pelo braço.

– Algum de nós deveria participar – sugeriu Valentina.

– Eu voto por Tales, o pai dele inventou o hip-hop – disse Pietro.

– Isso não seria legal, absolutamente não; na última vez em que tentei criar um rap, Tupac ficou com os créditos.

Marina consolou o meio-demônio com um abraço e saímos daquele lugar. Todos os espaços estavam ocupados e fomos nos sentar perto do varal de poesias. A dois passos de distância alguém brincava com bandeiras amarelas e um velho falava com o círculo de hipsters sobre bandas de rock do passado, aquela mesma lista batida de Led Zeppelin, Deep Purple e Beatles. Esse tipo de pessoa não escutava nada que houvesse sido criado depois de 1980 e criticavam toda a produção atual como *lixo cultural*. Sorri daquilo e tomei meu assento no gramado, Fred sentou-se à minha esquerda e perguntou:

– O que você estava fazendo antes de chegarmos?

– Nada de mais, só pensando se deveria ou não incendiar uma pessoa.

Ele balançou a cabeça.

– Sei qual é o sentimento. Sempre me sinto tentado a usar certas pessoas de cobaia, políticos e apresentadores de TV seriam ótimos para vivissecção.

– Vocês não trouxeram um sorvete para mim.

– Eu nem gosto de você – respondeu Jefferson. – E, além disso, a coisa derreteria em nossas mãos, sua cabeça oca.

Marina respondeu dizendo que foi porque ninguém tinha dinheiro e que foi preciso uma combinação de esforços para comprar os sorvetes.

(Ficaram devendo 20 centavos para a dona do

lugar.) Aquela edição do evento passou sem nenhum incidente. Não houve movimentação suspeita e até mesmo as freiras da Estadual se comportaram, exceto pela Madre Superiora e seu amante barbônio. Eles eram um caso sem solução, e o amor proibido deles já tinha sido exposto ao mundo sobrenatural. Foi um dia divertido que terminou com Tales participando de um duelo de rap no palco, mas nada me deu mais prazer do que ver no fim da tarde que Camila continuava sozinha desde a hora em que chegou. Eu não precisaria fazer nada para punir pessoas assim, o Monstro do Espaguete Voador e o Grande Espírito cuidariam disso por mim.

**P.S.: Pelo menos era o mínimo que poderiam fazer para ajudar uma amiga fiel.**

## CAPÍTULO 59

# Gertrudes contra-ataca

*Nós somos os jovens gritando  
Cheios de raiva e dúvida  
E estamos quebrando todas as regras.  
Ratos de Porão, “Breaking All The Rules”*

A casa estava de mau humor. Paredes pintadas de preto e teias de aranha cobriam os cantos. Fred tentou conversar com ela, mas as luzes continuaram baixas e amareladas, piscando ocasionalmente. A do banheiro chegou a explodir. O encanamento fazia um barulho colossal e era impossível abrir uma torneira sem que água suja fosse vomitada. Foi com essa decoração caindo aos pedaços que começou a reunião na sala dos Animais de Festa.

– Os seres mágicos do município já receberam uma circular sobre os acontecimentos? – questionou o visitante indesejado.

– Estamos cuidando disso – respondeu Valentina. – Faremos uma reunião nas associações de moradores e uma panfletagem amanhã. A evacuação será indicada.

– A evacuação não seria necessária se os Animais de Festa pudessem cuidar de sua própria cidade.

Eu olhava para Iago pelo canto dos olhos e o resto do pessoal se entreolhava ao redor da mesa improvisada. O Cardeal da Guerra lia vários papéis sem dizer coisa alguma e assinava outros sem nos dar atenção. Pietro, Valentina, Fred, Jefferson, Tales, Marina e eu estávamos inquietos, principalmente nossa amiga humana, que enfrentava a política das facções pela primeira vez. Unhas foram roídas e eu me sentia como se minhas roupas fossem quatro números menores do que na verdade eram. A criatura do outro lado emitia a energia espiritual mais suja que eu já havia sentido até então, um lembrete de que não hesitaria em destruir Graúna se isso lhe fornecesse resultados.

– Os relatórios são válidos, apesar da desorganização – disse o homem ao terminar sua revista. – Dois fatos me intrigam nisso tudo: a presença de uma gentia em nosso meio e a incompetência de vocês com o caso atual.

Marina se mexeu desconfortavelmente na cadeira, mas não disse nada; parecia tão assustada quanto um coelho perseguido. Aquilo me deixou com ainda mais raiva do visitante e minha boca agiu antes de o cérebro interceptar as palavras. Não havia a menor chance de eu permitir que ele ofendesse qualquer um dos meus amigos.

– Mari é nossa amiga e fez mais do que você para nos ajudar. Não vi o nome Iago na lista de chamadas quando lutamos contra espíritos, taniwhas e devoradores.

Ele suspirou cheio de raiva e eu imaginei que saltaria sobre a mesa para quebrar meu pescoço com as próprias mãos. Pietro me deu um sorriso ao mesmo tempo que Iago colocava seus papéis de lado e voltava sua atenção diretamente para mim.

– A xamã ainda não aprendeu a se comportar, o que é uma pena. Ela é jovem demais para entender que o nosso mundo é regido por regras, um mundo onde gentios não costumam ser aceitos.

Fingi um bocejo antes de responder:

– *Nunca respeite uma regra idiota*, acho que essa eu aprendi melhor do que esperava. Em vez de reclamar das pessoas, você deveria dizer alguma coisa que realmente nos ajudasse a solucionar o problema.

Iago se levantou para caminhar até mim, e sua boca estava contorcida de raiva; veias saltavam em sua testa. Minha mão já se preparava para incendiá-lo enquanto meus amigos entravam em estado de alerta. Eu estava ciente de que não era uma boa ideia brigar com uma pessoa que ganhava a vida na guerra, mas ficar calada diante dele não era uma opção. O homem já havia coberto metade da distância entre nós quando um imprevisto o fez recuar imediatamente. Uso a palavra *imprevisto* na forma de um lustre caindo em alta velocidade, cacos de vidro explodindo e um cabo elétrico pendurado. Iago saltou para trás um segundo antes de ter sua cabeça esmagada e soltou um palavrão. Naquele momento, o desenho de um rosto sorridente surgiu na parede.

– Um ponto para a casa e zero para o burocrata – disse Pietro. – Você não deveria irritar Gertrudes, ela fica muito ciumenta quando alguém mexe com um de nós.

O Cardeal da Guerra ajeitou seu terno e deu um sorriso forçado. Fiz um agradecimento mental a Gertrudes por sua intervenção. Todos nós o encaramos de volta enquanto ele retomava seus papéis sobre a mesa e colocava em pé a cadeira que havia caído.

– Acho que anarquia e desrespeito é uma norma neste circo – respondeu Iago. – O governador ficará sabendo da minha opinião. Acho que poderia contar com seu



apoio também, Jefferson. Temos sido amigos durante muitos anos.

O mago balançou a cabeça de um lado para o outro e disse:

– Não dessa vez. Em nome dos Invisíveis, declaro que não vi nada de errado nos Animais de Festa; assim sendo, não tenho nada a reportar aos superiores.

Nunca havia gostado de Jefferson e de sua presença; na melhor das hipóteses, era *tolerada* por mim, mas fui obrigada a simpatizar com ele naquele instante. O garoto nunca fez a menor questão de ser simpático com qualquer outra pessoa que não fosse ele mesmo, mas levantar-se contra Iago gerava créditos no meu círculo social. Eu podia jurar que até Valentina havia sorrido com aquilo, uma mudança drástica, levando em conta o desprezo que sentia pelo ex-namorado. Entretanto, a melhor reação não veio de mim ou dos Animais de Festa, mas do próprio Iago, que pegou todos os seus papéis sobre a mesa e disse:

– Façam como quiserem, mas saibam que esta facção ganhou um inimigo muito pior que Aiba. A ajuda de vocês não é mais necessária. Eu derrotarei o inimigo em uma semana. Depois que fizer isso, usarei cada segundo do meu tempo para fechar esta... facção.

Iago começou a caminhar em direção à porta, mas ainda havia uma coisa que eu gostaria de perguntar. Adiantei-me até a saída e bloqueei o acesso.

– Tudo isso é porque você não pode aceitar uma humana na mesma sala que você? – o tom em minhas sílabas era decorado com petulância irrefreada. – Você realmente se acha tão melhor assim? O Freddie Mercury da magia?

– Não me acho melhor que os gentios, xamã. Tenho certeza absoluta de que sou maior que qualquer um. Meus antepassados fizeram o mundo girar, conquistaram tudo por mérito. Eu sou a continuação de um propósito glorioso.

Dei uma risada.

– Não, querido, você é uma bosta preconceituosa.

Foi logo depois daquela resposta que senti a energia espiritual de Iago uivar em agressividade, o que me fez sorrir feito uma hiena. O homem fez um gesto com os dedos e fui jogada do outro lado da sala. Minhas costas bateram com força no chão e meu cotovelo direito sofreu um corte, um preço bem pequeno por tirar um preconceituoso do sério. Pietro me ajudou a levantar ao mesmo tempo que nosso visitante batia a porta atrás dele com um estrondo. Lá se ia minha prova ambulante de que as pessoas podiam muito bem ter adubo na cabeça com ou sem magia no sangue. Lamentei um pouco por não ter incendiado as roupas dele, como fiz com o Paranoid; garanti a mim mesma que haveria outras oportunidades se sobrevivêssemos.

Tales cruzou os braços do meu lado e disse:

– É impressão minha ou acabamos de falhar na ordem do governador de prover “apoio e obediência” ao enviado dele?

Fred colocou a mão sobre o ombro do meio-demônio.

– Meu caro, tenho certeza absoluta de que falhamos miseravelmente. Não digo isso baseado apenas no fato de que adoro usar a palavra *miseravelmente*, mas na certeza de que eu não replicaria uma falha tão grande no meu laboratório nem mesmo se eu quisesse.

Todos nós rimos daquilo e nos jogamos nos sofás e tapetes da sala, exatamente como as coisas deveriam ser naquela casa; com o que Gertrudes concordava, já que suas cores começaram a voltar lentamente e a decoração ganhou aspectos mais coloridos. Valentina deitou-se perto de mim no tapete e falou:

– Tenho certeza de que isso vai estar na capa da próxima edição do *Sobrenatural em Dia*. Já até imagino a chamada em letras vermelhas: “Subversivos delirantes ameaçam a ordem pública e desacatam membro do governo”.

Olhei para Marina do outro lado. Ela ainda estava em silêncio, ainda que fosse parte central do assunto. Parecia abalada pelo rumo da discussão, mas havia algo em seus olhos que me indicavam um ponto de alegria, talvez por saber que seus amigos se levantariam para protegê-la mesmo quando alguém muito maior surgisse do nada. Eu também sabia disso, que aquele grupo de perdedores me ajudaria na batalha impossível. Foi só ali que entendi de verdade o que significava ser parte dos Animais de Festa: não deixar ninguém para trás.

# PIZZA GRÁTIS!

Olá, eu não sei como chegou este folheto ou quem o indicou aqui, mas leia até o fim o que temos para dizer. NÃO HÁ PIZZA GRÁTIS. Isso serviu apenas para chamar sua atenção para uma situação muito mais importante. Existe um xamã que planeja destruir o mundo e recomeçar tudo do zero. Ele não é uma pessoa legal e nem conta com nosso apoio. Sim, nós também achamos que Graúna é um péssimo lugar para se começar o fim do mundo, mas gosto é como testa e cada um tem um. O que podemos dizer é que sua administração atual – Animais de Festa – está trabalhando com um grupo de especialistas para evitar um suposto holocausto xamânico. A evacuação imediata é indicada até que o problema seja resolvido. Aproveite, visite seus parentes e amigos distantes, não é sempre que você pode usar a desculpa de um apocalipse para faltar no trabalho ou na escola. Caso opte por ficar aqui, observe nossas dicas em caso de um evento apocalíptico.

- 1 – Não entre em pânico.
- 2 – Siga as orientações do seu oficial designado.
- 3 – Ouça os programas de rádio, linhas de comunicação espiritual e correio mágico para notícias e instruções.
- 4 – Se o evento acontecer na sua região e você não morrer ou correr para longe, procure por ferimentos. Faça seus primeiros socorros e procure ajuda para os seriamente feridos. Aqueles com magia de cura podem ser requisitados na assistência aos feridos, visto que o SUSS (Sistema Único de Saúde Sobrenatural) é incapaz de atender a todos. Casualidades podem ser esperadas, mas mantenha uma atitude positiva.
- 5 – Se o evento acontecer perto de sua casa enquanto você estiver presente, procure por danos usando uma lanterna. Não acenda fósforos, não use apagadores elétricos e não invoque um dragão. Tente sentir cheiro de gás e, caso identifique o cheiro, feche a válvula, abra as janelas e coloque todos para fora.
- 6 – Desligue qualquer equipamento danificado e anule qualquer procedimento mágico que esteja em andamento. Rituais, poções e feitiços se tornam altamente instáveis em condições desfavoráveis.
- 7 – Coloque seus animais de estimação em segurança. Criaturas com tentáculos, galhadas e corpos vegetais devem ser confinados de forma apropriada. Lembre-se: pit bulls e orcs não se tornam violentos, a menos que você os treine para isso.
- 8 – Ligue para seus contatos familiares; não use o telefone novamente, a menos que seja uma emergência. As linhas não podem ficar congestionadas.
- 9 – Dê uma olhada nos seus vizinhos, especialmente naqueles idosos, deficientes e com mais de quatro pernas ou tentáculos na cabeça.

Obrigado e bom não fim do mundo para você.  
*Animais de Festa – Graúna*

## CAPÍTULO 60

# Panfletagem

*Esperando você, eu só quero lhe dizer  
Se você quer paz, prepare-se para a guerra.*  
Children of Bodom, “If You Want Peace... Prepare for War”

Aquela foi uma missão difícil, afinal, Graúna possuía 80 mil habitantes, 72 bairros, alguns condomínios e inúmeros povoados rurais. Nós organizamos um esquema que nos permitiria reunir os moradores não humanos em pontos de encontro e expor o que estava acontecendo, assim como distribuir panfletos sobre como agir no fim do mundo. A gente se dividiu para cuidar da demanda: Tales e Fred cuidariam da parte rural, já que o pai do garoto de pijamas tinha influência na região. Jefferson e Marina conversariam com a zona leste, e eu daria qualquer coisa para ver os dois trabalhando juntos. Valentina estava responsável pelo Norte enquanto Pietro e eu lidávamos com o Centro-sul. A missão mais difícil de todos os tempos.

Pietro já estava lá quando cheguei, olhei no meu relógio e ainda faltavam quinze minutos para as 9 da noite; foi a primeira vez em que ele esteve adiantado para um compromisso. Usava uma calça jeans, camisa roxa e o tênis com luzes vermelhas. Parecia entediado e segurava uma montanha de panfletos em seu braço. Meu estômago gelou um pouco, já que passar a noite sozinha com ele não seria uma experiência fácil para nenhum de nós. Aquele constrangimento pós-beijo ainda nadava insidioso entre a gente.

O Mercado Municipal era um prédio rosa caindo aos pedaços, que mais parecia um presídio abandonado que um lugar que vendia plantas e comida para animais. Havia uma pracinha logo na entrada, mas era tão descuidada que sua maior utilidade era servir de estacionamento. As paredes estavam descascadas e qualquer pessoa que não fosse um residente há mais de dez anos nem saberia a utilidade do espaço em

questão. O lugar estava completamente escuro, com a exceção de um poste fraco do outro lado da rua.

– Olá, menina do cemitério, você chegou bem na hora, nossos convidados já estão esperando.

Eu podia notar que havia algo de diferente em sua voz, como se aquele tom de animação e normalidade só viesse à tona depois de muito esforço. Pietro não me deu tempo para responder, apenas virou as costas e seguiu até o portão de entrada. Apressei meu passo e fui logo atrás dele, adentrando o enorme corredor com suas lojinhas fechadas. Eu só havia entrado naquele lugar uma vez, para comprar sementes de girassol para o hamster da minha infância, e o cheiro permanecia o mesmo. Galinhas, batatas apodrecidas e poeira. Todas as lojas se pareciam, pequenas e com portas de metal abaixadas.

– Onde estão as pessoas? – perguntei.

– Já estamos quase lá, confie em mim.

Pietro parou diante de uma porta que não pude identificar naquela penumbra, bateu duas vezes e aguardou alguns segundos até que a porta comercial fosse erguida com um barulho estrondoso. Imaginei que aquilo poderia ser ouvido por um surdo na Austrália. Uma lâmpada forte brilhou de dentro e um negro gordo e forte surgiu para nos receber. Eu conhecia aquela pessoa: era um dos vereadores locais e dono de um restaurante famoso pelo karaokê.

– Giovanni, esta é a xamã de quem falei, o nome dela é Rani.

O homem fez um sinal afirmativo com a cabeça e fez um gesto para que entrássemos; verificou se não havíamos sido seguidos e fechou a porta. Estávamos dentro de uma oficina de reparos de televisores e rádios; amontoavam-se modelos que seriam velhos até na infância do meu avô, cobertos de ferrugem e fios arrebitados. Pietro me deu uma olhada rápida e continuou seu caminho até uma porta nos fundos com uma escadinha em espiral.

– As pessoas estão um pouco ansiosas, Pietro – disse o homem. – Uma senhora afirma que foi atacada por um espírito negativo enquanto voltava do pilates. Ninguém merece ser atacado depois do pilates.

Aquela informação confirmava o que eu imaginava: o número de espíritos negativados cresceria exponencialmente com a presença de Aiba na cidade. Os moradores que possuíam algum tipo de magia seriam as primeiras vítimas, como faróis que atraíam aquele tipo de mariposa. Quando não restasse mais nenhuma criatura mágica na

**Ok, isso não é algo que uma xamã em início de carreira deveria dizer. Substitua por algum desejo de paz, amor e comunhão entre pessoas e animais. Ainda me pergunto o quanto de negatividade Wenona limpou de mim quando visitei o mundo**

redondeza, eles começariam o ataque a humanos. O que não seria agradável de ver, exceto por uma ou duas exceções.

**espiritual, sei lá, ainda sobrou um balde cheio no tanque de reserva.**

– Quantas pessoas estão aqui? – perguntei.

Giovanni parou por um segundo, contou nos dedos e respondeu:

– Setenta e nove é um número perto da realidade, quase dez por cento dos moradores do centro-sul. Existem 800 sobrenaturais em Graúna de acordo com o censo que Pietro organizou alguns anos atrás.

– Quando?

– 1972 – respondeu o vampiro antes de abrir a porta de metal no fim da escada.

– Cadastro superatualizado...

– Os Animais de Festa não acreditam em burocracia, menina do cemitério.

Entramos em um enorme salão com dezenas de cadeiras ocupadas pelos mais diversos tipos de pessoas e criaturas. Havia uma mulher-árvore com ninhos na cabeça, uma menina com cabeça de polvo, um garoto de duas cabeças, gêmeas de pele azul e até um homem que era uma lesma da cintura para baixo. Muitos outros de aparência mais humana também estavam por ali, e todos conversavam em voz alta; eu podia sentir o aglomerado de energias espirituais se misturando naquela panela de ânimos acirrados. Meus olhos não podiam acreditar que todas aquelas pessoas dividiam a mesma cidade que eu, estavam os padeiros e políticos, apresentadores do telejornal local e até a dona da banca de revistas. Também é importante notar que havia uma mesinha com garrafas de café, sucos e biscoitos.

Pietro e eu fomos até o palco improvisado enquanto Giovanni distribuía os panfletos que eram espalhados entre a multidão. Eu não conseguia deixar de encarar os presentes, um desfile de todas as espécies que eu ainda não havia conhecido e a prova de que o mundo era absurdamente desconhecido para mim, um parente estranho.

– Preciso da atenção de todos vocês! – gritou Pietro algumas vezes, sem sucesso.

As pessoas tentavam falar ao mesmo tempo e faziam perguntas incessantes. O vampiro tentou acalmá-los de todas as formas possíveis, mas isso não adiantou de nada e as vozes apenas se amontoavam umas sobre as outras. Estavam indignados e assustados por uma convocação de última hora e as fofocas haviam corrido de que algo catastrófico estava prestes a acontecer: o cancelamento de alguns benefícios governamentais, prioridade de

**O que se mostrou um erro fatal e custou sua derrota na Rússia. É de conhecimento público que zumbis não suportam temperaturas abaixo de dez graus e o inverno russo é muito pior do que isso. Resultado: Napoleão fugitivo e defuntos na neve.**

atendimento sobrenatural nos

bancos, ou algo muito pior, a proibição de chocolates da Atlântida na região. Ninguém ligava muito para ameaças de fim do mundo, estavam acostumados a esse tipo de coisa desde que a rainha Elizabete recrutou o mago John Dee para ajudá-la a dominar o mundo em 1500 e alguma coisa ou quando Napoleão se utilizou de zumbis para lutar suas guerras.

– Precisamos de silêncio, pessoal – pediu Giovanni, agitando os braços. – Cooperação, essa é a palavra, gente!

Aquilo não daria em nada, era como pedir às crianças do 9º ano que se comportassem durante uma palestra. Olhei para uma cadeira vazia perto de mim e murmurei *fogo*, e em um segundo as chamas começaram a crepitar e todos os olhares se voltaram para nós.

– Será que dá pra alguém prestar atenção agora ou vou precisar queimar todo o resto da mobília? – falei com um sorriso.

Houve silêncio imediato e apaguei o fogo da cadeira. Todos os olhares se fixaram em nós e Pietro me agradeceu com um tapinha no ombro, muito pessoal e maduro da parte dele. Houve uma comoção de cadeiras se arrastando e sendo ajeitadas enquanto o garoto tirava um papel com a pauta do bolso.

– Oi, meu nome é Pietro... Vocês já sabem disso. Sou o líder dos Animais de Festa e estou aqui para dar alguns avisos importantes...

– Vocês vão cortar nosso tíquete-estacionamento do supermercado? – perguntou um velho no meio do povo.

Um coro de pessoas indignadas com a possibilidade se uniu ao velho. “Ultraje!”, era o que diziam aos berros.

– Não – respondeu Pietro. – As coisas continuam exatamente como são, quero dizer... leiam o panfleto, certo? Eu preciso da cooperação de todos, há um xamã em nossa cidade e ele planeja matar todo mundo, por isso precisamos da ajuda de todo mundo. Se alguém vir alguma coisa estranha, ligue para a nossa central de atendimento.

– Ah, meu São Guinefort, é a Guerra Fria outra vez! Vocês se lembram de quando precisamos ficar uma semana com máscaras de gás na cara porque existia a ameaça de um dragão que cuspia gás mostarda na região?

Pietro tentou amenizar a situação.

– Os Animais de Festa pediram desculpa por isso trinta anos atrás, doutor Augusto. Todo cuidado era pouco naquela época.

Tomei dianteira e balançando os braços por atenção, gritei:

– O que meu amigo quer dizer é que estamos em um momento delicado e que se vocês quiserem continuar com o tíquete-estacionamento, é melhor ouvir o que temos

pra dizer, ou o supermercado deixará de existir e ninguém usará tíquete algum.

Foi como se uma mortalha de quietude houvesse despencado na cabeça deles, era incrível a habilidade que os graunenses possuíam de ser atenciosos quando podiam ganhar ou perder algo em determinada situação, fosse um tíquete de estacionamento ou bala de abacaxi. Fiz um sinal de positivo para Giovanni e Pietro enquanto tentava usar o pouco de presença de palco que havia em mim.

– Vou contar para vocês qual é a circunstância atual e...

Não foi possível terminar aquela frase, minhas palavras seguintes foram cortadas por uma voz muito mais poderosa e conhecida, que surgiu do nada e preencheu a sala com sua presença espiritual. Engoli em seco e apenas ouvi a pergunta que foi dirigida a mim com franqueza brutal.

– Por que você não diz a eles qual é a verdade, jovem xamã? A única coisa que realmente importa e faz diferença. Por que não dizer que metade de tudo isso é sua culpa?

Os presentes se entreolharam. Estavam assustados com quem havia acabado de chegar e ainda mais com o que ele havia proferido. Fechei os punhos e mordi o lábio inferior para não falar um palavrão em voz alta.

Tama parou no meio do corredor e olhou para mim com os olhos mais implacáveis que eu já tinha visto. Ele estava sorrindo.

Idiota.



## CAPÍTULO 61

# O egípcio enterrado na areia

*Um dia tão solitário*

*E ele é meu*

*O dia mais solitário em minha vida.*

*System of a Down, “Lonely Day”*

Existem coisas que não deveriam sair do fundo do mar, que nunca deveriam encontrar seu caminho até uma voz. Ainda assim, elas percorrem seu caminho, são sussurradas e distorcidas de uma maneira que nos machuca como uma faca gigante no fundo do estômago nauseado. Às vezes, essas verdades são contadas para pessoas distantes, são verdades que escondemos de quem supostamente amamos, mas que não hesitamos em dividir com quem nem convive conosco. E, de vez em quando, essa verdade sangra para um número maior de pessoas. Letras, sílabas e palavras ficam expostas para quem não deveria saber de nada.

– Acho que é chegada a hora de revelar um pequeno segredo – disse Tama na mira de olhares atentos e apavorados. – Conte a eles, Rani, ou serei obrigado a fazê-lo.

Desci do palco e fui até o gato. Suas caudas estavam erguidas e o pelo de suas costas, eriçado. A energia espiritual dele tentava me afastar, mas forcei uma resposta e permaneci onde queria.

– Eles não têm nada a ver com isso – falei. – Seu ponto de vista já ficou bem claro na minha casa.

– Aparentemente não. Uma reunião de moradores é inútil, eu e você sabemos disso. Xamã, existe apenas uma saída para manter o mundo espiritual em equilíbrio.

Pietro chegou naquela hora e empurrou o bolo de curiosos que se fechava em nosso entorno. O vampiro se colocou ao meu lado e deixou que suas presas surgissem, uma atitude que não seria de utilidade alguma contra o Devo, mas agradecei

mentalmente pelo suporte moral. Tama liberou um pouco mais de sua energia e minha cabeça começou a doer. Cambaleei um passo para trás.

– Do que ele está falando, Rani?

Eu era incapaz de contar a verdade para o garoto, mesmo sob a ameaça de uma criatura tão poderosa. Cada músculo do meu corpo estava paralisado e minha boca se movia em vão, uma tentativa de prece para que o gato me deixasse em paz. Meus amigos não deveriam saber daquilo, não agora, que eu tinha uma nova possibilidade de lidar com Aiba, quando morrer não era a única saída. Tentei abrir a boca para responder alguma coisa, mas fui lenta demais.

– Você não contou a ele que Aiba é sua alma gêmea? Um único espírito dividido em dois corpos, puro yin e yang. Esqueceu-se de mencionar que apenas a morte definitiva de um pode aliviar o mundo do outro?

Todos os graunenses sobrenaturais se mostraram chocados e usaram toda a expressão vocal que possuíam. Mas não Pietro, ele simplesmente permaneceu calado. Acho que coisa alguma jamais me feriu como os olhos dele naquele momento, pontos vermelhos destituídos de qualquer expressão. O poder de ler mentes não estava incluído no pacote xamânico, mas eu podia imaginar o que se passava na sua cabeça, como deveria sentir-se traído por alguém em que confiava. Por descobrir por meio de outras bocas e de outros olhos aquilo que se passava de verdade com quem estava ao seu lado. Talvez ele se perguntasse como poderia ter sido cego durante todo esse tempo, vivendo e convivendo com segredos que poderiam destruir uma vida inteira.

Não havia nada que eu pudesse fazer além de sair dali correndo. As pessoas abriram caminho assustadas e eu aproveitei a brecha formada. Corri pelas escadas, saltando degraus e com lágrimas embaçando meus olhos. Não ousei olhar para trás, apenas continuei aquela subida com o fôlego que me restava. Tropecei em alguns televisores quebrados e amaldiçoei cada uma daquelas porcarias que estavam no meu caminho. Eu podia ouvir as vozes vindas lá de baixo, e até mesmo meu nome era possível identificar.

Abri a porta da loja e saí pelos corredores como uma louca, chegando ao incômodo de me perder em um ou dois deles até encontrar a saída. Atravessei a praça abandonada e deixei que as lágrimas finalmente escorressem. Eu queria estar em casa, debaixo do cobertor e protegida de tudo aquilo, ao menos em minha cabeça. Corri aquela rua com o máximo de força, mas fui obrigada a parar. O trem cortava a próxima avenida, fazendo barulho, rangendo e arranhando. Odiei aquela máquina com todas as forças por me deixar parada ali e fui obrigada a concordar com as pessoas que desejavam a linha férrea fora do município.

– Ainda bem que encontrei você aqui.

A voz atrás de mim era rouca e parecia desconectada daquela que já tinha ouvido tantas vezes. Cruzei os braços e encarei Pietro. Seu rosto já havia voltado ao normal e ele me olhava com uma expressão confusa e sem graça; era como se ele houvesse acabado de presenciar um desastre automobilístico com pessoas conhecidas.

– Rani, eu...

– Não precisa dizer nada!

Ele tentou segurar meu braço, mas eu me desvencilhei com um safanão.

– Claro que preciso. Por que você não me disse nada? Qualquer um de nós teria feito qualquer coisa para te ajudar.

– O problema é que ninguém pode me ajudar. Meu destino estava decidido desde a hora em que eu nasci. Você ouviu o que Tama disse: eu sou a outra metade de Aiba. Se eu morrer definitivamente, ele também morre. Dois corpos e um só espírito.

Ele balançou a cabeça negativamente, e seu tom era dolorido e cheio de falhas.

– Deve existir outra maneira... Dom Pedro lhe contou sobre uma alternativa, não foi?

– Não tenho o poder necessário para anular Aiba, ele é mais poderoso que eu. A única coisa que me resta é lutar com ele até que um de nós morra pelas mãos do outro, sem distinção.

O rosto dele confirmava aquilo que corria nos meus pensamentos: era impossível explicar o que estava acontecendo para alguém que não estivesse na minha pele. Pietro e os Animais de Festa nunca compreenderiam. E, mais que tudo, eu não precisava daquele tipo de olhar sobre mim, aquela mistura repugnante de afeição e pena. Tama sabia exatamente como tocar as cordas certas ao me expor daquela forma, me obrigando a tomar parte em seus planos, fazendo com que toda a cidade soubesse de quem seria a culpa se algo acontecesse.

– Há quanto tempo você sabia disso?

O trem acabava de cruzar, e seu barulho se tornava menor, com a buzina quase inaudível. Tirei meus óculos e limpei na camiseta para ganhar um instante. Aquela conversa já estava mais longa do que eu gostaria e tudo o que eu desejava era ficar sozinha. Eu talvez amasse Pietro, mas definitivamente não queria ninguém por perto naquele momento.

– Não faz diferença – respondi já caminhando para o outro lado da rua. – As coisas já foram decididas, Aiba está aqui e eu preciso morrer. Não faz a mínima diferença o que eu disser agora, nada vai mudar isso.

– Você não precisa passar por isso sozinha. Eu posso te ajudar.

Aquilo me fez sorrir, mas não era o tipo de sorriso que ele gostaria de receber naquele momento. Coloquei a mão em seu rosto e falei:

– Não, você não pode.

Foi quando saí correndo rua acima e não me importei em olhar para trás. Pietro poderia me alcançar em um segundo, mas eu estava certa de que ele não faria isso. Talvez fosse alguma coisa em seu olhar, ou a forma como ele ficou de boca aberta quando encostei nele, mas eu estava sozinha. Subi a rua estreita e vazia, um pé depois do outro. Eu não iria parar de correr até estar em casa, a uns vinte minutos dali, mas mesmo lá, de certa forma, ainda estaria em disparada pelo asfalto.

## CAPÍTULO 62

# Este terá sido outro dia feliz

*Nesse mundo deserto  
É duro não perder o coração  
Você já acreditou em milagres  
Agora é um mundo distante.  
Primal Fear, "The Healer"*

A raiva move montanhas, assim como o mau humor. A combinação dessas duas coisas é uma receita para explosões históricas como, por exemplo, a guerra dos abacaxis. Foi uma das primeiras histórias que ouvi na minha infância, sobre um padre constantemente mal-humorado e uma pedra de raiva que o atingiu. Lá pelos idos de 1950, o único sacerdote da cidade tentava celebrar

uma missa com canto gregoriano durante uma festa de Ano Novo, e o único problema é que havia um salão de festas do outro lado e as pessoas não estavam muito interessadas em religiosidades. O padre atravessou a rua e foi até um caminhão de abacaxis que estava estacionado ali perto e atirou um para dentro da pista de dança. O que era para ser um mero aviso transformou-se em transtorno quando os fiéis imitaram seu líder e os festejadores devolviam o que lhes era atirado com igual violência. Aquilo se tornou o Afeganistão das bromeliáceas e não houve pessoa alguma sem um risco na cara.

Toda essa história serve para ilustrar que se um religioso estava disposto a entrar em guerra por causa de uma festa, uma garota xamã de 15 anos estava disposta a mais do que atirar abacaxis sobre quem viesse incomodá-la.

**É interessante afirmar que o vendedor de abacaxis jurou nunca mais voltar à cidade e que o coral não deixou de cantar nem mesmo quando o segundo membro caiu nocauteado por um abacaxi na testa.**

Foi com esses sentimentos de paz e amor ao contrário que me ajeitei debaixo do cobertor para reler *Among Others*, um dos meus livros favoritos. Minha outra opção era reler *O Nome do Vento*, mas isso não faria Patrick Rothfuss escrever o próximo livro da série mais depressa e eu entraria novamente em depressão pós-Kvothe. Logo, não foi difícil optar por *Among Others*, que falava de uma garota de 15 anos que era fã de ficção-científica e fantasia como eu, além de ter poderes mágicos e lutar contra uma mãe maluca do mal. Mori era o tipo de irmã perfeita, que a gente só encontra nos livros mesmo. O livro era meio devagar e melancólico, mas era exatamente o que eu precisava naquele momento, saber que pelo menos nas histórias alguém era tão errada quanto eu.

A pior coisa do mundo se chama "ressaca literária". É quando você lê um livro tão legal, que depois dele tudo se torna muito chato, e nenhuma leitura te prende. Maldito Pat Rothfuss.

Continuei a debulhar aquelas páginas sem ligar para o fato de que era a segunda ou a terceira vez que eu matava aula em um curto espaço de tempo; não que eu estivesse dando a mínima àquela altura. Tudo corria muito bem entre Mori e eu até que a campainha tocou, não uma vez, mas duas e três, o tipo de coisa que impacientes fazem sem a menor cerimônia. Ignorei. *Havia enxofre naquele cheiro, que era um elemento químico do inferno...* Minha leitura da frase foi interrompida por outra rodada de toques repetidos. Virei para o lado e continuei a exercitar a arte de ignorar sem dar a mínima.

Os toques de campainha cessaram e eu pensei que estaria em paz, mas isso foi um erro grotesco, porque dali a um minuto a porta do meu quarto se abriu com violência. Meu pai não era esperado até muito mais tarde e nem mesmo minha mãe possuía uma chave da casa, e meu primeiro pensamento foi que Aiba havia me encontrado e não havia nada melhor além de um xingamento para ser cogitado. Joguei o livro para um canto e saltei pronta para incinerar meu inimigo com o maior incêndio que a cidade poderia imaginar.

– Pare de saltar feito um canguru, bruxinha, isso me irrita.

Fiquei paralisada enquanto meus olhos reconheciam as formas de Valentina e Marina na minha porta e de braços cruzados. Era como se Wednesday Addams ganhasse uma irmã com

Embora a Wednesday Addams fosse minha personagem favorita da Família Addams.

camiseta de dinossauro e viesse atrás do meu espírito. Deixei-me sentar com o coração batendo forte e a única coisa que veio da minha boca foi uma pergunta sem fôlego.

– Como vocês entraram aqui?

– Sou uma vampira com mais de 100 anos de idade. Se não soubesse abrir uma porta poderia me considerar quase tão incompetente quanto você. Eu nem queria estar aqui se não fosse para beber seu sangue em um canudinho.

Marina sentou-se ao meu lado da cama e segurou minha mão. Eu me afastei do toque em um segundo. Havia algo em ambas que eu não sabia definir. Apesar do tom e das ameaças, era impossível afastar a impressão de que havia desapontamento na vampira. A conversa já deveria ter rodado pela cidade inteira e até as outras facções já deviam saber o que estava acontecendo, cada um com seu julgamento na ponta dos dedos. Um pingo de lágrima ameaçou sair, mas mantive a expressão firme e cheguei à conclusão de que não tinha tempo para lágrimas idiotas.

– Pietro nos contou o que aconteceu na reunião de vocês – disse Marina. – Por que você não contou o que estava acontecendo? Eu sou sua melhor amiga há anos, Rani, isso deveria contar para alguma coisa.

Fiquei olhando para elas sem responder nada. Um dos meus motivos para esconder minha ligação com Aiba era a possibilidade de uma discussão como aquela. Não havia nada que pudesse deixar de lado a vergonha que eu sentia por não ter confiado em meus amigos e por ser quem eu era. Marina me olhava como se eu houvesse acabado de quebrar um dos seus CDs e Valentina me encarava com a expressão mais sombria que eu já havia visto em seu rosto.

– Não falei nada porque não queria isto – respondi com raiva. – Esse tipo de olhar que estou recebendo. Vou morrer em alguns dias, independentemente do que acontecer. Daqui a pouco serei apenas um nome quase esquecido na cabeça de algumas poucas pessoas, como cada um no cemitério do outro lado da rua. Wenona sabia disso, Tama sabia e ninguém ajudou.

Um tapa com a força de um elefante atropelou meu rosto e eu me perguntei se atirar sua melhor amiga pela janela era falta de educação. Valentina riu daquilo e comentou:

– Acho que agora estamos começando a nos entender.

– Nós teríamos ficado do seu lado, sua imbecil! – respondeu Marina. – Será que você pode tirar a cabeça do próprio umbigo por um segundo e ver que estamos lutando ao seu lado contra Aiba?

Levei a mão para o lugar onde ela havia me batido, e era a primeira vez em que algo assim acontecia entre nós. Marina costumava ser a parte mais quieta e compreensiva da nossa parceria, mas ver um lado tão diferente de sua personalidade me chocava mais que a situação em si. Eu me levantei e fui até a janela do meu quarto, observando o cemitério aberto pouco adiante. Havia movimento ali, o que

indicava que um novo morador estava sendo alocado. Ela se levantou irritada e foi para o outro lado do quarto, onde estava a bateria.

– Desculpa, Rani, não queria te bater.

– Eu queria – disse Valentina. – Sua atitude não foi apenas egoísta, bruxinha, mas colocou todo mundo em risco. Se você tivesse nos contado antes, poderíamos ter buscado uma nova forma de lidar com o assunto.

– Claro, as outras facções levariam isso numa boa. Iago não tentaria me matar apenas por imaginar que isso resolveria o problema de uma vez.

– Você não pertence a outras facções, sua idiota. Você é um Animal de Festa e nós cuidamos uns dos outros... Marina, dá pra colocar um pouco de senso na cabeça dessa múmia?

– Tenho tentado há tanto tempo que nem acho possível. Queria que ela fosse uma bateria, assim eu poderia bater nela com baquetas até me cansar.

Era incrível como um alvo em comum podia unir pessoas; ninguém imaginaria que aquelas duas pudessem trabalhar juntas, mas lá estava o milagre. Olhei para elas com um bocado de raiva, não estava certa de que voltada para mim mesma ou para o fato de que estava sendo jogada contra a parede. Meu cérebro sabia que estavam certas em se magoarem por eu ter escondido um segredo, mas a distância entre *saber* de uma coisa e *aceitá-la* era grande. As duas me encaravam à espera de uma resposta, mas eu não sabia o que deveria falar.

– Me desculpem – foi o que consegui dizer. – Não queria mentir para ninguém, mas, se possível, eu preferia não contar.

Marina pareceu satisfeita com aquilo, mas Valentina apenas revirou os olhos e respondeu:

– Que seja. Não dou a mínima para seus dramas, quem faz isso é meu irmão.

A menção a Pietro fez meu foco sair daquela tragédia por um segundo e indagar em um tom mais alto que o planejado:

– Como ele está?

– Chorando pelos cantos de pijama, com um pote de sorvete e assistindo a todos os filmes do John Hughes com Tales. Meu irmão fica patético quando uma garota chuta a porta dos fundos dele.

Houve um momento de silêncio enquanto cada uma imaginava o horror da cena. Concluí que seria o tipo de coisa que Stephen King colocaria em um de seus livros.

– Pessoas coloridas são tão previsíveis – comentou Marina. – O que esperar de alguém que gosta de pop punk de forma não irônica?

Aquilo me fez rir e senti um pouco do peso evaporando; era um prazer do tamanho do mundo não montar um teatro perto de conhecidos.



- O que acontece agora? – perguntei.
- Acontece que a gente resolve isso, bruxinha. Existe mais alguma coisa que você esteja escondendo?
- Dizer que sou apaixonada por você desde o primeiro olhar conta?
- Não. Você é insuportável e não faz meu estilo. Será que poderíamos voltar a nos desprezar mutuamente e acabar com essa reunião idiota?

Marina tirou a capa da bateria e respondeu:

- Isso não me incomodaria, eu sou muito boa em desprezar vocês. Fui campeã por três anos consecutivos na arte do insulto.
- Não precisamos de muita coisa para insultar Valentina; basta lembrá-la quem era o namorado dela.

A vampira fez um gesto obsceno e mostrou suas presas, e tomei aquilo como um bom sinal. Ainda havia um pouco de hesitação entre nós, mas eu tinha o sentimento de que as coisas voltariam ao normal, com um pouco de tempo e paciência. Olhei para as duas garotas e me peguei pensando na minha sorte por ter conhecido todos eles e por ser parte dos Animais de Festa. Talvez eu fosse morrer, mas iria para o escuro sabendo que tinha os melhores e mais estranhos amigos de todos os universos. Marina começou a tocar a bateria e, para desgosto de Valentina, achei que seria uma boa hora para pegar minha guitarra e me juntar ao barulho.

## CAPÍTULO 63

# As vinhas do heavy metal

*As paredes caem com trovão  
As pedras estão pra rolar  
É o arockalypse.  
Lordi, “Hard Rock Hallelujah”*

O desespero é um sentimento que pode bater a qualquer momento da vida, mas às vezes ele tem o som de um telefone às 5h30 da manhã. Foi mais ou menos assim que começou aquele dia: Marina me telefonou muito mais cedo do que deveria e sua primeira frase foi: “A gente se esqueceu da feira de ciências”. Aquela frase foi melhor que um banho frio para me tirar da cama; aquela feira idiota valia cinco pontos nas matérias de Química, Física e Biologia, pontos mais que valiosos para uma aluna que sempre passava na média. Ela me informou que Pietro também não havia feito e Jefferson se recusava a nos incluir em seu grupo, aquele egoísta. Pensamos em construir uma maquete de vulcão usando bicarbonato de sódio e vinagre, mas lembrei que aquilo, assim como representações do sistema solar com bolinhas de isopor, foi banido pela diretora. No ano anterior houve quinze vulcões e dezoito sistemas solares.

Foi quando tive uma ideia e pedi que Marina levasse seu rádio portátil para a escola, assim como um disco do Arch Enemy, o mais barulhento. Eu havia me lembrado de certo episódio dos Caçadores de Mitos e agradeci aos céus por nossa assinatura do Discovery Channel. Me questionei quantos alunos do Ensino Médio já teriam usado da mesma tática, e considerei todos como irmãos de armas na luta contra as instituições escolares. Trapacear não era meu passatempo favorito, mas ficar de castigo era um incentivo maior que honra. Corri para a cozinha, onde meu pai já preparava o café da manhã, e falei:

– Você precisa me levar na escola hoje, é a feira de ciências. Ah, também vou precisar de algumas plantas e um vaso.

– Bom dia para você também, Rani.

– Sem tempo para bom dia, soldado. Carro. Escola. Quinze minutos.

Fui até o quintal e peguei três mudas de plantas dos mais diversos tamanhos. Não seria o melhor projeto da escola, mas eu não tinha a menor intenção de ganhar um prêmio Nobel ou descobrir a cura do câncer; cinco pontos com ou sem louvor não faziam muita diferença para mim. Ao contrário de ser reprovada, isso faria com que minha mãe tentasse me matar antes que Aiba tivesse uma chance.

– Você deveria ter se preparado com antecedência. O que você estava fazendo para não ter cumprido suas obrigações?

– Nada de mais. Tentando salvar a humanidade, andando com vampiros e discutindo cinema com o filho de Satã.

Ele suspirou, mas não me importei com aquilo e engoli alguns biscoitos sem mastigar direito, além de um pote de iogurte de morango.

– Sua mãe está certa, você está virando uma rebelde sem causa. Deveríamos ter sido mais rigorosos na sua infância. Isso deve ser culpa daquele seu namorado colorido, apenas uma pessoa com más intenções se vestiria daquele jeito.

– *Yo soy rebelde*, pai. E a propósito... Ele não é meu namorado.

Ainda ouvi lamúrias do homem, mas, depois de abandonar tudo na mesa da cozinha, tomei um banho, me vesti em tempo recorde e Usain Bolt se contorceu de inveja em algum lugar do mundo. Joguei a camiseta de uniforme sobre o corpo, jeans e os tênis vermelhos. Marina já havia mandado umas cinco mensagens. Aqueles minutos foram extremamente corridos e o humor do meu pai não

era dos melhores, já que ele odiava mudar seus planos de última hora. Eu precisava concordar com minha avó: seu filho era muito careta. Apesar de tudo, senti-me ligeiramente feliz por lidar com algo normal e não liguei para a carranca do motorista.

O senhor Marcel Paleto me ajudou a levar os materiais para o carro, e seu aviso era de que eu estaria de castigo pelo resto da vida se estragasse alguma planta. Nós saímos de casa faltando quinze minutos para o início da feira, mas por sorte o trânsito cooperou e aquilo foi mais que suficiente para chegarmos até a Escola Estadual de Graúna. A cidade inteira ainda dormia e os únicos zumbis que marchavam eram alunos em direção às suas respectivas escolas.

A) O que você está planejando? B) Cadê você? C) Pietro também não faz ideia do que você planeja. D) Já estou saindo de casa. E) Entendi errado ou você realmente me pediu pra levar o CD do Arch Enemy pra Estadual?

– Eu vou ter uma conversa muito séria com sua mãe sobre isso, Rani. Só faltam dois anos para a faculdade e você ainda nem começou a se preparar.

Era surpreendente como o tempo realmente é relativo. Ele usava a palavra só ao se referir a dois anos no futuro. Dois anos ainda pareciam uma eternidade até que eu começasse a pensar em alguma coisa do tipo.

– Pai, não se preocupe comigo. Se tudo der errado eu viro hippie ou faço um curso de filosofia. Já sou vegetariana e straight edge, metade do caminho está pavimentado.

– Você deve se achar muito engraçada.

– Todos os dias e duas vezes aos domingos.

Ele estacionou na frente da escola e Marina surgiu logo em seguida com o vampiro em sua cola, carregando o aparelho que eu havia pedido. Pietro me cumprimentou com um movimento de cabeça e pude jurar que vi meu pai fazendo um gesto ameaçador para o garoto. Não me dignei a confirmar, meu progenitor era invencível no jogo da vergonha alheia. Eu e Pietro pegamos as plantas no portamalas, mas ninguém disse nada para o outro; apenas fizemos o serviço e fomos para dentro da escola. Meu pai buzinou e foi embora sem dizer nada.

– Acho que seu pai não gosta de mim.

– Você é um garoto, é óbvio que ele não gosta de você.

Naquele dia, os alunos entravam pela entrada de professores e nós subimos as escadas em silêncio. As freiras fantasmas observavam a todos com atenção e pareciam mais animadas que qualquer aluno, com a possibilidade de haver um pouco de vida no lugar. Minha atenção, ao contrário da delas, não estava muito focada nisso. Eu espiava Pietro pelo canto dos olhos e sabia que ele fazia o mesmo comigo; era uma porcaria sem fim aquele jogo, guardando palavras e tentando fingir que não havia nada de incomum entre a gente. Era impossível esquecer o fato de que havíamos nos beijado e ele sabia quem eu realmente era.

– O que você está pensando em fazer com essas plantas? Tinha pensado em roubar alguma coisa do Fred, mas a Marina disse que você tinha encontrado uma saída.

Procurei uma explicação que não me fizesse parecer louca e deixei que minha voz saísse o mais natural possível.

– Os Caçadores de Mitos fizeram uma matéria sobre uma mulher que usou música para fazer com que plantas crescessem. Nós vamos dizer que a planta menor é a nossa de controle, que não ouviu nada. A maior escutou Arch Enemy e a que está quase morrendo foi submetida à Britney Spears por três horas ao dia. É só isso que precisamos dizer: que pesquisadores ingleses fizeram o experimento.

Estávamos chegando à sala que havia sido designada para o nosso grupo, que ficava no segundo andar e estava repleta de outros alunos que montavam seus projetos. Jefferson nos viu entrar e soltou um risinho antes de voltar para seu grupo idiota; o grupo dele havia criado baterias com limões que faziam coisas se mexerem e luzes piscarem.

– Quer dizer que estamos dependendo disso para passar de ano? – perguntou Marina, incrédula. – Isso nunca vai dar certo, nós vamos ser pegas.

Uma previsão de futuro com alta porcentagem de acerto, mas que não me assustou muito.

– Pense pelo lado positivo – falei. – O mundo pode acabar e a nota de uma feira de ciências não vai fazer muita diferença. A menos que façam análise de currículo para subir ao segundo andar do mundo espiritual.

Montamos nossa apresentação sobre uma mesa perto da janela e tentamos fazer com que não parecesse tão amadora quanto realmente era. Marina dispôs os vasos de forma organizada e improvisou um letreiro para cada uma das plantas e a dieta musical à qual foram submetidas. Eu e Pietro nos sentamos atrás da mesa e deixamos o aparelho de rádio pronto para quando os visitantes comesçassem a invadir o lugar.

– Se o mundo não acabar e eu perder média, é melhor fugir para bem longe, senhorita Paleta. Minha mãe disse que menos de oitenta em qualquer matéria no fim do semestre e minha matrícula *naquele* colégio já está reservada.

Pietro colocou os pés sobre a mesa.

– Não faz muita diferença pra mim, já devo ter feito o Ensino Médio umas quinze vezes mesmo. Os anos 1940 foram os piores, fui reprovado duas vezes em latim. Malditas declinações, nunca fizeram muito sentido pra mim.

As primeiras pessoas começaram a entrar e dali a pouco até mesmo o prefeito surgiu com a cauda de câmeras e microfones atrás de si; a diretora ia ao seu lado e eles sorriam mais do que deveriam. O prefeito era um homem alto, magro, de cabelos pretos e o rosto mais feio que alguém poderia imaginar. Eu e minhas companhias torcemos para que aquele grupo se mantivesse bem longe da gente, o que seria bem possível, já que o grupo de Jefferson roubava todas as atenções com o limão que recarregava celular. Foi difícil imaginar que alguém não estivesse usando magia para impressionar as garotas populares.

– Jefferson fica tão idiota quando anda com elas – comentou Marina. – Quando panfletamos juntos, ele se comportou direitinho.

– Ele é um idiota traidor de qualquer jeito, sei disso há mais de um século. Eu tinha um hamster e ele transformou em uma caneca porque nenhum copo era bom o suficiente para ele. Que tipo de pessoa faz isso com um hamster?

Eu iria fazer algum comentário sobre aquilo, mas algo chamou minha atenção. Um garoto com um cinto de ferramentas entrou correndo no salão. Ele vinha com um jaleco branco completamente sujo de fuligem, e ao seu lado um garoto descalço e de pijamas olhava tudo com uma expressão de sono no rosto.

– Pessoas e seres humanos, consegui! – disse Fred sem segurar seu entusiasmo. – Cara, definitivamente sou a pessoa mais genial que conheço.

Segurei com força no braço dele.

– O que você conseguiu?

Fred ria sem parar e era como se ele houvesse acabado de ganhar um selinho de Stephen Hawking e outro de Marie Curie. Jefferson largou seu grupo ao ver aquela movimentação e empurrou a todos que estavam no caminho, chegando a tempo de ouvir o que o cientista dos Animais de Festa disse:

– Fazer a L.O.N.T.R.A funcionar. Eu estava fazendo os cálculos da forma errada, procurando por um ponto de impacto, mas a verdade é o oposto disso. Aiba está dentro de um horizonte de eventos mágicos, é por isso que Rani não consegue senti-lo e Iago não pode encontrá-lo. Ele está trabalhando dentro de um buraco negro feito de magia e matéria escura condensada.

Pietro colocou a mão no ombro de Fred.

– Isso quer dizer que...

Foi Tales quem respondeu:

– Nós encontramos Aiba.

O mundo tremeu e cambaleou, minhas mãos tremeram e minha boca secou. Foi naquele segundo que o prefeito de Graúna e a diretora se aproximaram da nossa mesa. A única coisa que posso afirmar em minha defesa foi que meu café da manhã decidiu que estava na hora de sair de casa e ganhar o mundo. A palavra mundo pode ser entendida por: sapatos espanhóis e bem lustrados de um administrador público.

# COISAS QUE GOSTARIA DE FAZER ANTES DE MORRER

Tomar sorvete de cupuaçu.

---

Descobrir antes todos que morrem em  
*Game of Thrones* e *The Walking Dead*.

---

Ganhar a guitarra que Pietro me deve.

---

Terminar de assistir a toda a série clássica  
de *Doctor Who*, até mesmo os episódios incompletos  
com Patrick Troughton e William Hartnell.

---

Ir a mais um show do Nightwish.

---

Pegar na mão do Tuomas.

---

Dar minha coleção de CDs para Marina.

---

P \_ I \_ E \_ T \_ R \_ O .

---

Visitar meus avós e minha mãe.

---

Chutar Aiba nos países baixos.

---

Tatuar sXe no braço.

---

Fazer uma festa em Gertrudes  
com todos os Animais de Festa.

---

Não dar adeus a ninguém.





## CAPÍTULO 64

# Monster magnitude 9

*Então ela sussurrou: Eu sei.  
Nós andamos na noite  
Sou eu quem vai lhe dar adeus?  
Opeth, "To Bid You Farewell"*

Aquele dia passou mais rápido do que eu queria. Era como se o minuto em que Fred chegou na escola e as 5 da tarde houvessem se encontrado em um piscar de olhos. Nem liguei para o fato de que havia vomitado nos sapatos do prefeito ou que todo mundo havia gargalhado; aquilo era o menos importante. Meus pensamentos estavam no fato de que eu me encontraria com Aiba e que um de nós – *ambos* – perderia tudo.

Foi com esse sentimento que cheguei à casa de Pietro. O fim da tarde já começava a se desenhar no horizonte e o céu ganhava a coloração laranja que eu costumava associar a dias felizes antigamente. Eu não havia me despedido de nenhuma pessoa da minha família, seria difícil demais largar qualquer um deles para trás. Fechei os olhos e guardei as faces do meu pai, mãe e avós; eu precisaria deles comigo mais do que nunca.

– Hora do show – murmurei.

Gertrudes abriu o portão assim que me aproximei. Era uma sensação completamente diferente entrar naquela casa. Meus pés não queriam entrar, tudo o que eu mais desejava era me agarrar naqueles segundos, fazer com que o tempo voltasse para quando as coisas eram mais simples, apenas eu e Marina tocando no meu quarto. Aqueles sábados em que ficávamos horas e horas sem nos preocupar com nada além de solos e riffs, pontes e acordes. Tirei os fones do ouvido e silencieei Tarja Turunen; não haveria nenhuma cor no escuro enquanto eu andava sozinha.

Pisei na grama fofa e continuei em direção à porta, mas algo fez com que eu parasse alguns passos adiante e encarasse a figura sentada no banco de entrada.

– Você está atrasada. Tivemos de começar a reunião sem você.

– Não gosto de chegar adiantada para tratar da minha morte.

O garoto fluorescente não sorriu.

– Tales acha que podemos evitar que você morra, se o que Dom Pedro lhe contou for verdade. Estão todos trabalhando para ajudar você, Rani.

Fiz uma expressão forçada de que não me afetava. Eu podia notar que aquilo não era exatamente o que ele queria dizer, mas eu tampouco falei as coisas que realmente queria expor. Apenas fiquei no mesmo lugar, olhando para aqueles cabelos pretos emaranhados e os lábios comprimidos. Era como se houvesse uma montanha coberta de gelo entre nós; meus dedos se fechavam com força e a unha machucava a palma da minha mão.

– Acho que precisamos entrar, não quero ficar ainda mais atrasada para a reunião.

Houve uma risada.

– Para o inferno com a reunião, menina do cemitério. Não dá mais pra gente ficar correndo um do outro e fingindo que nada está acontecendo. Nem dá pra ignorar que você escondeu algo e depois me trancou do lado de fora, como se eu não fizesse a menor diferença.

Aquilo me pegou com a guarda baixa e acertou todas as cordas. Pietro estava certo, eu também não considerava o que estava acontecendo entre nós o caminho dos sonhos, mas também não sabia como agir diante da situação que ameaçava me afogar. Ele se levantou e veio até mim. Nenhuma parte minha se moveu, embora sentisse a respiração se tornar mais forte e descompassada. Pietro me encarou nos olhos e eu podia sentir a energia espiritual dele queimando, fazendo voltas ao meu redor e soltando fogos de artifício.

Segurei a mão dele. Não havia mais um batalhão de motivos para que eu guardasse uma avalanche dentro de mim.

– Eu não te tranquei do lado de fora porque você não fazia diferença, imbecil. É justamente o contrário, é porque você faz diferença até demais. Será que preciso desenhar pra você? Estou assustada, até meu dedão do pé está com medo. Encontro amigos impossíveis, conheço o único garoto de quem já gostei... A pessoa com quem eu quero estar. E a única certeza nisso tudo é que vou morrer sem poder andar de mãos dadas na prainha, que não vou poder tomar sorvete com ele e que eu nunca mais vou ver as pessoas que fizeram minha vida minimamente suportável nos últimos tempos. Então, lamento muito que eu tenha escondido que metade da minha alma já estava condenada desde que nasci.

Pietro coçou a cabeça e pude ver que havia raiva em sua expressão.

– Você não é a única que está assustada, menina do cemitério. Eu atravessei séculos inteiros e vi mais horrores que *qualquer* outra pessoa desta cidade. Imagine o que é encontrar uma pessoa no meio disso tudo, aquela que torna tudo um pouco diferente... E vou perdê-la, sem poder fazer nada sobre isso. A garota que eu amo, minha menina do cemitério.

– Não diga isso.

– Que eu te amo? Não seja idiota. Preciso dizer isso, droga, preciso gritar isso! Porque pode ser que eu não te veja amanhã. Pode ser que eu não tenha outra oportunidade, é por isso que tenho que te fazer ouvir.

As lágrimas que eu havia segurado o dia todo caíram e senti uma raiva tremenda. Não era o que eu queria, chorar daquela maneira. Não de novo. Aquilo era uma coisa idiota que estava experimentando, mais que uma garota do punk death metal deveria. Gotas rolaram pela minha face e a única atitude que eu poderia tomar era não dar a mínima e usar aquele minuto como se fosse o infinito. Abracei Pietro com força e beijei seus lábios sabendo que poderia muito bem ser a última vez.

– Eu também te amo, seu colorido idiota.

– Como um *kaiju*?

Sorri.

– Como um *kaiju*.

Aquele beijo era diferente daqueles que havíamos compartilhado antes. Minhas lágrimas se misturavam às dele e havia um pressentimento sobre nós, uma sombra prestes a passar. Sentia pedaços do meu coração sendo bicados por pássaros invisíveis e a sensação de que boiávamos no meio de tempestade, nuvens e chuva.

– Não vou te deixar ir, menina do cemitério.

– Que bom... Não é como se eu quisesse.

Nossos rostos se afastaram e a gente se encarou. Um pequeno filme cruzou minha cabeça e me lembrei da primeira vez em que o vi, do som de sua risada ou de como ele cantou “Meat is Murder” para me incomodar. Tudo isso era parte do garoto que eu amava, do vampiro com o sorriso de um rebelde sem causa. Ele me abraçou com tanta força que pensei ter ouvido alguns ossos estalando. Segurei nos cabelos dele e falei:

– Eu não quero ficar longe. E se tenho que morrer, que ao menos não seja em vão. Eu quero ir para o outro lado sabendo que te amei enquanto pude.

Pietro sorriu e me abraçou novamente.

– Acho que você não ouviu o que eu disse. Os gênios da casa estão bolando alguma para deter o ritual e te dar uma brecha para purificar o babaca xamânico.

Ninguém vai deixar você ir embora, você é parte dos Animais de Festa e sei lá... minha namorada.

Sacudi a cabeça negativamente.

– *Eu não quero um namorado, eu só quero dançar a noite inteira.* As meninas do Skinned Teen cantaram isso há vinte anos e vocês ainda não entenderam que garotas do rock não têm tempo para namorados?

– Ok, senhorita xamã. Acho que posso conviver com isso. Deveríamos entrar, Tales está ansioso para contar o que podemos fazer para te ajudar.

– Arrumar uma caixa de papelão e me enviar pro Alasca?

– As coisas nunca são tão simples com a gente.

– Imaginei.

A verdade é que ainda demoramos mais alguns minutos para entrar. Era muito reconfortante ficar nos braços de uma pessoa e esquecer o mundo por um momento. Eu sabia que as coisas se tornariam reais no momento em que eu pisasse na casa, que minha vida e morte seriam discutidas. Meu cérebro dizia que meus sentimentos estavam confusos diante do perigo; contudo, a única coisa que havia em mim era uma combinação de paz, nostalgia e silêncio. Seria a única coisa que ficaria gravada na minha mente se eu caísse morta naquele instante.

## CAPÍTULO 65

# A estrada aberta

*História de sua vida  
Tempo de solidão e conflitos  
A liberdade de uma estrada aberta  
Esperança e muitas milhas a percorrer.*  
Tuomas Holopainen, “A Life of Adventures”

Elton John Jr. saiu da casa dos Animais de Festa exatamente às 10 da noite, após uma conversa em que Tales, Fred e Jefferson explicaram o plano que tinham em mente. Uma ideia que me pareceu destinada a um fracasso retumbante, mas era melhor do que nada e poderia me manter viva, com um ajuste ou dez.

**Incluindo minha habilidade em purificação, que era quase negatizada.**

Tudo isso não teria problema algum se não fosse por um detalhe que Valentina impôs sobre nós: uniformes personalizados. Era uma camisa roxa parecida com a de um jogador de futebol americano e levava o emblema da facção no peito, e nas costas havia o nome de cada um e seus respectivos números. Ela dizia que era uma forma de criar unidade, mas basicamente isso queria dizer que todos deveriam obedecer a sua escolha sem questionar. Jefferson lutou um pouco, mas o poder de persuasão de uma ex-namorada vampira é maior que um mago, mesmo que de outra facção.

Rani - 06  
Jefferson - 13  
Valentina - 10  
Pietro - 02  
Fred - 42  
Marina - 25  
Tales - 666

– Espero que vocês tenham entendido o que precisam fazer – disse Fred, sem tirar os olhos do volante. – Nós vamos chegar lá e esperar até que Iago chegue com o esquadrão de defesa. Eu e meus ajudantes...

– Não sou ajudante de ninguém – reclamou Jefferson.

– Como eu estava dizendo, eu e meus ajudantes vamos tentar colocar o plano em ação, mas vocês precisam criar uma distração enquanto trabalhamos. Ninguém sabe o que existe depois de um horizonte de eventos mágicos, pode ser que a gente morra antes de entrar.

– Isso é muito animador, Fred.

– Nunca disse que seria fácil, Pi. A obrigação de um gênio não é promover esperança, mas resultados.

Aquela conversa atravessou meus ouvidos e não sabia como me sentir naquele momento. Minha pele queimava e mesmo que Pietro estivesse segurando minha mão e Marina estivesse do meu lado, era impossível não ser afetada. O mesmo podia ser dito dos outros, embora cada um estivesse fazendo o possível para manter uma aparência tranquila e não me apavorar. Os olhos de Tales não paravam de se voltar para mim. As bravatas de Fred não pareciam naturais e até Jefferson estava mais calado que o normal.

– Fiz mais uma coisa para vocês – disse Valentina. – Ei, não precisam me olhar com essa cara, não é outra roupa.

– Espero que seja um gorro. Ninguém deveria enfrentar um inimigo mortal sem um desses na cabeça.

– Sua opinião não faz a menor diferença, bruxinha.

– Será que você nunca vai entender que sou uma xamã?

– Eu sei disso, apenas não dou a mínima.

Ela tirou algo do porta-luvas e começou a repartir entre nós; peguei aquilo em minhas mãos e vi que se tratava de um colar com o pingente de porquinho-da-índia que caracterizava os Animais de Festa. A garota se virou no banco da frente para nos encarar.

– Isso é para mostrar que todos aqui fazem parte do mesmo grupo. Com exceção de Jefferson, mas ele deve ser ignorado – ela fez uma pausa. – Agora imaginem que fiz um discurso motivacional cheio de emoção e coloquem isso no pescoço de uma vez.

Obedeci ao pedido dela e girei a peça prateada entre os dedos. Era uma coisa simples e na parte de trás havia uma inscrição: *Sed melius est*. Li e reli aquela frase centenas de vezes em um curto espaço de tempo enquanto Pietro me explicava o significado: *Nós somos os melhores*. Torci para que aquilo continuasse sendo verdade no fim da noite.

– Nunca pensei que pudesse ser tão emocional, querida irmã.

Valentina fez um gesto de impaciência com a mão.

– Não sou. Comprei na promoção de uma loja que traz coisas da China. Eu havia comprado um vestido e com mais sete itens meu frete seria grátis.

Aquilo me fez rir um pouco e voltei minha atenção para a janela. A prainha passava calmamente ao nosso lado. Pessoas já se amontoavam nos bares e restaurantes, o posto do tigre estava com seu repertório de suspeitos e a pista central, com seus maratonistas de cidade pequena. Mais uma vez senti inveja daquelas criaturas, alheias a tudo e deslocadas de qualquer coisa que não fosse de interesse próprio.

– Já estamos quase chegando – disse Tales.

Fred chegou até o fim da avenida e fez uma curva para a direita, seguindo a linha de trem. Aquele pedaço da cidade não era asfaltado e o carro sacudia de um lado para o outro na rua de pedras. Meu estômago se revirava e fiquei contente por não haver nada dentro dele. Elton John Jr. seguiu até algumas ruas antes do lugar em que eu fazia aulas de inglês e tomou a primeira ou segunda rua depois do museu, não prestei muita atenção.

Era uma subida muito pequena, mas que pareceu durar a eternidade. Os postes daquela rua estavam apagados e as árvores presentes cresciam impunemente. Parecíamos estar em uma cidade completamente diferente: a rua era estreita e o que podíamos ver de ambos os lados eram os dois enormes prédios abandonados de uma antiga fábrica têxtil. Era cercada por telas e arame farpado, as paredes estavam descascadas, pichadas, e os vidros que restavam se mostravam quebrados por obra de vandalismo ou do tempo. Vi a grande chaminé que se erguia enorme e silenciosa nos fundos, e apenas pássaros se reuniam no seu topo. Não havia pessoa alguma ali e Fred estacionou no passeio. Ninguém estava preocupado com leis de trânsito naquele momento. O portão cinza de metal estava fechado e tudo parecia morto ali.

– Quem imaginaria que um lugar desses fosse a oficina do fim do mundo – comentou Marina olhando para o prédio à nossa esquerda.

– Isso está mais para a garagem improvisada do fim do mundo – respondeu Tales.

Olhei para a fábrica. Conhecia a história de como havia sido fundada por pessoas importantes da cidade e se destruído em um poço de má administração. Já havia ido ali mais de mil vezes, e era apenas um pedaço de paisagem; mas, naquela noite, as coisas seriam diferentes.

Aiba havia sido inteligente ao se esconder daquela maneira na frente de todo mundo. Fred me disse que o xamã havia criado um buraco negro mágico que não deixava escapar nada, nem mesmo um rastro de energia que nos permitisse encontrá-lo. Eu havia sentido ondas de sua presença nos últimos dias, mas era impossível dizer algo mais específico do que aquilo. A solução que L.O.N.T.R.A encontrou foi procurar pela ausência de algo em vez de sua presença, já que tudo aquilo que existia em nosso mundo, vivo ou morto, emanava algo.

– Posso senti-lo, idiota – murmurei comigo mesma.

Em uma frequência baixa, como um coração que bate em uma sala ao lado, podia sentir o espaço ao meu redor vibrando. Era uma sensação de estranhamento, como se aquilo que me fosse normal e comum se tornasse diferente em um piscar de olhos. Segurei minha raquete com mais força e me preparei para o impacto que se desenrolaria diante de nós.

– Já enviei uma mensagem para Iago – disse Jefferson. – Ele não me responde. Precisamos esperar reforços ou seremos massacrados.

– É a primeira vez na história das facções que os Animais de Festa não se atrasam – respondeu Pietro. – O idiota está com as horas contadas, está me ouvindo, menina do cemitério?

Fiz uma careta de descrença.

– Posso até te ouvir, mas acreditar é completamente diferente. Vi esse cara arrancar o coração de alguém sem pensar duas vezes.

O garoto se aprontava para responder alguma coisa quando foi interrompido pela voz de Marina.

– Já estamos prontos aqui!

Haviam terminado de retirar mochilas e equipamentos do carro, um emaranhado de fios, cabos, baterias, computadores portáteis e uma caixa de metal com engrenagens e uma antena. Se eu tivesse sorte, aqueles equipamentos improvisados ajudariam a salvar minha vida. Foi nesse momento que forcei um sorriso e falei:

– Se alguma coisa acontecer comigo, saibam que minha coleção de CDs é da Marina e que Pietro está me devendo uma guitarra B.C. Rich. Não me importo de ser enterrada com ela.

– Vou me lembrar disso – respondeu minha amiga.

Eu estava pronta para fazer um comentário quando nossas atenções foram roubadas ao mesmo tempo. Foi um evento tão inesperado que imediatamente me obrigou a empunhar a raquete e deixou todos os meus amigos em posição de ataque. O portão cinza começou a se mover lentamente e uma figura conhecida surgiu ali. Vinha com passos lentos e usava apenas uma calça jeans suja. Seus olhos vermelhos, a pele branca coberta de tatuagens e os ossos protuberantes.

– É um prazer encontrá-los, Animais de Festa. Ouvi muito sobre vocês – disse Aiba. – Não fiquem aí fora, prefiro matá-los em um lugar apropriado. Ah, não se preocupem com os reforços, eu os matei vinte minutos atrás.



## CAPÍTULO 66

# Aiba

*Eu sou uma parte do seu ser  
Não importa quão depressa você corra  
E quão longe vá  
Você me carrega contigo!  
Lacrimosa, “Lichtgestalt”*

Ninguém se moveu. Pietro ficou ao meu lado e percebi que ele havia exposto seus olhos vermelhos e presas. Fred abraçou seus equipamentos e Valentina também se colocou na defensiva enquanto Marina, Tales e Jefferson permaneceram em seus respectivos lugares. O xamã nos olhava com diversão nos olhos e eu finalmente podia sentir sua energia, tão grande quanto a de Tama.

Não! Muito maior que a do Deva. Eram os poderes de mil xamãs mortos acumulados em uma pessoa. Minha metade cruel e poderosa.

– Façam como bem entender – disse Aiba. – A música das esferas será interrompida e o Grande Espírito trará seu julgamento sobre nós; um novo mundo nos aguarda. Um lugar em que o erro grotesco da existência humana será extirpado.

Aiba virou as costas e voltou a ser engolido pelas sombras atrás dele. Se o que ele havia dito era verdade e todo o nosso auxílio estava morto, incluindo o Cardeal da Guerra, não havia motivo para esperar ali fora ou ter muita esperança. Tudo o que nos restava era entrar naquela fábrica e lutar contra o xamã, como deveria ter sido desde o início, apenas nós contra ele.

– Vocês ouviram o cara, Iago está morto. Não há motivo para ficarmos aqui fora, está na hora de entrarmos ali e lutar com o que temos.

Meu coração havia parado de fugir da possibilidade da minha morte. As palavras de Aiba transformaram em certeza o que antes era conjectura. A única forma de salvar meus amigos era seguindo meu irmão gêmeo para dentro do buraco negro. Respirei

bem fundo e dei o primeiro passo, mas Pietro e Marina seguraram meus braços imediatamente.

– Você não pode estar pensando em fazer isso, senhorita Paleta.

Eu me soltei de ambos.

– Iago e os outros estão mortos – respondi. – Não faz a menor diferença para Aiba nos matar aqui ou lá. Nossa única chance é continuar com o plano e tentar purificá-lo, custe o que custar.

Minhas palavras eram mais corajosas do que eu, mas se eu não desse o primeiro passo eles ficariam no mesmo lugar, em uma tentativa de adiar minha partida. Tama estava certo ao dizer que eu precisava colocar o bem maior acima, e foi pensando nisso que olhei para Jefferson e indaguei:

– De quanto tempo vocês precisam para fazer a parte de vocês funcionar?

Ele coçou o queixo e respondeu em sua voz seca:

– Dez minutos. Se as coisas derem certo, nós conseguiremos atrasar o ritual para que você faça sua tentativa.

– Não escute esse idiota – gritou Pietro. – Isso é uma armadilha, Aiba te quer lá dentro por algum motivo.

Fred se uniu ao coro com a expressão mais séria que eu já havia visto em seu rosto:

– Pietro está certo, tudo nessa equação aponta para uma armadilha. Um buraco negro é apelidado de *ponto sem retorno* por um motivo, e as coisas que entram lá não costumam sair. E aqui nós temos um cara que consegue controlá-lo, imagine o tamanho dos poderes dele.

Segurei as cabeças de Pietro e Marina com as mãos e falei:

– É claro que é uma armadilha! – respondi. – O que não vai me parar. Passei o último mês morrendo de medo, não quero continuar assim. Agora vocês têm duas opções: entrem comigo ou permaneçam aqui.

Eu me forçava a falar daquela maneira porque estava certa de que desistiria quando desse atenção para a primeira dúvida.

Não.

Eu precisava sufocar até mesmo a menor das rebeliões em mim para que não saísse correndo. Pietro chegou perto de mim.

– Não existe uma forma de mudar sua cabeça? Podemos pensar em outra coisa.

Balancei a cabeça.

– Era para ser assim desde o começo. Não temos tempo para inventar algo mirabolante, ele já está aqui e o ritual começou. Já estamos quase acabando, ok? Só mais um pouco.

Não sei afirmar se dizia aquilo para o vampiro ou para mim mesma. Vi que os olhos dele começavam a ficar marejados, mas eu não poderia lidar com Aiba se alguém começasse a chorar do meu lado; por isso, virei as costas e fui até a entrada da fábrica. Isso fazia meu coração cair aos pedaços, mas era a única forma de continuar em frente sem desmoronar. Pensei que continuaria sozinha daquele ponto a seguir, mas depois de instantes os Animais de Festa me seguiram em bando.

– Frederico, demonstre alguma utilidade e diga como isso funciona – disse Valentina. – E fale como gente, sem *tecno baboseira*.

– Será que dá pra não me chamar disso? – reclamou o cientista antes de prosseguir para sua explicação. – Estamos falando de um buraco negro. A gente entra nele e torce para não morrer, é assim que funciona. Essa é a melhor explicação que encontrei para leigos.

– Parece seguro para mim – respondi.

Olhei para a escuridão absoluta que havia ali. Não era como a luz apagada de um quarto, mas algo muito mais primitivo e que me atraía para perto. Não havia nada além de um silêncio ensurdecador e um cheiro que parecia o de rum misturado com amoras; sorri com o pensamento de que talvez os buracos negros do espaço tivessem o cheiro de frutas também. Ali estava uma coisa que poucas pessoas imaginariam.

– Então quer dizer que só preciso entrar aí? – perguntei.

Fred tirou um pequeno aparelho quadrado e cheio de botões do bolso e fez uma análise da porta. Seu instrumento rangia com o mesmo barulho que aqueles detectores de radiação dos programas de TV; depois de quase um minuto inteiro, o lobisomem respondeu:

– Aparentemente. O pulso de energia mágica está contido, suas funções estão paralisadas e não há perigo de radiação espiritual. Estamos falando do esconderijo perfeito, um buraco negro inativo que não deixa resíduos escaparem. É uma ideia tão boa que eu poderia ter inventado. Claro que isso é a teoria... Se eu estiver errado, um pulso gravitacional irá puxá-la até que seu corpo seja desmembrado e sua alma fique presa eternamente em um fluxo de magia, tempo e espaço.

Jefferson colocou a mão sobre o ombro do jovem cientista e disse:

– Eu estava mais feliz com a teoria, seu poodle idiota.

Respirei bem fundo e olhei para meus amigos, todos desganhados e esquisitos com uniformes roxos. Eu podia ver que estavam tão assustados quanto eu. Não havia muito da coragem dos filmes e livros em nenhum de nós. A coragem de um Animal de Festa, como eu podia ver, consistia em se importar muito com tudo e com todos, a ponto de entrar em uma briga muito maior apenas para proteger aqueles que eram importantes para nós. Ninguém ali estava entrando em uma briga para salvar o

mundo ou algo épico, o escopo da nossa batalha era muito menor. Lutaríamos contra Aiba para que pudéssemos nos reunir em Gertrudes, para tocar em uma banda de duas pessoas, ler quadrinhos e nos sentarmos no posto de gasolina. Pelas pequenas coisas que realmente importavam. Apesar de tudo, apesar do pior dos tempos, eu estava feliz por tê-los ali comigo, por ter encontrado pessoas que me aceitaram como eu era e que nunca me pediram para mudar. Que foram inusitadas quando tudo era normal, que usaram pijamas, que tinham dinossauros favoritos e que nunca respeitaram uma regra idiota.

Sem pensar em mais nada, eu entrei naquele mar escuro.

## CAPÍTULO 67

# Tudo é violento, tudo é brilhante

Ela é tudo para mim  
O sonho não correspondido  
Uma canção que ninguém canta.  
Slipknot, “Vermillion (Pt. 2)”

Eu pensei que Fred tivesse errado e nossa situação houvesse se deslocado daquilo que sua teoria previu. Senti meu corpo sendo puxado de um lado e do outro, uma boneca de pano que ousa saltar de *bungee jumping*; em determinado momento, imaginei que havia perdido o braço. Continuei a andar no escuro, não havia som algum e era impossível constatar se alguém mais havia sobrevivido. A sensação de frio começou a passar e dali a pouco um som conhecido entrou nos meus ouvidos; era a música das esferas em uma intensidade baixa e constante. Minha pele foi chicoteada por ondas de calor e toda a pressão que senti na travessia se dissipou. Foi apenas aí que abri os olhos para ver onde estava e se meus amigos estavam logo atrás de mim. O interior de um buraco negro era bem diferente de uma fábrica abandonada!

– Que lugar adorável – comentou Marina, irônica.

Estávamos em um campo gramado com árvores de galhos retorcidos em formas assustadoras. Nelas estavam os corpos de Iago e dos soldados em suas máscaras de gás. Não poderia dizer que era a maior fã do Cardeal da Guerra, mas vê-lo assim servia para aumentar ainda mais meu nível de pavor. Ao pé de cada árvore havia o espírito negativado de uma criança, andavam com as mãos no chão e olhavam para os cadáveres sem ligar para nós. Eram espíritos diferentes daqueles que havíamos visto em Graúna, usavam máscaras de madeira e seus corpos estavam cobertos de pinturas brancas com significados que eu preferi ignorar. Por fim havia Aiba. O xamã se encontrava diante de uma fogueira onde o esqueleto de uma pessoa queimava no topo.

– Pensei que não fosse contar com a presença de vocês para o grande final. As coisas ficariam sem graça sem minha convidada de honra.

Forcei uma risada.

– Não é como se eu tivesse escolha – respondi antes de dar um passo adiante. – Ainda não é tarde demais. Pare o ritual!

– É melhor ouvir o que a menina do cemitério está dizendo, somos seis contra um.

Foi a vez de o outro nos responder com uma risada.

– Por que iria parar? Para salvar homens e mulheres que matam animais e plantas para construir estacionamentos? Não, Rani, você deveria pensar direito. Eles mataram todos aqueles que amamos um dia. Você se esqueceu, mas eu me lembro de cada nome, rosto e risada. Eu herdei as memórias de Tirkre e você concordaria comigo se também as tivesse.

Aiba tirou os olhos da sua fogueira e nos encarou. Podia sentir uma quantidade imensurável de energia sendo canalizada naquelas chamas, transformada em algo corrompido. Aquele ritual que faria o Grande Espírito despertar, sufocar o mundo espiritual e humano de tal forma que apenas uma purificação extrema poderia restaurar o equilíbrio, a solução final que faria o mundo ser limpo de cada ser humano.

– Você não precisa fazer isso – disse Tales. – Bilhões de pessoas morrerão. Pessoas boas, crianças e gente que nunca fez nada de ruim.

A música das esferas pareceu perder um pouco mais de sua intensidade e já era quase inaudível. Os espíritos negativados desviaram seu olhar dos mortos nas árvores e começaram a caminhar em nossa direção. Formavam um círculo e suas máscaras se mostravam ainda mais terríveis na pouca distância.

– Todos são culpados, demônio, até mesmo a criança no ventre – Aiba então se dirigiu a mim. – Aquela é a ossada de nosso ancestral comum e por intermédio de seus restos o mundo irá renascer. Toda a dor será lavada, nossos antepassados serão honrados e o Grande Espírito nos dará uma nova chance como parte dele.

Valentina se colocou do meu lado e coçou o queixo.

– Você realmente acredita nisso ou é esquete para um programa de comédia? Você não gosta de como as coisas estão e prefere destruir tudo a tentar fazer alguma coisa. Quantos anos você tem, oito? Porcarias acontecem e nem todo mundo chama o Grande Espírito para resolver seus problemas.

Os espíritos negativados estavam cada vez mais perto e uma batalha já se desenhava a poucos metros.

Segurei minha raquete com mais força enquanto todos se prepararam para a batalha. Jefferson e Fred montavam a máquina, conectando fios coloridos e fazendo a antena girar enquanto o mago recitava uma longa série de feitiços sobre ela. Por um segundo vi as chamas da fogueira diminuírem um pouco e o ritual perder um pouco de sua força, e agradei aos céus por ter amigos inteligentes.

– Rani, sinta-se à vontade para dar um banho de alvejante espiritual no cara. A máquina já está em quarenta...

Jefferson não terminou sua frase. O que saiu de sua boca foi um grito paralisante enquanto caía na grama com os olhos arregalados. Inúmeros cortes irromperam em sua pele como se uma lâmina invisível lhe cortasse do rosto aos pés; sangue escorreu em profusão e algumas gotas voaram até meu rosto, onde ficaram estacionadas porque o choque me impedia de fazer qualquer movimento.

– Meu ritual não será incomodado por um comediante.

O comentário de Aiba fez com que Valentina trouxesse sua feição vampírica à tona e corresse em direção ao xamã. Ela escapou de todos os espíritos que tentaram impedi-la e saltou por sobre o corpo do ex-namorado, sem que isso alterasse uma linha do frenesi de raiva. Os espíritos vieram em nossa direção e tudo se tornou caótico em um piscar de olhos. Ouvi a máquina fotográfica de Marina disparar e Tales gritando ordens. Pietro se ocupou em defender o cientista que lutava para manter a máquina em funcionamento sozinho.

– Rani, ajude minha irmã!

A voz de Pietro me tirou do torpor. Limpei o sangue do rosto e tentei me refazer, não poderia deixar que ela enfrentasse Aiba sozinha. Usei a raquete em chamas contra um espírito no caminho e fui em direção ao lugar onde a vampira tentava acertar Aiba com suas presas.

– Saia daí agora, Valentina – gritei.

Estava a poucos passos de distância quando o pior aconteceu. Aiba se desviou da última investida e usou um feitiço para controlar os galhos de uma árvore na sua proximidade. A visão do que veio a seguir feriu cada parte de mim, fazendo com que meus olhos se enchessem de água e uma raiva incontrolável subisse de um lugar tão profundo que nem sabia existir em mim, um poço de ódio simples e direto. Longos galhos se cravaram no abdômen da garota e a atiraram a metros de distância, e um segundo depois eu não podia sentir sua presença espiritual.

– Fogo!

Senti a magia formigar nos meus dedos com uma intensidade nova e uma grande muralha de chamas azuis se ergueu contra o xamã. Era duas vezes mais alta que eu e tornava tudo no seu caminho em cinzas.

Alimentei cada parte daquilo com a raiva que sentia por Aiba ter machucado meus amigos. Permiti que o incêndio se alastrasse, as chamas engoliam grama, árvores e o que mais se encontrasse no caminho. Olhei ao redor procurando por algum sinal do xamã, mas nada além do seu pulso espiritual se apresentava, um pouco mais fraco que antes, possivelmente afetado pelos esforços de Fred e Pietro com a máquina antiritual. Ergui a raquete espiritual e continuei a olhar de um lado para o outro à procura de Aiba, mas apenas a visão de árvores em chamas se erguia diante dos meus olhos.

– Raiva é um bom sentimento – disse a voz atrás de mim. – Você apenas ignorou uma coisa entre nós... Possuo séculos de experiência em matar você.

Não esperei por mais nada. Apenas girei a raquete contra a presença às minhas costas. Eu não poderia errar, não a uma distância tão curta. Pude ouvir o barulho do vento sendo cortado, meus dedos suados na empunhadura e o baque da arma sendo rebatida com um aceno de mão, antes de cair aos meus pés.

– Nunca houve uma luta para acontecer, Rani. Eu poderia tê-la matado antes que pensasse em entrar aqui. Sua única função é apenas testemunhar minha vitória, mesmo que seja no mundo espiritual.

A mão de Aiba segurou meu pescoço e meus pés saíram do chão. Senti pressão do polegar contra minha traqueia e o ar sendo interceptado. Minhas pernas se debateram e o pânico correu nas minhas veias enquanto eu lutava por uma golfada de ar. O xamã me olhava com um sorriso e atrás dele Pietro e os outros tentavam vir em meu auxílio, mas eram impedidos por mais e mais espíritos negativados.

– Você... não pode... me matar – cuspi. – Somos... um.

O xamã balançou a cabeça negativamente.

– É aí que você se engana. Eu não posso destruir seu coração xamânico, isso me destruiria. Seu corpo humano não faz a menor diferença. Nós somos xamãs, a morte do corpo é apenas um passo em nosso ciclo de reencarnações. Não é a primeira vez que você se levanta contra mim e eu a mato. Já fizemos essa dança muitas vezes.

Tentei lutar, mas minhas forças diminuía. Não havia uma atitude que eu pudesse tomar enquanto minha visão escurecia, girando e girando. O barulho da luta se tornava distante e a música das esferas parecia quebrada e pronta para morrer, assim como eu. Olhei para Pietro e ele corria em minha direção, seus lábios formavam palavras, mas não podia distingui-las. Lamentei por aquele final e senti minhas pálpebras se fecharem pesadas. Era como dormir, uma noite que nos cobre de mansinho. Toda a magia que restava em meu corpo foi se esvaindo e senti quando meu coração dava um último salto.

Foi assim que morri.



## CAPÍTULO 68

# Eu sou a maré viva

*Espalhe minhas cinzas para as estrelas  
Reúna o coração cru do caos.  
Espalhe minhas cinzas para as estrelas.  
Caia para sempre na escuridão.  
Tarot, “Ashes To The Stars”*

Houve um formigamento nos meus dedos e eu acordei com algo frio lambendo meu rosto. O brilho de um sol forte fez com que meus olhos se abrissem de forma cuidadosa. Girei o corpo com facilidade e me ajoelhei. Não havia sinal algum de cansaço ou dor em meu corpo. Rowtag foi a primeira coisa a surgir na minha frente e, logo em seguida, sua dona estava a me encarar. Tomei aquilo como um sinal de que minha morte era uma assinatura em papel timbrado.

– Seja bem-vinda ao mundo espiritual outra vez.

Levantei-me e olhei ao redor. O mundo espiritual ainda lembrava a forma como o conheci pela primeira vez, com suas inúmeras flores, os animais e o céu limpo, mas diferenças eram perceptíveis. O céu não estava mais tão claro e todas as plantas pareciam estar murchando sob o olhar dos búfalos inquietos que corriam furiosos. Tentei localizar a música das esferas, mas ela já estava quase morta. Olhei para Wenona com reprovação e respondi:

– É ótimo encontrá-la depois de ter sido ignorada mil vezes e ter morrido nas mãos do cara que eu deveria derrotar.

A primeira xamã virou as costas e começou a caminhar pelo mato amarelado e sem graça. Ela não parecia nem um pouco perturbada com minhas acusações e apenas continuou seu caminho na direção do lago onde o Grande Espírito repousava. Rowtag disparou na frente como costumava fazer e pude ver as mulheres gigantes ao

longe, com enormes pedras em suas cabeças e com um destino que não me competia saber.

– Você ainda não morreu, está bem perto disso, mas a vida ainda não a abandonou.

– Então o que estou fazendo aqui?

– Para que o Grande Espírito não seja derramado sobre o mundo. Os universos existem em um ciclo de equilíbrio que não pode ser desrespeitado. O que Aiba planeja é uma loucura que não pode ser levada adiante.

Deixei que toda minha exasperação saísse sem nenhuma espécie de filtro ou educação. Minha paciência já havia acabado há tempos.

– Será que não dava para ter me dito antes? Você e Tama me deixaram no escuro durante todo o jogo, com seus planos idiotas e sabendo que eu morreria.

Wenona se abaixou e libertou uma planta que estava sendo enroscada por ervas daninhas. A xamã limpou a terra em sua calça e continuou a caminhar. As raposas de quimono surgiram à minha vista pouco depois, e eu tive certeza de que o lago não demoraria a surgir.

– As coisas possuem um tempo determinado e ainda não era a sua hora de saber tudo. Você e Aiba estão lutando há séculos, Rani. Vocês se enfrentaram em todas as suas vidas e ele a matou em cada uma delas. Algumas vezes quando você ainda era um bebê, e outras quando era um garoto ou uma mulher adulta. Ele sempre a matou. A guerra de vocês é eterna e nem a morte é capaz de colocar um fim sobre ela. Eu e Tama sabíamos que havia a grande chance de que você morresse outra vez, mas desta vez era impossível não interferir.

Aquilo me fez imaginar como teriam sido minhas outras vidas e quantas vezes eu e Aiba teríamos repetido a mesma batalha. Quantos amigos eu já teria perdido, familiares e pessoas que acreditaram em mim. Fiquei contente por não me lembrar de nada daquilo, principalmente quando as memórias de apenas uma vida haviam colocado minha outra metade em um caminho de destruição. Parte de mim ainda estava irritada com Wenona e com o Deva, por terem me escondido tantas informações importantes sem ao menos pensar no que isso significava pra mim.

– Eu poderia ter contado com sua ajuda – desabafei. – As coisas poderiam ter sido diferentes. Meus amigos não precisariam ter se machucado.

– Não. O esforço do conhecimento era seu, para ser percorrido. É isso que faz um xamã, a busca por conhecimentos, uma forma de se encontrar no caminho quádruplo da Mãe Sol e do Pai Lua. Você não pode chegar ao seu destino percorrendo o caminho de outra pessoa.

– Por que ninguém fez nada antes? Você e Tama poderiam ter evitado isso há muitos anos.

– Nós somos do povo dos espíritos, não podemos interferir naquilo que acontece no mundo dos vivos. Podemos guiar as pessoas e indicar o caminho, mas a responsabilidade é de vocês em mudar o destino. Esta é a primeira vez em que eu e Tama interferimos em assuntos do mundo humano, apenas porque o mundo espiritual está sendo afetado.

O lago de águas prateadas apareceu à nossa frente e havia um número gigantesco de seres ao redor dele, as raposas, homens e mulheres, e todos os xamãs que vieram antes e depois de mim. Eles cantavam em uma tentativa de manter a música das esferas vivas, mas seus olhos mostravam aquilo que eu já sabia: a canção estava chegando ao fim. Wenona começou a percorrer a descida até as águas e parou a dois passos da margem.

– O que estamos fazendo aqui?

– Procurando uma solução desesperada, olhe ao seu redor. O mundo espiritual está sendo afetado, o que significa que seu mundo já começou a sofrer. Terremotos, enchentes, tsunamis, as ferramentas do fim. O ritual de Aiba está sendo combatido pela máquina dos seus amigos, mas a música das esferas está ferida. Você precisa enfrentá-lo se quiser alguma chance de sobrevivência.

Sacudi a cabeça e dei um sorriso torto.

– Na última vez que tentei lutar com Aiba, e isso não faz cinco minutos, ele me mandou para cá em uma encomenda expressa. Não acho que um segundo round vá melhorar a situação.

– Dessa vez você não lutará sozinha.

Demorei um pouco para compreender o que aquilo significava, mas no momento em que os ponteiros da minha cabeça badalaram um sentido, eu ri, em uma loucura impensável em todos os padrões e que deveria ser errada em múltiplos sentidos. Ela não poderia estar realmente pensando em me fazer entrar naquele lago quando beber a água de um poço já havia sido dolorido. Sacudi a cabeça negativamente e perguntei:

– Você está louca?

– O Grande Espírito é parte de todos nós, Rani. Ele nunca vira as costas para aqueles que lhe pedem ajuda.

– Isso é quase tão insano quanto arrancar o cérebro de Aiba com os dentes, e nem acho que ele tenha um. Você pode ter se esquecido, mas o Grande Espírito é uma bola gigante de energia. Estamos falando do Michael Jordan do além.

A primeira xamã passou a mão em meus cabelos. Ela parecia cansada e seus olhos não estavam tão vivos como na primeira vez em que a vi, mas sua postura continuava ativa como sempre. Ela sentou-se na beira do lago e cruzou as pernas, e Rowtag veio logo depois e repousou a cabeça em seu colo. Wenona abriu um sorriso e disse:

– O Grande Espírito é o originador de toda a vida, ele não causa destruição. Caminhe para as águas e deixe que o coração dele a ajude. Lembre-se do que eu lhe disse da primeira vez em que esteve aqui: o Grande Espírito não vira as costas para ninguém.

Abaixei-me junto a ela e murmurei:

– Eu não consigo.

Mas a xamã não me respondeu.

Estava de olhos fechados, unida aos outros que cantavam em uma espécie de transe hipnótico. Sua voz saía calma, como se tudo ao seu redor estivesse sendo desligado. Foi nesse instante que ela ergueu a mão e apontou para o centro do lago. Todos os outros xamãs que se encontravam ali fizeram o mesmo movimento, e em um segundo centenas de mãos me exortavam a caminhar para as águas. Meus ossos sentiram o peso daquilo com toda a intensidade e fui obrigada a admitir que talvez fosse minha única chance de lutar contra o inimigo. Pietro, Marina, Fred, Tales, Valentina e Jefferson... eu precisava fazer aquilo por eles também, mesmo que nunca mais saísse dali como eu mesma. Tama havia dito que precisávamos colocar o bem maior acima do indivíduo, mas ele estava errado: eu sempre colocaria o bem das pessoas que eu amava acima do meu individual, era isso que me movia no fim das contas. Com tais pensamentos em mente, toquei a fronte de Wenona com os lábios e murmurei uma palavra:

– Adeus.

Levantei e afaguei a cabeça de Rowtag antes de dar o primeiro passo nas águas. Aquilo fez com que toda a energia espiritual em meu corpo queimasse, algo parecido a uma febre incontrolável e impossível.

Dei outro passo e prossegui, e a canção dos xamãs se tornava mais intensa; eles cantavam a plenos pulmões e escolhi focar naquelas vozes em vez de na dor excruciante que me atormentava. O lago já cobria minha cintura e eu podia sentir a presença do Grande Espírito ao meu redor. Ele estava em tudo, cada pedaço daquele lugar estava coberto. Meu corpo começou a brilhar em chamas azuis e senti toda a energia espiritual em mim desejando voltar para seu lugar original. Engoli em seco e dei um novo passo. O que aconteceu a seguir deveria ter me assustado, deveria ter me feito gritar e correr para a margem, mas permaneci calma e resignada quando o chão desapareceu dos meus pés e eu afundei em uma imensidão azul.

A água não fazia o menor efeito e eu respirava normalmente enquanto descia como uma pedra em direção a um fundo sem fim. A música das esferas ainda podia ser ouvida e eu afundei rumo ao grande mistério...

*Água.*

*Não havia nada, apenas uma imensidão azul. Eu caí por muito tempo, mais tempo do que eu pudesse imaginar, anos e séculos ao meu redor. Todos estavam comigo, eu estava lá.*

*O brilho do sol não podia mais ser visto.*

*Eu estava encolhida, com meus braços cruzados e olhos fechados.*

*A música estava distante.*

*Ela estava chegando ao fim.*

*Abri os olhos e vi a grande baleia na minha frente.*

*Seu corpo preto e branco, a cauda que se movia ao meu redor.*

*Ela se movia com graça e força, apenas uma sucessão de beleza.*

*Seu corpo trazia desenhos, a origem de tudo e todos.*

*Você veio a mim, disse ela.*

*Não sabia mais o que fazer.*

*O Grande Espírito repousa, eu sou o Grande Espírito.*

*Por favor...*

*O Grande Espírito repousa, eu sou o Grande Espírito.*

*Por favor... Salve aqueles que eu amo.*

*Silêncio.*

*Movimento, fluxo e refluxo.*

*Ela falou:*

*O Grande Espírito repousa, nós somos o Grande Espírito.*

*Eu respondi:*

*O Grande Espírito repousa, eu sou o Grande Espírito.*

*Minha mão tocou sua fronte.*

*Eu enxergava no escuro.*

*Eu era a guerreira.*

*Nós éramos um.*

Narrativa intrometida: Pietro  
CAPÍTULO 69  
Sacramentos do lugar selvagem

*Tenho meu coração em suas mãos  
Como uma bomba-relógio  
Ela explode; nós começamos de novo  
Quando se quebra, nós consertamos.  
All Time Low, "Time Bomb"*

Ah, cara, aquilo foi ruim. Minha irmã estava machucada e o idiota do Jefferson tinha decidido dar uma de esperto pra cima do Aiba e acabou todo picotado no chão, e isso porque ele não levou em consideração que era só um moleque que fala mais do que age. Tales e Marina continuavam a brigar com espíritos do outro lado e Fred não conseguia fazer a porcaria da máquina dele funcionar; pontos de participação para um lobisomem cientista. Tudo isso seria ok de aguentar se não fosse a visão de Aiba jogando o corpo de Rani para o lado como se não fosse nada. Aquilo desligou completamente meu cérebro e larguei Fred para trás com as enghocas dele. É uma verdade universalmente conhecida que vampiros são criaturas altamente emocionais e que agem por impulso.

Eu podia ouvir o coração dela batendo, o que me deixou ligeiramente aliviado, mas não me impediria de acabar com a raça dele por ter machucado três pessoas de quem eu gostava. Derrubei um espírito no caminho e investi contra o xamã com toda a força, acertei aquele rosto cadavérico com um soco e prometi a mim mesmo que até a última gota de sangue dele seria minha. Segurei no pescoço daquilo e mordi até sentir o líquido quente escorrer nos meus lábios. Ali estava outra coisa sobre vampiros que eu preferia não comentar com minha *quase*-namorada: era praticamente impossível parar o impulso de matar uma vez que ele se apoderava da gente.

Aiba usou um daqueles poderes xamânicos que ninguém entende e fez com que uma árvore tentasse me matar, mas aquele truque já estava batido e consegui pular para o lado bem na hora. Ele colocou a mão no pescoço e tentei uma nova investida, mas o idiota já estava lançando uma coluna de fogo na minha direção.

Muito lento!

Pelo menos foi isso que pensei antes que um espírito me segurasse pelo pé; tentei chutar a cabeça dele, mas não é como se espíritos ligassem para esse tipo de coisa. O fogo vinha em minha direção com a força de um jato espacial e fechei os olhos para aguardar que meu corpo virasse um montinho de cinzas.

Santo copinho de porcarias! Lá ia minha chance de convidar a menina do cemitério pra um encontro de verdade.

Coloquei o braço na frente do rosto e gritei feito uma das *scream queens* de filmes de terror. Não foi o momento do qual mais me orgulho, mas, quando a gente está perto de morrer, o conceito de honra fica bem relativo. Fechei os olhos e esperei pela onda de calor, uma onda gigante, apocalíptica e sem graça que não veio. Minha mente dizia que minha segunda morte devia ter sido tão rápida que nem senti, mas, levando em consideração minha primeira, aquilo não poderia ser verdade. Ousei erguer uma pálpebra e o que vi deixou minha mente completamente esquisita, não que esse já não seja o estado normal dela.

Rani estava em pé na minha frente, mas era uma garota completamente diferente. Eu diria que, pelo rosto, sua expressão era o de alguma pessoa muito, muito velha mesmo. Seus olhos brilhavam em um azul extremo e havia uma cobertura de poeira brilhante ao seu redor; seu corpo tinha marcas luminosas e eu não poderia dizer que a conhecia. Ela havia acabado com a coluna de fogo e voltou sua atenção para os espíritos à nossa volta. Aiba parecia chocado e a expressão divertida que manteve no rosto até então havia desaparecido, sendo substituída por olhos bem abertos e punhos crispados.

– Rani!

Ela não ligou para meu chamado, apenas fez um gesto com as mãos e todos os espíritos entraram em combustão instantânea. Houve uma explosão de luz azul e até as árvores deixaram de existir. Aquela pessoa parou ao lado de Jefferson e tocou sua cabeça. Em uma demonstração de poder que eu nunca poderia imaginar, e todas as feridas do imbecil foram curadas; foi como se nada houvesse acontecido. Ela caminhou até Valentina e fez a mesma coisa, não disse uma palavra, apenas prosseguiu em seu caminho com uma calma impossível e poder inimaginável. Marina se aproximou de mim e puxou meu braço, mas a cena impedia meu corpo de se mover.

– Precisamos nos afastar, Pietro – disse ela.

Não dei um passo, eu *precisava* ver aquilo.

Cada detalhe até o último minuto.

Rani avançava contra o xamã, que não sabia como lidar com a nova circunstância. Eu podia sentir uma energia diferente vindo dela, algo indomável que varria tudo no seu caminho sem pensar duas vezes. Aiba tentou usar inúmeros ataques diferentes, mas a garota-deusa se desviou de cada um deles sem o mínimo esforço; era como observar um gatinho sendo acuado por um monstro de Hollywood.

Fred também chegou perto de mim e apontou para a fogueira de Aiba. As chamas haviam perdido tanto de seu tamanho que um balde de água conseguiria lidar com ela; a máquina do lobisomem havia funcionado no fim das contas. Meus olhos ainda estavam sobre aquele amontoado de brasas quando vi a ossada de Tirkre se desfazer em pó, o que havia restado das chamas se apagou de uma vez e aquele ritual foi oficialmente interrompido. O resultado disso foram pedaços daquele mundo no buraco negro se desfazendo no ar.

– A máquina funcionou! – disse o lobisomem ao chegar ao meu lado. – Pietro, você me deve um novo laboratório depois dessa.

Não liguei muito para nada do que ele disse. Meus olhos já estavam colados no confronto que se desenrolava alguns metros adiante. Rani continuava no seu confronto contra o xamã, mas foi possível fazer apostas no vencedor no instante em que o homem foi derrubado por um feitiço de vento diante do que havia sobrado de seu ritual. Havia pânico verdadeiro no rosto de Aiba e um pedaço de mim se alegrou de verdade ao ver aquilo. A criatura que vestia minha amiga se deteve diante dele e ergueu a mão direita:

– Aiba, você me despertou para trazer morte – disse Rani em uma voz que não pertencia a ela, mas a duas mil pessoas ao mesmo tempo. – Você matou irmãos espirituais e se alimentou de suas almas, buscando uma justiça que não cabia a você executar.

O xamã tentou se afastar rastejando pelo chão, mas foi impedido por alguma magia que o deixou prostrado com o rosto na terra.

– Você não pode fazer isso comigo! Eu fui o servo mais fiel, o único que viveu pelos seus princípios!

Ela colocou a mão sobre a testa de Aiba e o corpo do xamã brilhou como uma árvore de natal. Ela não alterava uma linha do rosto ao fazer tudo aquilo, era apenas um ser incompreensível que me deixou imóvel desde o primeiro segundo, feito que eu achava impossível após dois séculos de tédio eterno e nenhuma maravilha verdadeira.



– Toda vida é sagrada – disse Rani. – Esse é meu caminho. Aceite sua punição e volte ao Grande Espírito... *Purificação*.

Houve o som de alguma coisa sendo rasgada. Aiba começava a sumir, pedaços inteiros se tornavam poeira vermelha e seus gritos se tornavam mais assustadores no processo. Rani não parou até que Aiba – o espírito negativado do que havia sido um respeitado xamã – houvesse desaparecido por completo, restando apenas poeira de luz vagando no ar. Sei que a regra de etiqueta é que se diga algo solene de um morto, mas, como meu nível de educação nunca foi dos melhores, o pensamento do dia foi:

*Dane-se!*

Olhei para Rani e corri até ela, e todos vieram logo atrás. As marcas em seu corpo começavam a desaparecer, mas meu medo de perder a garota do cemitério para sempre continuou próximo. Segurei nas mãos dela, estavam quentes como um ferro em chamas. Ignorei aquilo e entrelacei seus dedos nos meus. A presença dentro dela foi esvanecendo, abandonando todo o rastro de luz naqueles olhos que eu conhecia muito bem.

Não sei quanto tempo aquilo durou, com aqueles olhos vidrados e distantes, mas foram os momentos mais longos da minha vida, e para mim cada momento costuma ser angustiante de tão longo. Marina sacudia a amiga na tentativa de fazê-la acordar e Jefferson tentou um feitiço de despertar, mas nada fez cócegas. Meu desespero começou a se tornar insuportável e tive certeza de que ela havia feito um esforço maior do que deveria para nos salvar. Um sacrifício definitivo e estúpido.

– Ela não pode ter ido embora – gritou Marina. – Façam alguma coisa, ela é minha melhor amiga! Façam alguma coisa agora!

Tudo pareceu absurdamente perdido e me segurei para não cair no choro. Abaixei a cabeça e olhei para meus próprios pés, naquele surrado par de tênis coloridos de brechó. Foi ali, jogado em uma mistura de sentimentos sem nome que algo chamou minha atenção... *os dedos dela estavam se movendo*. Meus olhos fugiram do chão para o rosto dela, onde o maior milagre de todos os tempos se operou.

O milagre de todos os milagres: ela sorriu!

E era o sorriso mais bonito em todo o mundo.

– Bem-vinda! – disse Marina.

– Ela é tão chata que nem morrer direito consegue – comentou Valentina, com falsa maldade. – Uma decepção...

As coisas ao nosso redor começaram a desaparecer como pedaços de papel queimado ao vento. Chão, terra, árvores e o céu eram devorados por um fogo invisível, uma implosão suave e silenciosa. Aquele mundo do buraco negro foi substituído pela realidade cinzenta, enferrujada e tediosa da fábrica abandonada. Não

pude fazer coisa alguma além de me sentir contente de estar em um lugar onde árvores não tentariam me matar e Rani sorria na minha frente. Nenhuma marca ou olho brilhante, apenas uma garota que tocava em uma banda.

Apenas a garota de quem eu gostava até o fim do mundo.

– Olá, menina do cemitério!

## CAPÍTULO 70

# Ventos ancestrais

*Onde eu estava, eu tinha asas que não conseguiam voar  
Onde eu estava, eu tinha lágrimas que não podia chorar  
Minhas emoções, congeladas em um lago  
Eu não conseguia senti-las até que o gelo começou a quebrar.*  
Bruce Dickinson, “Tears of The Dragon”

A presença insustentável saiu da minha cabeça como uma brisa. Senti aquela lasca do Grande Espírito me abandonando e o som do universo em minha cabeça se desfazendo. Por um momento tão curto e tão longo, pude ver o universo inteiro e coisas que nunca compreenderia. Sons que nunca existiram e cores que ninguém poderia imaginar. Estive no fluir do mundo e de lá vi quando Aiba foi derrotado, como uma passageira em minha própria mente. Foi assim que experimentei o instante em que o Grande Espírito purificou aquele espírito.

Aiba não estava mais entre nós, mas eu ainda podia sentir sua energia espalhada pelo universo. Vivo, mas apenas uma onda de partículas mágicas sem consciência ou vontade, e assim eu permanecia na existência, ainda dividindo um espírito, mas de forma pequena e livre. Meu coração estava livre para viver sem medo dali em diante. O Grande Espírito não trazia a morte nem mesmo aos sem rumo. Foi com essa conclusão que meus olhos se abriram e pude ver meus amigos diante de mim e a fábrica abandonada ao nosso redor.

Estava tudo consumado.

– Olá, menina do cemitério!

Aquela foi a primeira frase que realmente ouvi. Pietro estava na minha frente e seu sorriso chegava a ser patético de tão grande. Tentei falar alguma coisa, mas ele já havia me puxado para um abraço duplamente apertado. Marina e os outros também

embarcaram naquele abraço grupal e só fui liberta quando falei que não conseguia respirar.

– Fico contente de que não tenha se tornado um vegetal – disse Fred e logo depois acrescentou: – O que acha de me fornecer um pouco do seu DNA? Adoraria saber o que acontece com um organismo durante uma possessão.

– Nem pense nisso, Fred – respondeu Marina. – Ela precisa descansar e procurar um médico de verdade amanhã. Ela estava em coma até dois minutos atrás.

Jefferson ajeitou a gola de sua camisa destruída e manchada de sangue. Seu rosto estava completamente sujo e nada em sua aparência lembrava o garoto mais elegante a já ter pisado na minha escola. Ele então pigarreou e disse:

– Vocês estão celebrando o fato de que ela voltou a falar? Isso deveria ser considerado uma fatalidade contra a paz mundial.

Valentina deu um tapa na cabeça do mago e falou em um tom vazio de emoção.

– Cale a boca e não me deixe arrependida por ter te beijado, imbecil.

A expressão no rosto de Jefferson fez com que todo mundo risse. Eu tentei um pouco, mas minhas costelas doeram e decidi que o estilo estátua teria que servir por um tempo. Passei o braço por cima dos ombros de Pietro e nós começamos a andar para fora da fábrica. Todo mundo conversava em alto som ao meu redor e a única coisa na qual eu conseguia pensar era: *estou viva*. Aquela pequena frase com duas palavras significava mais para mim naquele momento que qualquer outra coisa ou pensamento. Tudo estava contido ali, no fato de que podia rir ao lado de pessoas que gostavam de mim.

– O que vocês acham de fazer alguma coisa para celebrar nossa vitória e a continuidade da existência terrestre? – perguntou Marina.

Pietro me soltou e parou em nossa frente. Ele tinha o sorriso de uma criança que se prepara para rabiscar paredes.

– Existe apenas uma coisa que pode ser feita em situações assim – disse ele. – Uma única atitude para honrar o fim de uma batalha e o nascer de uma nova era. Um rito antigo e poderoso no reino da pedra negra.

– E o que seria isso, glorioso líder? – perguntou Tales.

Pietro estalou os dedos e sorriu antes de responder:

– Comprar um pote gigante de sorvete e sentar no posto de gasolina da prainha. Uma celebração ousada no ponto mais badalado de Graúna Roça City.

Deixei escapar uma risada tão alta que todo meu corpo doeu. Aquilo era a pior ideia de uma celebração que eu já havia escutado em toda minha vida, mas também era a única coisa que parecia digna o suficiente de nós. Um pote de sorvete pareceu tão bom quanto qualquer outra coisa e continuamos a caminhar em direção ao Elton

John Jr. Em meses, foi a primeira vez que pude respirar aliviada e com a certeza de que ninguém desejava minha morte.

Era um alívio voltar a ser mais uma pessoa sem graça na cidade mais aleatória do mundo. Nós gritamos pela rua e nada foi mais importante do que a busca por um sorvete de creme. Sim, nós tomamos uma quantidade absurda de sorvete. É o que tem pra fazer.

# Algumas coisas depois da história

*Eu sou a jornada  
Eu sou o destino  
Eu sou o lar  
A história que te lê.  
Nightwish, "Imaginaerum"*

Os dias seguintes foram absurdamente comuns e quase pensei que pudesse voltar a ser uma pessoa normal. Não houve nenhum grande incidente e a cidade continuou a me ignorar como sempre fez. Interessantemente, a prefeitura decidiu que a fábrica precisava ser demolida para a construção de um shopping, e fiquei imaginando se as facções tinham alguma coisa a ver com isso.

Na verdade, os maiores acontecimentos para o povo de Graúna foram o início dos Jogos Estudantis Intermunicipais e um desconto de cinquenta por cento no lavar-carros do posto de gasolina. Participei do primeiro com o time de futebol da Estadual enquanto meus pais abusaram do segundo sem nenhum senso de decência.

Um mês depois da luta com Aiba, acordei no horário de sempre e tomei meu café da manhã. O fim do semestre estava perto e eu precisava recompensar as aulas perdidas durante meu período de problemas xamânicos, e isso incluía chegar na escola dentro do horário e ainda fazer os deveres de Matemática. (Quase senti saudades de Aiba.)

Peguei minha mochila no quarto e a edição de *One Piece* que eu ainda não havia lido (o hábito de ler quadrinhos durante a aula de Química nunca seria abandonado), e saí de casa em menos de um minuto. Meu pai não me levava mais para a escola de manhã, eu ia com Pietro pelo cemitério e tudo corria calmamente. Desci a rua da minha casa e fui até a entrada do cemitério, que já estava aberto e completamente

**Exceto para meu pai. Ele odiava ter sido trocado por um "garoto que nem sabe se vestir".**

vazio, exceto por um garoto de calças vermelhas no portão.

– Você está atrasada.

– Uma xamã nunca se atrasa ou se adianta, ela chega exatamente quando tem de chegar.

Fazia um pouco de frio naquela hora da manhã e o céu estava nublado, mas não era nada que incomodasse de verdade. Pietro me deu um beijo e segurou na minha mão enquanto descíamos pela estradinha de asfalto e no meio de flores fúnebres. Tudo estava quieto e apenas os pássaros emitiam sinal de vida naquele lugar. Nossos passos eram tão preguiçosos que só chegaríamos na escola dali a alguns anos.

– Eu comprei um porquinho-da-índia – disse Pietro. – Acho que estava na hora de termos um mascote em carne e osso.

Aquilo me pegou de surpresa, principalmente quando se levava em consideração o ódio de Valentina por animais de estimação que não fossem répteis jurássicos. Ou a obsessão de Fred por testar experimentos em qualquer um que cruzasse seu caminho. Cheguei à conclusão de que o bicho não sobreviveria dois meses em Gertrudes.

– Já escolheu um nome? – perguntei.

– Gerbil.

– Você sabe que gerbil é um tipo de rato, não é?

– Sim, mas era um nome tão apropriado que pareceu errado pensar em outro. Não existe motivo para mudar algo que seja legal e incrível.

Pietro também me contou das novidades daquele dia. Jefferson aceitou continuar na cidade enquanto terminava o semestre em nossa escola. Não que ele precisasse fazer isso, mas eu suspeitava que tinha alguma coisa a ver com uma vampira mal-humorada. Fred trabalhava em uma sala sem gravidade no quintal e Tales sofria com os almoços de domingo com seus pais e com o tio. Valentina havia assumido a liderança da facção em caráter oficial, levando em consideração a total falta de interesse e capacidade do irmão. A única novidade na vida de Pietro era que ele *quase* tinha uma namorada e estava sendo devidamente educado na arte do metal melódico sinfônico da Finlândia.

**Embora ele fosse um daqueles casos perdidos, seria mais fácil ensinar russo para um babuíno do que bom gosto para um colorido.**

– O que você acha de um show na Pantheon amanhã? Eu e Marina vamos tocar como banda principal da noite.

– Posso fazer isso. O que me faz lembrar que ontem uma encomenda chegou na minha casa. O pagamento de uma aposta muito antiga e valiosa.

Aquilo fez meu queixo desmoronar e tive de olhar bem dentro dos olhos dele para ver se não havia mentira nenhuma ali. Pietro sorriu e enfiou a mão no bolso

antes de continuar a caminhar sem dizer mais nada. Puxei o braço dele e fiz com que estacionasse naquele exato pedaço de terra.

– Você não pode estar falando sério!

– Estou falando sério como uma B.C. Rich autografada pelo cara do Slayer. O pai de Tales conhece o amigo de um dos agentes da banda.

Abracei o vampiro como se estivesse determinada a quebrar seus ossos. Pensava que o garoto havia se esquecido da nossa aposta. Preciso admitir que beijei aquele idiota por tempo o suficiente para ficar atrasada e tive certeza de que aquilo era um sinal para que eu subisse no palco e não fizesse nenhuma besteira diante do Deus Metal e do Monstro do Espaguete Voador. Uma primeira gota de chuva caiu sobre nossas cabeças e outras vieram logo depois. Era uma coisa fina, mas que nos deixaria encharcados antes de chegar na esquina.

– O que você acha de corrermos e nos beijarmos de novo depois? – perguntei.

– Nada a reclamar, menina do cemitério.

Colocamos a mochila nas costas e saímos correndo em direção ao portão de saída. Pietro se divertia com aquilo e descia de braços abertos. Eu me limitava a tentar acompanhá-lo e imaginar que talvez, apenas talvez, meus dias de aventuras ainda não houvessem acabado. Havia algo muito mais complicado no meu caminho dali em diante, mais impossível que um xamã do mal ou espíritos negativados. Pior que um alienígena invasor, kaijus ou zumbis de George Romero. Era uma bagunça sem fim na contramão, mas eu nem estava reclamando. Foi assim que dois Animais de Festa saíram dali e sumiram rua abaixo. Estava chovendo, mas nenhum deles ligava. Eram quase duas pessoas comuns em uma cidade normal.

A menina do cemitério e o adolescente fluorescente.



# Agradecimentos

Um escritor passa a maior parte do tempo em inquietação e ocasionalmente escreve. Nas raras situações em que isso acontece, é porque um grupo de infantaria ajudou o pobre sapo. E, no caso da presente obra, eu contei com uma divisão *panzer* de boa vontade.

O primeiro agradecimento sempre, e às vezes, é para minha digníssima Mary, a melhor noiva que uma criaturinha sórdida poderia desejar – *my rock and roll bride*. Um pé na porta e soco na cara para o Verbo, mais antigo de todos e o mais chato também. Aos membros da Confraria do Tio Nerd: Regal, Cantoria, Cogumelo Kamikaze, Abuelo, Orc, Sapo, Warllen, Marlésio, Indiana Jones dos grilos, Matheus, Giordano Bon Jovi, Lucomics, Paulo, Noob, Pedro, Ian. Aos amigos da onda do tubarão, *thank you, guys*: Michael Sasiadek, Leah Danielle, Ben Turner (Grumpy Cat), Alberic Sénécal (French Alby), Margaux Triplet, Nico, Bas Koster (Dibs, The Dutch), Laura Ortiz Martínez, Hank, Kyle (Sociopath Sardine), Caleb Huddleston, Mai, Niel, Brian (Canadian Ginger Bear). Aos meus professores da universidade, Tom Burns, Eliana Lourenço e Haydée Coelho, por me apresentarem o melhor da literatura. Um olá para as meninas do cemitério, que me incomodaram e agora são enormes. Um “*let’s rock!*” para Ruca. A Ana Maria, pelas valiosas discussões sobre Arcade Fire e F. Scott Fitzgerald. Daniel e Cássio e...

Ao xamã que tirou todas as minhas dúvidas sobre xamanismo. Aos membros do *Extravaganza Circle*: Bárbara Morais, Dayse Dantas, Gabriela Graciosa, Lucas Rocha, Iris Figueiredo, Tassi Reis, Vitor Castrillo, Pam Gonçalves, Gui Liaga. Um obrigado em especial para Carol Christo e para Felipe Castilho, que também me aguentaram, vocês são como um disco do Cradle of Filth pra mim. Nathalya Campbell, por me ensinar segredos de uma barista semi-hipster em Seattle e os bastidores desse mundo. Um *hey* para Eric Novello e Jacques Barcia, dois dos melhores escritores que conheço e parte da lista de pessoas legais. Pessoal EDF e agregados: Ana Cris, Ana Carol, Bruno “El Burp”, Antonio, Mushi Heitor, Adriana “The Strix”, Mariana e Marcelo Oikawa – skateboard *on the road*. Todo mundo na Gutenberg, um monte de chocolates em forma de coelhos. Vocês são über-cool!

Também gostaria de agradecer a todos os escritores que vieram antes de mim e cujos trabalhos me influenciaram e moldaram minha vida. Acima de todos: Robert Louis Stevenson e Thomas Pynchon. E eu agradeço ao outro lado da moeda: aos leitores que acreditaram em mim e me acompanharam. Muito obrigado mesmo, espero que continuem comigo. Se esqueci o seu nome, saiba que estou deixando uma linha para você inserir letrinhas: \_\_\_\_\_.

Um abraço de alface,  
*Jimmy*

P.S.: E obrigado a todas as bandas que fizeram a trilha sonora da minha vida. Meus anos teriam sido bem mais complicados sem minha coleção de discos.